

Maria de Lourdes Faria dos Santos Paniago

**A AQUISIÇÃO DE CAPITAL CULTURAL E
LINGÜÍSTICO:
QUATRO CASOS PARTICULARES DO (IM)PROVÁVEL**

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Educação

Belo Horizonte

2000

Maria de Lourdes Faria dos Santos Paniago

**A AQUISIÇÃO DE CAPITAL CULTURAL E
LINGÜÍSTICO:
QUATRO CASOS PARTICULARES DO (IM)PROVÁVEL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, sob a orientação do Professor Dr. Antônio Augusto Gomes Batista, como requisito à obtenção do título de Mestre em Educação.

Belo Horizonte
UFMG – Faculdade de Educação
2000

Dissertação defendida e aprovada, em 11 de abril de 2000, pela banca examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. Antônio Augusto Gomes Batista

Profª Drª Magda Becker Soares

Profª Drª Maria Alice Nogueira

À Maria, minha mãe,
Cecílio, meu marido,
e Ian, meu filho,
meus maiores companheiros.

Agradecimentos

A todos os entrevistados, especialmente às quatro famílias, com quem essencialmente aprendi muitas coisas.

Ao meu orientador, Professor Antônio Augusto Gomes Batista, pelas valiosas contribuições.

Ao programa de Pós-Graduação Interinstitucional UFG/UFMG, que viabilizou meus estudos.

Aos meus colegas do Departamento de Letras do Campus Avançado de Jataí, por terem arcado com sobrecarga de trabalho durante o período em que me dediquei a esse trabalho.

Aos demais mestrandos do programa, por terem partilhado a mesma luta.

Ao professor Zózimo Zili, pelo companheirismo em muitos momentos.

À professora Vera Lúcia Alves Mendes Paganini, pela leitura atenta e amiga.

“Dado que lidamos com seres sociais e não com coisas, é somente por metáfora que podemos estabelecer um elo entre capitais (econômicos, culturais...) ou recursos de qualquer outra natureza e os desempenhos ou situações escolares. Não se trata de capitais que circulam, mas de seres sociais que, nas relações de interdependência e em situações singulares, fazem circular ou não, podem “transmitir” ou não, as suas propriedades sociais.” (LAHIRE, 1997:32)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	09
CAPÍTULO I	
Considerações iniciais	12
CAPÍTULO II	
Adriana	40
CAPÍTULO III	
Niulmar	86
CAPÍTULO IV	
Paulo Roberto	125
CAPÍTULO V	
Elisa	166
CONCLUSÕES	218
BIBLIOGRAFIA	260

RESUMO

Quatro casos (im)prováveis de aquisição de capital cultural e de capital lingüístico são analisados nesta dissertação de mestrado. Os sujeitos foram escolhidos por possuírem duas características: serem provenientes de família com baixo capital cultural legítimo e manifestarem evidências de uma relação desenvolvida com a língua de prestígio.

Para Bourdieu, a origem social representa fator principal de produção de competência lingüística: através de uma *familiarização precoce*, os membros das camadas privilegiadas são capazes de se adequar perfeitamente e com naturalidade às mais diversas situações lingüísticas. Outros autores, entretanto, ainda que enfatizem a importância da origem social, acrescentam outros fatores, igualmente fundamentais, além do capital cultural herdado, para a aquisição do capital cultural.

Para apreender os fatores em torno dos quais os sujeitos realizam a aquisição de um capital lingüístico, foram analisadas suas trajetórias, a partir do depoimento deles, de seus pais, de professores e de outras pessoas próximas. As trajetórias foram inicialmente consideradas individualmente, para depois se tentar uma análise mais ampla, a partir da comparação das quatro configurações familiares.

Chegou-se à conclusão de que não se pode atribuir a aquisição de capital lingüístico a um único fator. Busca-se, assim, a compreensão da interdependência de fatores que fazem com que cada um dos casos pesquisados componha uma configuração singular. Dentre os fatores que, de forma interdependente, interferem no processo de aquisição de capital lingüístico estão: mobilização e ética familiar, mobilização do aluno, a realização de uma escolarização bem sucedida e o desejo de distinção.

ABSTRACT

Four (im)probable cases of acquisition of linguistic capital and cultural capital are analysed in this master dissertation. The informants were chosen with two characteristics: they were from families with low cultural capital and they revealed evidence of a confident relation with the language.

For Bourdieu, social origin represents the main factor in the production of linguistic ability: through a *precocious familiarization*, the members of the privileged levels are capable of adjusting perfectly and naturally to the most diverse linguistic situations. Other authors, however, while they emphasize the importance of social origin, add other factors, equally basic, beyond inherited cultural capital, for the acquisition of the cultural capital.

To understand the factors around which the informants carry through the acquisition of a linguistic capital, their statements, and those of their families, their teachers and of other people in their proximity, the processes and those of their families were analyzed. The processes were initially considered individually; later a more inclusive analysis was attempted, by matching the four familiar patterns.

The conclusion was reached that one cannot attribute the acquisition of linguistic capital to a single factor. One seeks, then, an understanding of the interdependence of factors that combine with each of the investigated cases to compose a single pattern. Amongst the factors that, while interdependent in form, intervene in the process of acquisition of linguistic capital are: mobilization and family ethics, mobilization of the pupil, the achievement of successful schooling and the desire for distinction.

APRESENTAÇÃO

Esta dissertação de mestrado analisa casos improváveis de aquisição de capital cultural e lingüístico. No contexto deste trabalho, são considerados como capital lingüístico alguns indícios que permitam indicar que os sujeitos pesquisados, oriundos de famílias sem capital cultural, têm com a língua uma relação desenvolta e rentável na escola, na família e, em certos casos, no trabalho.

É necessário, inicialmente, esclarecer que, como ensina BOURDIEU (1994a:164), “a competência lingüística (como toda competência cultural) só funciona como capital lingüístico quando em relação com um certo mercado”, ou seja, é preciso chamar a atenção para o fato de que os quatro sujeitos apontados pela pesquisa como possuidores de capital lingüístico o são no determinado mercado lingüístico em que foram pesquisados. Esse mercado lingüístico, é preciso que se diga, é de certa forma restrito, já que os sujeitos foram observados em suas relações lingüísticas apenas no meio escolar e familiar, e, em certos casos, no trabalho. Além disso, o dialeto amplamente utilizado no município onde moram distancia-se bastante do dialeto de prestígio. Em outras palavras: os quatro sujeitos analisados por essa pesquisa possuem capital lingüístico no mercado lingüístico em que foram analisados. Não se pode, entretanto, afirmar que esses adolescentes apresentem a mesma *performance* se inseridos em outros mercados lingüísticos, ou se situados numa escala societária.

É preciso dizer, ainda, que o objetivo do trabalho não é a descrição da linguagem, já que não se desenvolveu nenhum instrumento específico para mensurar o capital lingüístico de cada um dos sujeitos. Embora alguns aspectos da linguagem dos sujeitos tenham sido evidenciados, procurou-se, fundamentalmente, selecionar sujeitos cujos capitais lingüísticos fossem reconhecidos enquanto tais pelos mercados lingüísticos onde inseridos. Este trabalho tem assim raízes antes sociológicas que lingüísticas.

O que se busca na pesquisa é a compreensão de como foi adquirido esse capital. Para BOURDIEU (1994a), a origem social representa fator principal de produção da competência lingüística. Através de uma *familiarização precoce*, os membros das camadas privilegiadas são capazes de se adequar perfeitamente às mais diversas situações lingüísticas. Para esse autor, a facilidade que esses privilegiados têm em relação ao uso da língua deve-se ao domínio prático adquirido num universo familiar. A parte mais importante e mais escolarmente ativa da herança cultural, inclusive a língua, transmite-se, para BOURDIEU (1989), por *osmose*, isto é, através de um processo inconsciente, sem que seja necessário nenhum esforço para que aconteça. Ou seja, segundo esse autor, é pouco provável que falantes oriundos de famílias com capital cultural legítimo adquiram o capital lingüístico necessário para que mantenham com a língua uma relação descontraída.

Outros autores, entretanto, ainda que enfatizem a importância da família, acrescentam outros fatores, igualmente fundamentais, além do capital cultural herdado, para a aquisição do capital cultural. Para compreender a trajetória dos quatro sujeitos pesquisados, busca-se, então, inspiração em autores, basicamente estrangeiros, que têm pesquisado o sucesso escolar em alunos oriundos de classes sociais menos favorecidas. São eles: Bernard Lahire, François De Singly, Bernard Charlot, Jean-Yves Rochex e Maria José Braga Viana.

Na análise dos dados, busca-se não uma característica única que possa explicar o improvável caso de aquisição de capital cultural e lingüístico. Procura-se, como ensina Bernard Lahire, compreender a interdependência de fatores, o que faz com que cada um dos quatro casos pesquisados sejam, como de fato são, quatro configurações singulares.

São investigadas as trajetórias de cada um dos sujeitos, sem que se abra mão da idéia de movimento implícita no sentido de trajetória. Assim, a pesquisa se pretende diacrônica, não sincrônica; movimento, não momento; filme, não fotografia.

Este trabalho será dividido em seis capítulos. O primeiro capítulo traz as considerações iniciais da pesquisa: objeto de estudo, pressupostos teóricos da pesquisa e procedimentos metodológicos adotados. Os quatro capítulos seguintes apresentam cada um dos sujeitos deste trabalho, na ordem em que foram pesquisados: Adriana, Niulmar, Paulo Roberto e Elisa¹. Essa ordem não foi aleatória. Tendo em vista a grande amizade que une as duas adolescentes e a hipótese, confirmada nas primeiras entrevistas realizadas com as duas juntas, de que suas trajetórias seriam muito semelhantes, optou-se por distanciar o máximo possível a pesquisa de Adriana e Elisa, para que não se corresse o risco de interpretar como igual o que fosse, de fato, diferente entre as duas. O último capítulo apresenta as conclusões que se conseguiu depreender dos dados coletados, principalmente do cruzamento da trajetória dos quatro sujeitos.

¹ Todos os nomes são fictícios.

CAPÍTULO I

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1 – OBJETO DE ESTUDO

Para que se possa analisar casos improváveis de aquisição de capital cultural e lingüístico, objeto deste trabalho, é preciso, inicialmente, esclarecer as relações que podem ser estabelecidas entre linguagem e sociedade.

Para BOURDIEU (1996), não se pode dissociar a linguagem das condições sociais concretas em que acontece. Ou seja, a interação lingüística não é simplesmente um processo de codificação-decodificação de signos lingüísticos; é, essencialmente, uma relação de força simbólica, determinada pelas relações sociais existentes entre os locutores.

Em outras palavras, não se pode esquecer que as trocas lingüísticas são também relações de poder simbólico em que se renovam as relações de poder entre os locutores. Isto é, para que o ato comunicativo aconteça adequadamente, é preciso mais do que o locutor dominar gramaticalmente o dialeto de prestígio. O domínio da gramática nada vale sem o domínio das condições sociais de utilização adequada da linguagem. É necessário saber quando é preciso falar ou calar, falar esta ou aquela linguagem, etc., e isso depende, evidentemente, das relações de força simbólica entre os dois locutores, ou seja, da importância do seu capital de autoridade, que não é somente seu capital lingüístico (BOURDIEU, 1994a).

Há, então, uma capacidade lingüística que ultrapassa uma mera capacidade técnica. Trata-se de uma capacidade estatutária, isto é, a

competência legítima é a autoridade dada a determinado locutor de empregar, em ocasiões oficiais, a língua legítima (BOURDIEU, 1996).

Todo ato de fala, para BOURDIEU (1994a:182), é uma conjuntura, um encontro de um *habitus lingüístico*: “capacidade de utilizar as possibilidades oferecidas pela língua e de avaliar praticamente as ocasiões de utilizá-las” com um *mercado lingüístico*: “definido por um grau de tensão médio ou, o que dá no mesmo, por um certo nível de aceitabilidade”. Quando dois locutores se falam, o que está em jogo são suas competências, não somente a lingüística, mas o conjunto de suas competências sociais, que depende de vários fatores: sexo, idade, religião, condição econômica e social, etc. Em outros termos, os discursos só atingem seu valor através da relação com um mercado: o valor do discurso depende da relação de forças entre as competências lingüísticas dos locutores. Nas palavras de BOURDIEU (1996:64), “... toda fala é produzida para e pelo mercado ao qual ela deve sua existência e suas propriedades mais específicas”.

Ao potencial de rentabilidade da fala dos sujeitos num determinado mercado BOURDIEU (1994a) denomina *Capital Lingüístico*. Ainda de acordo com esse autor, o capital lingüístico é uma dimensão do *Capital Cultural*, em seu estado “incorporado”, que segundo Bourdieu (1998c:74) pode ser assim definido:

“O capital cultural é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da ‘pessoa’, um *habitus*. Aquele que o possui ‘pagou com sua própria pessoa’ e com aquilo que tem de mais pessoal, seu tempo. [...] Pode ser adquirido, no essencial, de maneira totalmente dissimulada e inconsciente, e permanece marcado por suas condições primitivas de aquisição.” (gritadas do autor)

Para maior apreensão do conceito de capital cultural, pode-se reportar ao texto “Os três estados do capital cultural” (BOURDIEU, 1998c).

Mas a relação de força lingüística não é só determinada pelas forças lingüísticas em confronto na interação. É toda a estrutura social que está presente em cada interação lingüística. E, nessa análise, deve-se considerar não só os locutores tomados isoladamente, mas sobretudo os grupos que

representam. O *habitus lingüístico* é uma dimensão do *habitus de classe* (BOURDIEU, 1994a), ou seja, é uma expressão da posição do falante na estrutura social.

A linguagem é um dos bens simbólicos do universo social. E pode receber valores muito diferentes dependendo do *mercado* em que esteja colocada. O locutor pressupõe um valor para aquilo que vai falar, ou seja, como no mercado econômico, prevê um *preço* para o seu *produto*. Este preço depende da posição do falante na estrutura social: seu *capital de autoridade*. Ou seja, esse preço (valor) está desigualmente distribuído em função das oportunidades de acesso aos níveis mais altos da estrutura social. Portanto, o que importa é muito quem e como fala, e não tanto o conteúdo do que se diz.

Para BOURDIEU (1996), o que determina o discurso é a relação objetiva, cada vez diferente, entre uma *competência* e um *mercado*. O que pode ser dito e a maneira de dizê-lo numa determinada situação dependem da relação entre as posições que o emissor e o receptor ocupam naquele momento na estrutura de distribuição do capital lingüístico e das outras espécies de capital.

Quanto mais “oficial” é o mercado, mais dominado pelos dominantes, ou seja, por aqueles que possuem a competência lingüística que lhes confere a autoridade (BOURDIEU, 1996:56), porque, quanto mais “oficial” é a situação, mais a “língua oficial” é valorizada.

Poder-se-ia dizer, então, que, para BOURDIEU (1994a, 1996), a relação objetiva entre os locutores funciona como um mercado que age como censura, conferindo aos diferentes discursos valores muito desiguais. Através de sanções positivas ou negativas, o mercado determina o que pode e o que não pode ser dito. Assim, a produção lingüística, por mais simples que seja, é inevitavelmente influenciada pela antecipação das sanções do mercado.

Então, a censura exercida pelo mercado lingüístico faz com que se crie nos falantes uma disposição para a auto-vigilância na forma de se expressar, que é fruto da introjeção do *reconhecimento* (e não *conhecimento*) da norma lingüística. Ao se vigiarem, os dominados estão, na verdade, reconhecendo a legitimidade da língua dominante.

Mas a competência dominante só é dominante porque os grupos que a detêm são capazes de impô-la como sendo a única legítima, valendo-se principalmente do mercado escolar. Para explicar este fenômeno, BOURDIEU (1994a) esclarece que a escola garante a distribuição uniforme do *reconhecimento* da legitimidade da língua oficial em detrimento da distribuição do *conhecimento* desta língua, e o faz tratando com igualdade o que é desigual, ou seja, tenta ensinar o dialeto de prestígio para todos igualmente, sem considerar que o dialeto de prestígio é a língua materna somente para alguns alunos, aqueles que o adquiriram pela *familiarização precoce*, ao longo de sua socialização primária.

A leitura dessa obra de Bourdieu esclarece qual é, na verdade, a finalidade real do ensino da língua materna: o objetivo da escola é levar todos os alunos a *reconhecerem* que existe uma maneira de falar e de escrever considerada legítima, mas apenas os pertencentes aos grupos privilegiados a *conhecerem* essa maneira de falar e escrever. Ou, nas palavras de SILVA (1995), há uma *intenção explícita* da escola quanto ao ensino do Português, “desenvolver um padrão lingüístico nomeado de norma padrão”, que se contrapõe a uma *intenção implícita*, “ser uma instituição reprodutora da ordem social vigente”.

Então, os mecanismos de transmissão cultural, principalmente a escola, garantem a permanência da grande defasagem entre a distribuição desigual do *conhecimento* de língua oficial e a distribuição, bem mais uniforme, do *reconhecimento* desta língua como legítima. Ou seja, o reconhecimento da legitimidade da língua oficial é feito através desse lento e prolongado processo escolar de inculcação.

Para BOURDIEU (1994a:176), a origem social representa fator principal de produção da competência lingüística. Através de uma *familiarização precoce*, os membros das camadas privilegiadas são capazes de se adequar perfeitamente às mais diversas situações lingüísticas: “manter o desembaraço no perigo, o relaxamento na tensão”. A facilidade que esses privilegiados têm em relação ao uso da língua deve-se ao domínio prático adquirido num universo familiar. A parte mais importante e mais escolarmente

ativa da herança cultural, inclusive a língua, transmite-se, para BOURDIEU (1989), por *osmose*, ou seja, através de um processo inconsciente, sem que seja necessário nenhum esforço para que aconteça. Realizando-se dessa forma, esse aprendizado aparece, aos olhos daqueles que o virem, como um não-aprendizado. Em outras palavras: para esse autor, as habilidades dos “herdeiros” são percebidas como “dons” pessoais; nos “não-herdeiros”, entretanto, sobressai o resultado de uma aprendizagem laboriosa, consciente e feita por meio de um trabalho sistemático. É pouco provável, então, sob esse ponto de vista, que falantes oriundos de famílias com baixo capital cultural legítimo adquiram o capital lingüístico necessário para que mantenham com a língua uma relação descontraída e desenvolva.

BOURDIEU (1994b) também se ocupou em falar sobre os “gostos de classe e estilos de vida”, dedicando todo um capítulo sobre esse assunto. Segundo ele, há um estilo de vida correspondente às diferentes posições no espaço social:

“a correspondência que se observa entre o espaço das posições sociais e o espaço dos estilos de vida resulta do fato de que condições semelhantes produzem *habitus* substituíveis que engendram, por sua vez, segundo sua lógica específica, práticas infinitamente diversas e imprevisíveis em seu detalhe singular, mas sempre encerradas nos limites inerentes às condições objetivas das quais elas são o produto e às quais elas estão objetivamente adaptadas.”

Ele diz que “a sistematicidade e a unidade [dos gostos] só estão no *opus operatum* porque elas estão no *modus operandi*”, ou seja, é a prática que faz com que o resultado, o estilo de vida, seja reconhecido como diferente. Para esse autor, o estilo de vida está presente tanto no conjunto de propriedades que cercam os indivíduos ou grupos: “casas, móveis, quadros, livros, automóveis, álcoolis, cigarros, perfumes, roupas”, quanto nas práticas em que se manifesta sua distinção: “esportes, jogos, distrações culturais”. Assim, o estilo de vida é:

“um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos, mobília, vestimentas, linguagem ou *hélix* corporal,

a mesma intenção expressiva, princípio da *unidade de estilo* que se entrega diretamente à instituição e que a análise destrói ao recortá-lo em universos separados.”

Esse autor denomina “o luxo e a necessidade” o subcapítulo em que vai discutir as diferenças de gostos entre as “classes populares” e as “classes médias”. Com relação à casa, por exemplo, Bourdieu diz que as classes populares, por estarem limitadas aos bens de “primeira necessidade” priorizam ambientes limpos e cômodos. Ao contrário, as classes médias, já sem a “urgência” dessas necessidades, podem reivindicar “um interior quente, íntimo, confortável ou cuidado”.

Também em relação à linguagem, tema tão importante para essa pesquisa, é possível dizer que as diferentes classes sociais fazem dela usos distintos. BOURDIEU (1994b:86) diz que a língua “assim como toda moral *universal*, é, ao mesmo tempo, comum às diferentes classes e capaz de receber sentidos diferentes, ou mesmo opostos, nos usos particulares, até antagonistas, que dela se fazem”. Ou seja, para esse autor, as diversas classes sociais atribuem “sentidos diferentes” ou “valores opostos” a determinadas palavras.

Bourdieu admite que a aptidão para reconhecer como “legítimos” os bens culturais não ocorre somente a partir do capital cultural herdado, mas pode também ser “adquirido escolarmente”, embora atribua à educação familiar papel de maior relevância:

“Poderíamos dizer que a distância em relação às obras legítimas se mede pela distância em relação ao sistema escolar se a educação familiar não tivesse um papel insubstituível, em razão da sua prioridade e da sua precocidade, na transmissão de instrumentos de apropriação e do modo de apropriação legítimo.” (p. 94)

Na verdade, a escola, para esse autor, é muito mais responsável por distribuir igualmente o reconhecimento da “cultura legítima” do que o seu conhecimento. Esse mesmo fenômeno ocorre com a língua. A escola, para Bourdieu, como já foi dito, encarrega-se de fazer com que todos os alunos reconheçam o dialeto de prestígio, mas somente alguns o conheçam,

justamente aqueles que o adquiriram pela “familiarização precoce e prolongada”. O que Bourdieu (1994b:97) opõe, em resumo, são dois modos diferentes de aquisição da cultura:

“o aprendizado total, precoce e insensível, efetuado desde a primeira infância no seio da família, e o aprendizado tardio, metódico, *acelerado*, que uma ação pedagógica explícita e expressa assegura.” (grifo do autor)

Para esse autor, esses dois modos de aquisição da cultura levam a resultados diferentes, no que diz respeito à “relação com a cultura”. Segundo ele, só é possível manter com a cultura, inclusive com a língua, uma relação “familiar”, “próxima”, “segura”, “desenvolta” e “desembaraçada”, caso o aprendizado tenha sido “natural” e “espontâneo”, o que só é possível através do capital cultural herdado.

LAHIRE (1993) e DE SINGLY (1996) apresentam um conjunto de ressalvas ao pensamento de Bourdieu. Enfatizando a importância da família, esses autores acrescentam outros fatores, igualmente importantes, além da origem social, para a aquisição do capital cultural. Para De Singly, é necessário mais do que “osmose” para que a herança cultural seja passada de geração a geração. Não é, para ele, somente um processo natural, uma sensibilização inconsciente, como sugere a leitura de Bourdieu. É necessário esforço – uma mobilização familiar e determinadas condições – para que a “herança” cultural realmente seja transmitida aos filhos. Até porque esse tipo de herança nem sempre é passivamente aceita pelos herdeiros. DE SINGLY (1996) abre uma das partes de seu texto com o subtítulo “Ela é ela, eu sou eu”¹, relatando um caso em que um filho nega o tipo de capital cultural da mãe. LAHIRE (1993) pesquisou casos em que houve sucesso escolar entre crianças pertencentes a famílias sem capital cultural herdado.

O objetivo dessa pesquisa é, então, analisar estratégias utilizadas por alunos que, apesar de não terem capital lingüístico herdado, adquiriram o domínio do dialeto de prestígio, não só sua gramática, mas principalmente seu uso efetivo, com desembaraço e desenvoltura.

¹ Todas as traduções são de minha responsabilidade.

2 – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA PESQUISA

O objetivo deste subcapítulo é melhor esmiuçar os pressupostos teóricos que embasaram a pesquisa, uma espécie de proposta de parâmetros para a interpretação dos dados coletados. A preocupação é mostrar de onde se partiu, tal como faz LAHIRE², que diz “olha de onde eu olhei, para onde que eu olhei; eu olhei para coisas bem precisas e estou dizendo isto”.

Assim como LAHIRE (1997), que propõe que se faça a leitura dos casos de sucesso³ escolar pesquisados por ele sob o olhar da interdependência, também esta pesquisa tem essa proposta. Ou seja, ao longo do trabalho, longe de se buscar uma resposta “mágica”, procurou-se sempre um conjunto de fatos interligados e interdependentes que pudessem explicar os fenômenos pesquisados. Isso, segundo o autor, implica a necessidade de trabalhar com “contextos sociais bem precisos”.

“O fato de os diferentes membros das famílias contextualizadas agirem como agem, de seus filhos serem o que são e comportarem-se como tal nos espaços escolares não é fruto de causas únicas que agiram poderosamente sobre eles [...] Contra estas visões espontaneamente isolacionistas e absolutistas que selecionam um traço, o isolam do contexto no qual desempenha um papel e lhe conferem, de forma mágica, o poder exclusivo de explicação, quisemos afirmar a primazia do todo sobre os elementos, das relações entre as características sobre as características *per si*.”

As principais perguntas que essa pesquisa se propõe responder são:
a) a “familiarização” pode ser considerada, como quer Bourdieu, a única forma de aquisição do capital lingüístico que possibilita uma relação desenvolta com a língua? b) que outros fatores, além da “familiarização”, podem permitir a aquisição do capital cultural e, mais especificamente, do capital lingüístico?

² Bernard Lahire, encontro com doutorandos da Faculdade de Educação da UFMG, em outubro de 1996.

³ O autor, ao longo de toda a obra, utiliza as palavras “sucesso” e “fracasso” sempre entre aspas, porque, para ele, não é papel do sociólogo dizer o que é uma coisa ou outra: “ao contrário, deve constatar e analisar as variações históricas e sociais destas noções um tanto vagas.”

Os principais teóricos em que se vai buscar subsídios para compreender a trajetória dos quatro sujeitos pesquisados são: Bernard Lahire, François De Singly, Bernard Charlot, Jean-Yves Rochex, Jean-Pierre Terrail e Maria José Braga Viana.

Tal qual o capital cultural que, como se verá, não é mecanicamente herdado, também o capital lingüístico não é transmitido mecanicamente. De acordo com BAKHTIN (1995:108), além de participarem do processo de evolução da língua, os indivíduos só constroem sua consciência através das múltiplas interações que estabelecem com outros homens e com o mundo, através da linguagem:

“a língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar”.

Para CHARLOT e ROCHEX (1996:140), a transformação do capital de origem em capital pessoal exige um trabalho específico, tanto da família, como da própria criança; e é justamente esse o principal ponto de discordância desses autores em relação à teoria de Bourdieu. Para eles, o problema nessa teoria é a própria noção de capital, “ainda que tão esclarecedora em outros contextos”, porque oculta a questão da atividade familiar, escolar e pessoal.

Para DE SINGLY (1996), “não se nasce herdeiro, torna-se ou não se quer tornar-se”. Esse autor argumenta que mesmo os supostos “herdeiros” não podem ter êxito “sem fortes investimentos pessoais e familiares”. Além disso deve ser considerado o trabalho da família, “igualmente necessário para que a herança possa ter mais probabilidade de ser herdada”. Para De Singly, em função de vivermos em uma sociedade em que a individualização é fortemente valorizada, o “herdeiro” é atraído por duas forças opostas: “fazer os esforços necessários para assumir seu posto na linhagem familiar” e “construir sua autonomia”. Para esse autor, certos herdeiros conciliam bem as duas tarefas, outros, entretanto, não conseguem e acabam rompendo com a cadeia de transmissão familiar.

LAHIRE (1997) diz ter encontrado em sua pesquisa muitos exemplos que permitem compreender as condições pelas quais o capital cultural familiar consegue ou não ser transmitido. E ainda casos em que os conhecimentos escolares eram apropriados pelas crianças, mesmo "na ausência de capital cultural ou na ausência de uma ação voluntária de transmissão de um capital cultural existente". Para a descrição das configurações familiares, esse autor considera como pertinentes cinco aspectos: "as formas familiares da cultura escrita, as condições e disposições econômicas, a ordem moral doméstica, as formas de autoridade familiar e as formas familiares de investimento pedagógico".

Sobre o primeiro aspecto, as formas familiares de cultura escrita, Lahire reconhece que a "familiaridade" com a leitura pode conduzir a criança a práticas que a levem ao sucesso escolar. Para ele, o fato de os pais lerem histórias para os filhos e em seguida discutirem essas narrativas está em "correlação extrema" com o sucesso escolar em leitura, porque a criança passaria a considerar "afeto e livros" como coisas "bem associadas". O autor alerta, entretanto, que não é a simples presença de "atos de leitura" na família que conduzem a criança ao prazer de ler; é preciso analisar, sobretudo, se a relação da família com os livros é vivida positivamente ou negativamente. Uma mãe que lê muito em casa porque precisa ser aprovada em um concurso promovido pela empresa em que trabalha, correndo o risco de ficar desempregada se não conseguir se sair bem, provavelmente não estará lendo com prazer, e certamente deixará clara a sua insatisfação todas as vezes que tiver que deixar de fazer outras coisas para se dedicar ao estudo. Essa mãe, seguindo-se o raciocínio de Lahire, não estaria propiciando aos filhos condições de ter "familiaridade" com a leitura.

Quanto às condições e disposições econômicas, Lahire diz ser necessário haver "condições econômicas de existência específicas" para que a cultura escrita familiar ou a moral da perseverança e do esforço possam ser transmitidas. No entanto, o autor alerta que as condições econômicas são necessárias, mas não suficientes; é preciso, principalmente, haver as "técnicas intelectuais apropriadas (os cálculos, as conferências bancárias, as previsões

de despesas projetadas em um caderno ou num livro de contas...)”, para que se tenha uma economia doméstica estável.

Sobre a ordem moral doméstica, Lahire diz que uma parte das famílias das classes populares tende a dar uma grande importância ao “bom comportamento” escolar, que significa respeito à autoridade do professor. Esses pais tentam inculcar nos filhos “a capacidade de submeterem-se à autoridade escolar, comportando-se corretamente, aceitando fazer o que lhes é pedido”, para serem enfim “relativamente dóceis”. Além disso, exercem controle da escolaridade dos filhos, verificando se as tarefas escolares foram feitas, sancionando as notas baixas ou exigindo um tempo mínimo de dedicação ao estudo. Esse tipo “moral” dos pais – “moral do bom comportamento, da conformidade às regras, moral do esforço, da perseverança –, para Lahire, pode resultar numa série de características nos filhos: organização não só em relação às coisas da escola, mas também em relação à apresentação pessoal. Esse tipo de família tenta controlar também as situações de socialização a que as crianças podem ser expostas, por isso controlam não só o tempo que levam no trânsito da escola para casa, caso o façam desacompanhadas dos pais, mas, principalmente, o círculo de amigos dos filhos. Além disso, a “ordem moral e material” vivenciada em casa tem consequência direta, para esse autor, na forma como o filho verá a escola:

“O aluno que vive em um universo doméstico material e temporalmente ordenado adquire, portanto, sem o perceber, métodos de organização, estruturas cognitivas ordenadas e predispostas a funcionar como estruturas de ordenação do mundo.”

Também os professores, principalmente os de séries iniciais de escolarização, segundo Lahire, tendem a dar tanta ou mais importância ao comportamento dos alunos, a suas qualidades morais, do que a seus desempenhos ou suas qualidades intelectuais.

As formas de autoridade familiar são também apontadas como fundamentais por Lahire, porque a escola é um local regido por leis e quem não as segue é estigmatizado como “indisciplinado, desatento ou bagunceiro”. Os que, ao contrário, seguem as regras da escola sem precisarem que alguém

esteja a todo instante as lembrando são chamados de “autônomos”. Por isso, a autoridade familiar dá importância ao autocontrole e à inculcação das normas de comportamento. Porém, o aluno só se mostrará autônomo se, segundo Lahire, não houver contradição entre o que é ensinado pela escola e o que o aluno vivencia em casa. Ao contrário, se as “regras do jogo” desses dois “espaços de socialização” forem contraditórias, as crianças ficam “deslocadas em relação às exigências e obrigações escolares”.

Para falar sobre o último dos aspectos apontados como essenciais, as formas familiares de investimento pedagógico, Lahire começa esclarecendo que seu trabalho repudia a idéia de que são essencialmente as práticas de “superescolarização” que fazem com que os filhos de família populares tenham sucesso escolar. Para ele, essa é apenas uma opção possível de justificar o sucesso escolar. Lahire ainda alerta que, embora haja uma tendência para se achar que “é no grau de conscientização e de mobilização familiares em relação aos desafios escolares” que fazem a diferença nos desempenhos de alunos oriundos de meios populares, a realidade mostra-se “rebelde”, nem sempre seguindo esse quadro “simples” e “esclarecedor”. Ele diz que não há relação “automática” entre a mobilização familiar e o sucesso escolar, já que há uma série de práticas diferentes que podem ser consideradas como mobilizadoras, e nem todas podem ser coerentes com outras condutas da família.

DE SINGLY (1996:158) acrescenta à análise sobre a importância do trabalho da família na “transmissão” do capital cultural uma dimensão afetiva. Para ele, “os indivíduos, jovens e adultos, só conseguem mobilizar seus recursos, mesmo herdados, se recebem suficientes sinais de atenção pessoal”. LAHIRE (1997:343), concordando com essa colocação, diz que, mesmo em famílias cujos pais sejam analfabetos, é possível atribuir um “lugar simbólico” ou um “lugar efetivo” ao “escolar”, através da atenção dispensada pelos pais ao que diz respeito à escolaridade dos filhos: “uma escuta atenta ou um questionamento interessado dos pais, demonstrando assim, para elas [as crianças], que o que é feito na escola tem sentido e valor”.

Essa dimensão afetiva, para De Singly, está também na escola. Ele acredita que se deva considerar a relação pedagógica, ou seja, a forma como o professor vê o aluno. Para esse autor, a modificação do olhar do professor provoca a melhoria dos resultados escolares de certos alunos sensíveis a isso, ou seja, ao esperar o êxito, o professor pode eventualmente consegui-lo. O professor, dando atenção individual a esse aluno, faz com que ele se sinta apreciado e procure fazer o que o professor deseja.

CHARLOT e ROCHEX (1996:141) concluem, baseados em um trabalho de R. Kohn⁴, que os pais pesquisados pareciam mobilizados por uma combinação de sentimentos de “insatisfação” e “orgulho”. Ou seja, desejavam que os filhos fossem melhores do que eles, de tal forma que o êxito escolar dos filhos era visto como forma de “revalorizar a linhagem familiar”; por outro lado, esses pais querem ver preservadas as suas “culturas de origem”, que eles consideram a melhor arma contra os “perigos da sociedade e da rua”. Por isso, esses pais oscilam entre duas posturas: encorajar os filhos a imitá-los ou incitar os filhos a ultrapassá-los, numa situação que esses autores chamam de “double bind”.

Esses autores preocupam-se nessa e em outras obras em estudar a relação que adolescentes podem estabelecer entre “sua história em construção” e a “história de sua família”. Charlot e Rochex definiram, então, o que eles chamaram de “processo de tríplice autorização”, que, segundo eles, “parece ser condição de apropriação da mobilização e do projeto paterno”: o aluno-filho se autoriza a emancipar de sua família, “sem graves dificuldades subjetivas”, não reproduzindo sua história; a família autoriza o filho a se emancipar; e há um reconhecimento recíproco por parte tanto dos pais como dos filhos de que “a história do outro é legítima, sem ser a sua”. É essa tríplice autorização que permite aos filhos, segundo esses autores, “perseguir a história familiar sem repeti-la”.

⁴ KOHN, Ruth. 1992. “La mobilisation des parents pour la réussite scolaire des enfants”, dans Bernard CHARLOT et al. *Rapport au savoir et rapport à l'école dans les zones d'éducation prioritaires*. Rapport pour le FAZ et la DPM. ESCOL. Paris 8.

KOHN, Ruth et al. 1994. “Les initiatives parentales: la dynamique de leur articulation avec les initiatives instituées pour l'éducation des enfants”, dans Paul DURNING et Jean-Pierre POURTOIS, dir. *Éducation et famille*. De Boeck.

CHARLOT e ROCHEX (1996:139) chamam a atenção também para o que eles denominaram de “uma cultura juvenil e formas de socialização ligadas a pertença à classe de idade”. Segundo eles, os jovens de hoje não estão somente distantes da cultura escolar, estão distantes também dos modos de vida de seus pais ou da concepção de sociedade destes. Uma razão para que isso aconteça pode estar no fato de que os jovens adquirem gostos diferentes de seus pais. Segundo CHARLOT e ROCHEX (1996:147), “os alunos, quando têm êxito na escola, aí se apropriam de conhecimentos, mas também de práticas linguajares, gostos e prática culturais na medida dos quais não podem deixar de avaliar em troca aqueles que vêm de seus pais e de seus parentes”.

Esses pressupostos teóricos serão considerados na análise de cada uma das trajetórias dos sujeitos, embasando as conclusões a que se chegou com a pesquisa.

3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS ADOTADOS

3.1 – A ESCOLHA DOS SUJEITOS

Tendo em vista o caráter do trabalho, os sujeitos deveriam, indispensavelmente, possuir duas características: serem provenientes de família com baixo capital cultural legítimo e manifestarem evidências de uma relação mais descontraída com a língua, a ser posteriormente caracterizada.

A idéia inicial é que apenas dois sujeitos fossem escolhidos - um do sexo feminino e um do sexo masculino -, devido ao caráter exploratório da pesquisa, com a intenção de que se alcançasse a maior profundidade possível. O fundamental é que sejam casos realmente significativos, ou seja, alunos cujo capital cultural familiar seja baixo nos mercados considerados pela pesquisa, e

cujo domínio da língua seja reconhecido pelo mercado escolar e pelo pesquisador, a partir de determinados indicadores.

A razão de se introduzir na pesquisa a variável gênero deve-se ao fato de que é provável que exista um preconceito em torno do domínio do dialeto de prestígio por jovens do sexo masculino em determinados grupos sociais. Faz parte da cultura masculina acreditar que cabe às mulheres a tarefa de falar e escrever corretamente, ou a de ler romances. Desde os primeiros anos escolares, os meninos normalmente escolhem outras áreas do conhecimento para direcionarem seus esforços, a matemática por exemplo; deixando essa coisa de falar e escrever “certinho” para as meninas. WILLIS (1991:125), ao descrever a preferência dos sujeitos de sua pesquisa – jovens ingleses do sexo masculino e de classe operária – diz que o trabalho tem que ter um *ethos* essencialmente masculino e acrescenta “tem que ser um lugar em que as pessoas não sejam ‘efeminadas’ e possam ‘cuidar de si mesmas’, no qual o ‘trabalho com a caneta’ seja menosprezado em favor de realmente ‘fazer as coisas’”. SYLVAIN BROCCOLICHI (1997:511), reforça essa questão do gênero na escolha das disciplinas, quando afirma que sua pesquisa constatou que “todas as três (estudantes entrevistadas), bem em conformidade com o modelo de êxito escolar que domina entre as meninas, manifestavam no colégio menos desmembramento em matemática ou na ciências físicas do que nas outras disciplinas”.

Definidos os critérios de escolha dos sujeitos, era preciso definir onde encontrá-los. Foi escolhida a Escola Técnica do município eleito para a pesquisa, que está localizado no sudoeste do estado de Goiás, tem cerca de setenta e nove mil habitantes e dista 300 quilômetros da Capital.

Além de gratuita, essa instituição oferece cursos técnicos em Agrimensura, Edificações, Eletrotécnica e Processamento de Dados, o que aumenta a possibilidade de lá se encontrar alunos, que, pelo baixo capital econômico, estivessem à procura de um curso que lhe desse mais rapidamente retorno financeiro, ao contrário de um ensino propedêutico. Além disso, essa instituição de ensino tem uma outra característica interessante: a forma de admissão tanto para os interessados em ingressarem no ensino fundamental

como no ensino médio é através de concurso. Embora isso aumente a possibilidade de que, em função da seleção, seu contingente de alunos seja formado principalmente por herdeiros culturais, aumenta a possibilidade também de lá se encontrarem alunos cujo capital lingüístico e escolar se destaquem, em relação a alunos de outras instituições gratuitas.

Como a intenção é analisar as estratégias desenvolvidas pelos alunos durante suas trajetórias escolares e de vida, não se poderia escolher alunos que estivessem no início de suas trajetórias. Definiu-se, então, que a escolha se daria entre alunos da primeira série do ensino médio⁵, quando supostamente parte significativa do capital lingüístico já estaria construído, sendo, portanto, mais fácil de ser avaliado. O que se observou, entretanto, com a pesquisa, é que, ao contrário do que inicialmente se pensou, tanto o capital cultural como o lingüístico dos jovens pesquisados longe de estarem constituídos estavam em franco processo de construção.

A variável turno escolar não foi considerada como determinante para a escolha dos sujeitos, ou seja, admitir-se-ia a possibilidade de que fossem escolhidos, como de fato aconteceu, alunos de turnos distintos.

O primeiro passo no sentido de escolher os sujeitos foi uma reunião com 10 (dez) dos 16 (dezesesseis) professores da primeira série do ensino médio, para esclarecer sobre a finalidade da pesquisa. O principal objetivo da reunião era o de conseguir deles autorização para observar suas aulas. Vários professores chegaram com a reunião já começada, o que obrigou a pesquisadora a repetir toda a apresentação da pesquisa diversas vezes, cada vez mais resumidamente, para não deixar enfadados aqueles que estavam na reunião desde o seu início. Ainda assim, a reunião transcorreu bem durante os cerca de 90 minutos que durou.

Dois professores mostraram-se reticentes quanto à observação de suas aulas, Marcelo, de História, e Olga, de Português. Como se tratam de duas disciplinas importantes para o trabalho, a pesquisadora tentou quebrar a resistência dos dois, o que foi conseguido ao longo da pesquisa.

⁵ Nessa série os alunos cursam apenas disciplinas do tronco comum. As disciplinas “técnicas”, se escolhidas, serão cursadas a partir da segunda série do ensino médio.

Durante a reunião, após tomarem conhecimento dos objetivos da pesquisa, os professores fizeram questão de já apontarem nomes de possíveis alunos que poderiam servir à pesquisa. Foram anotados 10 (dez) nomes, nem todos do primeiro ano. Três dos quatro alunos escolhidos haviam sido indicados nessa oportunidade.

O próximo passo foi conhecer o horário do curso, para escolher as aulas que mais interessassem à pesquisa. Procurou-se dar preferência para aulas em que se achava que haveria mais oportunidades de os alunos falarem. Não importava a disciplina. Foram observadas 19 (dezenove) aulas de diversas disciplinas nas quatro turmas de primeiro ano, três do matutino e uma do noturno, inclusive, aulas no laboratório de biologia.

Os alunos eram observados de um modo geral. Tudo que se achava que poderia servir à pesquisa era anotado no diário de campo. Nenhuma dessas aulas foi gravada. Não havia realmente essa necessidade, já que o objetivo da atividade era o de somente identificar possíveis sujeitos.

O objetivo era perceber a relação de familiaridade do aluno com a linguagem, por isso procurou-se identificar nos alunos determinados indicativos – previamente definidos – mas que, nem por isso, não admitiriam a inclusão de outros acaso julgados interessantes. Eram esses os indicativos:

- o aluno toma com facilidade o turno, inclusive do professor, ou fica freqüentemente aguardando de braço erguido;
- o professor dá o turno freqüentemente para esse aluno;
- nos trabalhos em grupo, é esse aluno que distribui as tarefas;
- no grupo, quando há uma reivindicação a ser feita (ou uma dúvida a ser esclarecida), é esse aluno o escolhido pelo grupo para se dirigir ao professor;
- é esse aluno que apresenta os trabalhos em grupo;
- é ativa a participação desse aluno nas aulas de um modo geral e naquelas em que os alunos são convidados pelo professor para falar;
- ao falar em público, o aluno demonstra tranqüilidade;

- sua linguagem flui normalmente ou é freqüentemente entrecortada;
- ao falar em público, distribui bem a atenção por todo grupo, ou volta sua atenção para uma só pessoa, o professor por exemplo;
- ao falar em público, demonstra algum desconforto não observável em outras situações;
- a fala é produtiva, rentável, atinge seus objetivos, convencendo, informando, divertindo, etc.;
- que avaliação colegas e professores fazem da capacidade comunicativa desse aluno, observável pela reação que poderiam ter: acatam o que foi dito ou repudiam.

No diário de campo há observações sobre muitos outros alunos além dos quatro escolhidos. Caso a atenção fosse despertada para aluno, cujo nome não se conhecia, era preciso consultar os professores ou um catálogo em que constam todas as fotos dos alunos. A cada aula observada, diminuía o número de nomes anotados, já que a observação voltava-se apenas para aqueles que já haviam chamado a atenção em aulas anteriores.

Era tanto o interesse demonstrado por alguns professores em relação à pesquisa que, após uma das aulas observadas, a pesquisadora foi interceptada em seu caminho em direção à saída por uma funcionária da escola, que dizia: “*A professora de biologia pediu para informar que o aluno que falou sobre reprodução assexuada é filho de feirante*”. A professora sabia que o aluno em questão encaixava-se nas características que estavam sendo buscadas pela pesquisa e fez questão de passar essa informação sobre ele. Este aluno foi, de fato, um dos escolhidos.

No ano em que a pesquisa foi iniciada, havia na Escola Técnica três turmas de primeira série do ensino médio no matutino. O critério para alocação dos alunos nas turmas é a idade: os mais novos estão na 1151, e os mais velhos – normalmente repetentes – na 1153. É possível que essa seja a explicação para o fato de muito cedo ter-se percebido que não se encontraria na 1153 alunos com um tipo de capital lingüístico rentável naquele determinado

contexto, o que fez com que as aulas nessa turma deixassem de ser observadas.

Paralelamente à observação de aulas, foi realizada pesquisa no cadastro dos alunos. Tendo alguma facilidade na utilização de computadores e tendo conquistado a confiança dos responsáveis pelo cadastro, essa atividade foi bastante fácil para a pesquisadora. A própria pesquisadora acessava ao programa no computador para descobrir o que interessasse. Na primeira pesquisa feita, o objetivo era descobrir:

- renda familiar;
- se o aluno havia ou não cursado o primeiro grau na escola;
- procedência: escola pública ou escola particular.

Foram pesquisados 12 (doze) alunos das 04 (quatro) turmas. Posteriormente, já na segunda fase da pesquisa, foi verificado que alguns dos dados coletados não correspondiam à realidade. A explicação é a seguinte: as informações foram prestadas no momento da inscrição para a seleção de ingresso à escola. Há a tendência então de julgar que, se a renda familiar, por exemplo, for menor, há maior probabilidade de o aluno ser aceito na instituição. Segundo informações da coordenação, entretanto, não existe esse critério; os alunos são selecionados exclusivamente pelo concurso.

Outro trabalho em paralelo foi a leitura de textos produzidos pelos alunos. O objetivo dessa atividade era o de identificar os alunos que tivessem habilidade com a língua escrita. Foram observados vários textos de disciplinas diversas e foram feitas sobre eles anotações no diário de campo da pesquisa. A análise de textos da 1153 ratificou a decisão já tomada de que não se encontraria nessa turma nenhum aluno com as características exigidas pela pesquisa.

Outro ponto bastante significativo para a escolha dos sujeitos foi a leitura de provas. A pesquisadora teve a oportunidade de ler provas de Geografia de alunos das quatro turmas. A prova tinha questões bastante críticas, que versavam principalmente em torno do assunto Reforma Agrária.

Foram analisados também uns trabalhos de Biologia, sobre AIDS, da 1151. As duas alunas dessa turma que foram escolhidas se destacaram não só

pela correção gramatical mas também pela profundidade com que trataram o assunto.

Uma professora de Português retornou de licença-saúde e assumiu uma das turmas de primeiro ano, a 1151. Essa professora não só concordou com que suas aulas fossem observadas, como se propôs a, com a desculpa de que *ela* queria conhecer os alunos, pedir-lhes para responder a um questionário. O questionário elaborado pela professora tinha as seguintes perguntas:

- Nome completo:
- Endereço e telefone:
- Onde cursou a primeira fase do primeiro grau?
- Onde cursou a Segunda fase do primeiro grau?
- Disciplinas preferidas, por quê?
- Trabalha? Onde? O que acha do seu trabalho?
- Nome dos pais:
- Escolaridade dos pais:
- Que curso escolheu (ou escolherá) para o 2º grau?
- Pretende ingressar em um curso de graduação (3º grau)? Qual?
- Gosta de escrever? Tem facilidade?
- Que tipo de leituras?
- Autores preferidos?
- O que está achando da Literatura da Era Colonial?⁶
- Apresente sugestões para as aulas de Português.

A análise dos questionários respondidos contribuiu para a escolha de dois dos sujeitos: as duas alunas da 1151 escolhidas. Elas disseram gostar de ler e de escrever, mas estranhamente não apontaram o Português como disciplina preferida. E realmente mostraram bastante domínio na língua. Foi a seguinte a resposta dada por uma das alunas à última questão:

“Minha principal crítica sobre o modo que vêm sendo trabalhadas as aulas é a falta de incentivo a escrita. Até o momento não fizemos nenhuma produção de texto, o que além

⁶ Matéria que estava sendo estudada quando a professora assumiu a turma.

de empobrecer o vocabulário do aluno, aumenta as dificuldades daqueles que não gostam de escrever. Métodos didáticos diversos também deveriam ser aplicados, ao invés de estudarmos somente através de aulas expositivas (muitas vezes cansativas e chatas).” (grifo da aluna)

Infelizmente não houve oportunidade de aplicação desse questionário nas outras turmas.

Depois de algum tempo, chegou-se à conclusão de que não adiantaria mais observar aulas essencialmente técnicas. No início da pesquisa, foram observadas todas as aulas em que a presença da pesquisadora fosse permitida. Num dado momento, entretanto, percebeu-se que não era mais útil à pesquisa a observação de aulas de Matemática, Biologia, e outras, que muito pouca chance davam ao aluno de se expressarem. Assim, a observação continuou apenas em aulas em que se julgava que haveria oportunidade de os alunos falarem. É claro que se cometeram alguns enganos e, mesmo depois dessa decisão, ainda foram observadas aulas que pouco contribuíram com a pesquisa.

O julgamento que os alunos faziam dos possíveis escolhidos também era considerado. Um dos alunos da turma 1151 fez uma observação durante uma aula de Biologia bastante significativa. Ele disse, em tom de brincadeira, que havia entrado vírus no computador, referindo-se ao fato de que Adriana (que de fato foi uma das escolhidas) havia errado o exercício. Todos riram, provando que a piada foi entendida. Pôde-se concluir, então, que Adriana detém entre a turma um conceito incompatível com erros daquela natureza.

Com exceção da turma 3151, em todas as outras a pesquisadora foi apresentada aos alunos pelos professores. Como eles o fizeram de forma bastante resumida, alguns alunos ficaram de certa forma preocupados com a presença de alguém estranho. Um dos alunos da 1152, não escolhido para a pesquisa, chegou a sugerir que a pesquisadora era uma psicóloga, e que estava ali, “anotando nomes”, para prejudicá-los. O melhor, portanto, teria sido a própria pesquisadora se apresentar e falar sobre o objeto da pesquisa até onde fosse possível. É claro que não se poderia dizer que se estava ali à

procura de alunos, porque isso poderia gerar uma série de atitudes artificiais por parte deles.

Outra atividade paralela que ajudou bastante na escolha dos sujeitos foi a análise das notas dos alunos. Ao longo do ano de 1998, foram pesquisadas suas notas, que foram comparadas com a média alcançada pelo restante da turma. O resultado não foi surpreendente. Na verdade, as notas só confirmaram o que já havia sido constatado nas observações de aulas.

Houve a preocupação também de conhecer externamente a residência dos possíveis sujeitos, admitindo-se a hipótese de que o nível de capital econômico pudesse servir de indicativo para o nível de capital cultural. Foram visitadas seis residências.

A pesquisadora conversava bastante com os professores sobre os alunos durante os intervalos de aulas. Certa vez, uma professora estava bastante chateada com uma das possíveis escolhidas, Elisa. A professora relatava os acontecimentos para a pesquisadora como se fossem negativos, mas, ao contrário, eles foram considerados significativos para a escolha dessa aluna. Elisa havia se recusado a fazer uma tarefa, em sala de aula, que consistia em copiar no caderno perguntas e respostas de um questionário de múltipla escolha do livro da disciplina, que a aluna possuía.

Conversou-se durante muito tempo com o professor de História, Marcelo, o mesmo que havia ficado bastante resistente às observações de suas aulas. O professor, já bastante disposto a ajudar à pesquisa, falou por cerca de duas horas sobre os, naquele momento, somente quatro sujeitos prováveis: Adriana e Elisa, de 1151, Niulmar, da 1152, e Paulo Roberto, da 3151 (único do noturno). Marcelo era à época professor dessas quatro turmas e pôde falar detalhadamente sobre cada um desses alunos.

Havia a expectativa de, após a conversa com o professor Marcelo, poder-se decidir entre Adriana e Elisa, entre Niulmar e Paulo Roberto, para que se ficasse com apenas dois sujeitos como se havia previsto no projeto de pesquisa, um do sexo feminino e outro do sexo masculino. No entanto, por se considerar que essa decisão poderia ser extremamente complexa, admitindo-se inclusive a possibilidade de se cometer erros se a escolha fosse feita antes

de uma análise mais profunda, optou-se, após concordância do orientador, por permanecer com os quatro sujeitos.

Eles foram escolhidos principalmente por se destacarem dos demais em relação à habilidade com a linguagem de prestígio. Tinham esses quatro sujeitos um tipo de capital lingüístico rentável no contexto em que foram observados. Além disso, atendiam à outra exigência da pesquisa: são provenientes de família com baixo capital cultural legítimo, como mostra, dentre outros aspectos considerados, a classe social em que essas famílias estão inseridas – classes médias baixas, o baixo nível de escolaridade de seus pais e avós e a forma como a família se relaciona com a leitura e a escrita. Nos capítulos seguintes, a trajetória de cada um deles será tratada individualmente.

3.2 – A PESQUISA PROPRIAMENTE DITA

A primeira atividade dessa etapa foi uma reunião com os sujeitos escolhidos para obter deles a concordância em participarem da pesquisa. A reunião foi feita, durante seus turnos escolares, na sala da Coordenadora de Ensino da Escola Técnica e com a presença dela. Como apenas três dos quatro escolhidos estudavam pela manhã, a primeira reunião ocorreu apenas com eles. Outro encontro ocorreu, portanto, com o outro escolhido, Paulo Roberto, também na sala da Coordenação. Além do objetivo, foram esclarecidos os procedimentos metodológicos do trabalho. Não houve qualquer resistência por parte dos alunos em prestarem contribuição à pesquisa.

A fonte básica dos dados dessa pesquisa foi a entrevista. Foram realizadas entrevistas com os alunos sujeitos, com suas famílias, com professores e outras pessoas eventualmente consideradas importantes para a compreensão de suas trajetórias. Os quadros abaixo mostram a seqüência com que as 31 entrevistas foram realizadas. O quadro 1 relaciona apenas as entrevistas realizadas com os sujeitos e suas famílias. O quadro 2 relaciona as

entrevistas com professores e outras pessoas e informa a qual(quais) dos sujeitos se referem: Adriana (A), Niulmar (N), Paulo Roberto (P) e Elisa (E).

Quadro 1

DATA	ALUNOS SUJEITOS E SUAS FAMÍLIAS	NÚMERO DA ENTREVISTA
26.11.1998	Adriana e Elisa	2
03.12.1998	Niulmar	3
09.12.1998	Adriana e Elisa	4
16.12.1998	Paulo Roberto	6
27.04.1999	Família da Adriana	7
17.05.1999	Adriana	14
07.06.1999	Adriana	15
09.06.1999	Adriana	16
16.06.1999	Família do Niulmar	17
30.06.1999	Adriana	19
07.07.1999	Niulmar	20
22.07.1999	Família do Paulo Roberto	22
09.08.1999	Niulmar	24
05.01.2000	Paulo Roberto	29
11.01.2000	Família da Elisa	30
24.01.2000	Elisa	31

Quadro 2

DATA	PROFESSORES E OUTRAS PESSOAS	A	N	P	E	NÚMERO DA ENTREVISTA
20.11.1998	Marcelo (professor)					1
11.12.1998	Sérgio (professor)					5
28.04.1999	Nice e Solange (professoras)					8
04.05.1999	(funcionária do SETEPE)					9
04.05.1999	Olga (professora)					10
04.05.1999	Marcelo (professor)					11
04.05.1999	Márcia (professora)					12
13.05.1999	Selma (professora)					13
22.06.1999	Ana (professora)					18
14.07.1999	Judite (colega de trabalho)					21
09.08.1999	Maricildo (colega de trabalho)					23
10.08.1999	Marcelo (professor)					25
28.09.1999	Eva (professora)					26
29.09.1999	Irmã Bárbara (diretora)					27
01.10.1999	Marilda (professora)					28

As entrevistas com os alunos sujeitos, realizadas antes e depois das entrevistas com suas famílias, tiveram dois objetivos básicos:

- a) fazer com que eles falassem sobre as estratégias que desenvolveram para construir seu capital lingüístico;
- b) reconstruir a trajetória escolar de cada um dos sujeitos.

As entrevistas com as famílias, das quais participaram pai e mãe do aluno sujeito, além dele próprio, tiveram como metas principais:

- a) analisar o processo de socialização dos alunos sujeitos;

- b) reconstruir a trajetória de vida e apreender o capital cultural da família;
- c) apreender os hábitos da família (prática de leitura, de escrita, de linguagem oral, preferências, etc.) para analisar até que ponto eles influenciaram os hábitos dos alunos sujeitos;
- d) apreender o nível de mobilização da família para a ascensão do aluno sujeito.

As entrevistas com os professores objetivaram o depoimento a respeito do desempenho do aluno sujeito, não só em relação ao capital escolar, mas principalmente em relação ao capital lingüístico; e a busca de confirmação das informações prestadas pelos pais em relação ao acompanhamento da trajetória escolar dos filhos.

Todas as entrevistas realizadas foram semi-estruturadas, ou seja, ao invés de ter se elaborado previamente todas as questões, foram elaborados apenas roteiros básicos que possibilitaram amplo campo de interrogativas. O roteiro foi importante para que não se perdessem os objetivos da entrevista. Para TRIVIÑOS (1987:152), a entrevista semi-estruturada “mantém a presença consciente e atuante do pesquisador e, ao mesmo tempo, permite a relevância na situação do ator”. LAHIRE (1997:76) também chama atenção para isso. Segundo ele:

“...uma parte do trabalho (da profissão) do entrevistador consiste justamente em limitar o máximo possível os efeitos de legitimidade através de sua participação ativa na entrevista e ofuscando sua pessoa em prol da palavra e da experiência dos entrevistados”.

Esse autor alerta ainda para o fato de que o entrevistado pode subestimar, ou mesmo omitir, práticas que ele considera menos legítimas e, ao contrário, superestimar aquelas que considera mais legítimas. No caso desse trabalho, é possível que isso tenha acontecido, já que os próprios temas abordados nas entrevistas (trajetória escolar, práticas de leitura, escrita e expressão oral e etc.) podem ter colocado os entrevistados, como diz Lahire, “em uma situação de tensão em relação ao que consideram como normas legítimas”. Por isso,

procurou-se, sempre que isso foi possível, várias fontes para as mesmas informações, já que para esse sociólogo:

“... o problema não é, definitivamente, saber se os entrevistados disseram ou não a “verdade”, mas tentar reconstituir relações de interdependência e disposições sociais prováveis através de convergências e contradições entre as informações verbais de uma mesma pessoa, entre as informações verbais do pai e as fornecidas pela mãe ou pela criança, entre as informações verbais e as paraverbais, contextuais ou estilísticas, etc.” (grifo do autor) (p. 77)

Das 31 entrevistas realizadas, apenas quatro não foram gravadas: os dois primeiros encontros com o professor Marcelo (1 e 11), porque a pesquisadora não estava de posse do gravador; e as entrevistas de número 9 e 10, porque a pesquisadora julgou que não obteria as informações que de fato obteve caso as entrevistadas se vissem diante de um gravador. Todas as fitas foram transcritas, na medida do possível antes da realização de nova entrevista.

Procurou-se não se esquecer que a qualidade da entrevista depende do envolvimento do pesquisador. Assim é necessário ao pesquisador reconhecer não só a subjetividade do entrevistado, mas também a sua. Para JOUTARD (1996), “o fato de reconhecer sua subjetividade é a primeira manifestação de espírito crítico”.

Nesse sentido, é indispensável a contribuição da análise do discurso, para ajudar a responder perguntas como estas: de que forma o entrevistado se vê? De que forma o entrevistado vê o entrevistador? De que forma o entrevistado acha que o entrevistador o vê? A resposta a essas e outras perguntas ligadas à análise do discurso foram fundamentais à pesquisa.

O diário de campo foi um aliado importante durante toda a pesquisa. Nele foram anotadas, de acordo com a classificação feita por TRIVIÑOS (1987), não só observações *descritivas*, mas também *reflexivas*, como as que foram denominadas “possíveis conclusões” em que análises acerca principalmente do cruzamento dos dados dos quatro sujeitos foram anotados em 93 itens.

Não houve, assim, uma separação rígida entre a coleta e a análise de dados. De fato, de acordo com TRIVIÑOS (1987:170), a pesquisa qualitativa “não estabelece separações marcadas entre a coleta de informações e a interpretação das mesmas”. As informações foram interpretadas logo depois de colhidas, o que gerou, com freqüência, a necessidade de busca de outros dados.

“O pesquisador que realiza as primeiras entrevistas é diferente daquele que já as analisou, que encontrou nelas novas indagações. Há um enriquecimento constante neste caminhar.” (DEMARTINI, 1988)

CAPÍTULO II

ADRIANA

“gosto de ser diferente”

Adriana tem dezessete anos. Sua estrutura física enquadra-se no padrão prestigiado pela sociedade. Pele clara, alta, magra, cabelos lisos. O que mais sobressai nas entrevistas com Adriana é a sua busca por distinguir-se dos demais. Ela faz questão de ser considerada uma pessoa diferente e, para isso, utiliza-se de diversas estratégias. É possível dizer que ela consegue alcançar esse objetivo, uma vez que foi possível observar que as pessoas que a rodeiam realmente a consideram diferente das demais, mas essa característica nem sempre é vista, como Adriana gostaria que fosse, como positiva.

As duas primeiras entrevistas com Adriana contaram também com a participação de Elisa. O local da primeira entrevista – escolhido por elas – foi uma área arborizada, atrás das salas de aula, na escola onde estudavam. Essa foi a mais longa das entrevistas que realizamos; durou mais de duas horas. A Segunda entrevista foi realizada numa das salas da mesma escola.

A entrevista com os pais foi realizada na residência da família. Embora a pesquisadora tenha chegado ao local com quinze minutos de antecedência, todos já se encontravam na casa e prontos para começar. A entrevista transcorreu em clima de descontração, com muitos momentos de riso. O bom humor de Adriana é uma característica também de seus pais. Adriana também pensa assim: *“o meu pai, no final de noite, ele sempre termina com uma gracinha”*. Apenas o irmão de Adriana não participou da entrevista

porque não se encontrava em casa. Durante a entrevista, a mãe de Adriana se ausentou por alguns minutos para atender ao telefone. Os pais de Adriana, no momento da entrevista, vestiam roupas simples e mostraram estar bem à vontade para o encontro.

Posteriormente, foram realizadas outras quatro entrevistas, de menor duração, apenas com Adriana. Todos esses encontros ocorreram em salas da Universidade onde a pesquisadora leciona.

Foram entrevistados também sete professores de Adriana, além da funcionária do Setor Técnico Pedagógico da Escola.

Condições econômicas e culturais da família de Adriana

O pai de Adriana, 47 anos, tem o segundo grau técnico em Contabilidade e é Sargento do Exército; há dois anos passou para a Reserva. A escolarização do Seu Alfredo, foi, entretanto, bastante difícil. Morava com os pais, ambos analfabetos, na pequena fazenda da família em um município do norte do Estado de Goiás, até que sua mãe faleceu, quando ele tinha nove anos. Foi, então, morar com os padrinhos, em outra fazenda, no mesmo município. Eles eram donos da terra, mas tiravam dela “só o básico pra se viver”. O padrinho é analfabeto e a madrinha é alfabetizada mas não concluiu o “*primário*”. Até os dezoito anos, conseguiu estudar até a terceira série. Ao chegar a época de servir o Exército, Seu Alfredo foi para a cidade, onde pôde retomar os estudos. O quartel daquela cidade foi transferido para o município em que mora atualmente. Quando terminou o serviço militar obrigatório, deveria retornar à fazenda, mas isso significava interromper os estudos. Como queria continuar a estudar, a opção foi permanecer no Exército. Estudava até bem tarde da noite para poder recuperar as ausências a que era obrigado a se submeter em função dos acampamentos do quartel.

Seu Alfredo, na maior parte de sua carreira militar, trabalhava em seção administrativa do Exército, em um setor atualmente chamado de “*Setor*

de Inteligência”, que lida essencialmente com informação. Segundo Adriana, o setor estava voltado para a obtenção tanto de informações mais simples, como promoções e transferência de militares entre as unidades do Exército, até aquelas bem mais complexas, como investigação sobre militares que cometeram algum tipo de delito, ou mesmo, como também esclarece Adriana: “*na época da ditadura, esse setor recebia todas as informações das pessoas que tavam cometendo ato subversivo e daí encaminhava pra ver se essas pessoas deveriam ser presas ou não*”. Em função disso, Seu Alfredo precisava estar sempre bem informado. Desde a época da ativa, assiste diariamente a telejornais, e, eventualmente, lê jornais impressos, principalmente as partes de política e economia, atividades que ele faz (fazia) não somente por obrigação, mas também por prazer. Seu Alfredo, segundo ele próprio, foi escolhido para trabalhar no “Setor de Inteligência”, não apenas pela sua habilidade técnica – saber datilografar – mas também por mérito, por ter sido considerado “um bom soldado”. Lá tinha, segundo Adriana, alguns privilégios que nem todo militar tem; ficou um bom tempo sem usar farda, por exemplo. Um dado é bastante significativo para demonstrar o prestígio que Seu Alfredo detinha no Exército. Na época da ativa, apenas ele e outro militar sabiam decifrar um código secreto que o Exército usava em mensagens confidenciais. Por esse motivo, Seu Alfredo, com freqüência, era convocado fora do horário normal de expediente para decifrar mensagens.

Atualmente, Seu Alfredo é presidente da associação de moradores do bairro, por isso redige ofícios com alguma freqüência. Segundo a esposa, é bom orador, e por isso se sai bem nas reuniões da associação de moradores, embora para ela essa atividade não combine muito com ele, por ser militar. Para Adriana, a mãe disse que a participação em Associação de Moradores não combina com o pai militar, porque “*na cabeça de todo mundo, militar tem que seguir aquela ordem, não pode fazer nada que saia da linha*”, e na Associação de Moradores é preciso, segundo ela, “*fazer o famoso jeitinho para conseguir o que se quer com os políticos*”. A participação na associação de moradores não foi a primeira participação em movimentos sociais de Seu Alfredo. Ele contou que, quando fez o ensino médio, participou de grêmio

estudantil. Seu Alfredo tem, ainda, outros hábitos de escrita. Anota tudo o que tem para fazer, e como, segundo ele, nunca se lembra dos números de telefone, mantém sua agenda atualizada. Para Adriana, o pai é um *“cidadão que qualquer economista acha ideal, porque anota todos os gastos, faz um saldo no final de cada mês com tudo que ele gastou: açougue, gasolina, água, luz, supermercado”*.

O pai de Adriana é o mais novo dos filhos de seus pais; tem uma irmã e um irmão. A irmã mora até hoje na fazenda e cursou até a quarta série. O irmão terminou a oitava série e mora atualmente em Brasília.

Em relação à família do padrinho, Seu Alfredo não é o caçula. Há duas filhas mais velhas do que ele, e um filho mais novo. A mais velha concluiu o magistério; a outra, o curso técnico em Contabilidade (2º grau), ambas na cidade do interior do estado de Goiás, onde moravam. O filho mais novo de seu padrinho foi o que mais longe chegou nos estudos: concluiu o curso superior de Administração.

Seu Alfredo disse que não tentou fazer um curso superior por uma questão de comodismo. Mais tarde ele próprio nos apresentaria outro forte motivo para não dar continuidade a seus estudos.

A mãe da Adriana, Dona Lourdes, 44 anos, não teve mais facilidades que o marido. Viveu em fazenda no interior de São Paulo de forma bastante itinerante. Seu pai era vaqueiro e *“hoje tava aqui, amanhã mudava, ia para outra fazenda”*. Seu pai adoeceu e a família teve que partir em busca de recursos para o tratamento. Foram para o Mato Grosso e, posteriormente, vieram para a cidade do interior de Goiás onde esta pesquisa foi realizada, para que seu pai fosse internado em um sanatório. Dona Lourdes, até essa ocasião, já com doze anos, ainda não tinha freqüentado a escola. Sua mãe, para sobreviver com o marido internado, trabalhava como doméstica em fazenda. Dona Lourdes e suas duas irmãs, para poderem estudar, permaneciam na cidade, trabalhando, também como domésticas, *“a gente ficava por aí, trabalhando na casa dos outros”*. Fez a pré-alfabetização, a primeira e a segunda séries num ano só, *“já era do tamanho que sou hoje, praticamente”*. No ano seguinte, na terceira série, foi expulsa do colégio por

indisciplina, “*as irmãs [freiras] eram muito enjoadas e eu respondia*”. No ano seguinte, voltou à mesma escola para cursar a quarta série. Como não foi aprovada no exame de seleção de um colégio estadual para cursar o “*ginásio*” (5ª à 8ª séries), a irmã a obrigou a cursar novamente a quarta série. Conseguiu ingressar no “*ginásio*”, mas foi reprovada um ano: “*porque matava aula para ir ao cinema*”. “*Não foi fácil não. Nunca gostei de estudar.*” Em 1979, Dona Lourdes cursava a terceira série do ensino médio, junto com o então já seu marido, Seu Alfredo. Ficou grávida e interrompeu os estudos.

De lá para cá, Dona Lourdes, que se mostrou um tanto envergonhada quando respondeu à entrevistadora que não havia concluído o ensino médio, retomou os estudos por três vezes, mas alguma coisa, normalmente problemas de saúde na família, sempre a fazia interromper a trajetória novamente. Pretende retornar à escola brevemente, para concluir o último período do supletivo que recentemente abandonou.

A mãe de Adriana disse não gostar de ler jornais, no máximo as manchetes da primeira página e uma “*olhada*” no caderno 2. Quando jovem, gostava de ler fotonovelas, e atualmente, lê alguns livros espíritas e evangélicos, além de se interessar por literatura sobre doenças e suas curas. Não tem o hábito de anotar nada, nem mesmo números de telefone, já que, segundo ela, tem muita facilidade para decorá-los.

São três os irmãos de Dona Lourdes: duas irmãs mais velhas e um irmão mais novo. As irmãs, quando ainda residiam no interior de São Paulo, conseguiram estudar porque o pai permitia que elas ficassem “*na casa de alguém na cidade*”. Ela também teria tido essa oportunidade, mas não quis aproveitá-la: “*eu não saía da barra da saia da minha mãe nem por nada*”. Uma das irmãs estudou até a oitava série, e outra está, em 1999, cursando a quarta série nesta cidade. O irmão não teve a mesma oportunidade que as irmãs. Quando já moravam aqui, o pai internado e a mãe trabalhando na fazenda, Dona Lourdes e suas irmãs trabalhavam, como já se indicou, como domésticas na cidade, para poderem estudar. O irmão, como “*não tinha como trabalhar como doméstica*”, ia para a fazenda com a mãe, só iniciando os estudos mais

tarde. Esse irmão, segundo Dona Lourdes, é muito inteligente, mas, por falta de oportunidade, só cursou até a oitava série.

Segundo a família, um primo de Dona Lourdes, com quem Adriana não mantém contato freqüente, é poeta. Tem dois livros publicados.

Dona Lourdes diz que sempre foi “*muito voltada para o social*”. Já fez parte da diretoria da Associação de Moradores do bairro onde mora, mas desistiu desse trabalho “*porque tinha muita política, eles não estão muito preocupados com o povo, só quer saber de fazer nome pra ganhar voto*”. Durante o ano de 1991, trabalhou no IBGE, como recenseadora. Gostou muito do trabalho, porque visitava pessoas humildes em suas residências, inclusive na área rural, e conversava com elas. Em 1995, fez um concurso da Prefeitura Municipal para o cargo de “*Agente de Saúde*”. Nessa época nem tinha a intenção de trabalhar fora, mas ficou estimulada com a leitura do edital do concurso. “*No edital tava escrito: pesquisa nos bairros, trabalhar com um tipo de pessoa assim... saber da vida deles, conversar*”. Como o regime de trabalho era de um período só, resolveu fazer o concurso, já que poderia conciliar o trabalho com as tarefas de casa. O projeto inicial da Prefeitura não foi adiante, mas os aprovados no concurso foram admitidos para outras funções. Dona Lourdes trabalhou durante um ano como Auxiliar de uma dentista que, paga pela Prefeitura, atendia – como outros profissionais do mesmo ramo – pessoas carentes. Posteriormente, foi trabalhar como secretária da coordenação desse projeto de saúde bucal. Além de toda a parte burocrática do projeto, Dona Lourdes é a responsável pelo agendamento de tratamento odontológico. As pessoas carentes a procuram para que ela possa conseguir uma vaga com um dos profissionais conveniados. Dona Lourdes diz gostar muito dessa atividade, porque é uma oportunidade que tem de ajudar “*pessoas humildes*”.

Dos avós de Adriana, somente a avó materna é alfabetizada, tendo estudado em casa apenas o suficiente para as habilidades iniciais de leitura e escrita.

Adriana tem somente um irmão, Aurélio, de dezenove anos, que, em 1998, concluiu o ensino médio em um colégio particular de relativo prestígio na cidade. Em 1999, ingressou no Exército e, portanto, não prestou vestibular.

Sua intenção inicial era a de seguir a carreira militar. Mas, poucos meses depois de ter ingressado, já declarou ao pai que não está gostando muito de lá. Nunca trabalhou. Segundo a família, ele não gosta de estudar, mas “*tem muita facilidade de fixar o aprendizado*”, principalmente em relação a disciplinas que exijam cálculos. Por isso, embora não se dedicasse aos estudos, acabava tirando nota suficiente para ser aprovado. No primeiro ano do ensino médio, entretanto, ficou reprovado.

Segundo Seu Alfredo, a família não tem assinaturas de revistas ou jornais. Há em casa alguns livros antigos de ensino médio da época em que Seu Alfredo estudava. Apesar da sugestão de Dona Lourdes, esse livros não foram doados, porque Seu Alfredo acredita que eles ainda possam ser úteis às pesquisas escolares dos filhos. Há também livros espíritas, mas Adriana nunca os leu. Adriana contou que não possui livros de literatura porque são caros; como lê muito, prefere pegá-los na biblioteca ou emprestado de alguém.

Moram na mesma casa há vinte anos, desde que Seu Alfredo e Dona Lourdes se casaram. Para a mãe da Adriana, o bairro onde moram “*é um lugar bom de morar pra gente, na classe da gente; se todo mundo tivesse um lugar para morar como esse...*”. A casa, que está localizada em bairro popular, bem afastado do centro, foi reformada algumas vezes. A última reforma ocorreu há bem pouco tempo. As únicas partes da casa vistas pela entrevistadora foram a sala e o banheiro. Mas pôde-se observar, que, além da sala, cozinha, copa, banheiro e garagem, a casa tem três quartos. Na sala encontram-se um conjunto de estofados, uma estante e um ventilador sobre um banco. O conjunto de estofados, em napa, é formado por três peças – um, dois e três lugares – e está bem conservado. A estante, em madeira, que nos pareceu nobre, é grande, tem muitas partes fechadas com portas, o que impossibilitou a visualização de seu conteúdo. Há poucos bibelôs na estante. Os poucos livros que aparecem na estante são a enciclopédia Delta Júnior e dicionários. O banheiro estava limpo. Ainda assim, Dona Lourdes fez questão de se certificar disso antes de permitir que a entrevistadora entrasse nele. Na passagem para o banheiro, a entrevistadora pôde ver parte da copa e da

cozinha, amplas e limpas. Na garagem, que dá acesso à casa, um automóvel bem conservado, de linha popular, também limpo.

A última reforma da casa foi feita por ocasião da transferência do Seu Alfredo para a reserva do Exército. Na ocasião, segundo Dona Lourdes, ficaram em dúvida quanto a reformar a casa onde moravam ou construir outra casa em outro bairro. Escolheram a primeira opção porque *“para isso [construir outra casa] tinha que pegar financiamento na Caixa porque o dinheiro não dava”*. Na última reforma, segundo a mãe de Adriana, fizeram poucas alterações na casa, *“o que a gente fez aqui por último foi só trocar piso, pintura, janela, mas ela [a casa] já era aumentada”*.

Adriana e seu irmão estudaram em escolas particulares no início de suas vidas escolares (1ª a 4ª séries) e no ensino médio, sem que para isso tivessem a necessidade de trabalhar. Poder-se-ia, assim, concluir que a família de Adriana possui uma certa distância de necessidades econômicas. De fato, Adriana não se recorda de ter sido privada de algum conforto porque o dinheiro estava sendo empregado no ensino particular. Entretanto, Adriana afirmou que durante muito anos, mesmo antes de a mãe trabalhar fora, o pai

“passava a roupa da família inteira, duas vezes por semana, porque como ele sempre diz ‘Você contrata uma pessoa, você paga, e acaba que ela é... desperdiça, desperdício de comida, de água pra fazer as coisas, de luz, porque eles não estão muito preocupados porque não é deles. Então o dinheiro que gastaria com isso as tarefas seriam divididas entre nós da família e o dinheiro ficaria pra outras coisas... por exemplo, para o estudo [...] Atualmente tem uma pessoa que lava e passa, mas, quando a gente era pequeno, foi sempre ele, ele passava a roupa da família inteira, e às vezes até guardava, porque a gente deixava num canto.”

E passar roupa não era a única tarefa doméstica executada por Seu Alfredo, na verdade, segundo Adriana, ele

“sempre fez serviços domésticos: aliás acho que até mais que minha mãe. Ele sempre foi assim... de fazer almoço. Quando ele era mais novo, os amigos dele criticavam. Uma vez eu me lembro de uma cena engraçada, tá lá o meu pai fazendo janta com pano de prato no ombro e colher na mão, batem na porta. Aí vai meu pai desse jeito abrir a porta e é lá do Quartel... uma doméstica ((risos)).”

Embora Adriana não concorde que tenham sido feitos sacrifícios para que tanto ela como o irmão tenham estudado em escolas particulares, percebe-se que, sem, talvez, a economia no orçamento feita principalmente graças à disposição de Seu Alfredo em executar tarefas domésticas, apesar de sofrer crítica dos amigos militares, e ao controle rigoroso dos gastos, a família não teria conseguido dar aos filhos a educação que consideravam a melhor.

Trajetória escolar de Adriana: regularidade

A trajetória escolar da Adriana é muito regular. Ela considera ter sido sempre boa aluna. Seus pais e professores confirmam essa versão. As iniciativas para estudar, ler e mesmo participar das atividades extra-classe da escola sempre foram dela própria. Segundo seu pai, “*ela fazia as tarefas e mais alguma coisa*”. A mãe contou que, já no jardim de infância, Adriana era sempre a “*narradora*” nas peças teatrais. A professora Nice, que acompanhou Adriana durante a terceira e quarta série, afirmou que ela era sempre muito “*disposta*”: “*ela sempre em festa junina era das meninas que cuidava do caixa, que rebentava pipoca, que saía pra vender as pipocas*”. Para essa professora, Adriana se destacava por ser alegre e extrovertida.

Começou a estudar com cinco anos. Até a quarta série, estudou em um colégio tradicional de ensino particular ligado à igreja católica, que, em tempos mais remotos, era apenas feminino. Ainda hoje a direção do colégio é realizada por freiras. A partir da quinta série, passou a estudar na Escola Técnica Federal de Goiás. Em 1999, já na segunda série do ensino médio, transferiu-se para outra escola particular.

Ela disse que sempre gostou de estudar, que já chegava em casa, de volta da escola, com vontade de fazer as tarefas. Para a mãe, “*ela quer saber mais, mais e mais; quanto mais ela sabe, mais ela quer aprender: se ela tira uma nota tal, ela quer uma melhor*”. A professora de Português da oitava

série, Márcia, disse que Adriana é do tipo de aluna que “*suga*” o professor, fazendo com que este tenha que “*ir atrás’ tanto na parte do conteúdo como na parte metodológica*”. Esse gosto pelo estudo pode ser apontado como traço fundamental na trajetória escolar de Adriana.

Ela relatou alguns episódios ocorridos nas primeiras séries escolares que considerou significativos. No final do jardim de infância, já era capaz de ler e decorar textos, o que fazia com que participasse, com muita frequência, de representações teatrais. Participou da representação de uma peça teatral em que havia três bonecas, a dorminhoca, a beijoqueira e a tagarela. Adriana representou a tagarela, porque, segundo ela, sempre foi bastante expansiva. Uma história em quadrinhos criada por ela foi escolhida para ser publicada no jornal da escola, o que pode sugerir que, desde o início de sua vida escolar, Adriana escrevia bem. Segundo ela, gostava bastante de escrever, possuindo, inclusive, um diário onde escrevia seus problemas. Ao final da quarta série, foi oradora na “*formatura*” da turma.

Além de ser “*boa*” aluna pelos seus resultados em avaliações, Adriana mostrou ser também uma “*boa*” aluna no que se refere à disciplina da escola. Desde os primeiros anos escolares, ela demonstrou adaptação ao que se pode chamar de “*jogo da escola*”. A professora Solange, da quarta série, disse que “*ela sempre foi disciplinada; ela nunca foi uma menina rebelde; ela não respondia*”. A professora Nice contou que Adriana sabia perfeitamente a hora de falar e de calar.

“Fui uma professora muito brava, mas ela nunca teve medo de mim. Quando eu estava brava, ela sabia ficar calada; ela sabia brincar na hora certa. Sabe aquela pessoa que entende o outro pelo gesto, pela cara, pelo olhar?”

Com cerca de dez anos, gostava de escrever poesias. Algumas delas ainda estão, segundo ela, guardadas em seu quarto.

Considera já ter entrado na escola com uma certa base, já que acabava aprendendo alguma coisa – sobretudo o abecedário e os números – com seu irmão, alfabetizado dois anos antes dela. Ela foi alfabetizada com a cartilha “*Casinha Feliz*”, da qual gostou muito.

“Tinha a casinha e tinha os bonecos. O livro, para falar a verdade, tinha um complemento ali da história, pro aluno ter em casa e ir acompanhando. Então foi o ano inteiro trabalhando a tal da casinha feliz, sabe? Eu me lembro que teve uma fase do pré que parece que a casinha inteira estava dentro da minha vida, assim, que eu me identificava tanto”.

Adriana lembra-se bem de suas professoras das séries iniciais, tendo apontado três – da pré-alfabetização, da terceira e da quarta séries – como significativas para o processo de sua escolarização, principalmente para a aquisição de sua competência lingüística. Em relação à professora da pré-alfabetização não tem clareza, entretanto, se essa lembrança está fundamentada mais pelo emocional. *“Porque eu gostava muito dela... eu não sei até que ponto... como faz muitos anos”.*

Considera já ter entrado na quinta série com uma noção muito boa de gramática, produção e interpretação de textos, em função principalmente do que estudou na terceira e quarta séries. Essas professoras, conta Adriana, freqüentemente trabalhavam com textos de revistas e jornais.

Na quinta série, com o professor de Português, Sérgio, começou a fazer, além de *“narrações”*, *“dissertações”*, o que, segundo esse professor, é incomum nessa série, já que normalmente os programas adotados nas escolas sugerem que os alunos só produzam *“dissertações”* a partir da sétima série. Escrevia sempre bastante e suas redações sempre eram escolhidas como as melhores para serem lidas em classe. Esse professor confirmou o bom desempenho de Adriana, afirmando que os textos da Adriana tinham uma qualidade *“fantástica”*. Disse que ela era sempre muito participativa nas aulas; era *“espontânea e muito ativa”*. Se era interrompida em sua fala por algum *“tumulto”* na sala de aula – relatou o professor -, ela logo *“implicava com os tumultuantes”*, dizendo que queria ter *“direito à fala”* e conseguia o silêncio necessário. Adriana, segundo o professor Sérgio, gostava da correção que era feita em seus textos, principalmente dos bilhetinhos que o professor sempre escrevia como forma de estímulo, tanto que deixava *“um espaço exclusivo para o bilhetinho, normalmente ilustrado com florzinhas”*. E, se o bilhete não vinha, a cobrança era certa.

Seu Alfredo confirmou que Adriana realmente sempre gostou de escrever muito. Disse que a filha tem maior facilidade com letras do que com números, ao contrário do filho Aurélio. “*Fala para ele escrever uma redação, ele escreve o mínimo possível[...] Agora fala para ela escrever uma redação, ela escreve duas, três páginas*”. A professora Márcia também confirmou que os textos que Adriana produzia eram, além de bem organizados, longos.

Na sétima série, aconteceu um episódio que marcou bastante a memória de Adriana. No início do ano letivo, a professora de Geografia pediu que os alunos fizessem um trabalho sobre os países socialistas que estavam em transição para o capitalismo. Ao devolver os trabalhos para a turma, já corrigidos, a professora conversou com Adriana. Disse que tinha mostrado o trabalho dela para vários colegas de profissão e todos foram unânimes em afirmar que a conclusão do trabalho não poderia ter sido escrita por uma aluna de sétima série. Adriana afirmou que tinha sido ela a autora do texto, mas parece que não convenceu a professora. Com o passar do ano letivo, entretanto, a professora foi conhecendo melhor a capacidade da Adriana e se desculpou por ter sugerido que ela tivesse tido a ajuda de alguém para fazer aquele trabalho.

Na oitava série, a professora Márcia, de Português, foi, de acordo com Adriana, bastante significativa. Com ela aprendeu que não se deve “*ficar estudando pronomes, adjetivos, análise sintática, fora do texto. Você tem que saber análise sintática para quando você for produzir um texto, você elaborar frases, fazer com que as palavras, com que a idéia ali seja clara*”. Segundo Adriana, essa professora “*era contra essa história de você ficar estudando gramática separado de redação, da produção de texto*”. Essa professora contou que Adriana, além de leitura e produção de textos, interessava-se também pelo estudo gramatical. Frequentemente ela pedia que algum conteúdo específico fosse trabalhado pela professora.

O professor Marcelo, de História, disse que Adriana sempre produziu bons textos e com muito capricho. Citou uma prova que ela fez no primeiro ano do ensino médio. “*Brilhante*”, “*maravilhosa*”, segundo ele. Adriana concluiu

essa série com média dez na disciplina de História, o que significa ter alcançado a nota máxima em todas as avaliações do ano letivo.

Para Adriana, o que a diferencia do restante da turma não são suas notas, afinal outros alunos têm desempenho semelhante. A distinção está no fato de se expor muito. Ela se considera a “*palhaça da turma*”, porque, segundo ela, todos riem de suas piadas ou de suas perguntas por vezes “*idiotas*”. Considera-se uma “*CDF¹ descontraída*”, ao contrário de outros CDF muito “*formais*”. Reforçando essa idéia, a professora Márcia disse que a turma via Adriana como intelectual, “*só que intelectual-rebelde*”. A professora Nice também compartilha essa opinião. Para ela, “*Adriana não era aquela CDF assim... tem aquele CDF que sabe tudo, mas não consegue ensinar para os outros e não consegue trabalhar em grupo*”. Adriana, ao contrário, estava sempre disposta a ajudar os outros. Essa professora, no dia da entrevista, trouxe três “*livros literários*” criados por Adriana e chamou a atenção de que os três trabalhos foram realizados em duplas e Adriana não repetiu os parceiros de grupo. “*Ela não era uma menina muito fechada, não; estava sempre auxiliando os colegas*”. A professora Márcia, na oitava série, entretanto, não se recorda de ter presenciado nenhum momento em que Adriana tenha ajudado aos amigos em suas tarefas escolares.

Adriana se sente como porta-voz da turma, “*muitas vezes as pessoas depositam na gente [referindo-se também à Elisa] a esperança de que a gente fale, que a gente reclame*”. A professora de Inglês da primeira série do ensino médio, Selma, acha que Adriana exerce papel de liderança na turma, relatando inclusive episódios em que ela protestava quando outros alunos eram repreendidos pela professora.

Afirmou ter lido, ainda no colégio onde cursou até a quarta série, “*Pequeno Príncipe*”, “*Robinson Crusoé*” e “*Bolsa Amarela*”, além de ter tido muito contato com livros da Ruth Rocha. As professoras disseram que Adriana leu durante a terceira série no mínimo trinta livros, e, durante a quarta, no mínimo quarenta livros de literatura. Essas leituras influenciavam seu desempenho não só na elaboração de textos escritos, mas também em relação

a outros aspectos necessários à montagem de um livro literário. Os “*livros literários*” que, como foi dito, foram trazidos pela professora Nice no dia da entrevista, além de mostrarem a qualidade do texto escrito, também mostravam outras características interessantes, por exemplo, em relação à ilustração ou ao fato de Adriana localizar geograficamente seus personagens.

Adriana disse que leu bastante, principalmente a partir da quinta série, quando começou sua amizade com Elisa. Gostavam de competir para ver quem lia mais. Essa disposição para a competição pode também ser apontada como um traço que se sobressai na trajetória de Adriana rumo à capacidade de comunicação que tem hoje. Embora tenha lido muito a partir dessa época, fez poucas leituras exigidas pela escola.

Quando Adriana gosta muito de um livro, como aconteceu com “*Cem anos de solidão*”, ela o lê desejando que não acabe. Por outro lado, ela já pensa em reler os livros que leu, mas quando pensa no quanto ainda há por ler, desiste de reler mesmo aqueles de que gostou muito, ocupando-se com novas leituras. De qualquer forma, é bastante significativo para essa pesquisa constatar que Adriana sabe que faria uma outra leitura caso relesse os livros de que gostou, “*eu sei que vou ter uma visão diferente da que tive há um ano*”, pois mostra a maturidade dela como leitora.

Em 1999, tanto Adriana quanto Elisa saíram da Escola Técnica. Passaram a estudar em um colégio particular da cidade. A trajetória de Adriana nessa escola, da quinta série do ensino fundamental à primeira série do ensino médio foi marcada por bons resultados e também por muitos protestos da parte dela, especialmente durante os anos de 1997 e 1998.

Em 1997, ainda na oitava série, juntamente com Elisa e um aluno do ensino médio, participou da SEMANTEC – feira de ciências que ocorre todos os anos na Escola Técnica – com um trabalho sobre loucura. A orientação do trabalho foi feita pelo professor Marcelo, de História, e pelo professor Aroldo, de Teatro. O trabalho não foi considerado científico pela Banca Julgadora, e recebeu apenas o prêmio de criatividade e originalidade. Sentiram-se bastante injustiçados e Adriana, no dia da premiação, foi ao palco e, no microfone,

¹ CDF é uma sigla muito comum nos meios escolares brasileiros e serve para designar os alunos que

expôs todo o seu descontentamento. O trabalho, segundo elas, foi bastante profundo e envolveu várias áreas de conhecimento, teatro, música, fotografia, poesia. Pesquisaram bastante e leram dois livros: “O que é loucura” e “O suicídio pela sociedade”. Adriana justificou assim: *“Não era que a gente estava se sentindo assim melhor que os outros, mas porque a gente tem consciência do nível das coisas que a gente faz, então a gente sabia que o nosso trabalho estava bom”*. A partir desse relato, duas observações podem ser feitas: a) loucura não é um tema que pode ser considerado comum em feira de ciências, o que pode indicar um indício de uma relação não-escolar com a escola; b) percebe-se um desejo de Adriana em querer distinguir-se dos demais participantes da SEMANTEC; essa busca pela distinção será mais profundamente discutida ainda neste capítulo.

Logo no início do ano de 1998, Adriana e outras quatro alunas de sua turma, dentre elas Elisa, estiveram na sala da Coordenadora de Ensino, para protestar contra o professor de Matemática, que fugia sempre do programa e não tinha critérios de avaliação considerados justos pela turma. Fizeram longa exposição² sobre os motivos que as levaram a solicitar a substituição do professor. Motivos esses bem escolares, já que a principal queixa contra o professor era o fato de ele ocupar suas aulas com assuntos que não se referiam diretamente à resolução de cálculos matemáticos, e sim à *“história e a teoria da matemática”*. Adriana e Elisa elaboraram uma carta, oficializando o pedido. O resultado foi favorável às alunas, o professor foi substituído.

Meses depois novo desentendimento. Dessa vez com a professora Selma, de Inglês. A professora pediu que todos passassem a prova a limpo no caderno, enquanto organizava seus diários. Como Adriana havia tirado nota máxima na prova, ela se recusou a cumprir a tarefa.

“Escrevi as duas primeiras frases, fechei o caderno, não consigo passar esse negócio a limpo, vai contra os meus

obtem bons resultados. Significa “Cu de ferro”, “Caxias”.

² Num dos primeiros contatos com a escola, antes mesmo de estarem escolhidos os sujeitos dessa pesquisa, a Coordenadora de Ensino afirmou ter ficado bastante impressionada com a fluência verbal das alunas que protestaram contra o professor de Matemática.

princípios... Se ainda fosse uma prova de História ou de Geografia, em que eu pudesse ter mudado de opinião”.

Diante da recusa da aluna, a professora a ameaçou de tirar um ponto da nota de sua prova. A aluna procurou o órgão encarregado de orientação educacional da Escola, para ter a garantia de que a professora não poderia tomar aquela atitude.

A professora Selma havia, durante a oitava série, separado Adriana de Elisa durante as suas aulas, o que as chateou bastante. O motivo alegado pela professora era de que elas conversavam muito e atrapalhava a aula. Adriana argumentou bastante e a professora voltou atrás em sua decisão.

Uma noite, Dona Lourdes surpreendeu Adriana chorando em seu quarto. Ela estava angustiada com problemas que via na escola.

“Na minha sala tem menina que tem filho e não tá nem aí, não quer estudar; é professor que não quer nem saber se a gente quer vencer na vida, se a gente quer prestar vestibular, está lá só pra encher lingüiça na sala de aula” (mãe, reproduzindo a fala da filha).

Por tudo isso, o ensino médio na Escola Técnica não correspondeu às expectativas de Adriana, que assim resolveu aceitar a oferta do pai, já realizada no início do ano anterior, para ser transferida para uma escola particular.

Aquisição dos gostos: uma influência não-familiar e não-escolar

Marcelo exerceu, segundo Adriana, muitas influências sobre ela, principalmente no que se refere à literatura, música e cinema. Ele foi seu professor de História na quinta série do ensino fundamental e na primeira série do ensino médio; e de Ensino Religioso, na oitava série. Apesar de as influências terem vindo de um professor, são consideradas não-escolares porque ocorreram muito mais, ou exclusivamente, pelo fato de serem amigos.

Marcelo tornou-se amigo de Adriana antes de começar a influenciá-la em seus gostos. Além disso, literatura, música e cinema não são, a princípio, inerentes à disciplina de História. Embora se conheçam desde 1994, a “*amizade, amizade mesmo, da gente ficar amigo mais... assim... sair e se falar mais... assim... extra escola, veio da oitava série pra cá*”. Antes disso, segundo a Adriana, “*se encontravam pelos corredores e batiam papo*”, de forma que, “*sempre teve uma ligação*”. Marcelo confirma essa versão: “*acho que mesmo na quinta série eu já tinha elas [referindo-se também a Elisa] como amigas, porque eu já gostava tanto delas... mas nessa época não rolou essa aproximação tanto, acho que mais pela idade também*”, já que as meninas eram muito novas.

Veio dele sua maior influência de leitura. Marcelo confirmou isso:

“Eu sempre falei da literatura, embora não tivesse lido tanto. Embora a literatura não tivesse sido importante pra mim, mas eu vi nas pessoas com que eu me relacionei como a literatura foi importante pra eles.”

Foi através dele que tanto ela quanto Elisa começaram a se interessar por Machado de Assis. Esse professor contou para elas que uma amiga dele havia lido “*Memórias Póstumas de Brás Cubas*” com doze anos de idade. Isso fez com que elas se sentissem desafiadas a fazê-lo. A tentativa foi feita com o uso permanente de dicionário. Apesar do desafio, a leitura foi interrompida e adiada para os quatorze anos.

A partir dos quatorze, além de “*Memórias Póstumas de Brás Cubas*”, presente do professor Marcelo, leu, espontaneamente, outras obras de Machado: “*A mão e a luva*”, “*Dom Casmurro*”, “*Helena*”, “*Quincas Borba*”, “*Esaú e Jacó*” e alguns contos, como “*A cartomante*”. Adriana leu “*Dom Casmurro*” em apenas dois dias,

“fiquei viciada, eu não almocei, eu não jantei, eu não tomei café da manhã, eu não dormi, eu ia ao banheiro, tomava água, lendo assim com o dicionário do lado, mas eu nem tinha muita paciência pra procurar palavra que eu tava tão envolvida na história, na trama ali que eu comia o livro praticamente”.

Além de Machado, reforçando seu autodidatismo um tanto eclético, leu “Cem anos de solidão”, “O amor nos tempos do cólera” e “Olhos de Cão Azul”, de Gabriel Garcia Marquez, “Metamorfose” e “O artista da fome”, de Franz Kafka, “O estudante”, de Adelaide Carraro, “O Evangelho segundo Jesus Cristo”, “Todos os nomes”, “Ensaio sobre a cegueira”, “Memorial do Convento” e “A bagagem do viajante”, de José Saramago, “O nome da rosa”, de Umberto Eco, os quatro volumes de “As brumas de Avalon”, de Marion Zimmer Bradley, “Poemas completos de Alberto Caeiro”, “Ficções do Interlúdio” e “Livro de desassossego”, de Fernando Pessoa e seus heterônimos, “A insustentável leveza do ser”, de Milan Kundera, “O anjo Pornográfico”, de Ruy Castro, “O tempo e o vento”, “Incidente em Antares” e “Clarissa”, de Érico Veríssimo, “Memórias de Adriano”, de Marguerite Yourcenan, “O senhor dos anéis”, de J.R.R. Tolkien, “O deserto dos Tártaros”, de Dino Buzzati, “O Estorvo”, de Chico Buarque de Holanda, “Recordações do Escrivão Isaías Caminha”, de Lima Barreto, “O amor natural” e “A rosa do povo”, de Carlos Drumond de Andrade, e antologias poéticas de Mário Quintana, Vinícius de Moraes e Carlos Drumond de Andrade. Segundo Adriana, dentre todos os livros que leu, apenas “Inocência”, de Visconde de Taunay, “Menino de Engenho”, de José Lins do Rego, e “Escrava Isaura”, de Bernardo Guimarães, foram solicitados pela escola.

O fato de Adriana e Elisa estarem lendo contribuiu, segundo Marcelo, para aumentar o relacionamento entre eles,

“A amizade da gente foi se cristalizando à medida que a literatura foi fazendo parte da vida da gente.”

Ultimamente, Adriana tem feito pesquisas na biblioteca municipal ou da escola, para localizar historicamente os romances que tem lido. Foi o que aconteceu, recentemente, com “As Brumas de Avalon”.

O Professor Marcelo também teve participação importante no gosto musical de Adriana e de Elisa. O interesse pela MPB – Música Popular Brasileira – começou pela leitura em uma gramática de Língua portuguesa de letras de músicas de Chico Buarque: “Tatuagem” e “Atrás da porta”. Sem saber que se tratavam de letras de música, elas mostraram as poesias para o

Marcelo, que se encarregou de gravar uma fita com essas e outras música do mesmo estilo para presenteá-las.

Adriana, atualmente, possui gosto diverso em relação aos adolescentes de mesma idade e com a mesma instrução. Declara que nunca gostou muito de música sertaneja, que é o estilo musical preferido da população da cidade. Apesar disso, achava que MPB era “*brega*”, considerando, como a maioria, que MPB é estilo musical destinado aos mais velhos. Até a música clássica foi alvo do seu preconceito. Adriana achava chato um menino que ela chamou de “*CDF nato*” só porque ele gostava de Beethoven. O interesse pela MPB só surgiu a partir da intervenção do professor Marcelo.

A professora Márcia confirmou que Adriana teve sempre “*muita preocupação cultural*”, já que “*gostava de música alternativa e teatro*”, além de assistir com frequência aos filmes exibidos no cine-clube da escola.

O professor Marcelo as influenciou também no gosto por filmes. Ele montou um Cine-Clube na Escola Técnica Federal e, além disso, exibia filmes para os alunos nos horários destinados às aulas de ensino religioso. Adriana gostou particularmente de “*Léolo*”, de Jean-Claude Lauzon, “*Tempos Modernos*”, de Charles Chaplin, “*A casa dos espíritos*”, de Bille August, “*O nome da rosa*”, de Jean-Jacques Annaud, “*O silêncio dos inocentes*”, de Jonathan Demme, “*A missão*”, de Roland Joffé.

Tudo isso faz com que Adriana tenha um gosto bastante diferente do que normalmente se acredita serem os gostos dos adolescentes. Não só em relação à literatura, música ou cinema, mas também em relação à programação de TV. Prefere os programas da TV Cultura e da TVE. A propriedade com que fala dos programas dessas emissoras não deixa dúvida de que Adriana realmente os assiste. Apesar de serem exibidos muito tarde da noite, Adriana, que precisa acordar cedo de segunda a sábado, já assistiu a alguns curta-metragens no programa “*Curta-Brasil*”.

Quanto aos programas de televisão assistidos pela família de Adriana, Seu Alfredo contou, não sem ele próprio ironizar, que assiste às vezes

ao “Programa do Ratinho”, que é apontado pela crítica como um programa de baixo nível cultural.

Os pais de Adriana, ao longo de todos esses anos de convivência da filha com o professor Marcelo, segundo ele próprio, tiveram posturas diferentes quanto ao relacionamento entre ambos. A primeira impressão do pai de Adriana em relação a Marcelo não foi muito boa. Estavam na rodoviária da cidade, quando Adriana começou a conversar com um “*homem barbudo e cabeludo*”. Seu Alfredo contou que imediatamente pensou que a filha estivesse fazendo amizades com um “*hippie*” com muita facilidade. Adriana, então, apresentou o professor ao pai e a má impressão inicial foi, lentamente, sendo dissipada. Depois, segundo Marcelo, passaram a reconhecer que as influências que ele passou à filha foram importantes para o crescimento dela. Mais recentemente, porém, tem surgido algum mal estar na relação entre os pais de Adriana e o professor. Seu Alfredo e Dona Lourdes ainda se mostram inseguros em relação à amizade entre eles, principalmente se vão passear juntos: “*quando a gente vai no cine-clube, alguma coisa assim, de sair, eles não falam mas eu percebo que eles ficam assim a pensar ‘Será que está certo, será que está errado’*”. Para Adriana, eles acabaram se acostumando com sua amizade por Marcelo, porque viram “*que não tem mais jeito*”. Há pouco tempo, porém, ocorreu um episódio na casa de Adriana que pode indicar que os pais dela já não estão tão satisfeitos com as influências do professor. Marcelo estava almoçando na residência de Adriana, junto com toda a família. Dona Lourdes o acusou explicitamente de ter influenciado a filha a deixar de comer carne. Adriana tornara-se, tal como o professor, vegetariana. Segundo Marcelo, “*começou a haver... eu senti... que velado... explícito entre eles e velado pra mim, começou a haver uma cobrança [...] não é só o fato de Adriana ter se tornado vegetariana, foi mais do que isso, eu sinto que vai além... e a tendência é isso se agravar*”.

A mobilização familiar: todos mobilizados para a ascensão social

A família mostra-se bastante mobilizada para a ascensão social e cultural como um todo, por isso o investimento familiar foi bastante significativo para o desempenho alcançado por Adriana.

Adriana considera que, no seu caso, sua família muito mais a apoiou do que necessariamente cobrou resultados. Houve sempre, segundo ela, um estímulo muito grande por parte dos pais a cada bom resultado alcançado nas avaliações escolares. Até hoje Adriana tem o hábito de mostrar seus textos e suas provas para os seus pais. Sendo sempre por eles estimulada. No caso de Aurélio, seu irmão, havia, entretanto necessidade de cobrança.

“Ele também foi cobrado, sempre foi... porque vivia dando problema. No [nome do colégio] às vezes ele dava problema, aqui na escola meu pai às vezes vinha na reunião de pais, chegava em casa e dava uma bronca danada, dizendo que tinha ouvido um monte de reclamação, que ele não parava quieto... E comigo, não. Comigo teve cobrança, mas não cobrança nesse sentido assim ferrenho da coisa”.

Observa-se nesse trecho da fala de Adriana que a estratégia de mobilização familiar destinada a ela é diferente da destinada ao seu irmão.

A disciplina em casa também foi bastante rígida. Dona Lourdes permitia que Aurélio brincasse nas ruas do bairro, mas, ao escurecer, diariamente, ia buscar o filho, sendo às vezes até criticada pelas vizinhas. Adriana, segundo ela por opção, quase não saía de casa, a ponto de algumas vizinhas pensarem que Dona Lourdes só tinha um filho.

Quando criança, Adriana possuía muitos discos de histórias infantis e os ouvia com muita frequência. Segundo ela, esse contato permanente com essas historinhas influenciou no seu gosto pela leitura e também a fez gostar de escrever narrações.

O pai, muito mais do que a mãe, encarregou-se de esclarecer as poucas dúvidas que Adriana tinha quando fazia as tarefas escolares. Adriana fazia as tarefas quando voltava para casa, à noite. Utilizava a mesa da copa,

onde o pai freqüentemente se encontrava para organizar seus documentos, “*meu pai é muito organizado, sabe? Como técnico contábil, ela acha que tem que fazer contabilidade dentro de casa*”. Esse auxílio do pai se estendeu até a sexta série. Se ele não tivesse a resposta na hora, procurava ler sobre o assunto para ajudar a filha. Seu irmão também teve esse mesmo apoio do pai. Dona Lourdes diz que se “*encabulava de ver a paciência do pai*”. Seu Alfredo, mesmo antes de Adriana estar na escola, nos finais de semana, brincava de escolinha com a filha. Ela sempre fazia o papel de professora; ele, de aluno. Ainda hoje, o pai acorda às cinco e meia da manhã para fazer café e levar Adriana à escola. Para Dona Lourdes, o marido é “*pai trinta vez*”. Seu Alfredo interessava-se realmente por acompanhar o crescimento dos filhos. Foi por isso que, segundo ele, além do comodismo já alegado, resolveu não fazer um curso superior.

As professoras Nice e Solange, terceira e quarta séries, confirmam essa informação. Era o pai que a ajudava nas tarefas escolares, era ele quem fazia os bilhetes porventura encaminhados à escola e era ele quem ia regularmente às reuniões de pais. O acompanhamento de Seu Alfredo era tão efetivo que a professora Nice se sentia constantemente cobrada por ele. Quando a Adriana não fazia as tarefas, um bilhete de Seu Alfredo sempre chegava às suas mãos, normalmente informando que Adriana não tinha compreendido o exercício, mas nas entrelinhas lia-se – de acordo com a professora – que ela (a professora) não tinha explicado bem o que era para ser feito.

A participação do Seu Alfredo nas reuniões de pais foi confirmada por todos os professores entrevistados. Todos eles, sem exceção, conhecem o pai de Adriana.

Para a professora Nice, o fato de Seu Alfredo ser “*muito presente*” influenciou no desempenho de Adriana, que sempre demonstrou muita confiança no que fazia. “*Ela sempre andava abraçada com o pai, junto com o pai... citava muito o nome do pai*”. A professora Solange concorda com essa opinião. Para ela, Adriana tinha o “*respaldo*” do pai. “*A gente percebe quando a criança tem mais segurança, quando ela tem uma figura por trás dela*”. Para a

professora Márcia também chama a atenção a segurança demonstrada pela Adriana. *“Ela atravessa assim no meio de todos sem se...às vezes tem umas que abaixam a cabeça. Ela não tem isso. É uma menina muito confiante, muito segura”*.

Na verdade, o acompanhamento que Seu Alfredo fazia em relação à escolaridade dos filhos ia muito além da simples verificação das tarefas escolares. Certa vez, a professora Nice, que também foi professora do Aurélio, trabalhou um livro de ficção em que um dos personagens era chamado de “Borda Gato”. Seu Alfredo, ao tomar conhecimento disso a partir de uma prova de Adriana, esteve na escola, munido de uma enciclopédia para mostrar para a professora que o nome correto do bandeirante é Borba Gato. Não adiantaram as justificativas da professora de que se tratava de um livro de ficção. *“Ele não concordou, achava que eu deveria cobrar o nome correto para eles não se confundirem mais tarde”*. A professora, então, em relação à Adriana, passou a admitir como correta a resposta “Borba Gato”, mesmo se a pergunta referia-se ao personagem de ficção. Percebe-se, aqui, apesar de sua formação, uma falta de familiaridade de Seu Alfredo com o universo da cultura escolar.

Seu Alfredo, segundo essa professora, sempre procurava provar o que dizia. *“O pai dela era muito assim, se tinha uma coisa que ele não concordava, ele nunca ia com as mãos abanando; ele sempre ia com um livro na mão”*. Com isso, para essa professora, Seu Alfredo ensinou para Adriana que *“as coisas que ele defendia, que ele acreditava, estavam nos livros; tinha um argumento maior do que ‘eu acho’ ou que ‘eu penso’, é o que tá escrito”*.

O pai, devido às exigências do trabalho, precisava estar sempre atualizado, por isso, diariamente, lia jornais e assistia a telejornais. Adriana também assistia aos telejornais junto com o pai e sempre lhe fazia perguntas sobre as coisas que não entendia, *“Pai, o que é bolsa de valores?... Por que Jerusalém (sic) e Palestina tá em guerra?... Por que o presidente Collor roubou?”*. O pai, que, segundo ela, é *“um caminhão de paciência”*, explicava-lhe durante os intervalos comerciais. Já naquela época, Adriana discordava das amiguinhas que insistiam em fazer as tarefas durante o horário do telejornal para depois assistirem às novelas.

Em uma situação relatada por Dona Lourdes, entretanto, Seu Alfredo não demonstrou paciência. Aurélio, no início de sua escolaridade, não queria ir para a escola. Chorava todos os dias e se recusava permanecer na escola, obrigando o pai a levá-lo de volta para casa. Dona Lourdes contou que Seu Alfredo foi, por vezes, bastante severo com o menino. Aqui, pode-se apreender que a paciência do Seu Alfredo está voltada apenas para o que propicie a ascensão.

Durante a entrevista, ficou claro que Seu Alfredo conhece detalhes do que acontece com os estudos tanto de Adriana quanto de Aurélio. Contou fatos recentes e antigos ocorridos com eles, o que mostra que a trajetória escolar dos filhos foi acompanhada de perto por Seu Alfredo. Todos os professores de Adriana entrevistados atestam que o acompanhamento do Seu Alfredo em relação à escolaridade da filha foi sempre muito efetivo.

O acompanhamento do Seu Alfredo, entretanto, vai além dos assuntos curriculares. Durante a greve dos professores, em 1998, o pai de Adriana solicitou ao Diretor da escola que convocasse uma reunião para discussão sobre a greve que pudesse contar também com a presença dos pais. Poucos dias depois, a reunião aconteceu e Seu Alfredo esteve presente e, segundo ele, participou ativamente do que foi discutido.

Segundo Adriana, ela tem traços que a identificam mais com o seu pai, como, por exemplo, o gosto e a dedicação pelo estudo, a organização com tudo que se refira à escola, ou mesmo o interesse por um conhecimento mais geral sobre o que acontece no Brasil e no mundo. Mas tem traços também, ainda segundo ela, que a identificam com a mãe. Ela considera que a mãe é “*brigona*”, ou seja, é uma pessoa que luta por seus direitos. “*Em paciência, em ficar lendo as coisas, ficar em cima até aprender, puxei ao meu pai, porque esta aqui [referindo-se à mãe] não tem muita paciência não. Mas alguns lados assim de brigar com o professor, essas coisas bem rebeldezinhas, puxei completamente à Dona Lourdes.*”

Adriana não trabalha e não terá necessidade de trabalhar mesmo estando estudando em escola particular. Seu irmão concluiu o ensino médio em escola particular e também nunca trabalhou. Adriana diz que o pai sempre

deu valor às “*boas escolas*”. Sempre se esforçou para que os filhos tivessem o melhor a nível de estudo. Seu pai chegou a ameaçar o irmão a transferi-lo para uma escola pública quando este repetiu a primeira série do ensino médio, mas, ainda assim, a ameaça não foi cumprida.

Como já foi dito, Adriana e Aurélio estudaram na mesma escola particular nas primeiras séries escolares (1ª à 4ª séries). Essa escolha se deu em função do renome que detinha essa escola na época, mas também por uma questão de facilidade, já que fica no caminho para o quartel, onde seu Alfredo prestava serviço. Em seguida estudaram na Escola Técnica Federal (Aurélio, da quinta à oitava série; Adriana, da quinta série do ensino fundamental à primeira série do ensino médio). A escolha dessa escola, que não é particular, se deu não só em virtude de que na época a Escola Técnica, ao contrário do que a família pensa hoje, era considerada uma boa escola, mas também, segundo Seu Alfredo, para “*conciliação do orçamento familiar*”. No ensino médio, Aurélio estudou em uma escola particular e Adriana está estudando em outra escola também particular. A escola onde Adriana estuda é a mais barata da cidade. A escolha dessa escola se deu porque, das duas escolas consideradas por Adriana como sendo de boa qualidade, essa era a mais barata.

A perspectiva do futuro: em busca da ascensão social

Tanto a mãe como o pai de Adriana enxergam para ela um futuro promissor. Acreditam que ela vai fazer o curso que escolheu, jornalismo, e se tornar uma profissional do ramo.

Adriana, que durante a primeira entrevista mostrou-se bastante segura em relação à escolha do jornalismo, pareceu insegura – em outra entrevista - quando perguntada sobre a sua perspectiva de futuro.

“Hoje eu me pergunto ‘será que é isso mesmo?’ Porque você fica pensando que você vai ter que encarar um mercado de trabalho e, diga-se de passagem, o jornalista não é um cidadão muito feliz, ele já é meio estressado. É muito trabalho, né? Às vezes não sei se quero isso. E é muito competitivo também aí já vem medo de enfrentar as coisas[...] É sempre assim na área de humanas, né? Porque você vê um cidadão que faz engenharia, odontologia, medicina, qualquer coisa do tipo, por mais que esteja competitivo o mercado, ele já sabe que vai ter um empregozinho garantido na pior das hipóteses, né? E aí você pensa ‘Ah, talvez eu faça Antropologia’ Mas aí vou trabalhar como, né? Viver de pensar? Muita gente consegue, mas nem todo mundo[...] [Na área de humanas] ou você vai ter que dar aula, o que não é um futuro muito promissor ((risos)) ou você vai arrumar um emprego que não tenha nada a ver com a área de seu curso, como acontece com muita gente, ou você vai ser um cidadão feliz, vai poder escrever, elaborar teses, publicar livros e ganhar dinheiro com isso, pouquíssima gente consegue[...] E aí eu fico com medo. Jornalismo tem muito esses dois lados. Eu tenho vontade pelo fato de... comunicações, escrever, estar em contato com coisas novas e história, gosto muito de geografia, mas tenho medo de achar que não vou conseguir emprego”.

Esse longo trecho da entrevista com Adriana mostra que ela está escolhendo uma profissão pautada principalmente pelo retorno financeiro e pelo prestígio que a função lhe traria que pelo prazer de desempenhar essa ou aquela função, isso fica claro nos dois momentos em que a palavra feliz aparece: *“o jornalista não é um cidadão muito feliz”* e *“feliz... é poder ganhar dinheiro com o trabalho”*. Percebe-se nessa postura de Adriana uma influência muito mais paterna do que materna.

A professora Nice disse acreditar que ela vai se destacar em profissão em que tenha que falar. *“Eu vejo ela como uma promotora, uma juíza; eu não vejo ela como uma advogada dentre tantos advogados”*. Essa professora disse vislumbrar para Adriana um sucesso além do normal na profissão que escolher. *“Se ela for fazer jornalismo, ela vai trabalhar de escrever livros, de emitir opinião”*. Até na política, para essa professora, Adriana se destacaria em função da habilidade que tem para se expressar. Além disso, *“ela seria uma pessoa envolvida com a sociedade, com as causas”*.

A professora Márcia acha que Adriana, além de “*carismática*”, tem um poder de comunicação “*arrojado*” e, por isso, vai conseguir, como deseja, sucesso nessa área.

A professora Nice acredita que Adriana não abra mão dos estudos em função do casamento. De fato, Adriana não pensa em se casar cedo, “*com vinte oito, trinta anos... daí pra frente, porque eu tenho que fazer faculdade, arrumar meu empreguinho*”. Por isso, “*nunca levei namorado nenhum lá em casa e nem tô pensando nisso, não tô a fim de compromisso, de gente pegando no meu pé*”. Além disso, Adriana tem algumas críticas em relação ao casamento. Segundo ela, após alguns anos de convivência, “*vinte anos como já é lá em casa*”, o relacionamento entre marido e mulher vai ficando “*uma coisa tão monótona, tão batida*”. Por enquanto, Adriana pensa em sair da casa dos pais e morar sozinha, segundo ela, porque tem “*um ideal de liberdade, de ser independente*”, mas admite a possibilidade de cansar de viver sozinha após algum tempo e acabar, como diz seu pai, ficando “*boba*” e casando, já que, segundo Adriana, seu pai diz que “*o destino do homem e da mulher também é nascer, crescer, ficar bobo e casar*” ((risos)).

A busca de distinção

Percebe-se em Adriana um forte desejo de distinção. Vários são os indícios: a forma como define o seu desempenho, a indignação por não ter conseguido o primeiro lugar na Feira de Ciências da escola ou mesmo a forma como se expressa.

A linguagem de Adriana é repleta de hipercorreções, principalmente em relação a escolha vocabular, com o objetivo de tornar o seu discurso diferente do de seus colegas: “*eu percebo que eles ficam assim a pensar*”, “*comigo teve cobrança, mas não cobrança nesse sentido assim ferrenho da*

coisa”, “*no âmago do meu ser*”, “*aqueles nefastos dicionários em três volumes, detestáveis, por sinal*”, “*já era engajada aos dez anos*”.

É possível afirmar que, até o momento, essa busca de distinção de Adriana é autorizada por sua família. Não foi observado nenhum indício de competição dos pais em relação à filha que indique que eles estivessem, mesmo que inconscientemente, insatisfeitos com o sucesso de Adriana. Ao contrário, todos os esforços dos pais direcionam-se para a emancipação da filha. Até mesmo em relação ao irmão, a princípio, os pais autorizam Adriana a ser diferente dele. Por outro lado, Adriana, longe dos pais, admitiu que a família por vezes a acusa, com alguma mágoa, de querer ser diferente deles. Acontece, por exemplo, quando Adriana quer assistir a programas de televisão que não são os preferidos da família, ou quando, aos domingos, Adriana opta por permanecer todo o tempo em seu quarto, “*eu fico lendo, ouvindo música, estudando ou dormindo*”. Segundo Adriana, a família, principalmente a mãe, sente-se incomodada com a atitude dela, e a acusa de gostar de ser diferente, ou de querer se isolar deles para protestar.

A “*cena típica*”, segundo Adriana, é na hora do almoço, quando a família troca opiniões a respeito de alguma coisa contra a qual ela se manifesta. Aurélio, segundo ela, sempre se manifesta dizendo que não se pode “*levar em conta*” o que a irmã diz porque ela é a “*rebeldezinha que gosta de ser diferente*”.

Politicamente, inclusive, Adriana é diferente da família, sobretudo do pai. Há um certo conflito. Adriana acredita que o pai a autorize ser diferente dele, mas diz que, de certa forma ele se sente assustado, principalmente quando recebe influência do cunhado, irmão de Dona Lourdes, que vive dizendo que “[a mãe e o pai] *teriam que tomar cuidado comigo porque, se volta a ditadura, eu vou virar uma subversiva, vou querer sair na rua brigando, vou querer sair na rua fazendo passeata, vou ser presa e vou ser morta*”. No geral, entretanto, nas discussões políticas que travam, Seu Alfredo acaba aceitando o fato de a filha ter uma opinião diferente da sua.

“Ele não tem nada contra ...não passa de... às vezes a gente tá lá vendo o jornal e passa alguma coisa a respeito [da ditadura] e eu faço algum comentário, mas não chega a ficar

estabelecido que ele tem nada contra, não [às opiniões dela] Ele tem a opinião dele e eu tenho a minha opinião isso fica bem claro, sempre ficou. [...] Ele nunca disse assim: 'Não, Adriana, você não pode pensar dessa maneira, você tem que pensar que é isso assim, assim'. Então, quando rola esse tipo de papo, ele defende a idéia dele, eu defendo a minha, ele vê isso com naturalidade, o fato deu pensar diferente dele. Ele não tem nada contra eu pensar dessa forma, não."

Com relação ao irmão, também, pode-se afirmar que existe um sentimento da parte de Adriana de ser diferente. Ela deixou claro que quer ser diferente dele, "*ser igual a ele não está no meu script*". Em muitos momentos das entrevistas – uns estimulados pela entrevistadora outros não - Adriana tece paralelos entre ela e o irmão. Em todas essas comparações prevalece a superioridade dela. Ele sempre teve dificuldades na escola, ela nunca teve; ele nunca gostou de estudar, ela sempre gostou; os pais precisavam mandá-lo fazer as tarefas, ela sempre fez as tarefas sem qualquer tipo de cobrança. É possível que desse desejo de ser diferente tenha surgido um espírito de competição que tenha também servido de impulso para sua trajetória escolar. O sentimento de ser diferente do irmão é tanto, "*somos pólos completamente opostos*", que Adriana não se lembra de já ter saído com o irmão: "*a gente sai assim, vamos juntos no carro e voltamos juntos no carro, isso ocorre, mas, quando a gente chega no local, aí é ele prum lado e eu pro outro*".

Dos pais, apenas Dona Lourdes admite ter entre Adriana e Aurélio alguma competição, que ela denominou de ciúme, principalmente em relação ao amor de mãe. Para Dona Lourdes, Aurélio acha que a mãe "*puxa o saco*" da irmã. Constantemente, segundo a mãe, Aurélio afirma que a Adriana é quem tira nota boa, é quem vai dar o gosto de passar no vestibular à mãe. Para Dona Lourdes, Aurélio está ressentido de não ter prestado o vestibular, como se essa não tivesse sido uma opção dele. É possível, entretanto, que essa "opção" de Aurélio tenha se pautado muito mais por uma influência do pai, que, acreditando que o filho não tivesse sucesso nos estudos, tenha preferido garantir o "ganha-pão" do filho do mesmo modo que foi o seu, através do exército.

Por outro lado, é importante que se analise até que ponto Adriana permite que os pais sejam diferentes. Segundo ela, os pais com muita frequência dizem que a filha sente vergonha deles, e por isso não saem juntos. Adriana, entretanto, disse que quase não sai com os pais porque eles são muito “*sedentários*”. Disse que, no caso de levar os pais para algum ambiente onde estivessem seus amigos, não seria difícil dar atenção para a família e para os colegas, mas falou que seria uma “*atenção completamente diferente*”, e seus pais iam acabar se sentindo “*deslocados*”.

Pode-se dizer que Adriana se autorizou ser diferente também em relação aos seus pares. “Tem dia que ninguém me entende, eu chego em casa, meus pais não me entendem, chego na escola, a escola não me entende, que ninguém entende mesmo, sabe? O que que eu tô pensando, o que eu tô querendo, o que que eu tô buscando, fico completamente alheia a tudo aquilo que está pertencendo ao mundo das outras pessoas que é assim que a gente passa a ver, né? O mundo das outras pessoas”.

Vários foram os depoimentos das entrevistas que reforçam a idéia de que Adriana cultivou essa marca da diferença nas turmas pelas quais passou. A professora Nice, da terceira série, apontou uma característica que fazia com que Adriana fosse vista como diferente. Para essa professora, as meninas nessa idade têm problemas de relacionamento com os meninos. Adriana, ao contrário, era muito “*mandona*”, ela “*sabia se impôr*” e por isso não via a figura dos meninos “*como uma ameaça, tratando-os, portanto, de “igual para igual”*”. A professora Márcia afirmou que Adriana era diferente do restante da turma, exceção feita apenas em relação à Elisa, em função de sua maturidade. O professor Marcelo, de História, não vê Adriana como uma adolescente qualquer, mas como uma pessoa diferente que adquiriu gostos que a diferenciam do meio em que vive.

Mas nem todos vêem com simpatia e admiração o fato de Adriana ser e querer ser diferente. A professora Olga acha que “*ela é muito topetuda, porque se acha superior a todos*”. Para essa professora, Adriana não aceita ser corrigida e menospreza os professores. Essa professora contou que Adriana queria sempre pegar na biblioteca o livro de onde era retirado o conteúdo

transmitido aos alunos. A professora considerava essa atitude da aluna como indisciplina, já que Adriana, por estar com o livro em mãos, raramente copiava a matéria do quadro, aproveitando o tempo de aula para ler romances que ela pegava na biblioteca. Tudo indica que essa professora, quando teve oportunidade, deixou de lecionar para a turma da Adriana justamente em função desses comportamentos dessa aluna. Também uma funcionária do SETEPE (Setor Técnico-Pedagógico), considera que Adriana é bastante contestadora, uma aluna “*sem limites, que não aceita as normas da escola*”. Essa funcionária relatou um episódio ocorrido há algum tempo na escola, em que um grupo de alunos protestou contra a decisão da direção da escola de impedir que os alunos saíssem da escola durante o intervalo. Adriana, segundo essa funcionária, foi uma das alunas que compareceu à reunião em que o assunto seria discutido com uma chupeta pendurada ao pescoço, sugerindo que a direção estava vendo os alunos como crianças.

É interessante notar a diferença de comportamento de Adriana nos últimos tempos de acordo com dois depoimentos. O primeiro foi da professora Nice, que esteve presente na solenidade de entrega dos prêmios aos vencedores da SEMANTEC de 1997, quando Adriana protestou, ao microfone, pelo fato de o trabalho de seu grupo só ter recebido o prêmio de originalidade e criatividade. Essa professora comparou a aluna “*rebelde*” à sua frente com a aluna “*pacífica*” que teve na terceira série: “*Adriana era sempre de apaziguar . Não passiva, mas pacífica. Era uma pessoa equilibrada*”. Para essa professora, o discurso que Adriana proferiu, embora “*inteligente*”, “*não era dela*”. Para ela, o professor Marcelo, que liderava o movimento de protesto, “*fez a cabeça*” dos alunos. O outro depoimento veio da professora Márcia, para quem Adriana foi uma aluna “*disciplinada*”. Essa professora também estranhou o comportamento no último ano de Adriana na Escola Técnica (primeira série do ensino médio). Ela ouviu uma série de comentários na sala dos professores a respeito da disciplina da Adriana. Os comentários atestavam que Adriana polemizava excessivamente com os professores e funcionários da escola e que, por isso, seria chamada ao SETEPE – Setor Técnico-Pedagógico - para uma conversa.

“Eu ouvi uma professora dizer que a participação delas [referindo-se também a Elisa] era subversiva”.

É possível, assim, que a saída de Adriana da Escola Técnica encontre explicação maior no fato de que, em relação à escola, Adriana não foi autorizada, pelo menos não por todos, a ser diferente. É possível que mesmo seus colegas de classe não a tenham autorizado a ser diferente. Adriana considera que seu relacionamento extra-classe com as colegas de turma é bom, mas dentro de sala, nas situações em que Adriana se expõe mais, reconhece que surge um certo clima de hostilidade. *“... ocorre geralmente isso, gente que fala ‘Ah, por que que essas meninas [referem-se também a Elisa] reclamam tanto, por que cobram tanto, por que não querem simplesmente passar de ano?”.* A professora Selma contou que por vezes Adriana irritava-se com ela quando ficava explicando muitas vezes um mesmo conteúdo para alunos que pareciam não estar prestando atenção à aula: *“Ah, professora, a senhora fica perdendo tempo com quem não quer nada com nada.”.* Em função desse tipo de comportamento de Adriana, a professora acredita que alguns alunos ficavam com medo de dizer que não tinham entendido.

Participação em outros grupos

Adriana participou de vários grupos. Permaneceu no coral do colégio onde cursou até a quarta série por todo tempo que estudou lá. Segundo ela, não era bem o amor à música que a prendia ao coral, mas *“gostava daquela roupinha de coral, cantando no palco e todo mundo olhando, acho que era mais por isso que eu participava do coral”.* Participou também do clubinho de ciências da Escola Técnica, quando estava na sexta série. O principal objetivo desse grupo era o desenvolvimento de projetos para a feira de ciências. Entrou no clube por ter sido estimulada por uma professora, mas logo se desestimulou com a desorganização do grupo e saiu. Adriana acredita que o fato de as

reuniões do clube de ciências ocorrerem à época nas tardes de sábado contribuiu para que ela tenha se integrado ao grupo, já que dessa forma teria uma oportunidade de sair todos os sábados. Outro grupo de que participou foi o de escoteiros, mas disse que foi por muito pouco tempo, sugerindo que nenhum dado importante permaneceu dessa participação. De todos os grupos de que participou, Adriana acha que foi o de teatro, do qual tomou parte quando estava na oitava série, que mais contribuição trouxe à sua capacidade de comunicação, porque *“a gente trabalhava muito a questão de estar falando, de estar buscando a melhor maneira possível pra falar, pra transmitir aquela idéia”*. Esse interesse pelo teatro foi reforçado com a participação no “III Fórum Goiano de Cultura”, em Goiânia, no qual participou de uma oficina de teatro.

O pai de Adriana é católico; a mãe, espírita. Eles são casados e os filhos são batizados na Igreja Católica. Segundo Adriana, nunca houve pressão para que os filhos frequentassem uma ou outra religião.

“Quando a gente era pequeno, meu pai vivia na Igreja, né? Se a gente quisesse ir com ele, tudo bem. Se a gente não quisesse, ficava em casa. A minha mãe ia para o Centro. Algumas vezes eu ia com ela, outras não. Então ficava essa coisa... um pouco na Igreja... um pouco no Centro... a maioria em casa. E até hoje a gente é meio assim... à-toa, como se diz.”

Durante a entrevista com a família, esse fato foi levantado pela entrevistadora. Pareceu haver algum receio do pai de que essa mistura de religiões atrapalhasse a educação dos filhos. Para ele, *“os filhos, para seguir [uma religião], os pais tem que ir junto”*. Seu Alfredo acha, embora nenhum dos filhos tenha conversado sobre isso com ele, que eles não seguiram a religião da mãe para não entristecerem o pai, e vice-versa. Por outro lado, Seu Alfredo vê a religião como uma forma de os filhos não seguirem os *“maus caminhos”*, o das drogas, por exemplo. E, mesmo sem seguirem uma religião específica, os filhos, segundo ele, são muito ajuizados.

Tanto o pai como a mãe não têm, ultimamente, participado das atividades de seus grupos religiosos. Seu Alfredo disse que ia sempre à missa, mas depois começou a achar que *“a igreja católica estava se envolvendo muito*

com política”, e parou de ir. Dona Lourdes disse que não tem muita paciência, tal como o filho, para assistir a missas.

O fato de ser o pai católico e a mãe espírita, mesmo com o receio demonstrado por Seu Alfredo, mostra uma certa disposição familiar em permitir a diferença.

O capital lingüístico

Adriana tem bastante fluência verbal. Não pareceu tímida em nenhum dos encontros da pesquisa. *“Eu sempre fui muito extrovertida, sempre gostei muito de conversar, é aquela coisa de não ter medo assim, não se sentir tímida”*. Adriana acha que inclusive é mais objetiva falando do que escrevendo.

Na escola, seu capital escolar e seu capital lingüístico escolar também são reconhecidos. Adriana é reconhecida como “boa” aluna por todos os professores entrevistados. Suas médias durante o ano de 1998, quando cursava a primeira série do ensino médio foram superiores às médias da turma, como mostra a tabela a seguir:

DISCIPLINAS	MÉDIAS DA ADRIANA	MÉDIAS DA TURMA
LÍNGUA PORTUGUESA / LITERATURA BRASILEIRA	8,6	6,47
INGLÊS	9,3	7,95
HISTÓRIA	10,0	7,34
GEOGRAFIA	9,4	7,32
MATEMÁTICA	8,2	5,79
FÍSICA	7,9	6,41
QUÍMICA	9,3	7,46
BIOLOGIA	8,7	7,41
ARTES	8,9	7,78

MÉDIAS GLOBAIS	8,9	7,10
-----------------------	------------	-------------

Pouco antes de nossa entrevista, Adriana havia produzido, espontaneamente, um texto sobre a greve dos professores com o objetivo de afixá-lo no mural da escola. Mas não quis “caçar *confusão*” e por isso não o afixou. O texto está bem construído, principalmente se se considera a escolaridade de quem o escreveu.

“Será que apesar dos maus salários os professores têm se preocupado com a formação dos seus alunos? Talvez, mas o que percebe-se é que muitos vêm a estrutura educacional partindo de uma ótica simplista, enchergando (sic) apenas o seu contra-cheque e se esquecendo de que numa sala de aula estão pessoas que necessitam de um apoio didático para a garantia de emprego num mercado de trabalho tão concorrido como o atual, que exige cada vez mais, além da capacitação profissional, a criatividade, a rapidez de raciocínio e conhecimentos sociais, políticos e econômicos.”

O professor Marcelo contou que Adriana, “*de vez em quando*”, escreve, espontaneamente, textos sobre os livros que lê, “... *dá vontade de dar pra todo mundo ler... ela leu ‘O nome da rosa’ e escreveu um texto maravilhoso*”.

Em relação às poesias que, como já foi dito, fazia aos dez anos, ela gosta especificamente de uma que fez sobre o descobrimento do Brasil.

“Brasil, brasileiro

Brasil, época de nativos
portugueses, ladrões de riquezas
brancos burgueses
Índios da vida, sonhadores
Negros escravos, sofredores
Brasil 1993
Brasil idealista
de um futuro jovem
apesar da riqueza,
Pobre!
Brasil sonhador
De luta e de amor
Brasil mudou, Brasil tem que mudar
Pode ir, mas pode voltar
Brasil algum dia

*Brasil verde amarelo
Brasil, brasileiro
Ainda muda...”*

Durante uma das entrevistas, Adriana contou a história do filme “Leolo”, com bastante fluência, objetividade e concisão, expondo, inclusive e simultaneamente, sua análise a respeito da obra.

“O filme conta a história de uma família italiana. Leolo é um garoto que escreve muito... aí tem um único livro na casa dele e ele lê o livro porque ele tem ânsia de ler e ele chegou a ler o livro várias vezes porque era o único que tinha na casa, né. E ele descrevia as angústias dele e jogava no lixo e um cara... um homem velho... que morava no cortiço, catando cartas das pessoas, ele se apaixonou pelo Leolo. Ficou completamente apaixonado pelo Leolo, assim pela inteligência, sensibilidade. E tinha uma sacada no filme... assim tinha umas críticas sutis... humor sutil também em alguns momentos.”

A professora Solange, da quarta série, contou que Adriana naquela época contava as histórias que tinha lido em livros literários de forma muito clara. Sua participação em debates em sala de aula também era, de acordo com essa professora, bastante destacada do restante da turma.

Sua fala é produtiva. Durante as aulas observadas, Adriana demonstrou conseguir o que quer sempre que fala. A turma normalmente cala-se para ouvi-la. Adriana mostrou também ter senso de humor, está sempre falando alguma coisa engraçada. Segundo ela, é “*sempre a palhaça, a que fala besteira e os outros caem na risada*”.

Embora esteja há pouco tempo na escola onde estuda atualmente, Adriana já se destacou dos demais alunos da turma e, nesse caso, até de Elisa. Insatisfeita com o desempenho da professora de Gramática, Adriana procurou a coordenação de curso para falar sobre o assunto. Algum tempo depois, ainda no primeiro semestre do ano letivo de 1999, a coordenadora pediu que Adriana participasse de reunião entre a coordenação e a professora em que o assunto seria discutido. No início do segundo semestre do mesmo ano, a professora foi substituída.

Uma característica que se sobressai no discurso oral de Adriana é que ela sempre retoma o que estava falando mesmo quando é interrompida.

Durante todas as entrevistas, Adriana nunca deixou uma exposição incompleta. Mesmo sendo interrompida pela entrevistadora e respondendo as perguntas que lhe eram feitas, Adriana retornava ao que estava falando e completava seu discurso.

Um dos indicadores de capital lingüístico que sobressai em Adriana é o tom da voz. A professora Márcia chamou a atenção para o fato de que Adriana sentava-se na última fileira de carteiras da sala e todas as vezes que precisava dirigir a palavra à professora, fazia-o de onde estava, fazendo questão de ser ouvida por todos. Dada a intensidade de sua voz, ela conseguia realmente que a turma se calasse para ouvi-la.

Adriana também tem seus momentos de “*explosão*”. Aconteceu, por exemplo, em uma aula de Inglês. Nessa época Adriana já sabia que em 1999 estaria em outra escola. Ainda assim, enumerava uma série de sugestões para que a professora Selma pudesse melhorar o nível de suas aulas no ano seguinte. Mas, na visão de Adriana, a turma estava “*morta*” diante de suas reclamações.

“Eu e a Elisa dando sugestões para o ano que vem, para as aulas serem melhores, sendo que a gente vai sair daqui e todo mundo assim com a cabeça abaixada na carteira sabe e teve uma hora que eu fiquei com tanta raiva daquilo, só nós duas falando e a professora ali na frente, todo mundo morto, né? Teve uma hora que eu peguei e falei assim: ‘Quer saber, eu não sei por que eu tô falando isso aqui, mesmo. Eu podia tá me lixando pro pessoal dessa sala aqui, porque eu vou sair dessa escola.’”

A professora Nice, da terceira série, chamou a atenção para um detalhe que parece bastante significativo. Já naquela época, Adriana sabia adequar sua linguagem ao seu interlocutor. Adriana tinha uma amiga preferida, que era também boa aluna. Com ela Adriana falava normalmente, mas “*quando ela estava com outro que tinha mais dificuldade, parece que ela falava as coisas de forma mais simples. Ela sabia diferenciar o que ela podia falar com uma pessoa do que ela podia falar com outra*”.

A professora Márcia ressaltou o fato de Adriana estar sempre preocupada em aprender conteúdos gramaticais que a ajudassem a produzir

textos melhores. Adriana perguntava sempre, “*se aparecesse uma expressão que suscitava dúvida, ela já questionava*”. Tinha, de acordo com a professora, uma preocupação muito grande em refazer, em reconstruir os textos produzidos. Muitas vezes a professora era “*obrigada*” a dar uma aula completamente diferente da que tinha planejado em função das perguntas e sugestões da Adriana. Por outro lado, questionava – segundo a professora – a validade de conteúdos gramaticais que deveriam ser “*decorados*”.

Adriana, a princípio, afirmou que a capacidade de comunicação dela era sempre vista com simpatia pelo restante da turma, que via nessa facilidade da colega uma oportunidade de ajuda ou de que Adriana servisse, como tantas vezes serviu, como porta-voz dos anseios e reclamações do grupo. Admitiu, entretanto, que surge um certo clima de hostilidade quando fala sobre coisas que a turma não entende bem.

“Hoje na aula de História, falando sobre o Renascimento e o Iluminismo, essas aulas, como eu e a Elisa a gente tem um conhecimento maior sobre isso, como a gente tem um apanhado, parece que às vezes a gente fala coisas que as pessoas não entendem, assim e cria um certo clima de hostilidade, falam que somos protegidas nas aulas do Marcelo.”

Nas séries iniciais, entretanto, nenhuma hostilidade em relação à Adriana por parte da turma foi detectada pelas professoras Nice e Solange, de terceira e quarta séries. “*Parece que ela nunca foi vista como ‘metida’*. Não me lembro de nenhuma situação em que ela tenha sido vista assim, porque não era uma pessoa ‘pedante’”. A turma, ao contrário, via na maior capacidade de Adriana uma oportunidade de ajuda. “*Antes de ser antipática, ela era útil*”.

Adriana fala com uma correção gramatical que se destaca. A maioria dos enganos que comete em relação ao dialeto de prestígio são comuns na linguagem falada: “*Jerusalém (sic) e Palestina tá em guerra*”, “*informações que eu tive acesso*”, “*fazem cinco anos*”. Às vezes, também, recorre a gírias, como em “*a gente ‘manja*”, “*MPB é ‘brega*”, “*vai ‘numa boa*”, “*quando ‘rola’ esse tipo de ‘papo*”.

Em sua linguagem oral, nota-se que algumas palavras são repetidas muitas vezes: “*tal*” e “*assim*”, por exemplo, mas isso não torna sua fala enfadonha.

Sobre falar em público, Adriana diz que apesar de ficar um pouquinho nervosa, acaba se saindo bem, “*pinta um certo nervosismo no princípio, aquele friozinho na barriga, mas a hora que está ali vai numa boa*”. Ao contar sobre uma representação teatral de uma poesia de Fernando Pessoa que fizeram na escola, Adriana assumiu que realmente havia ficado nervosa no início.

Mas, como já foi dito, essa facilidade de falar não é coisa recente. Quando estava na quarta série, Adriana foi eleita representante de turma, embora houvesse outras candidatas. Ela fez campanha, discursou dentro e fora de sala, durante o recreio e conseguiu ser eleita. Segundo a professora Solange, “*ela tinha muita desenvoltura para falar, para se expressar*”.

Os pais de Adriana também têm fluência verbal. Dona Lourdes, no início da entrevista, deu a impressão de que não falaria muito, mas logo mostrou disposição para falar sobre si e sobre sua família. Seu Alfredo, logo no início da conversa, mostrou bastante iniciativa para falar. Segundo Adriana, ele “*fala mais que homem da cobra*”. Quando foi perguntado sobre o seu trabalho no exército, Seu Alfredo, espontaneamente, começou a falar sobre si: “*só que para eu falar do exército, vou começar falando de mim mesmo... Eu sou de família bastante humilde...*” e falou muito tempo sobre sua vida.

Quanto à correção gramatical, ambos cometem deslizos em relação ao chamado dialeto de prestígio. Dona Lourdes normalmente não concorda o verbo com o sujeito no plural: “*Elas tinha oportunidade*”, “*Minhas irmãs ficava na casa dos outros*”. Também a ausência de concordância nominal pôde ser observada: “*Ele levantava quinze vez*”, “*Ele é pai trinta vez*”. A incidência de “erros” na fala de Seu Alfredo é bem menor. Ainda assim, em algumas de suas falas, observa-se a ausência de concordância: “*o pai das outras não vai*” [referindo-se a muitos pais], “*foi essas meninas que me alienou*”. Nessa fala, inclusive, observa-se uma inadequação vocabular quanto à utilização do verbo “alienar”, que, pelo contexto, deve ser entendido como o seu antônimo. A

utilização do verbo “alienar” mostra também em Seu Alfredo um desejo de hipercorreção na linguagem. É preciso, entretanto, esclarecer, mais uma vez, que as inadequações na linguagem oral dos pais de Adriana em relação ao dialeto de prestígio encontram respaldo no socialetto falado pela grande maioria da população na cidade.

Embora não tenha total domínio das regras de uso da linguagem no que se refere ao dialeto de prestígio, Seu Alfredo demonstrou, durante o trecho da entrevista que se reproduz abaixo, bastante adequação nas suas palavras. O objetivo de Seu Alfredo era falar sobre o declínio que ele observa na qualidade de ensino oferecido pelos professores na atualidade em relação a tempos mais remotos. Antes de fazer seus comentários, entretanto, seu Alfredo perguntou à entrevistadora qual era sua profissão. E, diante da resposta da entrevistadora, estruturou sua crítica de modo a haver exceção em que ela pudesse se enquadrar: *“Eu noto hoje em dia, boa parte... não todas as pessoas, né, toda regra tem exceção como toda área tem, mas eu noto assim um declínio na qualidade do ensino, que decaiu muito, não todos, tem professor muito capacitado.”*

Espírito crítico

Adriana parece estar sempre se esforçando para demonstrar espírito crítico. Vários são os seus alvos de crítica.

Já nas primeiras séries escolares, Adriana procurava demonstrar essa característica. Em debates em sala de aula, ela foi sempre, segundo a professora Solange, da quarta série, bastante crítica. A professora Nice, da terceira série, contou que *“ela sempre dava um jeito de falar o que pensava”*. Quando a professora estava *“brava”*, ela sabia se calar, mas depois, em momento mais oportuno, mesmo que fora da sala de aula, ela *“sempre falava alguma coisa”*. Para essa professora, Adriana nunca foi influenciável, nem

pelas colegas de turma. “*Eu tinha a impressão que ela sabia exatamente o que ela queria*”.

Adriana critica a cidade onde mora, principalmente por não ter opções culturais. Queixou-se inclusive da ausência de “sebos” e da existência de apenas três lojas de venda de discos.

Critica também a professora Rosa, de Biologia, por considerar que ela, sendo evangélica, tenta pregar sua religião em sala de aula.

“Não dá prá discutir mais com ela, ela já vem colocar Deus na história... Não tem necessidade de ficar pregando, tem as pessoas espíritas, tem as pessoas que são católicas, tem as pessoas que não tem religião, tem as pessoas que pertencem sei lá a qual religião, respeite o credo, a religião, a crença de cada um.”

O ensino de Inglês nas escolas também é criticado, porque, segundo ela, só é ensinado gramática. “*Tava vendo na Cultura a correção das provas da FUVEST, vem uma questão de gramática, o resto, tudo interpretação, e a gente fica vendo “do” e “does” há três, cinco anos, vendo verbo TO BE*”.

Critica o fato de a professora de português permitir que as redações sejam feitas em sala, tomando o tempo que poderia ser utilizado para o estudo de novos conteúdos.

Adriana critica também a ausência de sonhos nas pessoas. O professor Marcelo, em uma de suas aulas de História, pediu que os alunos falassem sobre os seus sonhos. Adriana ficou indignada com colegas que só conseguiam vislumbrar como sonho a aprovação na série em que se encontravam.

Pai e Mãe: heterogeneidades

Entre Seu Alfredo e Dona Lourdes é possível perceber uma série de diferenças.

Seu Alfredo, como já foi dito, foi o principal apoio de Adriana em sua trajetória escolar. Isso mostra a grande importância que ele dá para o estudo, mas é preciso que se perceba que tipo de importância é essa. O pai de Adriana, durante a entrevista, sugeriu que dá valor ao estudo principalmente porque ele traz retorno financeiro. Não vê sentido em estudar se não for para receber um salário mais alto. *“No final as pessoas tem que ter vantagens financeiras também. Eu vivo num país capitalista, tenho que ser capitalista também”*.

É por isso que Seu Alfredo não dá apoio à esposa no que se refere à retomada dos estudos, já que concluir ou não o ensino médio não traria nenhuma alteração no salário dela. *“O Alfredo não acha muito fundamento”*. Dona Lourdes, ao contrário, acha que *“saber não ocupa lugar”* e quer terminar o curso. Na verdade, Dona Lourdes tem vontade inclusive de ir além. *“Se eu pudesse fazer um curso superior, eu queria Serviço Social”*. É possível que seja justamente essa falta de estímulo do esposo uma das razões de Dona Lourdes ter por três vezes abandonado os estudos, mesmo estando prestes a concluir o ensino médio.

De certa forma tem-se uma contradição. Seu Alfredo só vê sentido para o estudo quando gera vantagens financeiras, e, ao longo de sua trajetória escolar, mostrou-se bastante dedicado aos estudos, esforçando-se bastante para conseguir bons resultados escolares, mesmo com a dificuldade de conciliar escola e quartel. Por outro lado, Dona Lourdes diz dar valor ao estudo em si mesmo:

“Eu já penso assim, no curso que fiz o que a gente aprendeu sobre odonto-social, sobre os direitos do cidadão, sobre o SUS, sobre municipalização, sobre reforma sanitária... eu nunca imaginava aprender tudo aquilo que eu aprendi, para mim só aquilo ali já valeu a pena. Se eu conseguir ganhar mais por causa disso, bom. Se eu não conseguir, também, eu acho válido.”

Mas, ao contrário do esposo, Dona Lourdes não gosta de estudar. Ainda hoje tem facilidade para aprender, mas confessa que nunca se debruçou sobre uma leitura mais complexa. *“Gosto de aprender mas não gosto de me sacrificar”*.

Adriana, nesse aspecto, foi muito mais influenciada pelo pai do que pela mãe. Não só a dedicação do pai foi herdada, mas também a forma como vê o estudo.

O fato de Seu Alfredo ser católico e Dona Lourdes ser espírita, como já foi dito, embora não praticantes, contribui para aumentar a heterogeneidade da configuração familiar de Adriana.

Além disso, há características em Seu Alfredo que o colocam no extremo oposto em relação à Dona Lourdes. Seu Alfredo é organizado. *“Tudo que eu vou fazer eu tenho que planejar muito antes”*. Ou, de acordo com Dona Lourdes, é *“daqueles que se vai viajar amanhã, uma hora dessa a mala tá pronta”*. A própria mãe de Adriana se coloca como *“totalmente o oposto”*. *“Não tenho a mínima organização; na hora de sair é que vou botar as roupas na mala”*.

Outro aspecto que pode ser apontado como heterogêneo entre os pais de Adriana é a forma de socialização. Dona Lourdes, durante a entrevista disse que achava que a filha seria burra, porque era muito *“emburrada”*: *“Ela não acreditava no que eu dizia, ela queria provas”*. O pai de Adriana via de outra forma o fato de a filha estar sempre duvidando e perguntando sobre as coisas, prova disso é que procurava com paciência satisfazer-lhe as curiosidades. Pode-se deduzir da observação feita pela mãe, então, que ela não respondia, com tanta paciência quanto o Seu Alfredo, às curiosidades da filha, explicitando regras, razões e conseqüências do que foi perguntado.

O que se viu, entretanto, durante a entrevista, foi que os três, pai, mãe e filha, têm relacionamento bastante aberto. Na verdade, a impressão que se tem é que um conhece exatamente os sonhos dos outros. Adriana interrompeu várias vezes a fala dos pais, que se calavam para ouvir o que a filha tinha a acrescentar. Em relação ao casal, o que se viu foi que, embora Dona Lourdes, em muitos momentos da entrevista tenha buscado a aprovação do marido para o que ela dizia através da pergunta *“não é, Bem?”*, houve também momentos de discordância em que ela não se intimidou a expor sua opinião, mesmo sabendo ser diferente da dele.

Outro ponto de discordância entre Seu Alfredo e Dona Lourdes diz respeito ao futuro do filho. A opção de Aurélio pelo Exército é certamente influência do pai. Dona Lourdes, segundo Adriana,

“sempre deixou muito claro pra ele, falava pra ele que não queria que ele fosse pro Quartel, que ele tinha que prestar vestibular e fazer faculdade, porque Quartel é muita repressão que a pessoa sofre lá dentro. Às vezes ele chega contando as coisas que aconteceram lá e ela fala ‘Ah, eu não dou pra isso não, porque esse negócio de Quartel não é pra gente viver não. Tá lá todo mundo é pra ralar e o povo acha que tem que humilhar, mesmo... então isso ela sempre deixou muito claro.”

Essa opinião de Dona Lourdes é bastante significativa, não só porque marca a diferença de postura dos pais em relação ao futuro de Aurélio, mas também porque mostra que Dona Lourdes é capaz de se colocar contra a opção de vida do marido, que está, há mais de vinte anos, vinculado ao Exército.

Com todos esses pontos de heterogeneidades entre Seu Alfredo e Dona Lourdes, é possível perguntar se não é justamente isso o que constrói o ambiente democrático em que Adriana cresceu e que a permitiu ser diferente, emancipar-se não só em relação à sua família, mas também em relação a seus pares.

Algumas conclusões

Alguns aspectos merecem ser destacados em relação a Adriana. O primeiro: ora ela tem uma relação não escolar com a escola, ora essa relação é totalmente escolar. Aponta para uma relação não escolar, por exemplo, o tema escolhido para a SEMANTEC – loucura. Entretanto os motivos que a fizeram protestar contra o professor de matemática são totalmente escolares, e visavam tão somente o sucesso no vestibular. Quanto à sua relação com a leitura, ora Adriana a vê como um fim em si mesma, ora Adriana a vê como possibilidade de acumulação de conhecimentos, ou seja, ora uma relação

descontraída, ora uma relação tensa. Isso mostra que, em relação a esse aspecto, não é possível uma análise unidimensional.

Outro ponto que merece ser destacado refere-se aos gostos de Adriana. Como já foi apontado, eles foram adquiridos principalmente pela influência do professor Marcelo, de História. Esse fato foi confirmado na entrevista com a família. Tanto Seu Alfredo como Dona Lourdes não têm os mesmos gostos que Adriana. Seu Alfredo, inclusive, admitiu, embora com uma leve resistência, gostar de música sertaneja (estilo musical de que, como já foi dito, Adriana não gosta). Seu Alfredo, embora não conheça profundamente o estilo musical mais prestigiado na hierarquia cultural, reconhece sua legitimidade e sabe que a música sertaneja não está incluída nele; por isso teve vontade de dissimular o seu gosto musical.

Outro aspecto bastante significativo diz respeito às influências recebidas por Adriana. É possível perceber a influência exercida pelo professor Marcelo, mas esse professor só passou a ter contato com Adriana, como já foi dito, a partir de 1994, quando Adriana estava na quinta série. Antes disso Adriana já possuía opiniões que a diferenciavam de sua família, essencialmente do pai. A poesia “Brasil, brasileiro” escrita em 1993, aos dez anos, é prova disso. Adriana foi questionada a respeito desse assunto, mas nem ela própria soube precisar de onde teriam vindo essas idéias.

“Na minha cabeça acho que eu já tinha algumas informações a esse respeito. Talvez pelo fato de eu assistir muito jornal. Eu lembro que, quando eu estava na 4ª série, falavam a história da Princesa Isabel. Eu não sei por cargas d’água eu já sabia que a tal da Princesa Isabel não era essa boazinha toda porque ‘Ah, salvou os negros... aboliu a escravatura’. Eu não sei porque eu já sabia dessas coisas mas eu não sei tirar de onde, a fonte disso. Eu lembro muito bem disso, eu tenho certeza de que disso eu já sabia. Eu já sabia, por exemplo do fato de que os portugueses chegaram aqui e que mataram os índios, exterminaram, genocídio, etnocídio, mas não sei da onde que eu tirei isso não.”

Fica claro, entretanto, que essas influências não vieram da família, sobretudo do pai. No trecho abaixo Adriana ressalta que suas opiniões são independentes das dele. Para Adriana, não há ninguém “de esquerda” na família.

“... e eu comecei a falar da ditadura, que eu era contra, porque mataram muitas pessoas que eram contra e tal. E ele sempre defendendo a ditadura, até hoje ele defende a ditadura, até hoje é essa briga lá em casa, quando a gente entra nesse assunto. Eu contra, ele a favor. Mas isso nunca me influenciou mesmo porque nesse aspecto eu sempre segui meus caminhos, meio que independente do que o meu pai pensava ou não, ou deixava de pensar, pelo fato de ele ser militar ou não. Eu sempre formei uma opinião própria.”

Quando à mãe, Adriana disse que, embora ela não tome partido contra ou favor da ditadura, por exemplo, ela deixa claro que *“ela só vota no Lula e que vai votar em todos os candidatos do PT”*. O pai, por outro lado, não é eleitor do Lula. Essa outra heterogeneidade entre Seu Alfredo e Dona Lourdes não determina diretamente as opiniões de Adriana, mas certamente favorece o fato de ela ter uma opinião diferente da do pai. Outro aspecto importante nesse sentido é que, para Adriana, o pai não é autoritário:

“Ele sempre foi assim. Ele é militar, mas ele nunca foi autoritário. Ele sempre tem uma opinião, mas... ele é convicto daquilo, só que de repente você apresentando argumentos, ele pode mudar de idéia, então ele tá sempre aberto a novas idéias, ao que pode vim.”

O próprio Seu Alfredo diz com freqüência e, em tom de brincadeira, que, apesar de ser militar, é *“versátil”*.

CAPÍTULO III

NIULMAR

“eu acho que ele nasceu adulto... toda vida eu acho ele mais adulto que eu”

Niulmar tem dezessete anos e é o que se pode chamar de rapaz bonito. Alto, esbelto, cabelos escuros e lisos. A característica de Niulmar que mais aparece nas entrevistas realizadas é o seu senso de responsabilidade, sua maturidade diante das dificuldades que a vida já lhe proporcionou. Diante delas, Niulmar, normalmente com sensatez, esforça-se bastante para superá-las.

Foram feitas três entrevistas com Niulmar e uma com sua família. A primeira entrevista com Niulmar foi na Escola Técnica, em uma sala de reuniões. As duas outras foram feitas em uma das salas do campus da Universidade onde a pesquisadora leciona. A entrevista com a família foi na residência deles. As entrevistas duraram em média uma hora, com exceção do encontro com a família que durou cerca de duas horas.

A família estava no horário marcado para o encontro pronta para receber a entrevistadora, que teve a impressão de que os pais de Niulmar se vestiram especialmente para a ocasião. O pai, Seu Milton, vestia calça, camisa e cinto. A mãe, Dona Milta, vestia um conjunto de saia e blusa da mesma cor. Esteve também presente à entrevista o avô materno de Niulmar, que estava visitando a família. O irmão de Niulmar, após alguns minutos de iniciada a entrevista, também se juntou ao grupo, vestindo roupas simples, calção e uma camisa de time de futebol. Niulmar estava de calça de moletom e camiseta.

Seu Milton foi quem mais participou da entrevista, porque, como ele próprio diz, gosta muito de conversar. Dona Milta, ao contrário, participou bem menos, obrigando a entrevistadora a encadear uma pergunta à outra para que ela desse continuidade ao que estava falando, “eu sou mais caladona”.

Após a entrevista, foi servido um lanche para a entrevistadora com quitandas fabricadas por Dona Milta. Antes, porém, Seu Milton perguntou, em tom de voz bem baixo, se o gravador ainda se encontrava ligado, demonstrando uma preocupação excessiva com o que poderia ser registrado. Além da entrevistadora, somente o avó participou do lanche, tomando um copo de refrigerante.

A família demonstrou ter muito carinho uns pelos outros. Durante a entrevista, Seu Milton passou a mão pela cabeça de Niulmar, num gesto de muito carinho.

Foram entrevistados também cinco professores de Niulmar, a diretora da escola onde estudou até a quarta série do ensino fundamental e dois colegas de trabalho.

Condições econômicas e culturais da família de Niulmar: altos e baixos

Desde os quatorze, Niulmar trabalha em um órgão público ligado ao Ministério da Fazenda, das duas às seis horas da tarde, mas freqüentemente faz horas-extras remuneradas. Durante as férias escolares, ele costuma “dobrar o turno”, permanecendo no trabalho todas as manhãs e todas as tardes. Esse é seu primeiro emprego. Trabalha desde janeiro de 1997, mas só em julho de 1999 gozou seu primeiro período de férias.

Niulmar participa de um programa inicialmente chamado de “Pró-jovem”, que era mantido diretamente pela Secretaria da Fazenda do Estado. Há algum tempo o programa foi extinto, e ele e outros jovens passaram a ficar vinculados a uma fundação da capital do Estado. O vínculo, entretanto, termina

quando Niulmar completar dezoito anos. Depois, se quiser permanecer nesse emprego, deverá ser aprovado em concurso público ou conseguir um cargo comissionado. Essa segunda opção, ao contrário da primeira, não daria ao Niulmar qualquer estabilidade já que *“sempre que troca um político dentro do governo é todo mundo mandado embora e só talvez é recontratado”*.

Em 1999, Niulmar passou a estudar, pela primeira vez, em escola particular. O seu salário ajuda a manter seus estudos.

“A gente divide mais ou menos, o mês que sobra mais eu pago, o mês que tá mais apertado meu pai paga [...] às vezes atrasa o salário, aí ele vai lá e tal me dá uma ajudinha ou então às vezes, por exemplo, agora eu fiz exame de vista, então tirei o óculos, comprei lente, aí eu fiquei um pouquinho apertado, aí ele pagou a escola”.

Quase nunca, segundo Niulmar, seu salário é utilizado para completar o orçamento familiar, *“raramente eu ajudo, mesmo porque eles não pedem, mesmo quando eles precisam, eles não demonstram que precisam; eles fazem jogo duro”*.

A origem da família é rural. Mudaram-se para a cidade quando o filho mais velho, Nilo, já tinha seis anos e Niulmar, três. Antes de se mudarem, ganhavam a vida trabalhando na fazenda do avô paterno de Niulmar, e *“fazendo feira”* todos os domingos na cidade, com ovos, queijo, laranja e outros produtos da fazenda.

Na cidade, Seu Milton montou um mercado na frente da casa onde moravam, localizada em um bairro popular. O lucro do negócio permitia que a família vivesse com relativo conforto. Entretanto, Seu Milton teve um grande prejuízo. Empréstou todas as suas reservas a uma pessoa que não lhe pagou e além disso foi avalista dessa mesma pessoa junto a um agiota. O resultado foi desastroso. Seu Milton teve que se desfazer de todos os bens, inclusive da casa e do automóvel para pagar as dívidas. Resolveu, então, voltar a morar na fazenda, levando consigo a esposa e o filho Nilo. Niulmar, que permaneceu na cidade, diz, ainda hoje, que não entendeu *“direito como é que foi essa coisa mesmo”*. Seu Milton disse que

“foi choque pra família inteira, a gente perdê tudo que tinha [...] eu acho que foi muito difícil pra eles. A gente teve um descontrole financeiramente, um prejuízo grande que nós tomamos, a gente tinha casa boa, tinha carro bão, levava ele [Niulmar] no colégio todo dia, buscava, né. E de um dia pro outro a gente teve que mudar pra fazenda e ele ficou sozinho, com treze anos... estudando, morando sozinho, arrumou emprego. Ficou muito difícil pra ele”.

Inicialmente, Seu Milton, Dona Milta e Nilo foram para a fazenda do avô materno de Niulmar, mas lá *“ele não tinha o que fazê”*. Então, segundo o Niulmar, o pai do Seu Milton *“foi lá, conversou com ele, falou que ia dar um jeito de ajudar ele aos pouquinhos pra ver se ele recomeçava”*. Havia, porém, um empecilho, o avô de Niulmar, já viúvo, tinha se casado com uma pessoa com quem Seu Milton não se dava muito bem. Essa *“vodrasta”*, segundo Niulmar, impedia o marido de beneficiar Seu Milton: *“tudo que meu avô ia fazer pra eles, ela dava um jeito de complicar um pouco as coisas”*. O resultado foi que a família de Seu Milton passou a ganhar *“metade do dinheiro do leite que eles tiravam, era a única renda deles; e tudo que eles criassem na fazenda, eles tinham que dar metade pro meu avô mais a esposa dele”*. O resultado disso é que, principalmente no início, a vida de Seu Milton foi bastante difícil, *“ele ainda tinha alguma coisinha aqui, tiveram que vender pra ir mantendo eles lá, porque no princípio só dava quarenta e sete litros de leite”*. A situação financeira aos poucos foi melhorando, *“teve época que eles tiravam trezentos, trezentos e poucos litros de leite”*, mas Nilo começou a ficar doente e não podia mais ajudar a tirar leite, o que passou a ser feito por Dona Milta. Tudo foi ficando, segundo o Niulmar, *“muito difícil... uma coisa tremenda... meu pai supurou a úlcera; não pôde mais ficar na fazenda, foi quando ele voltou pra cá”*.

Quando os pais foram para a fazenda teve início um período muito difícil na vida de Niulmar. Voltar para a fazenda significaria abandonar os estudos aos doze anos de idade. Niulmar então decidiu permanecer na cidade, e recebeu apoio dos pais em sua decisão. Os pais, segundo Niulmar, fizeram com que ele pensasse que estava escolhendo onde ia morar, *“eles fizeram duas propostas, pra eu ficar num tio que tá até bem [financeiramente] ou ficar num outro tio que mora acima da casa da gente atual”*. Niulmar fez sua escolha, mas recentemente ouviu dos pais que *“eles fizeram essa proposta só*

pra me testar porque o outro tio [o que está bem financeiramente] já tinha falado que não me queria lá". A vida de Niulmar na casa do tio, entretanto, não foi muito boa

"Fiquei um bom tempo na casa desse tio meu. Eles sempre muito bons pra mim e tal. Só que aí, quando eu entrei lá, eles tinham um menininho e tal, uma gracinha o menininho, devia ter uns nove, dez anos. Aí ele cresceu e tal. De repente minhas coisas começaram a sumir, fui descobrir ele tava pegando e vendendo pros amiguinhos. Aí a gente começou a não se entender bem. Aí ele tava pegando coisas do pai dele, mais da mãe e fazendo a mesma coisa. Aí eles pegaram... os pais dele... e falaram pro meu pai que se eu quisesse ficar lá até o final do ano tudo bem, mas que depois disso eles iam fazer não sei o que lá e tal, e que eu não podia ficar lá mais, mas foi possivelmente porque eles suspeitavam que eu tava pegando alguma coisa deles e como filho tem sempre razão..."

Niulmar, então, foi morar na casa de uma outra tia, no mesmo bairro popular onde a família morava antes de ocorrerem os fatos que a levaram a ir para a fazenda, mas

"Lá era muito apertadinho, coitada. Casinha de conjunto é muito pequenininha e tal. Aí morava ela, o marido, a filhinha de quatro ou cinco anos. Eu dormia na sala [...] Tava ficando difícil pra mim porque eu tirava a liberdade deles e eles tiravam a liberdade minha."

Foi nessa época que Niulmar conseguiu, por indicação do Secretário Municipal da Fazenda, o emprego na Delegacia Fiscal, o que trouxe outro dificultador ao fato de ele morar na casa dessa tia, pois essa residência ficava muito longe do local de trabalho. A indicação surgiu porque Seu Milton já havia perguntado ao Secretário sobre a possibilidade de conseguir algum emprego para o filho.

Niulmar, enquanto os pais ainda detinham uma certa estabilidade financeira, não pensava em trabalhar tão cedo

"Não precisava trabalhar naquela época, mas depois que eles foram e tal, passou um pouquinho, eu vi que eu precisava trabalhar porque as coisas iam ficando difíceis. A situação não era aquela de antes, tinha mudado muita coisa."

Para resolver não só o problema de espaço, mas também o problema da distância, já que a casa em que Niulmar morava era pequena e

distante da Delegacia Fiscal, por sugestão dos pais, Niulmar alugou uma “casinha”, *“casinha entre aspas, era um quarto, um banheiro e uma cozinha, mas pra quem mora sozinho tá passando de bom”*, segundo Niulmar. Seu Milton disse que *“deu todo apoio pra ele... não muito financeiramente... nesses dois anos ele passou meio sozinho mesmo [...] alguma coisinha eu dava, eu pagava, mas o aluguel era ele.. ele se virava”*. Até porque nessa época, segundo Niulmar, a situação financeira da família foi agravada com a doença do Nilo, sobre a qual se falará mais adiante, *“o que eles ganhavam era muito pouco pra eles e ainda tinham que cuidar do Nilo”*.

Niulmar passou então a ter sob sua responsabilidade uma série de tarefas com as quais não estava acostumado, *“ele tinha que fazê tudo... estudava, fazia cumê, lavava roupa”*. Mas como Niulmar, segundo ele próprio, não cozinhava muito bem, *“não cozinho porcaria nenhuma, não sei fritar um ovo; fritava, comia, porque tinha que comer mesmo”*, o Delegado responsável pela AGENFA à época, Seu Maricildo, permitiu que Niulmar almoçasse na Delegacia, *“mas era só almoço, o resto eu tinha que fazer de tudo lá, cuidava da casa, tudo mais”*.

Após uns três meses, uma tia de Niulmar que morava em outra cidade se separou do marido e retornou ao município onde ele mora. Como a casa que ela possuía nesta cidade estava alugada, foi morar temporariamente com Niulmar, na “casinha” dele. Quando a casa dela foi desocupada, ela sugeriu que Niulmar fosse com ela, *“porque tava difícil pra mim, e lá eu não teria que cozinhar e ela ajudaria a lavar minhas roupas, tudo mais”*. Niulmar foi pra casa dela e achou que *“tava bom demais no início”*, mas após algum tempo, segundo ele, *“foi acumulando muito serviço em cima de mim, limpar casa, lavar roupa, além de lavar a minha, eu ainda tinha que lavar a dela e a da filha dela; aí tava difícil, muito difícil”*.

Durante o tempo em que os pais moravam na fazenda, Niulmar ia lá aos finais de semana, *“de ônibus, leiteiro, pegava carona”*.

“Dois anos e meio depois, quase três”, por motivo de doença – uma úlcera em Seu Milton que *“supurou”* – a família retornou para a cidade. Para Seu Milton, *“foi bom porque reuniu a família de novo, porque ficava muito difícil*

para ele [Niulmar]. A família então passou a sobreviver da venda das quitandas fabricadas por Dona Milta, trabalhando, diariamente, “*das quatro hora da manhã às dez, onze hora da noite*”, “*não sobra tempo pra nada, nem pra i a casa dos parente*”. O pequeno comércio fica aberto de segunda a domingo. No início do negócio, contavam apenas com o forno de um fogão de 6 bocas. Um ano e meio depois, já possuíam três outros fornos maiores e mais adequados ao preparo dos quitutes: “*graças a Deus a gente conseguiu... a gente tá vencendo*”. Durante alguns meses, além de vender os produtos na quitandaria durante a semana, Seu Milton ia para a feira aos domingos. Mesmo trabalhando na Delegacia Fiscal durante a semana, Niulmar ajudava seu pai a vender os produtos na feira todos os domingos. Inicialmente, tinham um “*ponto*” próprio, depois passaram a utilizar o “*ponto*” do avó materno de Niulmar, até que este quis o lugar de volta, pois estava “*cansado de ficar parado*”, Seu Milton então optou por parar de fazer feira, principalmente, segundo Niulmar, em função de Dona Milta, que era a mais sacrificada, “*minha mãe quase não dorme no meio de semana, aí de sábado pra domingo ela não dormia mesmo fazendo as quitandas; às vezes ela acordava às quatro horas da manhã de sábado e só ia dormir lá pelas onze da noite de domingo*”.

Moram no mesmo cômodo onde são feitas e vendidas as quitandas, “*até dá conta de fazer outra casa*”. Os cômodos são divididos com móveis: quitandaria, cozinha, sala, quarto do Niulmar, quarto do casal. O quarto de Nilo, irmão de Niulmar, é o único que fica em cômodo contíguo. Os cômodos a que a entrevistadora teve acesso foram a garagem, a cozinha e a sala. A garagem, cujo portão é de madeira simples, dá acesso à casa, e abriga um automóvel Gol, modelo antigo. Na cozinha, além do fogão e dos fornos, uma mesa sem cadeiras, sobre a qual Dona Milta trabalha. Na sala, uma geladeira azul; três sofás em napa, um dos quais coberto com uma colcha; e uma estante. Na estante, nenhum livro, muitos bibelôs de modelos bem populares, fotografias em molduras, jogo de copos, caixas de sapato tampadas e a televisão, que foi desligada tão logo a entrevistadora chegou à casa.

Seu Milton, 45 anos, cursou até a quarta série também na fazenda, mas, segundo ele, em escola “*mais graduada*” do que a escola freqüentada por

Dona Milta. Seus pais são analfabetos, mas como é, segundo o filho, “*trabalhador*” e “*inteligente*”, “*conseguiu adquirir alguma coisa com muito trabalho*”. A fazenda onde a família de Seu Milton morou pertence ao seu pai, “*só que no tempo que a gente era criança, ele não tinha nada*”.

Seu Milton é o segundo filho de uma família de sete irmãos, quatro homens e três mulheres. “*Não tenho nenhum irmão que estudou mais que eu*”, todos estudaram até a quarta série.

Dona Milta, 35 anos, cursou somente até a terceira série, na fazenda. Ela se casou muito cedo, com quatorze anos, e já aos quinze teve o primeiro filho; por isso é que, segundo Niulmar, “*não teve muita oportunidade de estudar*”. Sua mãe é analfabeta e seu pai chegou a freqüentar a escola, mas, segundo ele próprio, “*meu estudo não valeu nada, estudava uma semana, falhava seis meses, um ano ((risos)), nunca valeu pra mim... o que sei mal dá prá assinar o nome, sou analfabeto*”. O pai de Dona Milta também conseguiu, com muito trabalho, segundo Seu Milton, adquirir uma “*fazendinha*”.

Dona Milta é a primeira filha do segundo casamento de seus pais. Do primeiro casamento do pai, tem três irmãos; do primeiro casamento da mãe, dois. Da nova união nasceram mais dez filhos, dos quais uma faleceu recém-nascida. Dos quatorze filhos vivos, um filho se formou em Administração de Empresas, em Curitiba; um irmão concluiu o segundo grau; uma irmã concluiu o primeiro grau e duas irmãs, em 1999, concluíram o ensino fundamental. Os nove filhos restantes não concluíram o ensino fundamental.

A entrevistadora teve a oportunidade de ver as fotos do casamento dos pais de Niulmar. As imagens mostram pessoas vestidas de forma simples, em ambientes bastante modestos. Os presentes recebidos na ocasião também foram fotografados e são também muito simples.

Niulmar tem apenas um irmão, Nilo, três anos mais velho do que ele. Nilo tem, segundo os pais, “*problema de cabeça*”... “*uma mancha no cérebro*”... “*sofre tipo uns choques*”, e por isso se submete a tratamento na capital do Estado desde que era criança. Em função disso, interrompeu os estudos na terceira série do ensino fundamental. Segundo Niulmar, as crises de Nilo se parecem com ataques epiléticos, mas não se trata de epilepsia: “*... de repente*

ele pára, as mãos dele fecham, ele contrai os nervos todos... ele fica de pé, normal... a gente tem que agarrar as mãos dele porque ele joga as mãos contra o corpo, contraindo... ele perde a consciência por uns 15, 30 segundos” e, por causa do doença, ele tem problemas de aprendizado, “ele não consegue segurar muita coisa, ele assimila, mas de uma forma mais lenta”. Além disso, Nilo diz não gostar de estudar, “eu não quero estudar mais não, não sou muito chegado”. Nilo auxilia a mãe no preparo das quitandas e, quando a família mudou-se para a fazenda, ele auxiliava o pai na “tiração de leite”, tarefa que, segundo o pai, realiza muito bem, “melhor que eu”.

Há na residência uma coleção de livros de literatura brasileira, adquirida por Niulmar recentemente; quatro dicionários; livros espíritas que pertencem a Seu Milton. Não há enciclopédia: “*eu queria comprar uma mas não dei conta*”, disse Niulmar. A família não possui assinatura de revistas ou jornais.

Seu Milton compra o jornal “Folha do Sudoeste”, editado semanalmente, com freqüência: “*compro direto, é o único que eu dou conta [de comprar]*”. A parte preferida do jornal para Seu Milton são os classificados, “*pra vê se dá conta de comprá às veze um terreno, um carrinho... eu olho pra vê o preço que tá as coisas, né*”. Disse que, quando tinha tempo, lia romances espíritas com freqüência, e fazia palavras cruzadas.

Dona Milta disse que lê pouco em função da falta de tempo, “*eu abro o jornal, uma coisa que chama atenção eu leio*”. A parte preferida do jornal é o horóscopo.

Na quitandaria, há muita necessidade de escrever, porque “*tem que anotar se você vende fiado, o nome dos bolo, o preço... é o dia inteiro escrevendo*”. Seu Milton não possui agenda, mas marca num “*caderninho*” todos os seus compromissos, “*agendinha de pobre*”. Sempre fazem lista de compras, Dona Milta dita e Seu Milton anota o que deve ser adquirido: “*se ele não fizer a lista, ele não chega com nada em casa*”, “*senão eu não alembro*”. Durante o tempo em que Niulmar permaneceu na cidade sozinho, a família trocava bilhetes, com alguma freqüência, que iam pelo motorista do ônibus ou pelo leiteiro.

Trajetória escolar de Niulmar: muito esforço

Para os pais, Niulmar foi sempre “bom” aluno em todas as disciplinas. Para o pai, ele *“desde pequeno só tem dado alegria pra nós, estudioso, inteligente. Até hoje ele nunca bombou. Até hoje ele só tira notas boas, ele nunca tirou nota fraca”*. Segundo os pais, ele sempre estudou bastante, *“esforça muito”*.

Dona Milta considera que Niulmar ingressou na escola com muitos conhecimentos, *“ele gostava muito do programa da Xuxa. Ele aprendeu o abecê todinho com a Xuxa, antes de ir para escola. Ele tinha quatro, cinco anos, ele aprendeu tudo com a Xuxa. Quando ele entrou pra escola, ele sabia tudo”*.

Da primeira à quarta série, Niulmar estudou em uma instituição de ensino público ligada à Igreja Católica, administrada por freiras¹. A escola, naquela época, não misturava meninos e meninas, estas estudavam à tarde e aqueles pela manhã. Segundo a diretora na época em que Niulmar foi aluno, essa escola foi *“fundada para atender aos carentes, aqueles que não tinham chance de ir numa escola particular”*. Trata-se de uma escola *“conveniada”*, ou seja, *“o Estado paga somente o funcionalismo, professores e funcionários, mas toda a escola tem que ser mantida com a taxa que a Secretaria de Educação permite que seja cobrada [atualmente R\$ 6,00 por mês de cada aluno]”*.

Ana, sua professora na primeira série (alfabetização), contou que Niulmar já nessa época *“era destaque”*. No início do ano letivo, segundo ela, Niulmar parecia um *“menininho assustado, de olho arregalado, parece que assim um pouco ansioso”*, mas, em pouco tempo, *“ele foi se destacando, ele foi deslanchando”*. Muito rapidamente, para essa professora, Niulmar compreendeu o *“método silábico”*, através da *“Cartilha Caminho Suave”*.

Essa professora contou que Niulmar se destacava em relação aos outros meninos da turma.

¹ A mesma em que estudaram Elisa e Paulo Roberto.

“Apesar do nível social e econômico deles serem mais ou menos parecido, o Niulmar era um menininho que se destacava [...] muito organizado, muito limpinho, a roupa sempre limpinha, o material dele organizadíssimo. É um menino assim que aparecia entre os outros”.

Até na caligrafia, Niulmar se destacava. Para essa professora, ele era *“caprichosinho com a letra, era aquela letra que parecia de menina”*.

Embora facilmente se destacasse dos colegas de classe sob vários aspectos, a professora Ana não observou, durante a primeira série escolar de Niulmar, qualquer tendência à competitividade. Ana afirmou que Niulmar sempre teve *“muita facilidade”* de aprendizagem, *“ele sempre teve uma facilidade de assimilar assim rápido”*, por isso *“quando chegou no mês de maio, junho, ele já estava lendo. Ele já tinha assimilado o que que era o silábico, então ele já estava lendo”*. Quando Niulmar terminava sua tarefa, ele e outros que também já haviam terminado ajudavam, a pedido da professora, os alunos com mais dificuldade. *“Os colegas viam a ajuda de Niulmar com naturalidade, os que terminavam primeiro ajudavam os coleguinhas”*. Essa tendência à não competição foi confirmada pelo professor de História do primeiro ano do ensino médio, Marcelo. Ele disse que, por Niulmar *“não ser nada competitivo”*, ele ajudava os colegas que o procurassem. Lembra-se particularmente de uma aluna que foi transferida para a Escola Técnica no meio do ano e recebeu muita ajuda de Niulmar.

Niulmar já conhecia a professora Ana antes de ingressar na escola. Eram vizinhos antes de a família de Niulmar se mudar para a cidade: *“a família do pai do Niulmar tinha uma fazendinha bem pequenininha dentro da fazenda do meu pai [...] os pais da Milta também, era tudo na mesma região”*. Em função desse relacionamento, a professora Ana avalia que havia uma relação de afetividade *“muito grande”* que pode ter contribuído para a escolarização de Niulmar: *“isso ajudou muito o Niulmar porque ele já sabia quem era eu”*, além de facilitar muito o contato com os pais: *“aí foi muito fácil pra gente tá entrosando”*. Apesar disso, Niulmar não apontou a professora Ana como significativa em sua escolarização. O nome da professora Ana só surgiu na entrevista com a família dele.

Niulmar não participava muito de atividades extra-classe promovidas pela escola nas quais fosse preciso falar em público, como recitar poesia ou participar de representações teatrais. Para Ana, *“ele era mais caladinho, mais na dele; não era muito de participar de apresentação de teatro. Era mais na dele. Parece que jogralzinho ele quis participar, mas assim aquelas outras atividades que tinha que aparecer mais... ele era mais na dele”*.

A professora Ana contou que estimulava os pais de Niulmar a incentivarem no filho o hábito de fazer leitura em casa: *“Compra alguma coisa pra ele ler, gibizinho, alguma historinha”*. E os pais de Niulmar, segundo ele, atendendo à sugestão da professora, adquiriam gibis, que ele passou a ler com frequência. Segundo Dona Milta, *“toda vida ele gostou muito, desde que começou a ler, ele gostava... e ele tinha bastante”*.

Essa professora contou ainda que Niulmar, além de se destacar pelo seu desempenho escolar, era também um aluno bastante disciplinado. *“Nunca teve problema com disciplina, nunca. Agressividade nunca apresentou, nunca apresentou problemas, brigar na escola nunca, de jeito nenhum, nada, nada, nada mesmo”*.

Niulmar, segundo a professora Ana, sempre fazia as tarefas de casa. *“Tudo, tudo, tudo, nunca esquecia”*.

Da quinta série do ensino fundamental à primeira série do ensino médio, Niulmar estudou na Escola Técnica Federal, instituição pública.

Na quinta e sexta séries, integrando a mesma turma que Adriana e Elisa, foi aluno do professor Sérgio. Niulmar gostava – de acordo com esse professor – de construir textos humorísticos e se saía muito bem nessa tarefa. Segundo Niulmar, esse professor era bastante exigente. Além de terem lido muitos textos, fizeram muitas análises gramaticais. *“Ele gostava que a gente lesse e soubesse o que estava lendo”*. Esse professor disse que o Niulmar era *“muito bom pra escrever, mas muito tímido, muito calado”*, e atribuiu sua timidez ao fato de Niulmar ser *“gordinho”*², e os colegas pegarem *“no pé dele”*. Niulmar, entretanto, disse que não tinha qualquer complexo com o fato de ser

² Atualmente Niulmar não é *“gordinho”*. Emagreceu bastante durante o tempo que morou sozinho na cidade.

mais gordo que os colegas. “*Nem um pouquinho*”, disse ele brincando, “*eu já nasci gordinho*” ((risos)).

Foi em meados do ano de 1995, quando Niulmar cursava a sexta série, que os pais dele foram para a fazenda. Só retornaram em janeiro de 1998, quando Niulmar já estava aprovado para a primeira série do ensino médio.

Na sétima e oitava séries, Niulmar foi aluno da professora Márcia. Tanto o professor Sérgio como a professora Márcia foram apontados por Niulmar como significativos para o desenvolvimento de sua capacidade de comunicação. Para Niulmar, Sérgio priorizou a parte gramatical e Márcia, a leitura e a produção de textos, “ela mostrava que às vezes se poderia dizer outra coisa com alguma palavra diferente, era assim que ela trabalhava”. Nessa época produzia muitos textos, a maioria narrações. As leituras que fazia o ajudavam, já que era nelas que ele se inspirava para criar suas histórias, “*não tenho muita criatividade, então às vezes eu puxava por alguma coisa que eu tinha lido, misturava uma história com outra e no final até que saía alguma coisa interessante*”. A professora Márcia contou que Niulmar foi sempre um aluno muito atento e disciplinado, que produzia bons e longos textos, com organização “*que chamava a atenção*”.

Na primeira série do segundo grau, com outra professora, Niulmar teve seu ritmo de escrever bastante interrompido. A professora de português dessa série, Olga, não solicitava que os alunos produzissem muitos textos, ocupando-se mais com a parte gramatical. Também não leu muito durante esse ano, porque a professora, que também lecionava literatura, “*conta mais a história da literatura, não pratica muito a literatura*”.

Um dos seus trabalhos escolares foi destacado por Marcelo, professor de História na quinta série, de Ensino Religioso na oitava, e de História na primeiro ano do ensino médio.

“*Ano passado, ele fez um trabalho sobre a Revolução Francesa que eu até brinquei: ‘Tá sabendo mais do que eu’. Ele leu um monte de coisa... Sobre esse trabalho, ele deu uma ótima explicação em sala de aula*”.

Para esse professor, Niulmar é um aluno “*aplicado*”, “*perfeccionista*”, “*interessado*”, “*caprichoso*”. “*Os trabalhos dele eram bem diferentes da maioria, bem escritos, boa capacidade de argumentação*”. Outro destaque apontado por Marcelo ao Niulmar está relacionado à participação freqüente dele ao cine-clube da escola.

Niulmar considera ter lido bastante. Para a escola, entretanto, só se lembra de ter lido “*Inocência*”, de Visconde de Taunay. Todas as outras leituras que fez foram extra-escolares. Dentre os clássicos lidos por ele estão “*Memórias Póstumas de Brás Cubas*”, de Machado de Assis, “*Primo Basílio*”, de Eça de Queiroz, além de muitas poesias de Manoel Bandeira. Leu também muitos “*livros de aventura*”, de cujos títulos ele não se lembra, “*mas eu lia quase tudo... inclusive eu ficava mais na biblioteca do que em casa*”. Niulmar, quando ainda não trabalhava, permanecia na escola durante todo o dia, tinha aulas apenas à tarde, mas pela manhã e à noite permanecia na biblioteca da escola. Dos livros espíritas que há em sua casa, Niulmar só leu “*um ou dois*”, quando ia para a fazenda visitar os pais, “*para passar o tempo*”. Atualmente, em função do trabalho e da escola, Niulmar tem pouco tempo para a leitura: “*tenho lido muita coisa de escola, porque agora tá meio apertado*”.

Em 1999, passou a estudar em colégio particular. Para ele, a Escola Técnica “*vai mais pro lado social*”, e a escola que escolheu “*é mais conteudística*”. “*Tô querendo prestar vestibular então eu acho que o [nome da escola] tem um preparo maior pra quem quer prestar o vestibular*”. Das três escolas particulares da cidade, apenas duas foram consideradas por Niulmar quando de sua escolha: a outra, além de ser muito mais cara, não apresentava, segundo ele, “*boas referências*”³. Dentre as duas selecionadas, a escolhida era à época a mais barata: “*quando eu olhei as mensalidades, o [nome da escola] estava mais barato*”⁴. Seu Milton contou que Niulmar foi estimulado a mudar de escola pelos próprios professores, em função da baixa qualidade da Escola Técnica. O professor Marcelo confirmou que sugeriu que Niulmar procurasse outra escola. Mas, para o pai, a Escola Técnica é a “*maior paixão*” do Niulmar,

³ Em outra entrevista, Niulmar esclareceu que, na verdade, quase não ouvia falar dessa escola. Então não ter “boas referências” deve ser entendido como não ter referência nenhuma.

“de vez em quando ele vai lá dá uma voltinha... só saiu de lá porque tava meio fraco”. Para Niulmar,

“o primeiro grau eu achei maravilhoso, muito bom. Agora o ano passado eles pisaram na bola, principiamente porque eles tiveram dificuldade em adaptar os cursos técnicos para o ensino médio... a LDB mudou tudo. Teve muito pouco História, Geografia era uma troca de professor danada, praticamente não viu nada. Literatura a gente não teve, viu muito pouca coisa”.

A mobilização familiar... apesar da baixa escolaridade dos pais

Ficou muito claro na entrevista que os pais de Niulmar sentem um profundo orgulho pelo sucesso que ele tem alcançado, tanto na escola como no trabalho. “É só motivo de alegria”.

“Fui pegá a carteirinha dele no [nome do colégio] aí a diretora lá mais a coordenadora falaram pra dá os parabéns pro Niulmar que ele merece”.

Nunca foi necessário, segundo os pais, exercer qualquer tipo de cobrança para que Niulmar fizesse suas tarefas escolares ou estudasse para as avaliações. Segundo a mãe, “nunca foi preciso de cobrança”.

Apesar disso, o acompanhamento exercido por Dona Milta e Seu Milton da trajetória escolar de Niulmar foi percebido pela professora Ana. “Apesar da escolaridade baixa, eles ajudaram muito”. Segundo essa professora, Dona Milta ia levar o filho à escola todos os dias, e “ela ficava esperando o sinal tocá e a turma entrá, só aí ela ia embora. Quando a gente saía, tocava o sinal e ela já estava ali esperando”. Além disso, essa professora confirmou que os pais de Niulmar participavam de todas as atividades promovidas pela escola: “se tinha uma festinha das mães, se tinha uma comemoração qualquer, se tinha uma festa junina, os pais estavam sempre

⁴ Atualmente essa escola não é a mais barata da cidade, perdendo para a instituição de ensino onde

junto". Nas reuniões de pais, era Dona Milta quem estava sempre presente, mas Seu Milton, segundo a professora Ana, aparecia sempre na escola também. Para essa professora, então, os pais de Niulmar não o ajudavam a fazer as tarefas, não só em função da baixa escolaridade deles, mas também porque Niulmar, quase sempre, não precisava de ajuda, mas estavam, principalmente a mãe, sempre presentes para verificar se elas haviam sido feitas.

"A gente não tinha aquela preocupação com a família, a gente preocupava mais em fazer na sala de aula, porque a maioria das crianças não tinha condição dos pais atenderem em casa, inclusive o Niulmar".

Para ela, a mãe de Niulmar era muito *"protetora, mas não era aquela proteção assim excessiva, não"*. Niulmar, para Ana, foi sempre *"bem cuidado"*, *"essa assistência assim, de amor e de carinho nunca faltou pra ele, não"*.

Até mesmo o Seu Maricildo, primeiro delegado fiscal com o qual Niulmar trabalhou, reconhece que há por parte dos pais dele uma preocupação especial com a formação do filho. Seu Maricildo disse que Niulmar é *"um menino de berço"*, porque tem *"uma família que se interessou em cuidar da educação dele... é o interesse dos pais em ver o filho progredir"*.

Mais recentemente, depois que Niulmar passou a estudar em colégio particular, é Seu Milton quem tem ido às reuniões de pais e professores promovidas pela escola; e foi ele também que acompanhou Niulmar quando este foi fazer matrícula. Niulmar, mesmo considerando que já tem uma *"semi-independência"* financeira, não vê nada de errado no fato de seu pai participar das reuniões da escola, até porque ele tem dois colegas de classe que também trabalham e os pais deles também participam das reuniões.

Durante a época em que os pais estavam na fazenda, os tios com quem Niulmar morava quase não iam às reuniões, *"só iam quando havia muita necessidade mesmo"*. *"Inclusive na minha formatura de oitava série ficou só eu, meus pais não puderam vim"*.

Além de estudioso, para os pais, Niulmar foi sempre disciplinado. Dona Milta disse que *“ele nunca gostô de brincá na rua; Inclusive a gente morava lá no conjunto e muitos vizinho nem conhecia ele, porque ele não ficava na rua”*. Niulmar contou que

“Eles sempre protegiam demais, a gente queria brincar na rua mas eles tinham assim um pouco de receio da gente saí e tal, brincá. Sempre foi um pai coruja demais, então nunca deixaram a gente e logo a gente aprendeu a não gostar de ir pra rua... a gente mesmo evitava de ir”.

Seu Milton afirmou que nunca foi preciso mandar o Niulmar dormir, *“ele nunca foi de ficar muito tarde vendo televisão... toda vida ele foi muita responsabilidade. Ele alembra de amanhã os afazeres dele e sempre ele deita cedo; às vezes ele não assiste nem a novela toda”*.

A falta de oportunidade dos pais em relação aos estudos faz com que, segundo Niulmar, eles queiram dar a ele “o que não tiveram”, por isso desejam muito que pelo menos o Niulmar conclua o curso superior, *“queria ver se a gente dava conta de formar os dois, né. Se o Nilo resolver estudar um dia, a gente vai dar toda força pra ele”*.

Tanto Dona Milta quanto Seu Milton sabem em que série se encontra o Niulmar, e em que série os estudos de Nilo foram interrompidos. Isso mostra um certo acompanhamento do que ocorre com a escolaridade dos filhos. Entretanto, talvez devido à baixa escolaridade dos pais, é possível que esse acompanhamento não seja tão efetivo.

Os pais de Niulmar concordam ao afirmar que Niulmar muito dificilmente tinha necessidade de ajuda para as tarefas escolares. Ao contrário, *“ele ajudava os colegas”*. Mas, se acontecia de o filho precisar de ajuda, era principalmente a mãe que a prestava. *“Às vezes alguma coisa que eu não soubesse, eu procurava no livro, mas é muito pouco que ele procurava, sempre ele fez tudo sozinho”*. Esse apoio familiar, está claro, só aconteceu nas séries iniciais já que a escolaridade dos pais de Niulmar não permitia que eles continuassem a ajudar o filho ao longo de sua trajetória escolar.

No início de sua trajetória escolar, Niulmar não possuía livros de literatura, mas possuía gibis adquiridos pelos pais. Seu Milton e Dona Milta não

contavam historinhas para os filhos, quando crianças, segundo Niulmar, “*porque não sabiam muitas estórias ou esqueceram*”. Sua mãe contou que ele gostava muito de assistir a desenhos infantis na televisão. Niulmar lembra-se de ver na TV Cultura programa em que histórias infantis eram encenadas, mas isso aconteceu quando ele já tinha uns doze ou treze anos.

Atualmente não há aparelho de vídeo cassete na residência de Niulmar. Mas, quando havia, Niulmar assistia a alguns filmes alugados em locadoras. Mas é possível que esses filmes tenham pouco contribuído para a trajetória de Niulmar, já que ele não se lembra de nenhum dos títulos que viu. Seu Milton contou que preferia comédias enquanto os filhos preferiam os filmes de ação.

A mobilização do próprio Niulmar pode ser apontada como fundamental para o “sucesso” escolar alcançado por ele. Niulmar foi sempre muito estudioso, não só segundo os pais, mas também segundo os professores. A professora Márcia afirmou que Niulmar “*é muito determinado, é muito estudioso... ele tem essa característica: é muito estudioso*”. O professor Marcelo também aponta como característica que se destaca em Niulmar o fato de ele ser “*aplicado*”, “*ele é esforçado*”.

São vários os fatos da vida de Niulmar que reforçam a idéia de que ele investe em sua formação. O primeiro e mais significativo foi o de Niulmar ter decidido permanecer sozinho na cidade para continuar os estudos quando a família foi obrigada a mudar-se para a fazenda. O segundo é o de que deixou de morar na casa dos tios, segundo a mãe, também porque lá não encontrava ambiente favorável ao estudo, “*às vezes ele tava querendo estudá e não tinha como ele estudá*”. E o terceiro, também bastante significativo, é o fato de Niulmar ter decidido mudar de escola, por concluir que o ensino na Escola Técnica não o prepararia para o vestibular.

O processo de socialização de Niulmar: a ausência de diálogo

Niulmar contou que os pais quase não conversavam com ele, “quase nenhum dos dois, porque a gente não tinha um diálogo muito bom dentro de casa”.

“Quando a gente morava primeiro aqui, meu pai nunca foi muito santo... ele tinha outras mulheres, minha mãe descobriu isso, aí gerou um certo conflito dentro de casa... tava difícil de conversar alguma coisa... Eu, quando não tava na escola, fazendo algum curso, tava à noite em casa e eles tavam trabalhando. Eles ficavam até oito, nove horas no comércio, só iam pra dentro depois disso. Chegavam em casa ou eu já estava dormindo ou então os dois tinham alguma coisa assim e tal, os dois entravam pro quarto, trancavam a porta e pronto. Então quase não dava pra conversar e vai criando aquele receio de conversar... Pouco tempo pra cá que eu fui melhorando”.

Apesar dessa quase ausência de diálogo, Niulmar diz que se relaciona bem com os pais, “eu me dou muito bem com eles”, e que não há nenhum conflito entre eles: “quando a gente começa a gerar um conflito, um afasta do outro, tal, um pouquinho... pra não virar nada... e acaba tudo em risada”. Mesmo com o irmão, Niulmar disse que tem um bom relacionamento: “de vez em quando a gente tem uma discussãozinha, mas é raro, muito difícil”. Para Niulmar, o pai não é mais “bravo” como era quando os filhos eram mais novos: “quando tinha que bater, era ele que batia”. A mãe, ao contrário, é, para Niulmar, um “anjo”, “trabalha muito e ainda acha tempo pra gente”. Segundo Niulmar, quando acontecia alguma coisa, a mãe, que “é mais aberta ao diálogo”, era quem conversava com ele. “Eu sempre fui mais apegado à minha mãe do que ao meu pai”. Dona Milta confirmou que, quanto às curiosidades dos filhos, era principalmente ela que as satisfazia. “Acho que mais era eu. O Milton sempre explica também, mas parece que eles achava que procurá pra mim que eu ia explicá pra eles.

Quando a família estava prestes a ir para a fazenda, entretanto, Seu Milton e Dona Milta conversaram com o filho. “Eles chegaram... tinha lá o meu quartinho... chegaram, tal, sentaram na cama: ‘Olha, Niulmar, a gente

descontrolou e tal, não dá mais, a gente vai ter que mudar pra fazenda. Você prefere ficar e estudar ou você prefere ir com a gente?”.

Participação em outros grupos: a importância do trabalho na delegacia fiscal

O trabalho na delegacia fiscal trouxe muita influência ao desenvolvimento lingüístico de Niulmar. Ele não atende o público, fica *“quase que quatro horas sentado na frente do computador”*. Apesar disso, Niulmar acredita que a experiência na delegacia tem trazido muitas contribuições à sua capacidade de comunicação, tanto escrita como oral. O trabalho, embora não atenda ao público, o obriga a conversar com muita gente, principalmente nas reuniões de serviço, e isso contribui para a diminuição de sua timidez.

Um dos chefes que Niulmar teve, Seu Maricildo, teve particular participação nesse processo.

“Eu sempre falei pra ele estudar mais, pra se dedicar mais ao estudo, ao trabalho, que só o curso da Escola Técnica era pouco pra ele, que ele tinha que crescer mais, que ele tinha que ter mais aspirações no futuro”.

Além disso, ele se preocupava em ensiná-lo a redigir documentos, *“ofício, memorando, algum comunicado, esse tipo de coisa”*, e Niulmar diz ter aprendido muito com ele.

“Quando eu entrei na Delegacia, primeiro emprego, aquele medão e tal, era o Seu Maricildo que era delegado lá, ele foi super legal, apesar de muita gente discordar disso, né, comigo, pessoalmente, ele era uma pessoa muito aberta. E sempre tentava fazer com que o funcionário melhorasse do ponto de vista dele. Ele pedia pra quase todo mundo redigir muita coisa, lê muito, gostava muito disso, porque ele queria ver os funcionários dele tendo uma evolução a cada dia. [...] E como eu tava ali no computador ele já mandava tudo pra lá e dizia ‘Redige’. Aí eu passei a redigir, ofícios, todo tipo de correspondência.”

Seu Maricildo, segundo Niulmar, corrigia os textos que Niulmar produzia de forma a lhe mostrar sempre uma forma melhor de redigir: *“ele corrigia bastante, corrigia, mostrava como deveria ser feito, explicava porque que era aquilo, porque não basta mostrar, dava uma aula, praticamente”*. Seu Maricildo contou que realmente não gostava de *“engolir a redação dos outros”*, e sempre alterava alguma coisa nos ofícios redigidos pelos funcionários, *“não tudo”*:

“Era rigoroso com o português. Fui professor de português... antes de entrar pro Fisco, eu fui professor. Fiz curso de português vernáculo aqui na UCG”.

Judite, funcionária da Delegacia, confirmou que Seu Maricildo era realmente *“muito criterioso com o português”*, e disse que o Niulmar tinha facilidade para escrever: *“ele tinha idéias ótimas, o português dele é muito melhor que o meu [...] ele me ajudou muito a fazer ofício pro Delegado”*. Seu Milton contou que Seu Maricildo *“gostava demais dele [Niulmar], levava ele pra Goiânia, levava ele pra casa dele... ficava era junto com ele, em todo lugar. Então punha ele muito pra falar os discurso, nas festa punha ele pra lê”*. Judite também confirmou essa relação próxima entre Seu Maricildo e Niulmar: *“ele levava o Niulmar pra almoçar”*.

Niulmar confirmou que, realmente, Seu Maricildo o ajudou também na expressão oral,

“quando eu entrei lá eu não falava com ninguém. Quando eu falava, eu falava baixinho. Aí ele... foi locutor uma época... ele tinha uma voz bem... acentuada, uma voz boa. Aí ele pegava, olhava em mim e dizia ‘Um dia vou fazer esse menino narrar’. Ele puxava muito pro lado da voz, pro lado do diálogo.”

Judite contou que Seu Maricildo estimulava seus funcionários a falarem em público, *“ele gostava muito disso, da gente ir lá na frente falar”*. Segundo Niulmar, Seu Maricildo promovia festas em que *“contribuintes e contadores”* eram convidados: *“ele sempre gostava de falar alguma coisa. E sempre que ele falava, ele pedia pra eu falar alguma coisa também”*. Niulmar, então, habituou-se a preparar sempre algo para falar nessas ocasiões, *“sobre a vida da delegacia, sobre a relação contribuinte/contador, contador/delegacia, esse tipo*

de coisa”. Uma das primeiras vezes em que Niulmar falou em público nesse tipo de evento foi em uma festa promovida em homenagem ao Seu Maricildo, que completava na ocasião anos de administração da Delegacia Fiscal da cidade. Nessa festa estiveram presentes várias autoridades, inclusive, segundo Niulmar, o Governador do Estado. Niulmar foi o escolhido para ler a placa de homenagem e o fez, segundo Seu Maricildo, muito bem. Outra contribuição do Seu Maricildo, apontada por Niulmar, foi um curso promovido por ele sobre Recursos Humanos, com instrutores vindos da capital do Estado, sobre *“como relacionar bem com as pessoas”*. Seu Maricildo, apontado por muitos, segundo Niulmar, como *“muito autoritário”*, teve, assim, grande significação para a vida de Niulmar, e não só para sua vida profissional: *“eu gostava dele, gostava bastante; a gente tinha uma amizade muito boa”*. Judite confirmou que o relacionamento entre Niulmar e Seu Maricildo era *“muito bom”*, *“a relação deles era de muita amizade, muita confiança... O Niulmar era o braço quase que direito do Seu Maricildo”*. Em fevereiro de 1998, Seu Maricildo foi transferido para outra cidade.

Antes disso, Niulmar, segundo ele mesmo, *“passava mal quando ia pra frente, as mãos gelavam e eu começava a ficar tonto”*. É possível afirmar, então, que o emprego de Niulmar foi fundamental para transformá-lo em uma pessoa menos tímida. Judite confirmou que Niulmar, antes *“muito caladinho”*, *“hoje é muito mais desprendido, ele se solta muito mais... pra qualquer um que você perguntar isso aqui na Delegacia vai te falar a mesma coisa”*. O depoimento de Seu Maricildo também reforça essa idéia

“É... realmente ele ficou mais aberto, se relaciona melhor, perdeu aquela insegurança que ele tinha parece de conversar com as pessoas [...] Ele quebrou a barreira de falar em público. Ele desinibiu muito, cresceu muito, muito mesmo. A maneira dele se relacionar com os colegas e a maneira dele atender os contribuintes que iam à delegacia, a gente sentiu que ele cresceu, que ele sabia já dá uma seqüência pra uma conversa... e foi passado pouco tempo, não foi muito tempo não. Ele desinibiu com o trabalho.”

A mãe de Niulmar também concorda com isso, *“o emprego ajudou ele a se soltar... ajudou bastante”*.

É possível afirmar que Seu Maricildo tenha contribuído, inclusive com a héxis corporal (BOURDIEU, 1994b) de Niulmar. Ele procurava mostrar a Niulmar não só o que dizer, mas também o como fazê-lo: “*Sempre que eu ia falar com ele, ele corrigia também a postura quanto a falar, ‘fala mais alto, fala mais baixo’*” ((risos)).

Hoje Niulmar é um funcionário que, mesmo fazendo parte de um programa especial para menores de idade, iguala-se em competência a muitos funcionários “*concurados*” ou “*comissionados*”. Segundo Judite, “*ele consegue substituir quase todo mundo já aqui, pelo tanto que ele é esperto*”:

“Ele sempre foi assim muito esforçado... muito interessado... muito curioso. Por exemplo, no computador, ele chegou aqui ele tinha feito um cursinho, hoje ele conhece o sistema da Secretaria da Fazenda como nenhum outro funcionário, e isso foi desde o princípio, porque tem um rapaz que tá aqui bem mais primeiro que ele e ele supera [...] todo mundo fala assim: ‘Nossa, se o Niulmar trabalhasse aqui comigo!’, isso é a voz geral aqui.”

Outra característica atribuída a Niulmar que o ajudou no trabalho foi a criatividade nos programas criados no computador. Segundo seu Maricildo, “*ele era criativo, criava as coisas*”. Além disso, segundo Judite, Niulmar tem bom relacionamento interpessoal com todos com quem trabalha, “*tão prestativo, deixa as coisas dele pra ajudar todo mundo*”. Por isso, Judite diz que Niulmar “*é uma pessoa assim que todo mundo aqui admira [...] é o filho que toda mãe gostaria de ter [...] é um menino de ouro*”. Seu Maricildo também acredita que “*todo o grupo gostava muito dele*”, e isso o ajudou.

Niulmar participou também de outros grupos. Participou do Clube de Ciências, quando estava na sexta e na sétima séries, chegando até a se tornar vice-presidente do Clube, mas quase não havia necessidade de falar: “*a gente quase não falava, a gente praticamente só estudava. Era mais um grupo de estudo do que um Clube de Ciências*”. Logo depois, participou de grêmio estudantil. Participava das reuniões do grêmio e conversava normalmente com seus companheiros, mas, quando era necessário ir às turmas para passar alguma informação, Niulmar nunca era o porta-voz do grupo, deixando essa tarefa para outro componente do Grêmio.

Atualmente Niulmar participa de um grupo de jovens da Igreja Católica. Reúnem-se todos os domingos, *“a gente canta, brinca e discute alguns problemas”*. Segundo Niulmar, ele *“tem falado bastante no grupo de jovens”*

Os pais de Niulmar não participam de nenhum grupo, principalmente, segundo Seu Milton, por falta de tempo. Ultimamente têm, com alguma frequência, comparecido a missas na mesma igreja católica onde Niulmar participa do grupo jovem. Seu Milton e Dona Milta, entretanto, são casados em igreja evangélica, porque, segundo Seu Milton, *“havia pressa”* para que se casassem e, na igreja católica, o processo seria mais demorado. Considerando que, há algum tempo, Seu Milton lia livros espíritas, a família mostra, assim, alguma abertura no que se refere a religiões.

Maturidade

Uma característica que se sobressai em Niulmar é a maturidade que ele se atribui e com o que a família concorda. O fato de Niulmar incluir em seus planos futuros responsabilidade sobre os pais e o irmão reforçam essa idéia. Seu Milton afirmou, mais de uma vez, que considera o filho maduro. *“Eu acho que ele nasceu adulto... toda vida eu acho ele mais adulto do que eu”*. Isso faz com que o pai deposite muita confiança em Niulmar, *“então a gente tem só que confiá nele”*.

Judite disse que, desde o início do trabalho na Delegacia, Niulmar se mostrou sempre muito *“responsável”*, *“desde o princípio ele já inspirou confiança de todo mundo”*.

Para Niulmar, o fato de ele ter ficado longe dos pais por um tempo contribuiu para a aquisição dessa maturidade, *“quando a gente é criado muito protegido pelos pais, a gente muitas vezes não dá muito valor às coisas e acha que pode tudo”*. Por isso Niulmar considera que essa experiência *“foi ruim mas*

foi boa, foi ruim porque eu não tava acostumado a ficar longe deles e foi boa porque eu criei responsabilidade, maturidade". Isso faz com que Niulmar ache que o que aconteceu foi *"muito válido"*.

A decisão de permanecer na cidade, longe dos pais, entretanto, foi, segundo Niulmar, que à época só tinha doze anos, muito difícil,

"Eu escolhi estudar. Foi difícil. Foi muito difícil porque até então eu era muito apegado à minha mãe. Se eu tivesse separado dela, era um dia no máximo. Então eu pensei um pouco e falei que queria ficar e estudar".

Niulmar, no entanto, reconhece que um conjunto de fatores contribuiu para sua permanência na cidade,

"se eu tivesse ficado mais tempo sozinho, mais cedo, se eu não tivesse ido pra casa do primeiro tio, possivelmente eu não teria dado muito certo, teria talvez até largado de estudar e mudado pra fazenda".

A professora Ana também concorda com o fato de Niulmar ser maduro. Ela acredita que as dificuldades pelas quais Niulmar passou o ajudaram nessa aquisição de maturidade. Segundo ela, Niulmar conseguiria suportar alguns sofrimentos futuros justamente por já ter sofrido muito.

A perspectiva do futuro: uma coisa de cada vez

O sonho de Niulmar, revelado quando da entrevista com sua família, era fazer um curso superior ligado à computação. Os pais também conhecem esse sonho, *"ele gosta demais de computador"*, *"é a paixão dele"*. Mas na cidade onde moram não é oferecido nenhum curso da espécie. Em outra entrevista, contudo, Niulmar disse estar interessado em fazer Economia, curso também não disponível na cidade.

"Eu gosto de computação, mas ultimamente não estou mais ligado em computação. Eu desempolguei um pouco."

Sempre fui cobrado muito nesse aspecto de computação então eu acho que desestimula quando você é cobrado muito... cobrado por todo mundo. Vira e mexe aparece alguém pra alguma coisa em computador. Eu acho que desestimula. E quando você começa a mexer com computador, cê pensa que é tudo mil maravilhas... tem sempre uma novidade atrás da outra, mas no final é tudo igual [...] Economia é uma boa, principalmente nesse país que a gente vive”.

Não há, segundo Seu Milton, “possibilidade do Niulmar sair pra estudar porque a gente não dá conta... a gente não tem condições”. O próprio Niulmar demonstrou muita cautela ao falar sobre esse assunto:

“Hoje seria muito difícil ir para outra cidade, porque sempre que a gente não tá na cidade da gente já gera conflitos porque primeiro você não conhece ninguém na cidade, conhece mas conhece pouco... Gastos, eu teria gastos muito grandes, casa, tudo mais.. Mesmo sendo gratuita a faculdade, as condições dos materiais didáticos pra você fazer uma faculdade não são nada baratos. Mais os gastos com casa, transporte [...] Para mim entrar numa cidade como Goiânia, chego lá não tenho emprego, ou seja, até arrumar outro emprego é muito difícil... meus pais não têm condição muito boa [...] Tudo bem, daria pra eu estudar à noite e trabalhar durante o dia. Só que pra trabalhar durante o dia, primeiro eu preciso arrumar um emprego. Teria que ver se esse emprego daria pra manter uma faculdade”.

Niulmar, então, diz estar mais propenso a permanecer na cidade onde mora, “porque as condições são muito mais fáceis aqui do que lá”, mesmo isso significando ter que escolher outro curso. O mais provável, portanto, é que Niulmar tenha que escolher dentre os onze cursos existentes na cidade. Seu Milton deixou claro que gostaria que o filho permanecesse na Delegacia Fiscal. Nesse caso, o melhor curso, segundo eles, seria o de Direito. Entretanto, se não permanecer no atual emprego, Direito não seria a melhor opção, já que, segundo eles, a cidade está saturada desses profissionais: “Direito é um bom curso, um curso muito bom, só que cada esquina que você vai você tropeça com um advogado...”. E se a opção for a de advogar em outra cidade, segundo Niulmar, o exercício da Advocacia pode se tornar por vezes arriscado

“... e para sair daqui às vezes você não tem uma condição muito boa, você tem muito cliente, mas a sua

condição de vida não é boa, porque, por exemplo, meu pai tem dois amigos advogados no Pará que recebem ameaça de morte uma atrás da outra... então é uma vida muito difícil.”

Por isso, Seu Milton disse que “o que importa mesmo é ele se formar e sair bem em qualquer curso”. Apesar de todos os senões que atribui ao curso de Direito, Niulmar, por enquanto, está decidido a fazer esse curso embora não se veja como um Advogado:

“Pro momento isso já é uma decisão, porque até agora não tá vindo nenhum curso pra cá; eu não tô podendo sair daqui... então o melhor que tem é Direito [...] Administração é um ótimo curso mas não tem empresa pra você administrar aqui... Educação Física pra fazer o quê? Ser personal training de quem? Trabalhar numa academia, ser professor numa escola? ((risos irônicos))... Letras, Geografia, Matemática, esse tipo de coisa, nunca me atraíram, sempre vi esses cursos meio distantes de mim... Agronomia, Veterinária também são cursos que não me chamam a atenção. Eu não me vejo como agrônomo”

A intenção de Niulmar, então, é, depois de formado, prestar concurso para o Judiciário, para ser promotor, por exemplo. O sonho de cursar Economia, no entanto, não será esquecido

“Ainda tenho o sonho de fazer o curso de Economia, mas como Economia não dá por aqui, né, primeiro eu vou tentar me firmar por aqui, pra conseguir dinheiro pra fazer a minha Economia.”

Essa decisão de Niulmar mostra a preocupação dele em planejar somente aquilo que é exeqüível. Formar-se em Direito é, para ele, uma etapa necessária para depois fazer o curso superior que realmente deseja. Outro dado que reforça essa análise é que, depois da graduação, Niulmar tem vontade de prosseguir com os estudos, “queria ver se eu conseguisse chegar a um doutorado”, mas acha que “é muito difícil, é um caminho muito longo”. Esse sentimento de Niulmar de achar difícil chegar ao Doutorado justifica-se com o fato de saber que outras etapas deverão ser cumpridas antes dessa e, por isso, talvez seja muito cedo para falar sobre isso.

Niulmar, contrariando o desejo do pai, não tem vontade de permanecer na Delegacia Fiscal:

“o meu sonho mesmo era fazer uma coisa que eu pudesse deixar. Alguma coisa que um dia eu olhasse pra trás e pensasse ‘Eu fiz isso. Então eu acho que na delegacia eu não vou conseguir isso, o máximo que eu vou conseguir é um monte de gente me xingando pelas costas, que é o que acontece com quem trabalha dentro de órgãos de fiscalização. Principalmente os contribuintes não gostam nada da gente... tá na frente, tudo bem, mil maravilhas, mas virou as costas ...”

Perguntado se o curso de Direito vai permitir que ele possa ser lembrado por “alguma coisa”, ele disse que “num primeiro momento não... vai demorar”, o que novamente reforça que Niulmar tem consciência de que as etapas pelas quais ainda passará talvez sejam cumpridas em espaços de tempo maiores do que o normal.

Seu Milton acredita tanto na capacidade do filho que acha que ele não vai ser dispensado do emprego, quando completar 18 anos, como prevê o projeto, porque “ele sabe quase tudo”. “Ele é quase doutor... as pessoas vêm atrás dele direto, tarde da noite”. Para Niulmar, o pai deseja que ele permaneça na Delegacia Fiscal por acreditar na estabilidade que o emprego público oferece, para que Niulmar tenha “o que ele não teve”. Seu Maricildo também não descarta a possibilidade de Niulmar ser aproveitado em “cargo comissionado” pelo Delegado que estiver na administração da Delegacia Fiscal quando do término do projeto “Pró-jovem”, dada a capacidade dele. Seu Maricildo acredita, também, na capacidade de Niulmar de passar em um concurso público, não só para o Fisco, mas também pra outros cargos melhores, “de boa representatividade social e financeira... salarial”.

Os planos de Niulmar para o futuro incluem possuir “uma casinha, uma certa estabilidade financeira, não muito... porque muito dinheiro às vezes ainda atrapalha. Carro na garagem, um bom plano de aposentadoria e pronto, acabou”. Disse que se ele “casar, vai ser lá pelos vinte e cinco, vinte e seis anos e quero ter no máximo dois filhos, que criar filho não tá fácil não”. Niulmar inclui em seus planos tanto seus pais como seu irmão,

“sempre que eu penso em deixar eles e fazer uma casa, alguma coisa, eu penso em jogar eles no meio dessa casa. E arrumar alguma coisa pra eles fazerem enquanto eles tiverem comigo, principalmente o meu irmão”.

A maior tendência, segundo Niulmar, é, portanto, de ele ajudar os pais, ao invés de ser por eles ajudado, *“ser ajudado por eles eu acho difícil”*.

A professora Márcia acredita que o Niulmar vai conseguir fazer o curso superior que escolher em virtude de sua determinação. *“Ele é muito estudioso, ele se dedica a todas as disciplinas. Era um aluno que não tinha problema de ser bom em uma matéria e ruim em outra. Um aluno regular, constante”*.

A professora Ana também acredita que Niulmar conseguirá concluir um curso superior e se colocar no mercado de trabalho, provavelmente na área de exatas ou na área administrativa. A opinião da professora Ana se pauta principalmente pelo que tem observado em Niulmar recentemente. Sendo diretora do colégio onde Niulmar estuda atualmente, a professora Ana pode acompanhar seus resultados. Ele é um dos únicos alunos da escola que trabalham e, ainda assim, *“é um dos melhores alunos, no sentido de interesse, participação e aprendizagem”*. Também para essa professora, Niulmar é bastante determinado, *“ele demonstra muita vontade de vencer”*.

“Pé-no-chão”: esforço para conseguir um sonho de cada vez

O raciocínio da professora Ana é bastante lógico e encontra respaldo no senso comum, ou seja, uma pessoa que sofreu muito está mais preparada para enfrentar novas dificuldades. Entretanto, Niulmar, até por já ter sido submetido a uma série de agruras, durante o tempo em que sua família permaneceu na fazenda, sabe das dificuldades que terá pela frente, principalmente se se decidisse a estudar em outra cidade, longe da família. Além disso, Niulmar não descarta a possibilidade de que novos períodos de instabilidade financeira voltem a ocorrer, já que, para ele, Seu Milton:

“não consegue falar não, então todo mundo que chega ele vende fiado. Às vezes ele vai, reclama lá dentro, aí ele fica uns dois, três dias que ele quase não aparece lá na porta pra não vender fiado pra ninguém porque ele não resiste. A pessoa chega, pede... parece que ele sente medo de dizer que não pode”,

Não é só a família de Niulmar que deseja que ele permaneça na cidade onde moram. Niulmar também coloca obstáculos para não sair da cidade para estudar, tendo contra-argumentado com a entrevistadora a cada nova possibilidade apresentada por ela: não conhecer ninguém na cidade; ter muitos gastos, mesmo se a universidade for gratuita; não conseguir arrumar emprego; o salário ser muito baixo; precisar de alguém que o oriente na cidade até que ele consiga se adaptar. Por tudo isso, Niulmar já decidiu que fará Direito na cidade onde reside com os pais, adiando o sonho de fazer Economia para o futuro.

Até mesmo para permanecer trabalhando na Delegacia Fiscal, Niulmar vê muitos obstáculos, pois *“concurso público é muito difícil porque você tá concorrendo com pessoas que ficam vinte e quatro horas estudando, muita gente e muito bem preparada também. Então acaba que é meio difícil”*.

Por um lado, Niulmar pareceu sonhar pouco, ter desejos apenas do tamanho que ele considera poder alcançar, *“uma casinha... não muito dinheiro... carro na garagem, um bom plano de aposentadoria e pronto, acabou”*. Por outro lado, entretanto, Niulmar demonstrou ter sonhos grandiosos:

“Queria deixar alguma coisa pra que, quando eu morrer, alguém lembrar ‘Ah, o Niulmar, aquele fulano de tal que fundamentou isso’, porque eu acho que não adianta, tem um monte de gente nascendo e morrendo, nascendo e morrendo e ninguém sabe quem foi, não passa de um número. Eu não quero ser mais um número, eu quero ser um número que representa alguma coisa.”

O mais provável portanto é que Niulmar seja sensato o suficiente para saber que nada é fácil, o que exige muito esforço. Por isso, é preciso sonhar um sonho de cada vez.

O capital lingüístico

Niulmar, segundo ele, já conseguiu superar bastante a timidez, mas ainda se considera tímido. A prática de falar foi, para Niulmar, a forma que encontrou para vencer a timidez. Nesse sentido, o trabalho na delegacia fiscal, como já foi dito, o ajudou a se soltar um pouco mais: *“Quanto mais você fala, mais você vê que não é nenhum bicho de sete cabeças... a prática ajuda bastante”*. Niulmar considera sua capacidade de comunicação hoje como *“boa”*, *“não tremo tanto quanto eu tremia”*.

No início de sua escolarização, Niulmar era uma criança que falava muito pouco em sala. Segundo a professora Ana, da primeira série do ensino fundamental, *“era mais caladão [...] quietinho, caladinho, e ficava sempre na dele”*. Quando havia necessidade de auxiliar colegas com dificuldades de aprendizado, ele o fazia falando *“muito baixinho”*.

Todas as pessoas que foram entrevistadas a respeito do Niulmar atribuíram a ele a característica de calado. Judite, a colega de trabalho, também acha que Niulmar é *“caladinho”*, mas atribui essa característica não à timidez

“Assim caladinho que eu digo... ele nunca tem aquela fala sem precisão. Quando a gente vai falar com ele, ele sempre ouve, pensa pra responder, ele é muito sensato. É um caladinho que nunca prejudicou nada dele [...] ele é muito reservado”.

Niulmar acredita ter maior facilidade para falar do que para escrever. Mas diz não ter um vocabulário muito rico. Seu Milton também afirmou que ele *“gosta mais de falar do que de escrever”*.

Niulmar mostra bastante fluência verbal ao falar. Em uma das entrevistas ele descreveu os diversos setores da Delegacia Fiscal onde trabalha com bastante clareza e objetividade.

“Tem vários setores lá. Tem a própria AGENFA, que é onde os contribuintes vão pra tirar nota, esse tipo de coisa; às vezes quando quer guia pra transportar gado, isso é responsabilidade da AGENFA. Tem o NUBRE, que é o setor de

processos, quando tem alguma pendência, alguém foi fiscalizado, multado, e não pagou aí vai pro NUBRE; o NUBRE é que cuida dessa parte. A Assessoria Tributária que, quando alguém precisa de alguma ajuda sobre legislação, vai pra essa assessoria. Essa assessoria também mexe com processos. O Cadastro, que mexe com essa parte de vistorias nos comércios, estabelecimentos, baixas, alterações, só com esse tipo de coisa. O próprio Setor de Fiscalização que é onde ficam os fiscais, onde eles trabalham. O Gabinete, que é onde fica o delegado e os supervisores. A Supervisão, que é onde os supervisores deveriam ficar mas eles ficam mais no gabinete que lá. E o nosso setor, que é o SEATAD, que é o Setor de Apoio Técnico e Administrativo. Ele cuida de finanças, cuida do setor de transportes, cuida do setor de fotocópias, que é outro setor... cuida dessa parte física da Delegacia”.

Na escola, o capital escolar de Niulmar, inclusive o lingüístico, é bastante reconhecido. Foram as seguintes as médias alcançadas por ele na primeira série do ensino médio que podem ser comparadas às medias da turma.

DISCIPLINAS	MÉDIAS Do NIULMAR	MÉDIAS DA TURMA
LÍNGUA PORTUGUESA / LITERATURA BRASILEIRA	7,5	5,87
INGLÊS	8,8	7,84
HISTÓRIA	9,5	7,09
GEOGRAFIA	8,8	7,04
MATEMÁTICA	7,1	5,48
FÍSICA	7,8	6,27
QUÍMICA	9,5	7,61
BIOLOGIA	7,7	6,89
ARTES	9,8	8,82
MÉDIAS GLOBAIS	8,5	6,99

A entrevistadora teve oportunidade de estar presente a uma apresentação de trabalho na aula de Biologia. A turma foi dividida em grupos e cada grupo estudou um tema por cerca de 50 minutos. Nos 50 minutos seguintes, um aluno de cada grupo deveria expor o seu assunto. Niulmar foi o

escolhido do seu grupo. Fez sua exposição de forma bastante clara e fluente. Não precisou ler em nenhum momento da apresentação. Teve a atenção de toda a turma, que permaneceu em silêncio durante todo o tempo. Durante sua fala, falou alguma coisa engraçada e conseguiu fazer com que a turma risse. Após a aula, a própria professora da disciplina, Rosa, chamou a atenção da pesquisadora para o aluno.

Niulmar acredita que atualmente não haja nenhum clima de hostilidade da turma em relação a ele. Ou seja, ele acha que as pessoas não o vêem com antipatia mesmo quando ele se destaca nas aulas. Há um tempo atrás, entretanto, Niulmar acreditava que surgia um “*clima muito ruim*”, em função de ele monopolizar a fala. Isso passou a acontecer quando Niulmar deixou de sentir medo de falar. Aconteceu um processo inverso e Niulmar passou a falar demais, e a turma “*até brincava que não dava pra apresentar comigo, depois que eu comecei a gostar mais de ir pra frente, porque eu apresentava quase tudo*”.

Para a professora Márcia, de Português, o relacionamento de Niulmar com a turma era bom, prova disso é que foi eleito representante de turma. Niulmar contou que foi representante de turma durante um ano e, em outro, foi vice. A professora disse inclusive que a turma o reconhecia como um dos melhores alunos e o admirava por isso, e que ele ajudava os alunos da turma com dificuldades na disciplina.

A fala de Niulmar durante as entrevistas tem uma característica bastante peculiar, que só foi detectada durante a transcrição da fita da primeira entrevista feita com ele. Com muita frequência, ele repete a pergunta da entrevistadora ou pelo menos parte dela. Uma análise mais cuidadosa permitiu verificar que isso acontece quando as perguntas colocadas pela entrevistadora são mais complexas, e pedem um nível de resposta mais profundo. Repetir a pergunta antes de respondê-la pode ser uma forma de ganhar tempo para reflexão.

Entrevistadora: “- O que que ele tem especificamente?”

Niulmar: “- O que que ele tem especificamente... ele tá com você conversando e...”

Além do depoimento de professores que atestam que Niulmar se expressa bem por escrito, a pesquisadora teve a oportunidade de tomar conhecimento de uma prova de Geografia, em que Niulmar se expressou de forma clara, com correção gramatical:

“Os bóias-frias são trabalhadores que vivem no centro-sul do Brasil. Eles não têm emprego fixo e por isso se dispõem a ir para as lavouras na época das safras. Estes trabalhadores surgiram devido ao processo de industrialização apresentado na região citada e seu nome originou-se da comida que eles consomem no trabalho. Esta comida é normalmente feita durante a madrugada e é consumida apenas por volta das 14:00 horas, daí a temperatura ser fria.”

A linguagem de Niulmar se destaca pela correção gramatical. Todos os deslizes cometidos por ele nas entrevistas o são apenas em relação à modalidade escrita da língua. São comuns, entretanto, se se considera a língua falada, mesmo na modalidade de prestígio: *“na delegacia muda muito de delegado”, “o meu pai e essa outra mulher não dão muito bem”, “para mim entrar numa cidade”, “meus pais não puderam vim”*.

É interessante notar na fala de Niulmar a quase ausência de gírias. A característica “formal” atribuída a ele por Adriana se reflete também na fala. Utilizou, entretanto, em uma das entrevistas, uma gíria bem consagrada: *“eles pisaram na bola”*.

Com alguma freqüência repete a palavra “tal” em sua linguagem oral, mas isso não torna sua fala enfadonha.

A linguagem oral de seus pais deve também ser analisada. Seu Milton tem maior fluência verbal que Dona Milta, que, como já foi dito *“é mais caladona”*, obrigando a pesquisadora a encadear melhor uma pergunta na outra para ver completadas as informações que eram de seu interesse. Ambos cometem, em algumas de suas falas, deslizes em relação ao dialeto de prestígio, o que já se esperava, não somente em função da baixa escolaridade que possuem, mas principalmente em função do socialeto falado na cidade onde vivem, em que é freqüente a não concordância verbal e nominal, por exemplo. Em função disso, causou bastante estranheza à entrevistadora o fato de Dona Milta ter dito *“se ele não fizer a lista...”*, já que a grande maioria da

população diria “se ele não fazê a lista...”. Esse fato pode indicar que, além de outros fatores, tais como a leitura de livros e jornais, a linguagem de Niulmar pode estar influenciando a linguagem dos pais. Em outros momentos, entretanto, Dona Milta demonstrou não estruturar bem seus enunciados, disse, por exemplo, “*ele nunca foi de cobrar*”, para dizer “nunca foi necessário que ele fosse cobrado”. Também cometem enganos em relação ao léxico. Seu Milton falou “*alembra*”, ao invés de “lembrar”, e Dona Milta falou “*vareia*”, ao invés de “*varia*”. Outra característica da linguagem dos pais de Niulmar é a omissão do pronome em verbos pronominais – outra característica do socialeto falado na cidade: “*o que importa é ele sair bem*”, “*ele esforça muito*”.

Algumas conclusões

Algumas considerações podem ser feitas a partir da análise desses dados.

Niulmar mostra-se, além de maduro, um adolescente muito sensato. Algumas escolhas que fez demonstram isso, como ter permanecido na cidade ou ter trocado de colégio, até mesmo o fato de ter escolhido para morar a casa do tio “certo”, quando os pais foram para a fazenda, mostra que ele está sempre fazendo a escolha mais adequada, mais exeqüível. Outra prova de sua sensatez é a forma como vê o irmão. Em função das limitações de Nilo impostas pela doença, Niulmar inclui o irmão, como foi dito, em seus planos. É interessante observar, entretanto, que Niulmar reconhece nos pais um desejo de superproteger Nilo e acredita que a melhor solução seria que o irmão conseguisse um emprego compatível com o seu estado de saúde, mas que lhe permitisse o próprio sustento. Quando perguntado se se considera independente, Niulmar, mais uma vez, dá provas de sua sensatez:

“Não. Não me considero independente pelo seguinte: o que eu ganho é muito pouco, não dá pra ter uma vida independente. Além disso, remédio... tudo mais e tal, quem

sempre me dá é meus pais. Então não é uma independência, é uma semi-independência. Escola, roupa, calçado, alguma coisa que eu quero eu compro, mas fora isso...”

O fato de Niulmar não mostrar vontade de sair da cidade para estudar pode ter várias explicações. A primeira é crer que Niulmar acredite que “*tudo é muito difícil*”. Toma-se Niulmar assim como foi descrito pelo professor Marcelo:

“Ele não tem garra, não tem essa sede de desbravar... acho que faz parte da personalidade dele mesmo. Ele não passa isso pra mim, aquele cara que é corajoso, que vai enfrentar.”

Outra explicação seria o fato de Niulmar querer permanecer junto dos pais, para protegê-los ou para ser por eles protegido, mas essa opção é refutada pelo próprio Niulmar:

“Se der pra ficar, muito bom. Se não der... Não é isso [a família] que eu acho que está me prendendo aqui [...] a minha família não ia ficar bem, mas ia acabar acostumando. Eu acho que a família não ia me impedir não.”

Uma outra explicação pode ser justamente a sensatez de Niulmar. É a cautela que o impede de se aventurar em outra cidade sem ter condições financeiras para isso, optando por vencer uma etapa de cada vez. Embora esse “planejamento curto” de Niulmar não encontre respaldo nas escolhas anteriores, uma vez que, quando decidiu ficar na cidade, longe dos pais, para continuar os estudos, não tinha a pretensão de concluir apenas o ensino fundamental. Ou seja, embora estivesse apenas na sexta série, Niulmar já sonhava com o curso superior:

“Eu queria terminar o primeiro grau e continuar, não queria parar não... Já naquela época já tinha idéia de fazer o segundo grau, faculdade, não sabia pra que, mas sabia que eu queria.”

Essa parece ser, então, a explicação mais plausível. Ele não vai sair da cidade para estudar, porque não acha sensato que isso seja feito sem que haja condições financeiras para tanto. Em outras palavras, ele sonha só com o

exeqüível, preferindo deixar os outros sonhos para mais tarde, sem contudo abrir mão deles:

“... primeiro eu vou tentar me firmar por aqui, pra conseguir dinheiro pra fazer a minha Economia.”

Outra característica que se sobressai em Niulmar, reforçada em várias entrevistas, é o esforço. Várias foram as pessoas que apontaram-no como esforçado, sem que a entrevistadora tivesse feito nenhuma pergunta específica sobre isso. Foram eles: os professores Marcelo, Márcia, Selma e Ana; e os colegas de trabalho Jussara e Maricildo. A fala abaixo, do Seu Maricildo, parece resumir bem o que pensam de Niulmar:

“Ele é muito cômico de sua responsabilidade, muito interessado em aprender as coisas. Se ele tivesse dúvida, ele perguntava, ele se informava, ele ia em busca de aprender aquilo que ele precisava fazer. Parece que é uma característica dele próprio: buscar as coisas que ele não sabe e que precisa fazer pra ele realizar a função determinada a ele [...] Ele é muito dedicado, muito esforçado.”

Talvez seja esse o principal motivo de Adriana tê-lo denominado como “CDF formal”, em oposição à expressão “CDF descontraída” que ela se atribui. Quanto ao Niulmar, foi assim que ele respondeu à pergunta sobre ser ou não esforçado:

“Eu acho que eu poderia me esforçar mais, mas eu me esforço bastante, um bastante que ainda pode ser aumentado, mas em relação a muitas pessoas, eu me esforço bem mais... às vezes fico acordado até de madrugada pra estudar.”

Em outra fala de Niulmar seu esforço fica ainda mais claro. Ao ser perguntado sobre como conseguiu se tornar uma pessoa menos tímida, ele respondeu:

“Tentando vencer o medo de falar. Eu acho que todo mundo tem medo de falar, não é que não sabe falar não, tem medo de falar. E quando tem oportunidade de falar... ‘Ah, não quero. Vai lá fulano, vai lá e fala’. Já que eles falam, a gente não é pior do que eles, a gente pode falar também.”

Outras considerações podem ser feitas sobre Niulmar.

Não obstante as informações de Niulmar sobre o relacionamento entre Seu Milton e Dona Milta no passado e sobre a falta de diálogo que

prevalecia em sua casa, tanto Seu Milton como Dona Milta fizeram questão de ressaltar a união da família. “*Toda vez a gente foi muito unido*”. O pai conta que freqüentemente se reunia com os filhos para contar piada: “*gostava de brincar de contar piada, piada é o forte dele [Niulmar]... contar piada ele acha bão*”. Na verdade, durante a entrevista, a família demonstrou ser realmente unida e carinhosa uns com os outros, inclusive com o avô presente à entrevista, que foi tratado com carinho e respeito. Nesse sentido, uma frase de Dona Milta parece ser bastante significativa: “*O Niulmar ficando feliz, a gente fica também*”.

O período que Niulmar permaneceu sozinho na cidade deve ter sido bastante marcante. Na primeira entrevista, perguntado se os pais compareciam às reuniões promovidas pela escola, Niulmar respondeu que eles quase não iam porque na maioria das vezes estavam na fazenda, referindo-se apenas ao período em que os pais moravam fora da cidade. Antes de irem pra fazenda, contudo, como já foi dito, os pais de Niulmar, principalmente a mãe, faziam-se presentes aos diversos eventos promovidos pela escola. Então, o fato de Niulmar ter limitado sua resposta apenas ao período em que os pais estiveram ausentes pode ser indicativo da significância que essa experiência trouxe para a vida dele.

É interessante observar que Judite reconhece a excepcionalidade de Niulmar: “*ele estudou em escolas públicas e olha a cultura dele [...] ele tem uma cultura que a gente não sabe de onde ele arrumou porque ele é muito culto, tudo que você pergunta o Niulmar sabe*”. Ela acredita que o trabalho na Delegacia tenha ajudado Niulmar a se “soltar”, mas não acrescentou muita coisa a sua “cultura”, “*ele se soltou a pessoa dele, mas o que ele tinha ele já tinha*”.

A influência de Seu Maricildo na vida de Niulmar foi bastante intensa durante o tempo em que trabalharam juntos. Segundo Judite, Seu Maricildo “*levava o Niulmar pra almoçar com ele, ajudava em termos financeiros demais o Niulmar [...] ele ganhava um salário de sessenta e quatro reais e Seu Maricildo aumentava o salário dele... compramos uma bicicleta pra ele no tempo do Seu Maricildo... Seu Maricildo ajudava em tudo que podia*”. Por outro lado, ainda segundo Judite, “*Niulmar sabe agradecer muito assim o que as*

peçoas fazem [...] tudo que Seu Maricildo pedia ele fazia... cartão de natal, trabalhava sábado, domingo, fora do horário, ele nunca falava não, trabalhava nas férias... o Niulmar fazia jus a ajuda que recebia. Ele sugava o máximo que ele podia do Niulmar, mas o Niulmar também recebia alguma coisa em troca, sem dúvida”.

CAPÍTULO IV

PAULO ROBERTO

“cinema é algo que me inspira demais”

Paulo Roberto é o mais velho dos quatro sujeitos dessa pesquisa. Tem 22 anos. É magro e relativamente alto, pele morena-clara e orelhas que poderiam ser chamadas de abano. É bastante simpático e sua simpatia o torna bonito e agradável. Paulo Roberto diferencia-se também dos demais em função de ter direcionado seus esforços muito mais para a aquisição de uma cultura que se distancia da escola. Cinema é a sua grande paixão. O desejo de distinção é também bastante forte em Paulo Roberto. Ele acredita ter mais cultura do que a maioria dos jovens e isso, segundo ele, faz com que seja uma pessoa “*diferente*” e “*menos enganada*”.

Foram realizadas duas entrevistas com o Paulo Roberto. A primeira foi na Escola Técnica, onde ele estudava à época. A segunda foi em uma das salas do campus da universidade onde a pesquisadora leciona. Cada uma durou em média uma hora e meia. Paulo mostrou-se, desde a primeira entrevista, muito à vontade para falar sobre si.

A entrevista com a família de Paulo Roberto foi realizada na residência deles. Participaram da entrevista a mãe, Ângela Maria, a avó, Tereza, além do próprio Paulo Roberto. Encontravam-se também na residência dois primos de Paulo Roberto, de dois e quatro anos, que permaneceram todo o tempo assistindo a televisão em outro cômodo da casa.

Tanto Paulo Roberto como sua mãe haviam acabado de chegar em casa do serviço quando a entrevistadora chegou. Vestiam ainda as roupas com as quais foram trabalhar. A avó vestia roupas simples, bermuda e camiseta.

Dona Ângela recebeu a entrevistadora de forma pouco calorosa. Dona Tereza disse mais tarde, longe da presença da filha, que esta é “*toda secona*”, ao contrário do Paulo Roberto e dela própria, “*ele é muito atencioso, de conversá e pegá na mão, igual a eu, porque eu também tenho a mania de pegá na mão, de abraçá e beijá de um lado e do outro*”. Mostraram-se, tanto a mãe quanto a avó, um tanto reticentes quanto ao uso do gravador, solicitando esclarecimentos à entrevistadora sobre a necessidade de gravar e para que serviria a entrevista. Após alguns minutos de entrevista, entretanto, elas se mostraram bem mais à vontade.

A avó participou da entrevista durante todo o tempo. A mãe se ausentou por instantes para buscar um álbum de fotografias. Paulo Roberto também se ausentou por alguns minutos.

Após a entrevista, a entrevistadora foi convidada a tomar um copo de refrigerante, o que foi feito na área externa da residência.

Foram entrevistados também três professores de Paulo Roberto, inclusive Irmã Bárbara, que além de diretora da escola onde Paulo iniciou seus estudos é muito amiga da família, sendo inclusive madrinha dele.

Condições econômicas e culturais da família de Paulo Roberto: a vida sem pai

A avó materna de Paulo Roberto, Dona Tereza, 63 anos, trabalhou na escola onde Paulo Roberto iniciou seus estudos, como porteira-servente, por vinte e sete anos. Há cerca de três anos está aposentada. Tem oito irmãos e ficou órfã muito cedo. A irmã mais velha é que passou a cuidar dos irmãos depois da morte da mãe, por esse motivo essa irmã é chamada de “avó” pelos filhos e netos de Dona Tereza. Nascida em meio rural, Dona Tereza veio morar

na cidade depois de crescida e voltou a morar em fazenda, por mais oito anos, depois de casada. Quando jovem, estudou até a quarta série do ensino fundamental. Muitos anos depois, estimulada por Irmã Bárbara, diretora da escola onde trabalhou, retomou os estudos, interrompendo-os sem concluir a sétima série.

Dos irmãos de Dona Tereza, um deles formou-se em Agronomia. Dona Tereza tem também alguns sobrinhos que concluíram cursos superiores: odontologia, veterinária, medicina, direito, administração de empresas. Segundo Paulo Roberto, então, “*muitos tem vida boa*”.

O avô materno de Paulo Roberto, Seu José, faleceu em maio de 1999, com 74 anos. Estudou até a quarta série. Era aposentado há mais de dez anos, tendo trabalhado – em função manual – por cerca de vinte anos em uma empresa responsável por asfaltar ruas. Também trabalhou como vigia, à noite, na escola onde Paulo estudou. Antes disso, vivia na fazenda em companhia da esposa, em uma “*fazendinha*” própria, que foi arrendada.

A entrevistadora teve a oportunidade de ver fotos da família. Todas as fotos mostram pessoas vestidas de forma simples, em ambientes modestos.

Os avós de Paulo Roberto têm apenas dois filhos, ambos adotivos: Ângela Maria e José Antônio. “*Quando ela veio pra minha companhia, ela tava com três meses*”.

José Antônio, 39 anos, atualmente é casado e pai das duas crianças que estavam na residência de Paulo Roberto durante a entrevista com a família. Quando solteiro, morava também junto com os pais. José Antônio iniciou o curso de Direito, mas o interrompeu no terceiro período, segundo a família, porque não gostou do curso. Atualmente trabalha à noite e não tem condições de voltar a estudar.

A mãe de Paulo Roberto, dona Ângela Maria, 44 anos, cursou o Magistério e, durante muito tempo, foi professora (primeira a quarta séries): “*eu comecei muito cedo*”. Por algum tempo, conciliou as atividades da escola com um outro emprego, também como funcionária pública estadual, “*tinha mania de fazer plano de aula desenhado... ficava até duas, três horas da manhã*”. Lecionou inclusive no colégio onde Paulo Roberto estudou. Em 1987, o

Governo Estadual proibiu a acumulação de cargos. Dona Ângela Maria optou então por abandonar a educação, permanecendo apenas no outro emprego: “*porque lá na época pagava mais*”. Até hoje mantém esse emprego. Trabalha pela manhã e à tarde em um escritório, “*lá eu faço de tudo um pouco na parte da administração*”. Começou a estudar na fazenda. Segundo a mãe, “*ela começou muito cedo, era muito inteligente, tinha uma facilidade tremenda*”. Quando retornou para a cidade para cursar a quarta série, deixando os pais ainda na fazenda, foi morar na casa da irmã mais velha de Dona Tereza: “*a tabuada eu já sabia tudo, já sabia lê, já sabia escrevê*”. Dona Tereza contou que, na cidade, a filha passou a ter alguma dificuldade na escola:

“Até a quarta série, ela foi bem, depois na quarta série ela encravou... foi custoso também. Depois teve uma época que um ano ia, no outro ela ficava.”

Ângela Maria é mãe solteira por duas vezes. Além de Paulo Roberto, é mãe de Paula Cristina, 16 anos. Nunca se casou. A gravidez que gerou Paulo Roberto foi fruto de uma relação com um homem casado, que nunca assumiu o filho, nem mesmo para registrá-lo.

“Ele nunca procurou, porque ele tinha os motivos dele. Ele era casado. Era uma coisa muito difícil. E a gente também não se aproximou na época dele pequeno [...] Ele se afastou pra lá e a gente afastou pra cá, né. A gente também teve o erro de não ter aproximado, nem que fosse escondido, mas que levasse porque o bichinho não tinha culpa do que tinha acontecido, então tinha que tê aproximado eles.”

Segundo Irmã Bárbara, Paulo Roberto “*viveu num ambiente de muita dificuldade para o nascimento*”, porque Seu José “*não aceitou muito bem a gravidez da filha*”, ao contrário de Dona Tereza, que “*acolheu tranqüilamente*”. Atualmente Paulo Roberto sabe quem é seu pai, mas nunca manteve com ele qualquer contato, “*ele não quer aceitar o pai... ele acha que hoje ele não precisa fazer nada pelo pai*”. Apesar disso, Irmã Bárbara afirmou que Paulo Roberto foi “*um menino muito amado na família, porque os avós e a mãe supriram a carência do pai*”:

“Os aniversários eram comemorados como uma criança assim... tudo bem, numa boa. Sem aquele choque assim ‘Ah, não tem pai’. Esse afeto que a família deu para o Paulo fez com que ele tivesse um relacionamento assim de uma criança normal, de uma família normal, sabe.”

Paulo Roberto, entretanto, reconhece que a ausência do pai lhe trouxe prejuízos, não financeiros – ele reforça. Segundo ele, precisou aprender “*muita coisa sozinho*”, porque não admitia a hipótese de fazer determinadas perguntas para a mãe: “*minha mãe é mulher, eu sou homem*”. Por isso, sentiu muita falta do pai: “*sinceramente eu senti*”. Às vezes, segundo ele, sentia-se “*revoltado*”, inclusive com o fato de o pai estar em uma situação financeira melhor do que a dele e não procurar contribuir com sua formação.

Apesar da “*revolta*”, Paulo Roberto acredita que, se um dia o pai procurá-lo, a primeira reação seria a de resistência, mas que ia acabar aceitando a aproximação.

A história não se repetiu com o pai de Paula Cristina, que era solteiro quando Dona Ângela Maria engravidou, “*ele aproximou e a gente também aproximou; hoje tá todo mundo entrosado, a família... só depois ele casou*”.

Moram na mesma casa desde 1985, construída, segundo Paulo Roberto, com recursos provenientes do trabalho de Dona Tereza e Seu José, além da importância relativa ao arrendamento da “*fazendinha*”. Antes disso moraram, por mais de dez anos, na escola onde Dona Tereza trabalhava. A casa tem três quartos, duas salas, banheiro e cozinha. A entrevistadora teve acesso a alguns cômodos da casa. A sala onde foi realizada a entrevista contém dois sofás (três e dois lugares), em napa, um *rack* sobre o qual encontravam-se o telefone e um aparelho de som, uma máquina de costura sobre a qual havia um bibelô, um móvel de abrir sobre o qual havia um vaso com flores artificiais. Na parede, havia uma borboleta de louça e um quadro com a foto do Papa João Paulo II. Na outra sala, havia, além de um sofá, uma estante com televisão, que permaneceu ligada durante todo o tempo da entrevista. O banheiro é, como todo restante da casa, simples e limpo. Na cozinha, que fica praticamente fora de casa, já que se deve atravessar a porta

que dá acesso ao quintal antes de se cruzar a porta da cozinha, tem fogão, geladeira e freezer. Há uma pequena área externa onde ficam os tanques de lavar roupa, uma mesa de madeira e algumas cadeiras. A família não possui automóvel.

Paulo Roberto reconhece que, há algum tempo, sentia vergonha da família e da casa onde moram:

“Até uma certa fase, eu tinha uma certa vergonha assim... não sei por que... acho que é a idade... até mesmo da casa da gente... da gente, assim...”

Segundo ele, porém, essa fase já foi superada, *“é uma coisa que passa, hoje eu não tenho vergonha, de nada, sabe; eu sou o que eu sou”*:

“Isso é o que mais importa... estar bem comigo mesmo é o que mais me importa... As pessoas devem gostar de mim como eu sou... Se eu gosto deles como elas são, elas devem gostar de mim como... gostam como eu sou. Depois que eu passei a essa idéia, eu me sinto melhor.”

Entretanto, em outro momento da primeira entrevista, quando a entrevistadora ainda não conhecia detalhes da vida da família como o fato de terem morado no colégio onde ele estudava porque a avó era porteira-servente da instituição, Paulo Roberto disse que morava *“perto do colégio”* e não no colégio. Isso pode indicar que ele ainda sente vergonha da condição sócio-econômica da família. E apesar de dizer que não mais tem vergonha de sua origem social e que as pessoas deveriam aceitá-lo com é, Paulo Roberto afirmou que não gosta de se relacionar com pessoas de classes sociais mais elevadas.

Nem Dona Tereza nem Dona Ângela Maria cultivam o hábito da leitura. Dona Ângela Maria contou que sempre teve dificuldades com o que chamou de *“interpretação de texto”*:

“Uma coisa que eu nunca aprendi foi interpretação de texto, porque, quando eu estudava na fazenda, na fazenda tinha que aprendê tabuada, né, noves fora, lê, fazê uma leitura boa [no sentido de decodificar os signos lingüísticos] ... eu sempre fui das primeiras pra lê. Quando mandava lê, eu era a primeira a manifestar pra lê, e fazer cópia pra letra ficá bonita... Então eu não tenho muito vocabulário, nem interpretação de

texto [...] Eu não leio. É muito pouco minha leitura. Eu não tenho esse desempenho de pegá um livro e lê, fica lendo. Livro literário eu li só quando eu estava fazendo magistério. Aí era obrigado fazer, né, a literatura, aí eu lia”.

Dona Tereza também alegou problemas com a leitura, “*toda vida eu tive dificuldade pra lê*”. O avô, segundo Paulo Roberto, também não tinha o hábito da leitura, raramente lia a Bíblia. Dos que conviveram com Paulo Roberto o único que costuma ler é o tio José Antônio. Segundo Dona Tereza, ele gosta muito de ler: “*fico até invocada, porque nunca vi lê daquele tanto, onde ele vai tem uma coisinha pra lê*”. Quase não há livros na casa. Também não há enciclopédias. Paulo Roberto contou que tem alguns obras literárias antigas:

“Tinha alguns aí da minha mãe... O Cortiço... Menino de Engenho... aí tava assim meio jogado, eu peguei e guardei os que eu gostava mais”

Além desses, segundo Paulo Roberto, há alguns “*livrinhos assim que o professor pedia na escola; minha irmã tem alguns, eu tenho alguns também.*”

A irmã de Paulo Roberto, Paula Cristina, 16 anos, atualmente não trabalha, mas já trabalhou. Atualmente cursa a primeira série do ensino médio em colégio particular, porque não foi aprovada no exame de seleção da Escola Técnica. O ritmo imposto pela escola ultimamente não permite, segundo Dona Ângela Maria, que a filha trabalhe. Paula, segundo a família, sempre teve mais dificuldades na escola do que o irmão.

Paulo Roberto trabalha regularmente desde os doze anos. Antes disso trabalhou por pouco tempo quando tinha oito anos, e depois novamente aos dez, no SPC – Serviço de Proteção ao Crédito. Dos doze aos quatorze anos, trabalhou nesse mesmo órgão, lá ele desempenhava a função de cobrador dos associados ao Serviço. Depois disso, trabalhou por mais dois anos na redação de um jornal. Sua função por lá era bem variada: “*fazia transcrição [de entrevistas], serviço de banco, cuidava do arquivo de foto, às vezes ajudava na correção de textos já digitados... às vezes eles emendavam uma palavra na outra... sempre tinha um erro absurdo, troca de letra, por exemplo*”. Depois teve outros empregos por menos tempo: foi estagiário em

uma empresa, auxiliar de padeiro e auxiliar de serviços gerais em um outro jornal da cidade. Nos últimos três anos, Paulo Roberto trabalha em uma loja de CD, como vendedor:

“Toda vida sempre tive um serviço, mas nunca precisei pegar no pesado, pode-se dizer assim... sempre trabalhei em serviço assim mais manero.”

Recebe apenas comissão sobre as vendas que fizer, não tendo direito a salário fixo. Mas, segundo ele, em mês que vende muito, chega a tirar R\$ 300,00: *“o que eu ganho tem muita gente que vive com uma família”*. Para ele, seus ganhos são suficientes para as suas despesas pessoais. Não se considera, entretanto, independente financeiramente, já que depende ainda da avó e da mãe. Nunca contribuiu com o orçamento familiar, segundo ele, porque nunca foi *“cobrado”* por isso.

Trajetória escolar de Paulo Roberto: regular apenas por um tempo

A trajetória escolar de Paulo Roberto foi regular apenas até a oitava série. Até essa série, Paulo Roberto *“nunca tinha ficado nem de recuperação”*. Sempre foi, pelo depoimento de parentes e professores, um bom aluno. Segundo a avó:

“Ele foi muito bem no início, nunca deu problema até a oitava. Ele foi muito bem na escola, nunca deu problema, não precisava de ninguém ficá em volta dele.”

E segundo a mãe:

“O Paulo na escola até a oitava série não deu problema nenhum, depois que começou o problema.”

Da primeira a quarta série, Paulo Roberto estudou em colégio público ligado a Igreja Católica¹, que tinha como diretora a Irmã Bárbara. Para essa religiosa, o fato de Paulo Roberto ter contato com a escola bem antes de ser aluno dela, tendo em vista que sua família morava dentro dos limites da instituição de ensino porque seus avós eram os “caseiros”, trouxe benefícios à trajetória de sucesso alcançada pelo menino nos primeiros anos escolares. Segundo Paulo, ele sempre teve “*nota boa*”. Sua professora da primeira série do ensino fundamental confirmou as palavras de Paulo Roberto. Para ela, ele “*não tinha problemas com o aprendizado*”, embora não fosse o “*melhor*” da turma: “*era um aluno de sete a oito, até mais... não era o melhor da turma, tinha alguns com notas bem melhores*”.

Além de “*bom*” aluno, Paulo Roberto era também disciplinado e organizado. Segundo a professora Marilda, ele era “*muito comportadinho, super calmo*”, tinha “*disciplina ótima*”, pois não se lembra “*de ficar chamando a atenção*”. Os cadernos dele, segundo a mãe, eram muito organizados, “*era perfeito o caderno, tudo arrumadinho, sabe, organizadinho... era ‘parabéns’, ‘ótimo’*”.

Para essa professora, Paulo não mantinha com os colegas relação de competição: “*ele não sabia ficar competindo, ele era mais de ficar no lugarzinho dele*”. Segundo ela, ele era “*bem amigo de todos*”, estando sempre à disposição caso precisassem dele.

Paulo Roberto contou um episódio que o marcou muito quando estava no “*prezinho*”. Esse mesmo fato também foi narrado, com mais detalhes, por sua mãe, em outra oportunidade. Mesmo sem ter seu processo de alfabetização concluído, ele foi escolhido para ser o orador de um discurso que seria feito em uma atividade da escola. Para Paulo Roberto, isso o estimulou “*bastante*”, “*criou uma certa motivação*”. A professora Joana D’Árc, da pré-alfabetização, pediu que a mãe o ajudasse a “*decorar*”:

“Ela mandou me chamar, falou assim ‘Ângela, eu tenho um papel aqui...’, era um tamanho assim [mostrando o tamanho com as mãos]... largo, ‘... é um discurs... um negócio pra ele falá... e eu queria vê se não tinha condições de você

¹ O mesmo em que estudaram Niulmar e Elisa.

ajudá ele pra decorá' [...] Ela disse 'O Paulo é inteligente, eu acho que ele dá' [...] Eu lia mais ele e falava agora lê, aí ele ia falando."

Segundo Dona Ângela Maria, Paulo Roberto decorou com muita facilidade, “primeiro que eu”. A mãe conta esse episódio com muito orgulho, “uma pena que não tirou uma foto maior”.

Tanto Paulo Roberto como sua mãe afirmam que a professora Joana D’Arc e a professora Marilda desempenharam papel bastante significativo na trajetória escolar dele. Para a mãe, Paulo Roberto teve “sorte” com as professoras das séries iniciais, “a Darquinha foi ótima”. Além das professoras, foi dada muita importância também para a diretora da instituição, Irmã Bárbara:

“Ela é muito amiga nossa. Ela é uma segunda mãe que eu tenho. É uma avó deles, dos dois, da menina e dele, porque o Paulo, principalmente o Paulo, quando era pequeno, ela fazia tudo pra ele.”

Irmã Bárbara confirma não só a boa relação que tinha com a família de Paulo Roberto, mas também o fato de isso ter contribuído, na visão dela, para a vida dele:

“Paulo pra mim é uma pessoa da minha família, porque a gente aprendeu a amar desde que ele nasceu... Eu acho que esse relacionamento afetivo que o Paulo sentiu também da gente acho que tudo teve influência na vida dele... eu penso.”

Paulo Roberto, após ter sido aprovado no exame de seleção, estudou na Escola Técnica, da quinta série do ensino fundamental à primeira série do ensino médio:

“A quinta e a sexta eu fiz bem, a sétima foi razoável, a oitava... a primeira vez que eu fiz a oitava eu brinquei demais... bombei... em Matemática, por causa de meio ponto... nunca tinha ficado nem de recuperação, sabe... bombei... aí eu senti medo. Aí eu fiz a oitava de novo, levando mais a sério... foi uma coisa até engraçada porque eu era a fim de uma colega minha de sala... às vezes eu estudava pra ensinar pra ela ((risos)) aí eu passei com nota alta mesmo.”

Na segunda vez em que cursou a oitava série, Paulo Roberto foi aluno da professora Eva, de Literatura Infanto-Juvenil. Segundo Paulo, essa professora teve bastante influência no seu hábito de leitura, “*ela praticamente obrigou a gente a ler, sabe*”.

A professora Eva, que se auto-denomina “*devoradora de leitura*” desenvolveu um projeto na Escola Técnica com alunos de quinta a oitava séries. As aulas, com duração de uma hora e quarenta minutos, realizavam-se de quinze em quinze dias e não havia qualquer avaliação. Os alunos liam livros em casa e os apresentavam para os colegas, procurando analisar a obra sob três focos: histórico, social e político. Cada dez alunos liam o mesmo título. Os alunos tinham a liberdade de escolher o título dentre os selecionados pela professora, e poderiam ler mais obras se quisessem. Dentre os livros selecionados pela professora, havia além de alguns clássicos, como “A moreninha”, de Joaquim Manuel de Macedo, “Senhora”, de José de Alencar, “O ateneu”, de Raul Pompéia, “O seminarista”, de Bernardo Guimarães, muitos livros das coleções Vaga-lume e Veredas. A professora disse procurar selecionar obras cujos temas se relacionassem com a vida dos alunos, tais como “*primeira ejaculação*”, “*primeira menstruação*”, “*ereção involuntária*”, “*solidariedade*”, além de livros que tratassem de “*questões sociais, históricas e políticas*”. Além dos livros da biblioteca, os alunos liam livros adquiridos diretamente das editoras para ficarem mais baratos. Caso os alunos tivessem dificuldade com algum livro, a professora se dispunha a ler com eles um ou dois capítulos em aula, já que, para ela, “*os primeiros capítulos de algumas obras da nossa literatura são chatérrimos, com descrição demais, difíceis para entender, complicados*”. A professora considera ter feito à época um bom trabalho, que só foi interrompido por motivo de doença: “*foi um período de realização incrível, era uma produção fantástica*”. Segundo ela, os alunos liam muito e em séries posteriores acabavam pedindo para que a professora trouxesse livros mais complexos. Segundo Eva, os professores de Literatura das séries posteriores com frequência tinham que refazer o programa da disciplina em função de os alunos já terem lido todos os livros que haviam selecionado.

Ela contou que, no início do ano letivo, Paulo Roberto era “*meio danadinho na sala*”. Havia, inclusive, segundo ela, reclamação de indisciplina por parte de outros professores. Disse que ele falava muito sobre “*estar cansado de estudar, porque depois só os ricos arrumavam emprego*”. Pouco tempo depois, entretanto, Paulo passou a ser, segundo ela, um dos alunos que nunca lia um só livro no interstício entre uma aula e outra: “*lia dois, três livros*”. Para ela, “*o Paulo, na aula de literatura, ele desabrochava*”.

Na primeira série do ensino médio, depois de nova aprovação no exame de seleção da Escola Técnica, Paulo Roberto abandonou os estudos:

“Aí foi quando eu comecei a enturmar com os amigos, sair... e aí... aí eu parei de estudar... aí eu fiquei quatro anos sem estudar.”

Em todos os quatro anos em que ficou sem estudar, Paulo iniciou o ano letivo. Em um desses anos, resolveu mudar de instituição escolar, trocando a Escola Técnica por um colégio estadual, mas, segundo ele, não gostou de lá, porque lá não havia “*uma certa liberdade*” que há na Escola Técnica, de poder, por exemplo, “*chegar no final da primeira aula*”, e “*essa liberdade é muito bom*”. Segundo Paulo, a família ficou “*chateada*” com o fato de ele ter parado de estudar, mas não exercia sobre ele muita pressão para que retomasse os estudos:

“Lá em casa... assim... na minha idade, assim, a minha mãe em certas coisas ela já deixa meio de lado, sabe... deixa por minha vontade própria. Não me pressionou tanto, não. Ela ficou chateada por eu parar de estudar, né, mas acabava aceitando, porque eu trabalhava, e eu falava: ‘Eu tô trabalhando, ano que vem eu volto’. Ela dizia: ‘Então tá’... Aí no outro ano também não.”

Essa versão é confirmada pela mãe de Paulo Roberto:

“Falta de interesse da gente não foi, né. Eu ia até na escola vê... mas chega um ponto que tá rapaz, né... né possível que cê tenha que tá atrás... rapaz, moça... tê que pajiá... Saía pra ir pra escola e não ia.”

Num dos anos em que parou de estudar, Paulo Roberto perdeu o direito de ser estagiário em uma empresa da cidade. O estágio remunerado era vinculado à escola. A empresa, assim que tomou conhecimento de que ele havia parado de freqüentar as aulas, dispensou-o do estágio, apesar dos protestos de Dona Ângela Maria e do próprio Paulo Roberto. Paulo disse que foi bastante *“ingênuo”* neste caso, ele pensou que, sendo um bom funcionário, não seria desligado do estágio mesmo se abandonasse os estudos.

Para Paulo Roberto, o fato de ter interrompido os estudos justifica-se por ter se interessado por coisas que a escola não poderia lhe oferecer:

“Eu acho que amizade teve a ver também. Ah... eu acho que na minha opinião mesmo foi que eu comecei a descobrir muita coisa que não tinha na escola. Então... assim... aquilo me interessava mais... comecei a namorar, na época eu tava bebendo, gostava de beber... festas... essas coisas assim me chamavam a atenção.”

Dona Ângela também acredita que as amizades tenham exercido sobre Paulo Roberto muitas influências nesse sentido:

“Eu acho que tinha as amizades também. Eu lembro assim que ele tava saindo... terminando de tomar banho, tinha colega dele esperando. A gente não quer falar que fulano fez isso porque eu acho que ninguém faz a cabeça da gente. Eu penso que, quando eu não quero, ninguém faz. Mas todos os dias tinha gente aqui.”

Paulo Roberto disse ter se arrependido *“e muito”* de ter ficado tanto tempo sem estudar, esse sentimento fica mais forte, segundo ele, todas as vezes em que toma conhecimento de que alguém que estudou na mesma época em que ele estudou já se encontra na universidade. Por outro lado, Paulo acredita que *“a gente não deve arrepender nunca do que faz”*, até porque, segundo ele, conheceu *“muita coisa diferente, muita gente, muita coisa”*. Por isso, para ele, *“tem coisas que eu conheço da vida que muita gente não conhece”*. Quando perguntado que coisas seriam essas, ele respondeu:

“Posso falar mesmo?... Posso ser bem sincero?... Ah... a respeito de sexo... conheci muita coisa. Conheci muita gente diferente, sabe. Conheci gente assim de toda espécie que você

pensar. Conheci gente que era ladrão, conheci gente que era santo, conheci gente que usava droga, conheci gente que bebia, conheci gente que não fazia nada, conheci gente que trabalhava muito, gente que não trabalhava nada, conheci todo tipo de pessoas.”

É possível, então, que essas pessoas com quem Paulo Roberto se relacionou nessa época tenham realmente exercido forte influência sobre ele, pelo menos no que diz respeito a interrupção dos estudos, já que, segundo ele, “*a maioria dessas pessoas não tinham interesse nenhum de estudar*”. E Paulo afirmou que eles o achavam “*bobão*”, e que acreditavam que seriam as pessoas que “*iam mudar*” a vida dele, mas nem isso impedia a amizade, já que para ele:

“não é porque essa pessoa roubou que eu não posso ser amigo dela, sabe. Não é porque a pessoa... o cara é homossexual que ele não pode ser meu amigo. Não é porque aquela pessoa usa droga que eu não posso ir lá conversar com ela.”

Hoje reconhece que, embora tenha aprendido muito com essas pessoas, teria aprendido mais na escola, mas essa é a sua visão atual: “*depois é que eu descobri que na verdade aquilo ali tava tudo errado*”. Na época ele achava “*o máximo*” o fato de ser amigo dessas pessoas e não ter envolvimento nenhum com roubo ou com drogas: “*nunca fiz nada de mais... eu sempre sabia o meu limite*”.

Voltou a estudar, segundo ele, porque ele mesmo sentiu “*necessidade*”:

“Assim... foi uma idéia minha, sabe, porque eu não fui obrigado, eu senti necessidade disso... eu passei por uma fase... era novo... achava que as coisas sempre seriam como eu queria... mas aí você vai vendo que não é como você quer... hoje assim no caso... meu avô já está velho, minha avó tá velha... o dia que eles morrerem... o que que vai sobrar? Vai sobrar... vai ficar eu, minha mãe, minha irmã, né... e eu não vou ser sustentado a vida toda por eles. Eu vou acabar ficando, ficando pra trás, porque meus amigos... eu tenho amigos hoje que moram em Goiânia... já têm escolaridade, estão na faculdade... Então a gente começa a perceber as coisas, né.”

Paulo Roberto disse que outro motivo que o fez voltar a estudar diz respeito a sua família. Tanto Dona Ângela quanto Dona Tereza fazem questão de frisar as qualidades de Paulo Roberto. Para a avó: *“Em casa o Paulo não dá problema, graças a Deus. Ele é ótimo, ele não é malcriado, ele é educado com a gente, sabe.”* E a mãe, mesmo reconhecendo que ela e Dona Tereza, são *“suspeitas”* para falar sobre ele, em função do grau de parentesco, diz que:

“O Paulo é uma pessoa muito boa... Tem às vezes as revolta, tudo, mas ele é um menino que com a gente ele não tem briga. Às vezes ele faz alguma coisa errada, a gente chama a atenção, ele não responde. Às vezes faz, faz porque ele acha que tá certo, mas ele não tem o hábito de tá brigando com a gente.”

Essa imagem positiva que mãe e avó fazem influencia Paulo Roberto em suas atitudes, *“eu sempre procurei fazer as coisas certas”*. Quando parou de estudar, Paulo Roberto lamentava, segundo ele, estar decepcionando os avós e a mãe. Por isso, esse foi, segundo ele, um dos motivos que o levou a retomar o estudo, *“já pedi desculpas pra eles... tô pedindo, mostrando pra eles que esse ano eu tô estudando”*.

Em todos os anos em que iniciou a primeira série do ensino médio, inclusive no ano em que a concluiu, Paulo Roberto foi aluno do professor Marcelo, de História. Esse professor afirmou que ele se destacava tanto nas aulas, por suas participações pertinentes, quanto nas avaliações. Mas, ainda assim, não via no aluno uma dedicação total ao estudo:

“Fez boas provas, mas não demonstrando tanto interesse. Fez boas provas pela capacidade dele mesmo de argumentar, mas não era demonstrando tanto interesse. Ficava atento, participava, mas eventualmente eu pegava ele conversando. Não era uma empolgação total.”

No segundo ano do ensino médio, Paulo Roberto deixou de estudar na Escola Técnica. Transferiu-se para um colégio estadual. O motivo alegado na escola foi de que as aulas de sábado, que começavam ao meio dia, eram incompatíveis com o horário de trabalho dele, que se encerra às 15 horas. Ou seja, para estudar aos sábados, Paulo Roberto tinha que sair no mínimo três

horas mais cedo do trabalho nesse dia da semana e isso, segundo ele, trazia-lhe conseqüências negativas sobre o seu salário, uma vez que recebe comissões sobre vendas.

Além desse motivo, entretanto, Paulo Roberto admitiu que trocou de escola também porque estava com medo de ser reprovado em Matemática. Devido a uma troca de professor², a turma dele passou a contar com um profissional mais exigente. Paulo achou que não conseguiria acompanhar os ensinamentos do novo professor e procurou abrigo em outra escola. O critério da escolha foi, portanto, ser uma escola mais fácil que a Escola Técnica:

“Ele é um bom professor, só que ele é muito rigoroso. Eu não tava acompanhando muito bem a matéria dele. Não tava entendendo... Um pouco não tava entendendo e um pouco tava um pouco desinteressado, não vou mentir não. De certa forma eu tava desinteressado, porque o ano anterior eu ficava até duas horas da manhã estudando, e no ano passado eu não tive interesse de estudar... e nos finais de semana eu ia pra casa da minha namorada em Mineiros. Eu fiquei com medo de bombar... Então eu fui pro [nome da escola] que é uma escola mais fácil.”

Em nenhum momento Paulo Roberto considerou a possibilidade de se transferir para uma escola particular, por dois motivos, segundo ele: por não ter condições financeiras para isso e por não se sentir bem com pessoas de classes sociais mais elevadas:

“Primeiro porque eu não tenho condição. Se eu me esforçar, eu tenho como pagar porque eu trabalho. Só que o meu salário eu não direciono totalmente a isso [...] E na escola particular muita gente que estuda nela são pessoas que têm condições financeiras boas. Você conheceu a minha casa, viu onde que eu moro, tudo. Então, eu... eu... eu não conseguiria... eu não tenho familiaridade com pessoas assim. Eu prefiro pessoas mais no meu nível de vida.”

Paulo Roberto, entretanto, considerou a possibilidade de ingressar em uma suplência (ensino supletivo), mas, segundo ele, não foi possível matricular-se em virtude de não ter a idade mínima exigida. Além disso, ele desconsiderou a

² O mesmo professor substituído a partir das reivindicações de Adriana e Elisa

possibilidade de fazer esse tipo de curso por achar que poderia não “*aproveitar muito*” por ser “*só seis meses*”.

Paulo Roberto comentou que se surpreendeu com o grau de dificuldade da escola onde estuda atualmente; ele esperava que fosse mais fácil. Ainda assim, ele foi aprovado para a terceira série do ensino médio.

Mobilização Familiar: até que ponto?

Dona Ângela Maria sabe em que série estão Paulo Roberto e Paula Cristina e conhece detalhes de suas trajetórias escolares. No entanto, o fato de Dona Ângela Maria ter cursado Magistério e, durante muito tempo, ter sido professora nos dá a impressão de que Paulo Roberto teve sempre o acompanhamento dela no que se refere às tarefas escolares. A realidade, no entanto, nos mostra que, embora tivesse capacidade para ajudá-lo, Dona Ângela não tinha tempo:

“O Paulo, mesmo quando era pequeno, estudou sozinho, porque eu não tinha tempo de ensinar. Eu saía cedo, às sete horas, ele ia pra escola. Eu chegava pra almoçá, ao meio dia, às vezes ele tava almoçando ou às vezes ele tinha acabado de almoçá e tava fazendo tarefa. A uma hora, eu saía. À tarde eu chegava, tinha que chegá e saí pra escola. Se eu parasse um pouquinho pra conversar com alguém, aí eu chegava atrasada. E ele, quando eu chegava à noite, ele tava dormindo, então eu não tinha tempo de vê ele.”

Paulo Roberto estudava na mesma escola onde a mãe lecionava, mas ele estudava pela manhã e ela trabalhava à noite. Segundo a mãe, quando eles moravam no colégio, “*era mais fácil*”, mas depois que saíram de lá (Paulo Roberto estava na segunda série), o contato com o filho ficou ainda mais difícil nos dias úteis.

Paulo Roberto, de fato, pouco precisava de ajuda para as tarefas escolares. Segundo a professora Marilda, da primeira série, “*ele não foi o tipo*

de aluno que precisava tanto de ajuda, de ter alguém pra orientar". Nas poucas vezes em que precisava de ajuda, era o tio José Antônio que a prestava.

Mesmo reconhecendo que não teve tempo suficiente para dedicar à escolarização do filho, Dona Ângela acredita que o fato de poder ter corrigido o filho quando observava alguma coisa errada no seu caderno: "*de vez em quando eu passava os cadernos dele*" pode ter contribuído com o seu desempenho escolar: "*eu fazia ele apagar*". Em relação à filha, entretanto, Dona Ângela lamenta não tê-la podido corrigir, em função de ela ter iniciado seus estudos no CBA – Ciclo Básico de Alfabetização – e a escola orientar aos pais que não corrigissem a criança.

Segundo a Professora Marilda, Paulo Roberto sempre fazia as tarefas de casa. Marilda acredita que, embora a avó não o ajudasse efetivamente com os trabalhos, ela verificava diariamente os cadernos do neto para se certificar de que tudo havia sido feito.

Apesar de trabalhar durante todo o dia, às reuniões e a outros eventos promovidos pela escola, Dona Ângela disse que sempre comparecia

"Sempre participei, isso aí eu nunca deixei de fazer. Matava o serviço, era muito raro minha mãe ir. Minha mãe trabalhava lá, mas eu sempre ia."

Estimulada pela Irmã Bárbara, Dona Ângela, no início da trajetória escolar dos filhos, fazia questão de comprar materiais escolares de boa qualidade para eles, acreditando que teriam mais interesse em estudar se tivessem um material melhor:

"Aí eu comprava caderno melhor... tudo era assim... borracha melhor. Eles iam junto, aí comprava mais o que eles queriam. Eu apertava, mas comprava o que ele queria. Eu encapava os cadernos dele."

Paulo Roberto, quando pequeno, gostava muito de ler gibis e recebia o apoio da família para isso. Embora houvesse "*gente*" que falasse que gibis atrapalham a leitura, Dona Ângela nunca proibiu que Paulo Roberto os lesse. Ao contrário, freqüentemente dava dinheiro ao filho para que os comprasse. Além disso, segundo a família, ele ganhava gibis de seus primos

com muita freqüência. A decisão de Dona Ângela Maria de não impedir o filho de ler gibis recebeu o apoio de Dona Tereza, “*que nada... gibi é bom pra ficá bom pra lê, desenvolvê a leitura*”, e do próprio Paulo Roberto, “*ainda bem que [me] não tirou [o gibi]*”. Segundo Dona Ângela Maria, Paulo Roberto, mesmo quando ainda não era alfabetizado, “*pegava o gibi assim como se ele estivesse lendo a história... ele não pegava de cabeça pra baixo*”. Eventualmente, segundo a avó, Paulo lhe pedia que lesse gibis para ele:

“Aí eu ia lê. Eu tava lendo aqui, ele já tava contando a história lá adiante. ‘Ah... não... cê tá sabendo mais do que eu... pela figura ele sabia o que tava acontecendo.”

Irmã Bárbara também comentou sobre esse gosto de Paulo pelos gibis. Ela disse achar interessante o fato de dar a impressão de ele estar realmente lendo as revistinhas, embora ainda não fosse alfabetizado: “*ele punha o dedinho assim e ia seguindo as figuras*”. Além de gibis, Paulo Roberto gostava de folhear uns livros ilustrados que havia em sua casa. Segundo ele, sua avó achava interessante que ele folheasse os livros sem destruí-los, o que para ele era um estímulo. Gostava também de folhear a Bíblia que havia na casa de uma tia. Durante a catequese, que freqüentou quando tinha cerca de dez anos, Paulo Roberto gostava de ler “*aquelas histórias da bíblia*”.

Quando criança, normalmente Paulo Roberto não brincava na rua, até porque, segundo Dona Ângela, “*ele foi de ficar mais em casa porque sempre foi viciado em televisão*”. Isso também foi estimulado pela avó, principalmente depois que “*ele arrumou um ‘skate’, desceu a Anhanguera, quase tocou debaixo de um caminhão*”. Depois desse dia, segundo Dona Ângela, elas passaram a preferir que Paulo Roberto trouxesse os amigos para brincar em casa, “*a casa vivia cheia de criança*”. Quando eventualmente brincava fora de casa, havia, segundo Dona Tereza, sempre a preocupação em saber sobre as companhias de Paulo Roberto.

O hábito de Paulo Roberto de ver televisão foi sempre estimulado pela família:

“O Paulo era pequenininho, idade de dois, três anos. Cê dava banho nele, punha ele no sofá, ligava a televisão... cê podia esquecê.”

O próprio Paulo Roberto disse que a televisão foi sua “babá”. Não havia, então, qualquer controle, por parte da família, em relação ao tempo de exposição à televisão, nem mesmo quanto a horários:

“Ele sempre fica até tarde vendo televisão. Toda vida. Aqui nunca teve esse negócio: ‘Você não pode assistir isso, você não pode assistir aquilo, toda vida em casa minha mãe, meu pai, foi liberal, né, e eu peguei a mesma coisa, então eu nunca proibi dele assistir televisão, então assiste até a hora que quiser. Ele fica até tarde.’”

Irmã Bárbara disse achar interessante que Paulo, “desde pequeno”, gostasse de assistir a filmes “difíceis de entender”. Segundo ela, ele “foi uma criança assim muito viva, muito ativa, de querer conhecer, de querer saber”.

Essa religiosa acredita que o desenvolvimento de Paulo Roberto, nessa época, está associado à mobilização da família, até porque, segundo ela, Paulo nem sempre esteve estimulado em relação à escola:

“Teve seus altos e baixos, dele não querer aprender, dele não querer fazer as tarefas, teve essas dificuldades, dele não querer estudar, houve esses altos e baixos do Paulo, mas acho que a família sempre foi muito atenta ao desenvolvimento dos dois, do Paulo e da Paula.”

Essa atenção a que se refere Irmã Bárbara, entretanto, foi se tornando menos efetiva à medida que Paulo Roberto crescia. A partir de determinada época, não houve por parte da família qualquer controle em relação ao desempenho de Paulo na escola:

“De certa forma sempre me deixaram um pouco liberado, porque as duas trabalhavam, todo mundo trabalhava, né. Não tinha tempo de ficar fazendo cobrança, né. Então de um certo período pra frente, minha mãe já até me deixou mais à vontade ainda [...] De um certo período pra frente, minha mãe nem importava se eu tinha nota ou não, se eu quisesse mostrar, tudo bem, não ficava aquela coisa ‘Cadê as notas? Cadê aquilo? Cadê as provas?’”

Esse período culminou com o abandono dos estudos na primeira série do ensino médio. Dona Ângela, como já foi dito, admitiu que nessa época realmente não controlava as atividades do filho, porque ele já era um “rapaz” que não precisava “pajjá”.

É possível, portanto, considerar distintamente dois períodos na trajetória escolar de Paulo Roberto. O primeiro em que houve uma certa mobilização familiar para a ascensão de Paulo na escola, e outro em que a família deixou de manifestar interesse em relação a isso. E isto pode ter sido, junto com outros fatores, um dos motivos de Paulo ter ficado quatro anos sem estudar.

O processo de socialização de Paulo Roberto: ausência de diálogo

Sobre seu processo de socialização familiar, Paulo Roberto reclamou da ausência de diálogo entre ele e seus familiares, afirmando que “*sempre foi assim*”:

“Eu dentro de casa não tenho tanto contato... tenho contato com minha avó, com a minha mãe, com a minha irmã, mas... não tenho tanto diálogo assim, sabe... de eu expor o que eu acho e o que eles acham.”

Depois da experiência de ter conhecido “*gente de toda espécie*”, já relatada, Paulo Roberto passou a considerar que “*os melhores amigos é a família*”. No entanto, reconhece que, no caso dele, não houve “*contato*” suficiente: “*a gente tem contato mas não é aquela coisa assim... todo mundo sente carinho pelo outro, mas não é aquela coisa assim ‘Vamos sentar junto, vamos conversar’*”.

Acredita Paulo Roberto que esse “*erro*” que a família cometeu em “*nunca*” procurar a aproximação do outro seja difícil de ser corrigido, uma vez

que se criou em todos os membros da família uma certa “*vergonha*” de “*tomar a iniciativa*” do primeiro contato.

Paulo Roberto, em outro momento da entrevista, demonstrou que a ausência de diálogo faz com que ele desconheça alguns aspectos da vida de seus familiares mais próximos, porque ele próprio não tem interesse de saber sobre determinados assuntos:

“Meu avô tem uma fazendinha e eles tem um negócio, mas eu não sei como é o negócio deles... eu não sei se é... o que eu lembro é que todo mês esse rapaz que ficou com as terras dele pagava uma certa quantidade, todo ano, por ano. Mas eu não sei como é que é porque nunca tive interesse de ficar perguntando pra eles, né... e depois né acham que a gente tem algum interesse... tá interessado.”

Bastante significativo para o processo de socialização de Paulo Roberto é o fato de ele ter crescido sem nenhum contato com o pai. Isso, como já foi dito, fez com que alguns de seus questionamentos não fossem dirigidos a ninguém, uma vez que se recusava conversar com a mãe, uma mulher, sobre assuntos que acreditava serem de homens.

Participação em outros grupos: a importância do trabalho na discoteca

Todos os empregos que Paulo Roberto teve, segundo ele, contribuíram para aumentar sua capacidade de comunicação. Quando trabalhava no SPC, por exemplo, tinha que superar a timidez, que ele diz que tinha, para conseguir cobrar os devedores. A função que desempenhou na redação do jornal como “corretor” de textos, ainda que só esperassem dele a identificação de “*erros absurdos*”, como troca de letras, pode ter contribuído na medida em que ele lia muitos textos.

Entretanto, nenhum dos empregos se compara, para ele, a nível de contribuição à sua capacidade de comunicação, ao atual, “*um serviço igual ao*

meu não é qualquer um que tem, sabe”, em função da proximidade que lhe traz da música:

“Trabalhar na discoteca, pra mim, foi o que eu mais consegui chegar mais perto da música... na verdade, foi mesmo... foi o mais perto... quando eu comecei a trabalhar lá, eu achava o máximo... achava aquele serviço a melhor coisa do mundo... ‘Será que é verdade que eu trabalho lá?’..”

Esse prazer que Paulo Roberto tem em trabalhar na discoteca talvez seja o responsável pelo sucesso que ele diz ter nas vendas:

“As pessoas às vezes falam assim... as pessoas, os clientes chegam... às vezes falam: ‘Olha, eu vim aqui comprar um CD, você me fez comprar isso tudo’... falam pra mim, né... diz que eu converso bem... que eu mostro as coisas.”

O fato de trabalhar atendendo o público e, mas do que isso, de ter a palavra como o seu principal instrumento de trabalho faz com que Paulo Roberto tenha uma maior capacidade de comunicação hoje do que antes de trabalhar na discoteca. Essa não é só a opinião de Paulo, sua avó também pensa assim:

“Achei também que depois que ele começou a trabalhar na loja que ele se soltou mais... Ele tem que se dispor mesmo, porque senão não vende.”

A família de Paulo tem bastante ligação com grupos religiosos. Sua avó freqüenta assiduamente a Igreja Católica. Seu avô, quando doente, antes de falecer, recebeu a “*comunhão*” em sua residência durante oito meses, por estar impossibilitado de ir às missas. O casal participou algumas vezes de “*Encontro de Casais*” promovidos pela Igreja. Sua irmã participa semanalmente dos cultos da “*Igreja Carismática*”, movimento ligado à Igreja Católica. Paulo e a mãe também já freqüentaram a Igreja Católica, mas deixaram de ir. Dona Ângela Maria justificou assim o fato de terem deixado de freqüentar a Igreja:

“Eu comecei a ir demais, aí eu comecei a ver coisas erradas... E o Paulo também aconteceu um pouco isso... Começamos a achar que as pessoas humildes eram discriminadas.”

Depois disso, Paulo Roberto passou a freqüentar a Igreja Betânea. Mas atualmente também não tem ido aos cultos, embora tenha falado de sua intenção de voltar a participar de uma religião, não necessariamente a mesma: “*eu tô meio perdido ainda nesse caminho*”.

Paulo Roberto citou também o grupo de amigos com que conviveu, mas admitiu que essa convivência lhe trouxe prejuízos:

“Sempre eu ia, ficava junto... a gente era tipo uma... uma máfia... porque tinha todo mundo a mesma idéia, né. A nossa necessidade era um com o outro. Hoje em dia não... isso de certa forma até prejudicou muito, porque você fica muito afastado da sociedade, sabe. Você vai perdendo... acaba que você fica um pouco neutro... neutro às coisas que estão acontecendo, a gente tem que ter um meio termo...”

Nessa mesma época, Paulo Roberto conheceu e por muito tempo teve contato com Davi. Cerca de cinco anos mais velho do que os jovens que compunham não só a “*máfia*” do Paulo, mas também outros grupos com as mesmas características. Davi, segundo Paulo, era vendedor de “*CD e camiseta de banda de rock*” e servia, não só para ele, mas para todos os outros, como “*espelho*”:

“O Davi era uma pessoa diferente, ele é bem cabeça. Ele era tipo um espelho pra nós. Muita gente andava influenciado por ele. Cada pessoa era uma pessoa mas no final a gente era todo mundo igual ele, porque ele era assim: era cabeludo, usava camiseta preta, curtia roque pesado e tinha um quarto cheio de pôster. Nós todos estava deixando o cabelo crescer, tinha o quarto cheio de pôster, andava de camiseta preta e... que mais que eu falei... e curtia roque pesado.”

As influências desse amigo sobre Paulo, entretanto, não param por aí. Foi através de Davi, que, segundo Paulo, é “*místico*”, que ele conheceu os livros de Paulo Coelho. Paulo leu, também por influência de Davi, uma obra sobre budismo.

Paulo Roberto disse que não havia “*muito contato*” de sua turma com Davi. Segundo ele: “*o Davi era como se fosse aquele cara assim que estava em cima da estante... todo mundo passava, reverenciava e ia embora*”.

Paulo Roberto disse que “*raramente*” ainda tem contato com Davi, que já não mora na mesma cidade mas de vez em quando vem visitar a família. Paulo afirmou, entretanto, que Davi “*mudou muito*” e que não é mais “*espelho*” para nenhum daqueles jovens. Disse inicialmente que a “*influência ficou*”, depois mudou de idéia porque “*um pouco das músicas que eu descobri com ele eu não escuto mais*”. Depois disse:

“quando começou a quebrar esse espelho, né, cada um foi tomando o seu caminho, foi aceitando o que era mesmo, a coisa mudou, hoje tem amigo meu que nem escuta roque mais, não escuta nenhum tipo de roque.”

Atualmente, Paulo Roberto recrimina-se por ter sido tão influenciado por Davi: “*Acho que foi um pouco de bobeira... não sei se foi bobeira, mas naquela época não ter tido personalidade... não sei, acho que todo mundo é assim*”.

Mais recentemente, Paulo Roberto considera-se influenciado apenas pela namorada, Amanda, 16 anos, com quem se relaciona há cerca de um ano:

“Eu não sei... eu acho que é uma coisa natural, que aconteceria com qualquer pessoa. Quando você passa a gostar de uma pessoa, se passa a querer se identificar com o jeito da pessoa... cê quer parecer mais com ela do que consigo”

“Sou diferente”

Paulo Roberto tem gostos que o diferenciam não só de sua família, mas, segundo ele próprio, até de seus amigos: “*tudo que eu faço assim eu gosto de ser diferente*”.

A programação da televisão é o exemplo mais notório. A família assiste diariamente às “*novelas da Globo*”. Dona Ângela disse não gostar de assistir a filmes, nem aos que passam na televisão nem aos que Paulo aluga em locadoras, “*gosto do Faustão*”. Paulo Roberto, ao contrário, além de possuir

gosto distinto, reconhece que há na televisão programas destinados a várias classes sociais:

“Você sabe que os melhores programas que passa na televisão é mais tarde. Isso é uma coisa própria mesmo da mídia, porque a mídia não vai passar um Jô Soares às oito horas da noite, nem domingo à tarde. Essa é a hora do povão, né.”

Paulo disse gostar de: “documentários que passa na TVE”, “curta-metragens”, “Vitrine da TV Cultura”, “Interligado – programa de clip musical”. E disse “ser totalmente contra” alguns programas, como “Domingo Legal”, do SBT, porque “são muito repetitivos, ficam só naquilo e ninguém aprende nada com aquilo... é uma diversão que não é muito sadia”.

Quanto ao seu gosto musical, Paulo Roberto admite que houve alteração para melhor nos últimos tempos. E é justamente essa alteração que, segundo ele, faz com que tenha gosto distinto de outros jovens

“Houve uma época em que eu só gostava de roque. Era roque, roque, roque. Aí depois eu fui descobrindo outras coisas. Fui descobrindo que o que eu falava que era ruim na verdade não era tão ruim assim e às vezes pode ser melhor do que o que eu escutava.”

Por isso, Paulo Roberto diz que há certo tipo de música que ele ouvia que não ouve mais, por exemplo, “as bandas mais... porradas... assim... aquelas bandas podreira... tipo Sepultura”. Mas mesmo na época em que só ouvia roque, “nacional e internacional”, Paulo se distinguia de seus pares, na opinião dele, pela preocupação com a “idéia da música”. Paulo disse que sempre se preocupou em analisar as letras das músicas que ouvia, inclusive das internacionais. Atualmente ele está tentando se “aprofundar mais ainda” na MPB, mas diz que ainda está “meio morno”. Outro estilo que ele diz estar influenciando bastante nos últimos tempos é o rap, “o rap em si critica muito esse sistema [...] isso também me influenciou bastante.”

Para Paulo Roberto, a juventude da cidade onde reside limita-se a “*ir no boteco, sentar, tomar cerveja*”. Ele, ao contrário, disse que não gosta mais de ir a “festas³”.

Paulo Roberto citou uma conversa mantida com um de seus colegas de classe, que reforça o sentimento de distinção em relação ao amigo:

“Igual uma vez eu tava conversando com um amigo meu da minha sala, e ele falou pra mim que a única coisa que ele gostava era de... ele não gostava de assistir televisão, não gostava de filme, não gostava de ler revista, não gostava de nada, a única coisa que ele gostava era da parte de esporte. Aí eu fiquei chateado por ele assim, não é porque eu acho que eu sou um cara assim, não é porque eu acho que eu tenho futuro assim, eu conheço, eu que sei das coisas, mas é que eu acho interessante, sabe. Não é que eu tenho conhecimento muito aprofundado, mas eu gosto de saber algumas coisas.”

Para Paulo Roberto, seus amigos o reconhecem com uma pessoa diferente e não vêem nisso qualquer problema:

“Meus colegas de classe sempre me viram uma pessoa diferente... é que eu tenho uma idéia diferente, eles têm um outro tipo de vida do que eu, né. Eu tenho uma cabeça, eles têm outra; eles gostam de uma coisa, eu gosto de outra [...] Sempre que eu gosto de uma coisa, eu sempre demonstro. Então, se eu disser pra eles que eu vi um filme, eles tratam, eles agem com a maior naturalidade, porque sabem que eu gosto, sabem que eu gosto de verdade.”

Paulo Roberto atribui a naturalidade com que é tratado pelos colegas que o vêem como diferente ao respeito que diz ter pelos companheiros, “*eu sempre tratei as pessoas com muito... com todo respeito, toda simplicidade, porque eu acho que ninguém é melhor do que ninguém não*”.

Com relação à família, entretanto, Paulo Roberto acredita que não seja muito fácil para eles aceitá-lo como uma pessoa diferente, em função das expectativas que foram criadas em relação a ele. Por isso, quando “*começou*” a ser diferente, Paulo Roberto foi, segundo ele, criticado pela mãe que o considerava “*doido*”, porque não queria que ele fosse “*daquele jeito*”, e queria

³ A palavra “*festa*” é utilizada pela população jovem da cidade como sinônimo de bailes promovidos por clubes, com música ao vivo ou não, em que as pessoas pagam ingresso.

que ele se transformasse: “*achava que as músicas que eu ouvia era uma música estranha*”. Segundo Paulo, até os parentes mais distantes o criticavam.

Paulo Roberto, no entanto, acredita, atualmente, que lhe traga prejuízos “*em tudo*” o fato de “*ser muito diferente*”, por exemplo, se se vestisse como de fato gostaria, teria dificuldades em arrumar emprego: “*a sociedade não aceitaria*”. Por isso, Paulo Roberto disse estar se modificando. Antes ele “*ouvia roque e queria que os outros ouvissem também*”, e isso o afastava das pessoas já que ele procurava relacionar-se apenas com quem tivesse os mesmos gostos que ele. Atualmente, entretanto, sem abandonar seus gostos, ele admite a idéia de relacionar-se com pessoas que tenham preferências distintas das suas: “*basta eu aceitar elas do jeito que elas são e aceitar que eu sou a maioria*”. Um indício de que Paulo realmente esteja se modificando diz respeito a sua atual namorada: “*ela não gosta de ler, não gosta de cinema... os programas dela são assistir novela mexicana e o Ratinho... e eu detesto Ratinho*”, mas ele diz aceitá-la dessa forma, até porque acredita que ela não gosta das mesmas coisas que ele por não conhecê-las.

O que de mais importante Paulo Roberto argumenta para se diferenciar dos outros é a sua paixão pelo cinema: “*eu prefiro gostar mais do que outras pessoas gostam, não pra aparecer, mas porque eu acho legal*”.

“Sou menos enganado”

O conhecimento que Paulo Roberto acredita ter, advindo de leituras diversas que já fez, inclusive de filmes, faz com que ele se considere “*menos enganado*”. E isso é o que, essencialmente, faz com que ele se veja diferente.

“Eu me sinto bem sabendo. Às vezes eu me sinto menos enganado, por isso eu acho que sou uma pessoa diferente... [...] de certa forma eu tô sendo menos enganado, porque esses políticos aí... político, padre, eles... é o cara que estuda pra saber a verdade e enganar os outros. Igual a você... eu acho que você é uma pessoa menos enganada. Se você parar de

frente a um palanque de um político, e ele começar a falar, falar, falar, você vai ver que tem muita coisa ali que não tem nada a ver... E tem certas pessoas que acabam caindo na conversa.”

Com humor, entretanto, Paulo diz que não é fácil permanecer no grupo dos “*menos enganados*”

“Às vezes eu falo pros meus amigos assim: ‘Às vezes eu queria ser burro pra não sofrer tanto ((risos)). Se eu fosse mais burro, eu não ia sofrer tanto.”

Além de julgar que não é tão enganado como a maioria das pessoas, Paulo Roberto considera ter idéias “*socialistas*”, influenciado pelas músicas que ouve, pelos livros que lê, e por uma professora de Geografia que teve na sétima série, que “*criticava muito o sistema*”,

“sempre falo pros meus amigos que eu vou ser um cara que nunca vou ser rico, porque eu não tenho idéia de explorar uma pessoa [...] Se não fosse essa idéia de poucos quererem muito, o mundo seria bom demais, sabe. Se todo mundo tivesse a idéia, se todos fossem iguais, se não tivesse tido a exploração do homem pelo homem, se todo mundo tivesse respeitado seu espaço, tivesse respeitado a natureza, a gente teria muito mais evoluído do que tá hoje.”

Diz, entretanto, não acreditar em partido político, nem nos considerados “*de esquerda*”, em função das coligações que fazem uns com os outros, “*acho que, se eles fossem radical mesmo, eles não apoiariam ninguém [de outro partido]*”. Paulo Roberto afirmou não acreditar também na polícia.

Apesar de sua simpatia pelo socialismo, Paulo Roberto afirmou que, antes de recentemente assistir pela segunda vez o filme “A Lista de Schindler”, de Steven Spielberg, tinha um certo “*carisma*” pelo nazismo:

“Eu achava interessante, né, aquela idéia do Hitler. Não de matar os judeus, mas... sim... organização do nazismo. Como ele sozinho fez um... levou uma nação inteirinha pra uma guerra. O poder que ele teve, né. Se ele tivesse tido mais poder, talvez ele tinha até ganhado a guerra.”

Quando assistiu ao filme de Spielberg, entretanto, e viu o “*outro lado da história*”, mudou de idéia e retirou imediatamente a foto do Hitler de seu guarda-roupa.

A grande paixão pelo cinema

A paixão pelo cinema, “*cinema é algo que me inspira demais*”, surgiu a partir dos filmes assistidos pela televisão e também por influência de alguns primos que possuíam revistas especializadas nesse tipo de arte. E Paulo passou a gostar de ler esse tipo de publicação. Algum tempo depois, o tio José Antônio comprou um vídeo-cassete, “*logo que o vídeo começou a surgir como uma mania*”, e Paulo passou a alugar filmes em locadoras com muita frequência.

A propriedade com que Paulo Roberto fala sobre cinema atesta seu conhecimento a respeito do assunto. Não só os títulos são citados, mas também diretores, atores, enredos, e outros detalhes a respeito das obras. Os filmes citados por ele como os preferidos mostram seu gosto eclético: “O Poderoso Chefão”, de Francis Ford Coppola, “Os Sete Samurais”, de Akira Kurosawa, “O Nome da Rosa” e “A Guerra do Fogo”, de Jean-Jacques Annaud, “Guerra nas Estrelas”, de George Lucas, “Doutor Jivago”, de David Lean, “Ben-Hur”, de William Wyler, “2001 – Uma Odisséia no Espaço”, de Stanley Kubrick, “Cidadão Kane”, de Orson Welles, “Encouraçado Potemkin”, de Sergei M. Eisenstein, “Laranja Mecânica”, de Stanley Kubrick, “A Lista de Schindler”, de Steven Spielberg, “Os Filhos do Paraíso”, de Majid Majidi. Boa parte do conhecimento que tem sobre cinema advém da leitura de revistas especializadas. O Professor Marcelo também reconhece em Paulo Roberto um gosto refinado, no que se refere ao cinema. Segundo esse professor, ele assiste a filmes que possuem “*linguagem cinematográfica completamente fora dos padrões*”.

Seu gosto foi ficando mais exigente à medida que a mais filmes assistia:

“Esses dias eu observei uma coisa, uma diferença muito grande. Quando eu era mais novo, eu assistia muito tipo de filme. Só que hoje em dia tem tipo de filme assim que eu não gosto. Gosto de filme que tem um roteiro melhor, que tem uma montagem melhor, que tenha os atores mais conhecidos.”

Há pouco tempo, Paulo Roberto teve a oportunidade de verificar que os filmes de que gosta realmente não são os que “Hollywood gosta”, que ele definiu como filmes que “*não tem um roteiro, que prendem a atenção, mas não tem um sentido mais complexo, um sentido assim... mais aquela explosão, aquela coisa assim... aquela ‘show business’*”. E foi assim que ele definiu os filmes de que gosta:

“Aquele filme mais cabeça, que tem uma história mais elaborada... a gente tem que saber o porquê que tá acontecendo aquilo, tipo assim filme histórico eu gosto muito, eu gosto de saber porque que tava acontecendo aquilo.”

Sua namorada e seus familiares que moram em outra cidade vieram passar férias na cidade onde Paulo Roberto reside. Pediram-lhe filmes de sua coleção para assistirem. Ele, acreditando que nem todos os filmes que possui agradam a todo mundo, tentou escolher os que achava serem adequados, “*eu tinha que selecionar os mais... os mais fracos, né, pra vê se eles não se perdiam na história*”. Ainda assim, porém, para decepção de Paulo Roberto, eles não gostaram de nenhum dos filmes emprestados por ele.

Apesar de sua paixão pelo cinema, Paulo Roberto reconhece que alguns livros transformados em filmes perderam em qualidade. O exemplo dado por ele foi “O cortiço”: “*Eu vi o filme, eu vi o filme e grilei. Cadê? Cadê? Não tem nada a ver*”. Paulo Roberto, então, passou a concordar com a propaganda que diz: “Quem lê viaja”.

A importância que Paulo Roberto dá ao cinema é tão grande que – como já foi dito – quando perguntado se o período que ficou sem estudar constituiu um atraso, ele respondeu que não, em função principalmente do contato com o cinema:

“Não estudava, mas eu tinha outras atividades, sabe. Sempre assisti filmes... sempre, sabe. E de um certo período pra cá... de um certo período, não de uns quinze anos... eu sempre procurei uns filmes mais legal, sabe. Não gosto desses filmes assim tipo... Van Damme.”

Ele reclamou, entretanto, de não conseguir assistir a todos os filmes que deseja, em função de não estarem disponíveis nas locadoras da cidade, *“de três filmes que eu procuro na locadora eu acho um”*.

Paulo Roberto não só assiste aos filmes, como também os coleciona. Tem, segundo ele, cerca de 70 filmes. A avó confirmou que *“ele tem uma caixa cheia de filmes”*.

A aproximação do professor Marcelo, que coordenava o cine-clube na Escola Técnica, se deu, entre outras coisas, quando Paulo Roberto descobriu no professor o mesmo amor pelo cinema

“Ele foi o primeiro cara assim que eu conheci mais velho que ao mesmo tempo não era velho, porque todas as pessoas que eu conheci, sabe, sempre mudam. Quando é novo, gostam de certas coisas; quando vai crescendo, vai modificando, vai ficando assim até um pouco careta. O Marcelo é um cara muito legal, e quando eu descobri que ele gostava de cinema, assim, também, eu achei legal também. Não sei se você já viu, mas ele tem uma paixão muito grande pelo cinema. Eu achava aquilo o máximo, achar assim uma pessoa igual assim que tinha uma paixão igual à minha.”

É necessário, entretanto, frisar que a paixão pelo cinema do Paulo Roberto é anterior ao convívio com o professor Marcelo. Portanto, esse gosto de Paulo Roberto não teve a influência do professor que tanto influenciou Adriana e Elisa.

A perspectiva do futuro

O grande sonho de Paulo Roberto é ser diretor de cinema. Segundo ele, há muito vem assistindo a filmes analisando a “visão” do Diretor:

“Eu gostaria muito, se eu pudesse ser, diretor. Quando eu assisto um filme, às vezes eu vejo muito a visão, o que que tá acontecendo, o cenário, as luzes que o diretor usou naquele filme, o jeito dele movimentar a câmera, como posicionar os ator, vejo muito a parte técnica do filme. Todo muito detesta a introdução do filme, quando passa quem fez o filme, os atores, diretor, cinegrafista, produtor... eu já adoro ver aquilo ali... e tem os meus diretor assim... alguns que eu gosto”

Isso significaria inicialmente fazer curso superior de Artes Cênicas. Em Brasília, segundo ele, há uma instituição que oferece o curso. Mas ele já descartou essa possibilidade em função de acreditar que não tem condições de fazer cinema:

“eu não tenho chance... eu sou de família de baixa renda... não tem orçamento no Brasil, o orçamento no Brasil pra cinema é muito pouco... eu sou pobre... às vezes eu não vou conseguir entrar no mercado... mesmo que eu posso conseguir a vaga, estudar, formar, mas eu não consigo entrar no mercado”

A outra opção considerada por Paulo Roberto é cursar Engenharia Civil em Goiânia. Disse, inclusive, que, quando ingressou na Escola Técnica, tinha a intenção de fazer o curso técnico de Edificações, para chegar à universidade com algum conhecimento, mas não aproveitou a “oportunidade” que teve: “desperdicei”. Se permanecesse com a intenção de fazer o curso técnico antes de ingressar na curso superior, deveria, segundo ele, concluir o ensino médio para depois fazer o “pós-médio em edificações”. Em função da idade que já tem, entretanto, deve optar, segundo ele, por prestar vestibular em 2001: “já é tarde demais, melhor é ir direto, por causa da idade”. Disse já estar até “juntando dinheiro”, para ir para a capital do Estado, onde, segundo ele, “já tem até lugar pra ficar”, e comentou sobre suas intenções de começar a

estudar “sozinho para o vestibular”, quando começarem as aulas: “tirar todo dia pelo menos uma hora pra estudar”. Quer fazer o curso superior, segundo ele, porque: “hoje em dia, para qualquer serviço que eu for procurar, eles vão dar mais oportunidade para quem tem estudo... e, se um dia eu precisar, às vezes”.

Um empecilho que Paulo Roberto coloca para sua mudança para a Capital refere-se a sua namorada. Ela reside em cidade vizinha a de Paulo, distante cerca de 100 quilômetros. Paulo, que já usa uma “aliança de compromisso”, inclui Amanda nos seus planos para um futuro próximo:

“Eu tenho intenções já de ter um compromisso mais sério, quem sabe até o ano que vem, quem sabe, se der certo mesmo, a gente tá pensando em ficar noivo.”

Nesse caso, então, ele permaneceria na cidade onde mora: “seria o caso de eu já ficar aqui”. Além disso, Paulo Roberto, que diz não saber se “suportaria morar mais longe ainda dela”, ressentido-se com a possibilidade de Amanda vir a arrumar outro namorado na ausência dele, embora ela tenha dito que esperaria pelo retorno dele: “falei por alto com ela e ela disse ‘Se você for, eu vou te esperar’”. Paulo, entretanto, acha que “falar é muito fácil, esperar é que é difícil”, e pensa freqüentemente na possibilidade de a namorada estar arrumando uma “paquera” por lá.

O mais provável é, então, que Paulo Roberto não saia da cidade para estudar, até porque ele levantou a hipótese de ser aluno do campus onde a pesquisadora leciona em 2001. Em entrevista anterior, entretanto, além de lamentar que por aqui não haja opções culturais, “teatro”, “exposição de arte”, ele criticou o futuro dos que acabam ficando na cidade:

“Você não tem recurso, nessa cidade... acaba que você vai acabar trabalhando a vida inteira, ganhando um salário mixuruca... não vai ter nenhuma chance de subir na vida... algumas pessoas tem, outras não, sabe. Acaba casando, tendo filho, vivendo assim.”

Além disso, uma outra fala de Paulo Roberto denuncia que ele não tem a intenção de estudar muito:

“Eu não sinto a vontade de ser um grande escritor, porque sinceramente eu acho que eu teria que estudar muito... muito mesmo e estudar muito não é o meu forte... sentar assim, começar a ler bastante.”

Capital lingüístico

Paulo Roberto se define como “*um pouco tímido*”, mas acredita que ainda assim se expresse bem oralmente, “*sempre conversei bem*”. Ele acha que sua fala é produtiva:

“Quando eu converso, eu sempre gosto de falar as coisas bem detalhadas, sabe, pra pessoa saber o que está acontecendo, eu procuro falar o máximo o que aconteceu, com detalhes. Nunca tive problema, não, pra conversar dessa forma, não.”

Na escola, não vê problema em apresentar trabalhos oralmente, principalmente quando domina o assunto. Mas acredita que a sua timidez o impediria de, espontaneamente, falar em público, com o uso de um microfone, por exemplo em algum evento da escola:

“Eu tenho vergonha. Vou ser sincero com você, eu tenho vergonha, mas eu não sei se falaria ou não... talvez até falaria, mas vergonha eu tenho bastante.”

Com pessoas do sexo oposto, Paulo Roberto vê sua timidez acentuada e atribui isso ao sistema adotado pela escola em que estudou até a quarta série, em que as meninas estudavam em um turno e os meninos em outro:

“Eu estudava no período da manhã... e era só homem... eu acho que isso foi uma sacanagem total, porque depois pra eu me entrosar com menina foi assim... bem difícil. Até hoje eu sou meio tímido pra conversar assim com mulher.”

Para a avó, porém, Paulo Roberto não foi sempre tímido. Na opinião dela, ele passou a ser tímido na adolescência:

“Até os treze, quatorze anos, ele era muito exibido. Depois é que ele ficou tímido, mas, até essa idade, ele não tinha vergonha de nada, se dispunha mesmo, sabe. Depois ele ficou tímido... E dos dezenove anos pra cá ele tá se soltando.”

A mãe de Paulo Roberto também concorda com isso, “*ele era bastante desinibido quando criança*”:

Em uma das entrevistas, Paulo Roberto defendeu uma determinada opinião sua com muita propriedade, argumentando com convicção:

“Eu acho que foi aquela música [“Como nossos pais”, do Belchior] que o Renato Russo se inspirou pra escrever “Pais e Filhos”, tenho certeza, tenho certeza absoluta que ele ouviu aquela música antes de escrever “Pais e Filhos”. Porque igual assim, tem um roqueiro que se chama Ozzy Osborne, até que as idéias dele não é tão legal, mas às vezes ele acerta, igual uma vez ele falou... um repórter perguntou pra ele: ‘Ozzy, você é o máximo, você revolucionou o heavy metal, porque você tem um estilo próprio’. Ele falou: ‘Não, eu não tenho estilo próprio, o que eu faço é o som que eu ouvia quando eu tinha dezessete anos, quando eu escrevo as minhas músicas, eu penso naquelas músicas que eu ouvia quando tinha dezessete anos. A música foi inventada quando o homem surgiu na terra, a partir desse momento, o que o homem faz é só copiar um do outro, mas ele copia a música, ao mesmo tempo ele cria uma nova forma de passar a coisa’. Eu achei muito legal essas idéias dele, então eu me inspiro nele.”

Paulo informou, entretanto, que, na escola em que estuda atualmente, não tem participado oralmente das aulas quanto participava na Escola Técnica, não só porque nessa instituição os alunos não são tão estimulados a isso, mas também porque, segundo ele, perdeu um pouco de interesse pelas aulas:

“Eu fiquei... não conhecia quase ninguém... mais quieto. E às vezes não tinha interesse de querer comentar nada com respeito à aula.”

Quanto à expressão por escrito, Paulo Roberto também acredita que se expresse bem, principalmente se comparado aos seus colegas de classe:

“Eu acho que eu escrevo até... bem, sabe. Modéstia a parte, eu acho que eu escrevo até bem. Eu já tive a oportunidade, por exemplo, esse ano, já peguei algumas coisas que colegas meus escreveram, sabe, eles erram demais, porque eu erro, eu não sou muito bom em acento, em vírgula, essas coisas, mas eu acho que eu consigo transmitir a idéia que eu quero passar. Às vezes eu escrevo melhor do que falo.”

Apresentou para a pesquisadora dois poemas dos muitos que diz ter escrito, principalmente depois de ter começado a namorar Amanda. Eis aqui um trecho de um dos textos, em que Paulo Roberto comete alguns erros de acentuação:

“O Jardim Encantado

*(...)
Procurarei a minha metade
Aquele que será o meu sol
É (sic) o dia que encontra-lá (sic)
Saberei na hora exata!
Pois os espinhos não mais me cercarão
O espenho quebrara (sic) a ilusão
As flores aparecerão no meio do deserto
E terei a força da natureza
Nunca mais buscarei outras pousadas
Mas continuo a caminhada
Não ligo para os fantasmas da estrada
Minha caminhada só terminará
Na curva do sol
No Jardim Encantado.*

(05.03.99)

Na escola, também, o capital escolar e o capital lingüístico escolar de Paulo Roberto são reconhecidos. A tabela abaixo compara as médias obtidas por ele quando cursava a primeira série do ensino médio na Escola Técnica e as médias da turma. Paulo Roberto não foi o “melhor” aluno, mas suas médias estão acima das médias dos colegas:

DISCIPLINAS	MÉDIAS DO PAULO	MÉDIAS DA TURMA
LÍNGUA PORTUGUESA / LITERATURA BRASILEIRA	7,0	5,84
INGLÊS	7,4	7,30

HISTÓRIA	7,4	6,48
GEOGRAFIA	7,1	6,76
MATEMÁTICA	7,7	6,73
FÍSICA	5,9	6,08
QUÍMICA	6,7	7,19
BIOLOGIA	6,4	7,01
ARTES	8,1	7,68
MÉDIAS GLOBAIS	7,1	6,79

Paulo Roberto, entretanto, comete, com alguma freqüência, em sua linguagem oral alguns enganos em relação ao dialeto de prestígio: “*as falas eram um pouco mais difícil*”, “*algumas não passa nada*”, “*eu sempre procurei uns filmes mais legal*”, “*as coisas que eu escrevo me ajuda bastante*”, “*eu acho que as coisas não é bem assim*”, “*se eu não posse no jornal*”, “*eu gosto muito daqueles documentários que passa na TVE*”, “*as idéias dele não é tão legal*”, “*eu achei muito legal essas idéias dele*”, “*se eles fossem radical*”, “*ele e o Gugu disputa*”, “*como posicionar os ator*”, “*A gente deveria estudar umas coisa mais concreta*”. Em uma de suas falas, também, disse “*maturalidade*”, ao invés de “*maturidade*”.

Por vezes, também, Paulo Roberto inclui gírias em seu vocabulário: “*eu procuro assim aquele filme mais cabeça*”, “*um salário mixuruca*”, “*idéia legal*”, embora tenha dito que “*acha feio conversar com gírias*”.

Dona Ângela e Dona Tereza, também, cometem enganos em relação ao dialeto de prestígio: “*tem às vezes as revolta*”, “*os meninos chama de vó*”, “*meus primos que morava em Goiânia trazia gibi*”, “*as notas dele era ótima*”. Mas, como já foi dito, a maioria da população da cidade tem a não concordância entre verbo e sujeito como uma característica bem marcante de suas falas.

Paulo Roberto acredita que o que mais contribuiu para que ele alcançasse a competência lingüística que tem hoje foram as leituras que realizou. Primeiro os gibis, “*um gibi mais adulto, assim, super-herói, as falas*

eram um pouco mais difícil". Depois, as revistas, "*revista Veja, revista sobre cinema e sobre roque... adoro qualquer caderno 2 de jornal*". E depois os livros, "*eu sempre lia assim aquela coleção Vaga-lume*", estimulado pela professora Eva:

"O primeiro livro que eu li, que eu tive a curiosidade de pagar ele e ler... chamava... é... parece que era "Fugitivo do espaço", que é um assunto que eu sempre gostei, sabe, que é ficção científica... Achei o máximo. Depois eu comecei a ler os livros da série Vaga-lume."

Paulo Roberto, em julho de 1999, estava relendo "O poderoso chefão", de Mario Puzo, de cuja versão do cinema ele adora. Segundo ele, demorou muito menos tempo nessa segunda leitura: "*duas semanas*", do que na primeira: "*quatro meses*". Além de muitos livros da coleção Vaga-lume, destinados ao público adolescente, e do "Poderoso Chefão", Paulo Roberto leu "Vidas Secas", de Graciliano Ramos, "O Cortiço", de Aluísio Azevedo, "Menino de Engenho", de José Lins do Rego. Influenciado pelo amigo Davi, como já foi dito, Paulo Roberto leu um livro sobre budismo e "*quase todos*" os livros do Paulo Coelho, embora saiba que se fazem críticas ao trabalho desse escritor: "*tem muita gente que acha que não tem nada a ver, que o que ele quer é ganhar dinheiro*". Dentre os que mais gostou, estão: "O diário de um mago", "Brida", "Às margens do rio Piedra sentei e chorei" e "Alquimista". Ultimamente, entretanto, Paulo Roberto, segundo ele mesmo, não tem lido.

Quanto à expressão oral, como já foi dito, Paulo Roberto acredita que o trabalho na discoteca o ajudou muito a aperfeiçoar a sua capacidade de comunicação. O convívio com o tio, segundo Paulo Roberto, também pode ter trazido contribuições:

"de alguma forma ele também influenciou, sabe, porque, mesmo ele sendo uma pessoa simples, ele sempre gostou de falar bem, sabe, ele conversava bem... ele era muito legal."

Embora diga que já leu muito, Paulo Roberto faz questão de frisar que só lê quando está com vontade. Várias vezes nas várias entrevistas feitas com ele, ele fez questão de repetir que ler e escrever são atividades que ele só

faz se estiver com vontade: “*Tem duas coisas: é lê e escrevê. Eu só leio e escrevo quando eu quero. Só quando eu tenho vontade*”. Essa insistência em dizer que só lê e escreve com vontade indica, por um lado, que Paulo só faz essas atividades se houver prazer em fazê-las, mas, por outro lado, indica que não é sempre que Paulo tem prazer em ler ou escrever. Em outro momento da entrevista, entretanto, Paulo falou sobre um dos seus hábitos que pode caracterizá-lo como leitor habitual: “*eu peguei uma mania; se eu vou as banheiro, eu tenho que levar uma revista*”.

Algumas conclusões

Alguns pontos merecem destaque na trajetória de Paulo Roberto. O mais significativo diz respeito a mobilização em relação ao estudo. Primeiramente, deve-se destacar que a família dele, principalmente a partir de determinado momento, deixou de acompanhar efetivamente seus resultados na escola, a ponto de o próprio Paulo Roberto ter atribuído a isso o fato de ele ter começado a “*relaxar*”, o que culminou com a interrupção dos estudos:

“Então assim de um certo período pra frente, minha mãe já até me deixou mais à vontade ainda, né... mais à vontade, aí foi até quando eu comecei a relaxar... a relaxar.”

Por outro lado, ele também não demonstrou em diversas situações qualquer mobilização para a própria formação escolar. Logo no início de sua trajetória escolar, isso é perceptível. A própria Irmã Bárbara, que disse que ele “*foi uma criança muito ativa... de querer saber*”, citou os seus “*altos e baixos*”, referindo-se a momentos em que ele não queria estudar. Posteriormente, depois da reprovação na oitava série que ele diz ter sido causada pela falta de seriedade por parte dele, foi aprovado no ano seguinte, admitindo, porém, que a motivação para estudar não se relacionava à sua formação:

“Aí eu fiz a oitava novamente. Aí eu estudei, sabe. Estudei bastante. Foi uma coisa engraçada que eu era a fim de uma colega minha de sala, às vezes eu estudava para ensinar pra ela ((risos)). Aí eu passei com nota alta mesmo. Alta assim, né... passei com uma média legal.”

Depois, ficou quatro anos sem estudar. Mais recentemente deixou a Escola Técnica para estudar em um colégio estadual justamente por acreditar que este lhe ofereceria um nível mais fraco e portanto a possibilidade de aprovação. E atualmente considera muito mais a possibilidade de casar e ter filhos com Amanda do que sair da cidade para cursar Engenharia Civil.

Ao ser perguntado sobre o que a escola poderia lhe trazer, a resposta de Paulo Roberto é bastante significativa:

“Eu acho assim... por mais que... a escola na verdade hoje em dia só aprende quem quer. Tem muita gente que vai na escola o ano inteiro, não aprende nada e passa de ano. Mas de certa forma ajuda, assim algum conhecimento... muita coisa pra mim eu acho que é perda de tempo, sinceramente, eu acho perda de tempo... eu acho né, mas eu não sei, agora quem sou eu pra falar isso... Estuda coisa demais, assim, eu acho que não tem nada a ver. A gente deveria estudar umas coisa mais concreta.”

Fica claro portanto que a mobilização de Paulo Roberto se direciona muito mais para a aquisição da chamada cultura livre. Daí o seu interesse por música, por alguns programas de televisão que ele considera mais “*culturais*” e a sua paixão pelo cinema. Até o seu atual afastamento da literatura pode ser entendido como um reforço para essa análise, já que poder-se-ia dizer que essa arte relaciona-se muito mais com a escola do que as demais.

Marcelo, que, como já foi dito, foi seu professor de História nos quatro anos em que interrompeu os estudos e na série seguinte, quando foi aprovado na primeira série do ensino médio, também percebeu isso:

“a escola é desinteressante para ele, cinema e música têm um peso muito maior pra ele [...] o problema é que o Paulo não vê no estudo essa válvula de escape do senso comum, porque o estudo, por mais precário que seja, é uma grande possibilidade de sair do senso comum, e o Paulo acho que ele não vê isso. Ele não encara o estudo com a seriedade que deveria.”

CAPÍTULO V

ELISA

“se tem ‘sertanojo’ no meio, outra qualidade a pessoa não tem”

Elisa tem dezessete anos e é uma bonita jovem. Tem estatura média, pele clara, cabelos lisos de tamanho médio e corpo esbelto. O que mais se destaca em Elisa, tal como a amiga Adriana, é a busca pela distinção. Ela se recusa a conviver com quem não compartilha dos seus gostos e por isso seus pais dizem que ela se fecha para novas amizades.

As duas primeiras entrevistas feitas com Elisa ocorreram em presença também de Adriana. A primeira durou mais de duas horas e foi realizada em uma área arborizada da Escola Técnica, onde estudavam à época. A outra, menos demorada, foi realizada em uma sala de reuniões, também na mesma escola. Elisa, ao contrário da amiga, mostrou alguma hesitação no início da conversa, e, antes da segunda entrevista, alertou à pesquisadora que estava *“um pouco introspectiva”*, e que por isso participaria pouco da entrevista, o que acabou não acontecendo; Elisa, na verdade, falou mais do que Adriana nesse segundo encontro. Foi realizada, ainda, mais uma entrevista apenas com Elisa, com duração de cerca de uma hora. Esta ocorreu em uma das salas do campus onde a pesquisadora trabalha.

O encontro com a família ocorreu na residência deles. Estavam presentes Elisa, sua mãe e seu pai, que se juntou ao grupo com a entrevista já iniciada. O pai de Elisa, na verdade, teria dito à filha que não participaria da conversa. Nos primeiros trinta minutos de entrevista, ele permaneceu em outro cômodo da casa, segundo a filha, dormindo. Depois disso, juntou-se ao grupo,

sentando-se à mesa onde se realizava a entrevista, depois de ter ficado algum tempo de pé, respondendo às perguntas que a entrevistadora lhe dirigia. Apesar da resistência inicial, tanto o pai como a mãe de Elisa mostraram-se bastante dispostos a falar sobre a filha e sobre si próprios.

Estava em casa também o irmão de Elisa, que chegou a responder a algumas perguntas da entrevistadora, embora tivesse passado o maior parte do tempo em outro cômodo da casa, vendo televisão. A irmã de Elisa também chegou em casa durante a entrevista, mas se dirigiu diretamente ao seu quarto.

Nos últimos minutos de entrevista, foi oferecido à pesquisadora Coca-Cola e pipoca, que foi preparada pelo irmão de Elisa.

Foram realizadas também entrevistas com cinco professores de Elisa.

Condições econômicas e culturais da família de Elisa

Elisa não trabalha atualmente. Trabalhou durante um mês em uma loja de antigüidades, em regime de meio expediente. Começou a trabalhar, segundo ela, estimulada pelo que a nova atividade poderia lhe trazer: “*adquirir experiência... conhecer outras pessoas*”. Além disso, estimulava-lhe o fato de ganhar um salário, mesmo que, segundo ela, fosse muito pequeno: “*independência eu sei que eu não ia conseguir com o salário que eu ganhava nunca*”, mas, segundo ela, queria ter um salário que ela pudesse dizer que: “*ganhei sozinha... sem a ajuda de ninguém*”. Saiu do serviço porque o dono da loja precisou de alguém que trabalhasse durante todo o expediente, o que atrapalharia os estudos dela.

Elisa estuda, desde o início de 1999, em uma escola particular, mas ainda assim não tem necessidade de trabalhar.

O pai de Elisa, Seu Arnoldo, 47 anos, morou na “*roça*” onde nasceu apenas até por volta dos dois anos. Depois disso, por necessidade dos pais,

toda família foi morar na próximo à Capital do Estado de Goiás, numa localidade chamada “Aldeia”. Estudou em Goiânia até concluir o ensino fundamental: “*achava que aquilo era suficiente*”, o que ocorreu em 1972. Depois disso, morou em algumas outras cidades, inclusive em outros estados, segundo ele porque “*queria conhecer o mundo*”. Em 1979, já de volta a Goiânia, trabalhava em uma empresa que prestava serviços para a CELG – empresa responsável pela distribuição de energia elétrica do Estado, quando surgiu a oportunidade de fazer um curso que o tornaria “operador” da própria CELG em alguma cidade do interior do Estado. O curso, que teve a duração de cerca de três meses, foi concluído com êxito, e Seu Arnoldo veio para a cidade onde mora atualmente. Há vinte anos, ele desempenha a mesma função técnica dentro da empresa: “*distribuição de alta tensão*”. Trabalha em esquema de plantão. O expediente dura seis horas, alternando-se a parte do dia em que é cumprido: num dia das 00:00 às 06:00 horas, no outro das 06:00 às 12:00 horas, em seguida das 12:00 às 18:00, e por fim das 18:00 às 24:00 horas; no quinto dia seguindo essa seqüência, o funcionário tem direito a folga. Na cidade onde mora atualmente, retomou os estudos na primeira série do ensino médio, mas interrompeu logo em seguida, três ou quatro meses depois.

A mãe de Seu Arnoldo é, segundo ele, “*analfabeta*”, e seu pai é “*semi-analfabeto*”. Seu Arnoldo tem três irmãos: duas irmãs mais velhas e um irmão gêmeo. Nenhum dos irmãos concluiu o ensino fundamental.

A mãe de Elisa, Dona Elza, 41 anos, embora o sotaque não denuncie, é baiana. Nasceu em uma localidade chamada “*Roça*”, entre Ilhéus e Itabuna. Viveu lá até os seis anos. Depois morou em Mato Grosso, numa “*cidadezinha*” chamada de Entrocamento. Em seguida, a família veio para o Estado de Goiás, primeiramente para morar na cidade de Alexânia, depois foram para Cristalina e Trindade, para a “*roça*” também. Só então a família chegou à cidade onde estão atualmente: “*minha vida foi simples... casa simples, tudo simples*”. Depois disso, morou por dez meses em Uberlândia, trabalhando como doméstica numa casa de estudantes. A trajetória escolar de Dona Elza foi bastante irregular tendo em vista as várias mudanças de moradia de sua família. Quando chegou à cidade onde mora atualmente, retomou os

estudos na sexta série. Entretanto, interrompeu a trajetória na sétima porque a escola em que estudava não concordava que ela continuasse matriculada sem apresentar o “*histórico*” das duas primeiras séries escolares, que não fora apresentado por ela. Dona Elza conseguiu que a diretora do colégio de Trindade lhe “*desse de presente*” essas notas, mas para isso ela deveria ir àquela cidade. Porém, sua mãe, que “*era de um sistema assim muito rígido... muito antigo*”, não permitiu que ela viajasse, “*de jeito nenhum*”, embora Dona Elza já contasse com dezoito anos. Como o pessoal da secretaria lhe cobrava “*toda semana*”, inclusive chamando-a à secretaria, o que, segundo ela, lhe causava algum desconforto, ela resolveu abandonar os estudos. Depois disso, conheceu o marido e se casou, aos 22 anos.

Quando os filhos eram pequenos, Dona Elza contava, segundo Elisa, com a ajuda de uma empregada doméstica. Atualmente, segundo Elisa, quem ajuda Dona Elza são os filhos: “*eu e a Luciana... o Júnior às vezes... mas meu pai não faz nada*”. Dona Elza tem uma máquina de costura e de vez em quando aceita alguma encomenda, mas segundo Elisa, a fêria recebida por ela não é utilizada no orçamento familiar: “*é mas pra tê o dinheiro dela*”.

O pai de Dona Elza concluiu a quarta série e sua mãe era “*analfabeta*”. Dona Elza tem nove irmãos, dos quais dois são mais velhos que ela. No total são cinco homens e cinco mulheres. Sua irmã caçula foi a única que chegou ao ensino superior. Estuda Geografia na mesma cidade onde mora a família de Elisa. Dos outros irmãos, dois concluíram o ensino médio, um deles através de supletivo, e outra apenas o iniciou. Todos os outros interromperam o estudo por volta da sexta série.

Elisa tem dois irmãos, que sempre estudaram em instituições públicas. Luciana, 14 anos, que cursa a oitava série na Escola Técnica e Júnior, 13 anos, que cursa a sexta em outra escola, também pública. Júnior não prestou o exame de seleção para a escola técnica, segundo a mãe, quando ia cursar a quinta série, porque não quis, “*ficou mais na defensiva*”. No ano seguinte foi a mãe, segundo ela, que não permitiu que o filho fizesse os exames de seleção na Escola Técnica, porque as suas notas estavam muito baixas: “*ele não conseguia fazer a seleção, não*”. Além disso, as provas do

exame de seleção foram realizadas apenas uma semana após o término do ano letivo, o que o impediria de se preparar.

“Se ele for mais responsável em matéria de escola, eu tinha pensado de colocar ele lá, mas, se ele for igual esse ano que passou... devagar, não vou por não, porque eu acho que não compensa.”

Moram há quase dezoito anos em casa construída pela família em bairro bastante afastado do centro, onde está localizado também um grande frigorífico, o que faz com que, com muita freqüência, todas as imediações sejam invadidas pelo odor desagradável da empresa: *“todo dia, em algum momento, vai acontecer”*. Elisa comentou inclusive que, por esse motivo, recusa-se a *“dar festa”* em sua casa, já que para ela *“esse cheiro acaba com qualquer festa”*. A casa, toda cercada por um muro alto, tem três quartos, duas salas, cozinha, banheiro e garagem, onde estava localizado o automóvel da família. A sala onde a entrevista se realizou possui um jogo de sofá em madeira clara entalhada, de modelo conhecido como *“namoradeira”*, composto por uma peça de dois lugares e duas peças de um lugar, dispostos em semicírculo. Os assentos e o encosto desses móveis são estofados e revestidos com tecido aveludado vermelho. Há também uma mesa em madeira com oito cadeiras. As cadeiras acompanham o mesmo estilo do sofá, são entalhadas e possuem assento e encosto semelhantes. A mesa, coberta com plástico grosso e transparente, tem sobre ela uma cesta retangular em vime, que contém três pequenos potes decorados e um jarro com flores artificiais de tamanho diminuto, que formam um conjunto harmonioso. Há ainda uma estante, também fabricada com a mesma madeira clara. Nas partes fechadas da estante, podiam ser vistos, através do vidro, alguns livros. Nas partes abertas, viam-se um jogo de copos com uma jarra no mesmo estilo e um jogo de bibelôs com motivos de cisnes. Em uma das paredes, há alguns quadros: uma pintura de uma paisagem bonita, dois pequenos quadros feitos em alto relevo em metal avermelhado. Em outra parede, está afixado com moldura o certificado de conclusão do curso feito por Seu Arnaldo em 1979. A outra sala, vista de relance pela entrevistadora no momento em que foi ao banheiro,

possui um conjunto de estofados em napa estampada e colorida, uma estante, em madeira menos nobre em relação aos móveis da outra sala, onde estava a televisão. O banheiro é simples e pequeno e estava limpo. Dona Elza, entretanto, fez questão de verificar se estava tudo em ordem antes de permitir que a entrevistadora entrasse nele. Em virtude de a casa possuir três quartos, há necessidade de que Elisa divida um quarto com a irmã Luciana.

A família está construindo outra casa, em outro bairro, também afastado do centro, porém em localidade mais valorizada, e – o que é mais importante para a família – bem longe do frigorífico. A outra casa, segundo Seu Arnaldo, é do mesmo tamanho que a atual, apesar dos protestos de Elisa, que queria ter um quarto só para ela. Deverão mudar-se brevemente. Depois disso, a casa onde moram atualmente será alugada.

A família possui um automóvel, modelo Parati, que é utilizado, quando Seu Arnaldo não está trabalhando – porque Dona Elza não sabe dirigir – para transporte dos filhos para as respectivas escolas, já que estas se localizam bem distantes da residência deles. Do contrário vão a pé. Elisa volta sempre a pé porque no horário em que sai da escola nunca é possível ao pai buscá-la.

A maioria da família não tem hábito de leitura. Além de Elisa, apenas a irmã Luciana é que, ultimamente, tem lido livros espontaneamente. Elisa contou na presença de Júnior que ele não gosta de ler “*nem bula de remédio*”, ao que ele apenas sorriu. Seu Arnaldo contou que de vez em quando lê a Bíblia e que, no trabalho, às vezes tem a oportunidade de ler jornais e revistas. Em casa, atualmente não possuem assinatura de nenhuma revista, mas Dona Elza já foi, por algum tempo, assinante da Revista Manequim. Dona Elza afirmou que quase não lê:

“é muito difícil eu passar os olhos em alguma coisinha... Livros assim que a Elisa gosta de lê... acho que eu li foi poucos na minha vida... na adolescência. Hoje eu quase não tenho leitura, muito pouquinha.”

A família, segundo eles, possui uma enciclopédia “*ultrapassada*”. Quanto a livros de literatura, Elisa contou que há alguns comprados pelo pai e

ela recentemente comprou mais dois, mas a grande maioria dos livros que lê são emprestados de amigos ou da biblioteca, da escola ou municipal. Elisa disse ter um “*mini*” dicionário: “*eu ainda não comprei um maior*”.

Também não têm hábito de escrever. A família não possui agenda para controlar seus compromissos; segundo Dona Elza, “*por incrível que pareça*”, nem agenda telefônica: “*é bem bagunçado aqui... não tem agenda... organizadinho não tem não*”. A família disse também não ter o hábito de fazer lista de compras.

Para Elisa, a mãe foi sempre mais comedida no controle do orçamento familiar do que o pai. Os pais concordam com a opinião de Elisa. Quando vão ao supermercado, segundo Dona Elza, é Seu Arnaldo quem sempre põe no “*carrinho*” o que é “*supérfluo*”. Elisa contou que quando queria dinheiro para algum passeio na época em que a família havia combinado de “*não gastar*” em função da construção da casa, sempre recorria ao pai. A mãe, segundo Elisa, sempre mantinha-se firme na decisão de não gastar com o que não fosse necessário. O pai, segundo Elisa, sempre “*arranja algum*”. Elisa reconheceu, entretanto, que, apesar de a mãe às vezes merecer ser chamada de “*estraga prazer*”, o controle exercido pela mãe fez com que a família acumulasse os bens que possui: “*se não fosse a minha mãe, meu pai não teria nada*”.

Quanto à expressão oral, Seu Arnaldo disse ter necessidade de falar bastante ao telefone com superiores quando no exercício de suas funções na CELG. Há algum tempo, participavam de “*encontros de casais*”, promovidos pela Igreja Católica, mas normalmente Dona Elza tinha que ir sozinha em função de o marido estar trabalhando. Isso fez com que o casal desistisse de participar desse tipo de evento que era, segundo eles, uma oportunidade para falarem em público. Eles também já estiveram envolvidos em uma mobilização contra o frigorífico, que consistia em telefonar, de vez em quando, para a Secretaria do Meio Ambiente para reclamar do odor do frigorífico. O movimento não foi adiante, segundo eles, porque muitos moradores do bairro trabalham na empresa e, por esse motivo, “*não podem ir contra o patrão*”. Elisa considera

que os pais não sejam pessoas muito dispostas a lutarem por seus direitos: “*se der pra suportar, eles suportam*”.

Trajetória escolar de Elisa: “eu sempre gostei de ir pra escola”

Para a mãe, Elisa sempre foi “*uma boa menina*”. Disse que, como mãe, não tem “*nada a queixar*”, por ela ser “*super responsável*”, principalmente na escola. Para a mãe, Elisa foi sempre uma “*ótima*” aluna, porque eram constantes os elogios das professoras.

O contato de Elisa com os livros foi freqüente, segundo ela, mesmo antes de entrar para a escola. Além da enciclopédia que havia em casa, lembra-se de uma coleção de “*histórias para crianças*”, que gostava de folhear “ *fingindo que sabia ler... inventando histórias*”. Com histórias em quadrinhos, entretanto, Elisa diz ter tido pouco contato.

Elisa também contou que ouvia, repetidas vezes, as mesmas histórias através de uns “*disquinhos*” que possuía quando criança, a ponto de sua mãe irritar-se em ser obrigada a ouvi-las também.

Elisa começou sua trajetória escolar em uma escola particular. Lá estudou três anos, “*jardim, pré e primeira*”. A professora Ana, da pré-alfabetização, afirmou que o desempenho de Elisa sempre foi “*excelente*”. Ana contou que Elisa gostava de escrever, tinha uma letra “*linda*” e era “*organizadíssima com tudo*”. Elisa contou que, já nessa época, gostava também muito de ler e que “*chorava com algumas histórias tristes*”.

Já nessa época, Elisa, segundo ela mesma, era muito desinibida, participando de todas as atividades promovidas pela escola. Participou, inclusive, segundo ela, de um desfile de moda em que foi a única a desfilar de biquíni. A professora Ana confirmou que Elisa era uma aluna que participava de todas as atividades extra-classe promovidas pela escola: “*poesia, teatro, festa junina... tudo*”.

Dona Elza contou também que Elisa fazia suas tarefas sozinha, era “*mínima*” a ajuda de que raramente precisava; mesmo quando era pequena, “*no prezinho*”, não havia necessidade de mandar a filha fazer as tarefas escolares: “*ela tomou responsabilidade desde pequenininha*”. A professora Ana confirmou que as tarefas de Elisa sempre eram feitas. Além disso, Elisa, para essa professora, não admitia se esquecer de levar para a escola nada que fosse solicitado:

“Nossa, se ela esquecia de fazer alguma coisinha. Por exemplo, se a gente pedia material para fazer colagem, eles anotavam na agenda. Então, se ela esquecesse, vamos supor, um cordão, era motivo pra ela chorá, descabelá e ficá nervosa na sala de aula... Se ela perdia um lápis, ela quase morria. Um lápis de cor numa caixa de lápis era motivo pra ela desesperar e pôr a escola inteira procurando.”

Segundo a mãe, entretanto, Elisa conversava muito na sala de aula: “*só tinha esse mal*”. A professora Ana, da pré-alfabetização, confirmou que Elisa era uma aluna disciplinada: “*muito boazinha*”, mas que, realmente “*conversava demais com as coleguinhas... terminava rapidinho e já corria pra carteira da outra*”.

Por outro lado, para Ana, o relacionamento de Elisa com o restante da turma não era muito bom. O fato de Elisa participar muito das aulas fazia com que os colegas pensassem que a professora dava preferência às respostas dela, e por isso não concordavam muito com essa situação. Outro ponto de discórdia referia-se ao material de leitura, “*jornal, revista, gibí*”, que ficava em uma estante dentro da sala de aula. Os alunos que fossem terminando as tarefas solicitadas pela professora poderiam escolher na estante o material que quisessem ler e, como Elisa terminava primeiro, acabava pegando os livros preferidos pela turma, o que causava algum protesto. Outro motivo de conflito ocorria na “*hora da recreação*”. As crianças eram orientadas, segundo Ana, a sugerirem brincadeiras e Elisa, que “*gostava de direcionar as brincadeiras*”, “*sempre levava alguma coisa diferente*”. Os demais alunos não gostavam de ver que, quase sempre, eram as sugestões de Elisa que eram colocadas em prática.

No ano em que cursaria a segunda série, entretanto, foi transferida para uma escola pública porque, segundo a mãe, não havia possibilidade financeira de que os três filhos estudassem em colégio particular: “*para oferecer um mesmo nível escolar*”. A professora Ana contou que Dona Elza chorou no dia em que transferiu a filha, porque “*a menina tava indo bem demais*”. A diretora da escola particular disse que Dona Elza se arrependeria por levar a filha para outra instituição: “*você vai dar a maior mancada na vida*”, ao que ela respondeu que acreditava que a filha “*seria boa aluna em qualquer colégio*”.

Apesar das previsões da diretora, Dona Elza diz não ter se arrependido da transferência. Elisa passou então a estudar na mesma escola pública ligada à Igreja Católica em que estudaram Niulmar e Paulo Roberto. Era, segundo ela, a “*melhor*” aluna da classe, apesar de ser uma das mais novas numa turma em que, devido às características da escola, havia alunas de várias idades: “*tinha meninas de dezessete anos e meninas de nove estudando juntas*”. Por isso, sofria certa discriminação das colegas, que a consideravam CDF: “*rolava mesmo uma invejinha, imagina meninas de dezessete anos que não conseguiam tirar nota igual eu conseguia*”. Essa situação era agravada porque a professora da quarta série, sempre que precisava deixar a sala, pedia que Elisa se sentasse no lugar destinado à professora, principalmente porque – como já foi dito - havia na sala alunas bem maiores que Elisa, que se sentiam, segundo ela, hostilizadas com a situação. A escolha da instituição se deu em função da qualidade: “*por ser um colégio de freira, eu achei que seria melhor pra Elisa, na época*”. Além do aspecto religioso, Dona Elza também acredita que esse colégio seja mais “*sério*” que os demais. O único que não estudou nessa instituição foi Júnior, porque, segundo a mãe, só havia turma para meninos no horário da manhã. Dona Elza disse que, em virtude da distância, achava difícil levar a pé o filho, com apenas seis anos, às seis horas da manhã, para a escola.

Elisa contou que também nessa escola participava de todas as atividades que lhe propusessem: teatro, poesia, jogral. Dona Elza confirma a disposição da filha para esse tipo de evento. Elisa só se recusou, segundo

elas, a dançar quadrilha, por ocasião das festas juninas, porque, tendo em vista que não se misturavam meninas e meninos numa mesma turma, algumas meninas tinham que se vestir com roupas masculinas. Por não concordar com isso, Elisa participava das festas juninas, mas não dançava quadrilha: “*eu achava sem graça*”.

Quando estava na terceira ou na quarta série, “*não me lembro mais*” conquistou o segundo lugar em um “*concurso de redação*”, do qual participaram alunos de todo o município, tanto de escolas públicas como de particulares, que se dispuseram a escrever em uma das praças da cidade sobre o tema “*preservação da natureza*”: “*foi muito legal*”, segundo Elisa. Elisa afirmou que gostava muito de “*escrever histórias*”, inclusive durante as férias.

Ao terminar a quarta série, prestou o exame de seleção para a Escola Técnica e foi aprovada. A escolha se deu porque os pais de Elisa acreditam que o ensino de 5ª a 8ª série nessa instituição é de boa qualidade.

Dona Elza contou que, quando começou a estudar na Escola Técnica, Elisa se recusou a ser acompanhada pela mãe até a escola, o que aconteceu regularmente até o término da quarta série. Para a mãe, Elisa queria ser “*independente*”, e por isso ia à escola sozinha, embora a escola fosse muito longe de casa e ela contasse apenas com dez anos de idade quando tomou essa decisão.

A partir da quinta série do ensino fundamental, Elisa, segundo ela própria, passou a ir à biblioteca da escola com frequência: “*achava chique ler... estar sempre lendo... pegar livro na biblioteca*”. Foi nessa época que começou a amizade com Adriana e o hábito de competirem para ver quem lia mais. Elisa contou que certa vez foi passear em uma fazenda junto com alguns familiares, dentre os quais uma tia, que passou todo o tempo achando que ela estava doente porque não parava de ler.

O prazer por redigir permaneceu; continuou então a escrever com frequência: “*eu escrevia redações enormes*”. Tem inclusive um caderno onde coleciona alguns desses textos. Elisa acredita que passou por uma fase muito “*dramática*”, escrevendo inclusive poesias que hoje considera muito “*mórbidas*”,

por influência de Álvares de Azevedo, autor do qual ela gostava na época. Atualmente, segundo ela, não escreve tanto quanto escrevia.

Escreveu um “livro” na sétima série sobre drogas. Embora Dona Elza tenha chamado a atenção sobre o livro: “*guardei ele um tempão*”, Elisa não vê muito significado no que escreveu, porque a professora, “*muito chata... uma figura muito estranha*”, solicitou que os alunos escrevessem sobre um ídolo. Elisa, mesmo nunca tendo sido “*fanática por nenhum músico*”, escreveu sobre o Bon Jovi:

“aquele livro não mostra a realidade... eu fiz com a intenção de tirar nota mesmo, então... o que eu escrevi ali muita coisa eu não concordo... então eu dancei a música que rodaram pra mim na época”

Tal como Adriana e Niulmar, Elisa aponta os professores de Português Sérgio (5ª e 6ª séries) e Márcia (8ª série) como significativos para o aprimoramento de sua capacidade de comunicação. Na época achava o professor Sérgio “*chato*” e “*exigente*”, mas considerava a exigência uma qualidade. Com ele, disse ter tido “*muito embasamento para gramática e produção de texto*”. Com Márcia, gostou particularmente do trabalho com textos atuais, de revistas e jornais. A professora Márcia comentou que Elisa sempre fazia as tarefas solicitadas e sempre com muita “*organização*”:

“Era uma coisa assim que chamava a atenção. Tudo que ela entregava era muito bem feito. Tinha até um certo preciosismo. A letra muito bonita, a organização”.

Num primeiro momento, Elisa disse que normalmente não se sentia discriminada pela maioria por ser uma das “*melhores*” alunas da turma. Talvez porque o relacionamento com a turma fosse muito bom, principalmente fora da sala de aula, em situações mais informais, tais como festas. Disse que, geralmente, não deixava de ir a festas para estudar, pois conseguia conciliar bem o lazer com o estudo. Alguns colegas pediam em voz baixa que ela fosse porta voz de suas dúvidas ao professor. Em outro momento, entretanto, admitiu a possibilidade de haver o que ela chamou de “*hostilidade não declarada... as*

“pessoas comentam por trás” por parte de alguns colegas que a consideravam *“arrogante”*, por *“perguntar demais pra aparecer”*.

Ao término da oitava série, Elisa foi a indicada pela professora Márcia para ser a oradora da turma.

Elisa viveu durante os últimos anos em que estudou na Escola Técnica uma série de *“decepções”* que culminaram com sua transferência para outra escola.

Na oitava série, Elisa participou, juntamente com Adriana e outro aluno, da *“Feira de Ciências”* da Escola Técnica. O trabalho, cujo tema era a loucura, segundo ela, foi muito profundo. Orientados pelos professores Marcelo, de História, e Aroldo, de Teatro, fizeram, segundo Elisa, entrevistas, além de pesquisarem muito sobre o assunto em livros e músicas. Elisa disse que o trabalho a *“livrou de muitos preconceitos”*: *“eu acho que abriu muito a minha visão”*. O trabalho, entretanto, para decepção do grupo, foi classificado como *“não científico”* e recebeu apenas a premiação de *“originalidade e criatividade”*.

Ainda na oitava série, Elisa teve um conflito com a professora de Biologia, Rosa, que propôs que a turma copiasse no caderno umas *“questões de vestibulares”* que se encontravam no livro adotado pela professora. Elisa se recusou a executar a tarefa porque, segundo ela, havia pago R\$ 48,00 pelo livro e não via sentido em copiar seu conteúdo para um caderno: *“eu falei pra ela que eu não ia fazer porque eu não taria ganhando nada com isso”*. Elisa acredita que a postura dessa professora mostra *“falta de compromisso e descaso”*. Elisa diz também que essa professora não domina bem o conteúdo da disciplina, já que por vezes não conseguiu responder a perguntas dirigidas a ela. Essa professora é *“evangélica”* e, segundo Elisa, *“não dá pra discutir porque ela sempre coloca Deus no meio”*. Caso tivesse sido perguntada sobre sua religião, Elisa disse que responderia *“umbanda”*, *“só pra ela cair de cara no chão”*.

Na primeira série do ensino médio, Elisa participou, juntamente com Adriana, de manifestação contra o professor de Matemática. Durante o conselho de classe promovido para que o assunto fosse discutido, esse

professor “*perdeu a cabeça*” e discutiu com Elisa, segundo Adriana, “*apontando o dedo pra ela*”. Toda essa movimentação culminou com a substituição do professor.

A professora de Português que iniciou o ano letivo na primeira série do ensino médio, Olga, também foi bastante criticada por Elisa. Além de suas aulas não serem “*boas*”, ela mandava que os alunos fizessem suas redações em sala, o que, para a aluna, representava uma perda de tempo. Olga, por opção própria, deixou a turma de Elisa, tão logo outra professora, que estivera de licença, pôde retornar ao trabalho. A professora Olga admitiu que ficou “*aliviada*” quando deixou essa turma, na época considerada a “*melhor*” por outros professores, de acordo com a informação da coordenação, por causa do comportamento de alguns alunos, principalmente da Adriana, que considera “*topetuda*”. Elisa, para a professora Olga, é mais “*cordata*” que a amiga.

Elisa comentou que lamenta o fato de alguns professores, por serem vinculados ao Estado, não poderem lecionar para o ensino médio da Escola Técnica, apenas para o ensino fundamental. É o que acontecia, à época, com o professor Sérgio. Isso para ela também era motivo de insatisfação.

Além dessas insatisfações, Elisa também não concordou com a greve dos professores, que fez com que os alunos permanecessem “*quase dois meses*” sem aulas: “*uma greve é sempre prejudicial, principalmente pro nosso lado*”. Esperava que, após a paralisação, os professores iriam retornar com “*certo pique*”, mas, segundo ela, isso não aconteceu. Alguns professores permaneceram “*atando aula*” e com “*métodos didáticos errôneos*”. Elisa chateava-se também com os demais alunos da turma que não sabiam cobrar melhores posturas dos professores. Para ela, a turma era “*mórbida*”.

A professora de Português da oitava série, Márcia, disse que nessa época se surpreendeu com os comentários que ouvia na sala dos professores a respeito do comportamento de Elisa e Adriana. Segundo os professores ouvidos por Márcia, elas estavam “*polemizadoras*”: “*como se fosse assim... subversivas*”, e que por isso seriam chamadas para uma conversa ao SETEPE – Setor Técnico-Pedagógico.

Tudo isso fez com que o “*entusiasmo*” de Elisa diminuísse, o que fez com que, segundo ela, suas notas também fossem menores que as dos anos anteriores. Assim, o ensino médio iniciado na Escola Técnica mostrou-se com qualidade abaixo da esperada por Elisa: “*foi pior do que eu poderia ter esperado*”. Elisa, fazendo humor com isso, propõe que se chame o curso da Escola Técnica de “*ensino ruim*”, porque, se se disser “*ensino médio*”, é possível que alguém ache que é um “*pouco bom*”.

Elisa, porém, não acredita que esses últimos anos de Escola Técnica tenham sido totalmente negativos, por que acha que “*cresceu*” nas lutas que travou ao lado da amiga Adriana:

“Não se pode colocar como se fosse tudo ruim, porque não foi... Acho que a gente tinha que passar por isso... no fundo a gente cresceu com as cobranças que a gente teve que fazer.”

No início de 1999, quando iria cursar a segunda série do ensino médio, Elisa passou a estudar em uma escola particular, na mesma turma que Adriana.

Mobilização Familiar

Muitos indícios apontam para a conclusão de que a família de Elisa está mobilizada para o sucesso escolar dela.

O pai adquiriu uma enciclopédia para os filhos mesmo antes de eles nascerem. Elisa, segundo ela, cresceu tendo sempre contato com livros. Os pais, segundo Elisa, compravam, com frequência, livros e canetas: “*na verdade, meu pai me ajudou muito... no início, assim... comprando livrinhos*”. Elisa atribui a esse tipo de atitude dos pais o fato de já ter entrado para a escola “*com base*”.

Já na escola, nas poucas vezes em que Elisa precisava de ajuda para fazer as tarefas escolares: “*acho que Elisa que me ensinava*”, segundo

Dona Elza, tanto ela quanto o marido ajudavam-na: “os dois fica muito em casa”. Elisa lembra-se também de que, durante os seus primeiros anos escolares, seu pai também escrevia histórias para que ela as lesse. Elisa confirmou que sua mãe estava sempre disponível para ajudá-la nas tarefas escolares, principalmente até a quinta série. A professora Ana, da pré-alfabetização, confirmando essa informação, disse que a assistência que a mãe dava para Elisa era “*fora do comum... fora de série*”.

“Ela ajudava na questão de atividades, tarefas, ela ia atrás. Se ela ficava doente, ela ia, pegava caderno de menino, xerocava... a mãe foi assim fundamental nesse sentido. Ela deu assistência total.”

Para Ana, mais do que ajudar a filha nas tarefas, Dona Elza cobrava que os trabalhos fossem realizados com “*perfeição*”, por isso “*apagava e mandava fazer de novo*” aqueles que não considerasse “*bons*” ou “*bonitos*”:

“Era mania de perfeição. Tudo da filha tinha que ser perfeito... No final do mês a gente entregava as avaliações, encadernado, aquele calhamaço, ela olha e ‘Nossa... mas esse aqui não podia tê passado, Ana, como cê deixou passá esse aqui... ela tinha que tê feito esse aqui de novo.’”

Isso, segundo Ana, pode ser a explicação para que Elisa quisesse sempre ser a primeira a terminar as tarefas, desejando que a professora considerasse o seu trabalho melhor que o dos colegas. Ana, por isso, achava “*excessiva*” a cobrança de Dona Elza sobre o desempenho da filha, considerando que ela estava ainda em processo de “*alfabetização*”. Por isso, tentava esclarecer para a mãe que Elisa estava ainda “*em fase de desenvolvimento... construindo a aprendizagem*”.

A partir da sexta série de Elisa, a escolaridade dos pais não permitia mais que ajudassem a filha. Elisa diz, entretanto, que em relação a “*conhecimentos gerais*” continuou a perguntar ao pai sobre as suas dúvidas.

A professora Ana contou também sobre os cuidados de Dona Elza com relação à aparência da filha: “*roupa limpinha, sapato limpinho, cabelo... ela sempre teve o cabelo comprido, lisinho assim... sempre arrumadinho... era aquele cuidado total com ela*”.

Embora Elisa diga que não houvesse necessidade de cobranças por parte de seus pais para que ela se dedicasse ao estudo, essa cobrança, segundo ela, ocorreu. Afirmou que foi a mais cobrada dos três filhos:

“Eu ainda acho que eu fui a mais cobrada ((risos)) de todos os três, sabe. Que eu lembro assim... uma vez... acho que eu estava na quarta série, eu tirei um oito e a minha irmã, que estava na segunda série, tinha tirado sete... O meu pai reclamou do meu oito, mas não do sete dela, embora eu, na segunda série nunca tivesse tirado um sete.”

Segundo Elisa, o pai justificou à época a cobrança parcial com o fato de que Elisa estava habituada a conseguir notas superiores a oito. Segundo Elisa, ele disse: *“É porque você tira notas boas... quem tira nove pode tirar mais de oito”*. Pode estar aí, portanto, a explicação para Elisa sentir-se a mais cobrada. Embora haja o mesmo rigor, segundo a mãe, no controle do desempenho escolar dos filhos, a expectativa em torno das notas de Elisa é superior à expectativa em relação às notas de seus irmãos. Um dado que reforça isso é a análise que Seu Arnaldo fez do desempenho escolar de Elisa: *“mais ou menos... até bem em relação ao jovem de hoje”*.

Elisa, como explicação para o fato de ser a mais cobrada, considera a possibilidade de ser porque é a filha mais velha. Acredita inclusive que o fato de se pensar que *“menino não gosta tanto de estudar”* pode explicar que as meninas, Elisa e Luciana, tenham sido mais cobradas que o menino, Júnior.

Elisa, longe dos pais, disse criticá-los por não terem oferecido para seus irmãos o mesmo privilégio que ela teve de iniciar sua trajetória escolar em escola particular, porque se lembra de o pai ter comentado, nos primeiros anos escolares de Júnior, que ele estava *“fraco”*, porque *“a escola não era tão boa”*. Pode estar aí também uma explicação para Elisa ser a mais cobrada dos três irmãos: foi a única que estudou em escola particular.

Dona Elza disse que *“nunca foi de olhar”* o caderno dos filhos: *“deixa mais na responsabilidade deles”*, mas sempre pergunta se há tarefas para serem feitas e em que dia farão prova. O maior controle era, segundo ela, dirigido à nota:

“dependendo da nota, eu brigo feio mesmo... eu subo no coqueiro... ponho de castigo, tiro a televisão, tiro bicicleta, tiro brincadeira, tiro tudo...”

Em relação à Elisa, segundo a mãe, nunca foi preciso estar lembrando a filha sobre seus afazeres escolares. Para a mãe, Luciana também é “*independente*”, ou seja, também faz suas tarefas sem que seja necessário cobrança por parte dos pais. Já Júnior, segundo Dona Elza, é “*mais folgado... mais tranquilo*”, sendo preciso cobrá-lo com frequência. No último ano letivo, ele mentiu sobre o resultado de uma prova e apanhou da mãe. Segundo Dona Elza, antes de lhe bater, ela lhe disse que iria tomar essa atitude “*extrema*” porque ele precisava ser corrigido. Júnior foi colocado de castigo para estudar e conseguiu ser aprovado, mas foi com notas muito baixas: “*raspando*”.

“Ele passou esse ano... porque teve que pegar um mês... estudar pra valer. E eu tinha que ouvir ele estudando: ‘Lê em voz alta que eu quero lá de fora ouvir você ler em voz alta... lá do tanque quero ouvir você estudando. [...] Ele chegou aqui com um dez... numa matéria que ele tinha tirado cinco, seis.”

Essa prática de estimular os filhos a estudarem em voz alta já tinha sido utilizada, segundo Dona Elza, quando as meninas eram pequenas: “*eu acho que, se a pessoa está ouvindo a própria voz, é mais fácil de aprender, do que ficar só lendo ali*”.

Elisa também, quando pequena, chegou a apanhar por não estar correspondendo à expectativa da mãe, que costumava fazer “*ditado*”, para verificar se a filha estava grafando bem as palavras. Certa vez, solicitou a filha que escrevesse a palavra “*amendoim*”, que a filha insistia em escrever “*amedoim*”. Dona Elza, contou que até hoje a filha “*tem horror*” a essa palavra. Na entrevista com a família, Elisa aproveitou para comentar que não se lembra “*do outro ali [referindo-se ao irmão] ter apanhado por ter escrito nada errado não*”.

Elisa contou que recebia muitos elogios sempre que tirava uma “*boa*” nota. Além das notas, seus textos também eram elogiados pelos pais. Sua mãe, segundo ela, “*sempre gostou*” de ouvi-la ler suas redações. Dona

Elza, durante a entrevista com a família, mostrou que ainda se recorda de algumas histórias criadas pela filha.

Dona Elza acredita que haja um certa disposição dos filhos para a competição entre eles. Para Elisa, o irmão, “*é muito fraco no domínio da língua... comete erros terríveis*”, que ela diz corrigir com frequência, apesar de isso o deixar “*meio nervoso*”. A irmã, Elisa considera “*mais esforçada*”, porque, de vez em quando, lê, ao contrário do irmão que, para ler, é preciso que “*alguém fique em cima*”. Elisa contou que recentemente viu nas mãos da irmã um livro da Coleção Vaga-lume que já havia lido. Segundo ela, ao fazer com que Luciana soubesse disso, esta respondeu: “*quer dizer que eu já estou lendo todos que você já leu*”.

Dona Elza afirmou que sempre foi às reuniões de pais. Seu Arnaldo, quando não estava trabalhando, acompanhava a esposa, segundo ela, em todos os eventos promovidos pelas escolas dos filhos. A professora Ana confirmou que Seu Arnaldo comparecia às festividades da escola e de vez em quando às reuniões de pais.

A família controla também a programação da TV que os filhos podem assistir. Dona Elza contou que Júnior gosta de ver “Ratinho Livre” e, mesmo sabendo que ela não gosta que ele assista a esse tipo de programa “*péssimo... de nível baixo... pesado*”, ele às vezes liga a televisão nesse canal. Segundo a mãe, Elisa a ajuda a vigiar o irmão nesse sentido e, todas as vezes que o flagra, delata-o.

Dona Elza contou, quando pequenos, mesmo não tendo que acordar cedo para ir para a escola, os filhos tinham que se deitar cedo, porque esse foi sempre um hábito da família:

“não gostava não de passar das dez da noite pra dormir, não. Então, eu mandava a Elisa dormir às oito e meia, nove horas, mais tardar às dez... que o meu pai chegava em casa do serviço e a gente tinha que deitar na cama às oito e meia, nove horas.”

Atualmente, entretanto, Dona Elza concorda que os filhos “*extrapolem*”, e de vez em quando se deitem “*meia noite, uma hora... porque tá assistindo um programa que goste*”: “*menorzinho a gente mandava mais... tô mais liberal um*

pouco com eles”. Presentemente, os pais permitem também que tanto Elisa quanto Luciana vão a bailes em clubes da cidade. A família não tem imposto mais horário para que voltem para casa, mas é Seu Arnaldo quem as leva e quem as busca: “*ultimamente eu tenho falado assim: ‘a hora que dé vontade de vir, cê liga aí eu vou buscá’*”. Reforçou, entretanto, que há sempre a preocupação de ver com que companhias estarão as filhas nessas ocasiões. A mãe disse orientar as filhas da seguinte forma:

“*Se o ambiente estiver bom, se vê que o ambiente tá bom, não tá pesado, não tá saindo briga... tudo bem. Mas se vê que o ambiente tá pesado, tá muita arruaça, muita gente bebendo... aí vocês vêm embora mais cedo.*”

Quanto às refeições, Seu Arnaldo fez questão de frisar que gosta que os filhos as façam “*na mesa*”. Disse que sempre repreende os filhos quando vão assistir à televisão com o prato na mão, embora Dona Elza tenha dito que ele próprio faz isso. Ele então corrigiu a informação, mas disse que isso ocorreu: “*raras vezes*”, com o que ela concordou. Dona Elza reclamou de um “*grande defeito*” de Elisa. Disse que ela “*nunca vem pra mesa almoçá na hora que cê chama*”, porque não quer interromper a leitura que estiver fazendo, o que deixa a mãe, segundo ela mesma, “*brava*”.

Elisa citou também que a mãe, ao conversar com as amigas, diz-lhes que a filha “*luta pelo que quer*”, o que faz com que ela se sinta estimulada a fazer jus a esse elogio. Elisa contou que recentemente comprou uma caneta, e “*não foi nem vinte e quatro horas*” a caneta estragou. Elisa telefonou para o serviço de atendimento ao consumidor da empresa e descobriu uma forma de recuperar o prejuízo.

Seu Arnaldo considera a que Elisa é madura, em função do senso de responsabilidade que ele diz ter a filha: “*ela se tornou adulta muito precoce*”. Segundo ele, “*ela não viveu a vida de criança... que corre, que brinca*”. Segundo os pais, Elisa nunca foi de brincar na rua: “*pouquíssimas vezes ela brincava... de queimada*”, até porque na rua onde moram havia poucas crianças na mesma faixa etária de Elisa. Além disso, Seu Arnaldo disse que a filha “*tinha uma amizade assim... mais selecionada*”, e atribuiu essa

característica não à família que controlasse as atividades da filha, mas a própria Elisa que, segundo ele, é: *“muito exigente... não faz amizade fácil”*. Não havia, portanto, o hábito da família receber em casa coleguinhas da Elisa.

Por isso, nas festas de aniversário, que Dona Elza disse ter promovido para os filhos em todos os anos até completarem cinco anos de idade, a família fazia questão que os convidados se demorassem para que as crianças tivessem oportunidade de brincarem bastante. Mas isso, segundo eles, quase nunca acontecia, porque os pais, tão logo servido o bolo, apressavam-se em ir embora, o que fazia com que Elisa chorasse. Isso, segundo Seu Arnaldo, foi o que o estimulou a parar de oferecer festas, porque os adultos *“invês de se unir, invês de se entender, invês de confraternizar”*, *“dá crise de querer ir embora”*. Elisa, lembra-se, inclusive, em uma dessas oportunidades, de dizer, enquanto chorava: *“o povo vem aqui no meu aniversário só pra comer”*.

Se Elisa não tinha com quem brincar fora de casa, tinha dentro dela. Segundo Dona Elza, *“o pai brincava muito... brincava direto”* com os filhos. Seu Arnaldo contou que participou muito do crescimento dos filhos, inclusive quando eram menores. Segundo eles, era o pai que, por ter o *“sono mais leve”*, se levantava de madrugada para atender às necessidades dos filhos ainda bebês: *“eu não tinha preguiça de levantar três, quatro horas da madrugada pra olhá eles quando chorava... pegava no berço, andava pra lá e pra cá... até eles dormirem”*. Seu Arnaldo, que, segundo Dona Elza, *“fazia o leite e dava mamadeira”*, declarou ter saudade dessa época: *“era tão bom!”*.

Seu Arnaldo, segundo a família, também contou muitas *“histórias”* para Elisa. Nesse aspecto, Elisa parece ter sido mais favorecida que os irmãos. Ela disse que o pai contou mais histórias para ela do que para seus irmãos. Dona Elza esclareceu, então, que isso se deu em função da diferença de idade dos filhos. De Elisa para a irmã há uma diferença de três anos; desta para o irmão caçula, apenas um ano e quatro meses. Ou seja, Elisa ficou, segundo a mãe: *“três anos reinando”*. E completou: *“mudou todo o sistema... quando era um era muito mais fácil... tendo um filho é mais fácil, tendo dois é... três já fica apertado”*.

Dona Elza disse que seus filhos eram bastante comportados: “*não era desses menino levado*”, não porque a família assim o exigisse: “*aqui em casa eles tinham a liberdade de brincar, de esparramá brinquedo*”. Para ela, seus filhos não tiveram a fase de “*dá tapa no outro... de dá supetão*”.

Participação em outros grupos: “atualmente meu grupo é a Adriana”

Elisa não participou de muitos grupos. Na sétima série, participou, juntamente com Adriana, do “*Clubinho de Ciências*”. Na oitava, participou do grupo de teatro do Professor Aroldo: “*foi muito legal*”. também em companhia de Adriana.

Elisa é obrigada pelos pais a participar das missas da Igreja Católica aos domingos, embora disso não goste. Longe dos pais, Elisa disse optar, porém, por não brigar com eles e por só se recusar a ir à missa quando completar a idade instituída pelos pais para que isso possa acontecer, dezoito anos:

“Eu vou na igreja meio pressionada... meio, não, totalmente. Só que é difícil discutir o tema lá em casa... já tentei... agora é esperar os dezoito anos que aí ‘thau e bença’... talvez seria muita briga, muita briga... e sei que lá no fundo eles vão mais pra cumprir protocolo do que também por vontade. Então já que tá idéia deles eles estão fazendo um bem pra mim me levando até lá... pra igreja... eu não sou radicalmente contra não. Então eu decidi assim/// ir até o momento que eu puder falar ‘Agora, basta!’ sem sofrer nenhum problema, sem discutir.”

Dona Elza conhece esse desgosto da filha: “*Ela odeia, detesta... vai pra Igreja amarrada.. vai no laço... vai na marra*”, mas acha que, enquanto ela não completar dezoito anos, precisa acompanhar sua família à missa, “*querendo ou não*”. Os cinco integrantes da família vão, então, sempre juntos aos cultos. Seu Arnaldo disse que acha natural que a filha um dia opte por outra religião: “*é um direito dela*”, mas, por enquanto: “*até os dezoito anos... talvez até os vinte e*

um”, ele quer que ela “*forme um pensamento católico... cristão*”. Contou que, quando pequeno, também sempre acompanhava sua mãe à igreja católica, mas “*com o passar do tempo*”, segundo ele, a mãe passou a ser “*crente*”; o que não fez, contudo, com que ele deixasse de ser católico.

Há alguns anos, Elisa, para “*aliviar*” o seu desprazer em ir à missa todos os domingos, resolveu entrar no grupo de jovens da Igreja da qual participava, mas, segundo ela, “*isso não aconteceu*”:

“Eu me sentia totalmente por fora daquilo ali... e eu pensei em entrar no grupo de jovens que talvez aliviasse, talvez eu criasse amigos e não ficasse tão chato ir na missa... só que como isso não aconteceu, né... uma ou outra pessoa que eu consegui conversar... resolvi que também não estavam dentro que eu esperava, como amigos... aí tchau... eu resolvi sair.”

Elisa também contou sobre sua participação junto com Adriana em uma passeata em protesto contra a transformação de uma praça em estacionamento na cidade onde moram.

Elisa disse achar que nunca vai encontrar um “*grupo*”, uma “*tribo*” que consiga entendê-la. Por isso, Elisa afirmou que: “*atualmente meu grupo é Adriana ((risos)).*”

Perspectiva de futuro: “quero sair dessa cidade”

Na primeira entrevista com Elisa, ela disse ter a intenção de ser psicóloga. Isso significaria necessariamente mudar-se de cidade, porque onde mora esse curso não é oferecido.

Elisa, entretanto, mudou de idéia. Abandonou a vontade de cursar Psicologia, porque, segundo ela, teve contato com duas pessoas “*depressivas*” e percebeu que não era isso o que queria para o seu futuro:

“podem me contagiar e eu não quero isso pra minha vida, não [...] E assim... eu acho que a mente humana também não tem muita explicação... acho que o curso em si deve ser muito bom, mas eu não pretendo... mesmo porque o mercado de trabalho em psicologia não anda também muito fácil”

Segundo Dona Elza, Elisa lhe perguntava: *“Mãe, será que eu vou conseguir resolver os problemas dos outros... será que eu consigo resolver pelo menos os meus?”*. Diante dessas perguntas, a mãe lhe aconselhou a realmente não cursar psicologia.

Passou, então, a desejar cursar Biologia: *“descobri também que eu gosto muito de biologia... minha paixão é bicho e mato”*. Esse curso, porém, é oferecido na cidade onde mora, mas ela, segundo a mãe: *“quer voar... quer asas... quer ir pra fora”*. A intenção é tentar vestibular em Goiânia e no interior dos estados de Minas Gerais e São Paulo. Elisa justificou a sua opção por prestar vestibular em outras cidades em função da baixa qualidade do curso oferecido por aqui:

“Aqui em [nome da cidade], pelo que eu sei, assim... falta professor... defasagem de material, de laboratório... os recursos são todos reduzidos. Então é muito mais difícil pra alguém se preparar. Apesar de que a pessoa não sai preparada da faculdade... essa é a realidade. A pessoa aprende muito na prática, mas aqui tudo mais restrito”.

Além disso, Elisa contou que sempre teve o *“sonho de morar fora... desde pequenininha”*, de viver novas *“experiências”*.

Sobre sair da cidade, Seu Arnaldo diz que vai apoiar a filha em sua decisão de estudar fora, porque acha: *“importante que ela conheça o sistema de fora... a reação das pessoas”*.

Apesar de declararem o apoio à filha no que se refere a estudar fora, os pais de Elisa estão sempre ressaltando as *“dificuldades”* pelas quais eles acreditam que ela vai passar, talvez para que ela desista de ir. Seu Arnaldo disse que acredita que ela vá estranhar a vida longe dos pais, porque ela teria que *“encarar a vida de frente”* e enfrentar sozinha as *“dificuldades da vida”*:

“Eu analiso dessa forma: talvez a chance, a oportunidade dela prosperar na vida, esteja lá fora, né. Pode está aqui... mas

pode está lá fora. Então, pensando dessa forma, eu dou apoio... ela quer assim. Tomara que ela tenha êxito, mas desde já a gente esclarece pra ela que as coisas não é bem o que ela pensa... que é difícil, muito difícil viver lá fora sem a proteção dos pais. Ela pode ter certeza disso.”

A mãe disse claramente que, se não fosse a falta de qualidade que a filha acredita haver no curso oferecido na cidade onde moram, gostaria que ela permanecesse morando na casa dos pais, porque acha que “*vai ser puxado*”, “*que ela vai achar difícil desde o início*” porque não poderá acompanhá-la nos primeiros meses longe de casa. Seu Arnaldo também admitiu que por ele ela “*também ficaria aqui*”. Dona Elza chegou a dizer que ela não poderá voltar caso ache muito difícil a vida ou mesmo se sofrer a “*decepção*” de ver que a qualidade do ensino não está acima do que seria oferecido na cidade onde mora: “*Cê passou lá, cê tem que continuar estudando lá. Cê passou lá, eu não vou deixar voltar, cê tem que continuar estudando lá até terminar [...] Antes de você formar, você não vem*”.

Elisa, a princípio, disse não ter a intenção de viver na cidade onde mora atualmente nem depois de formada. Em seguida, porém, admitiu a possibilidade de isso acontecer, mas disse que ainda não tem muita certeza de onde quer trabalhar como bióloga, tendo em vista que essa decisão ainda está muito distante no tempo: “*é tão difícil falar de coisas tão longes ainda*”. Não sabe bem que área da biologia vai escolher: “*ornitologia, botânica ou biologia marinha*”.

Por dois momentos, os pais de Elisa pareciam querer que a entrevistadora reforçasse a opinião deles de que a filha não deveria mudar-se da cidade onde mora. No primeiro, perguntou à entrevistadora sobre sua vida de estudar em outra cidade, querendo concordância para a afirmação: “*é uma experiência forte que ela vai seguir, né*”. Em outro momento, depois de saber que a pesquisadora é professora do Campus para o qual Elisa faria vestibular se resolvesse permanecer com os pais, perguntou sobre a qualidade do curso na cidade onde moram, talvez esperando que a resposta pudesse fazer com que Elisa mudasse de idéia.

A professora Ana, da pré-alfabetização, mesmo acreditando na possibilidade de “*as coisas terem mudado*”, acha que o excesso de proteção que os pais davam à Elisa pode tê-la prejudicado:

“Quanto mais a criança é protegida pelos pais, mais ela tem dificuldades lá na frente... de deslanchar... de buscar aquilo que ela quer porque tem um certo tipo de proteção que é comum de todos os pais, mas tem um que atrapalha, sabe aquele negócio de estar muito, muito em cima, parece que não deixa a pessoa soltar e viver ela mesma.”

Por isso, não considera que seja fácil para Elisa mudar-se para outra cidade caso os pais não a acompanhem: “*por causa dessa dependência demais que ela teve com os pais... ela sempre foi muito cercada, parece que até meio sufocante*”. Além disso, acredita que Elisa não suportaria uma reprovação no vestibular: “*isso pra ela vai ser uma frustração*”.

O professor Marcelo também disse acreditar na possibilidade de Elisa não ir morar em outra cidade para estudar. Para ele, é possível que os pais não dêem à Elisa o apoio necessário, inclusive financeiro, para que ela vá, e Elisa, por ser “*super castrada pelos pais*”, não teria “*coragem de peitar*” os pais e ir “*por conta própria*”.

O desejo de estudar fora de Elisa prende-se não só às boas coisas que Elisa acredita encontrar na nova cidade, mas também a tudo que deixará na localidade em que mora, da qual ela não gosta. Os pais de Elisa contaram que ela acha tudo “*um tédio... uma rotina doída*”. Dona Elza acredita que mesmo que viesse o “*melhor curso*” para o município, ainda assim a filha gostaria de mudar de cidade. Por isso, Elisa, segundo ela mesma, não tem a intenção sequer de arrumar um namorado durante o período em que ainda morará com os pais, para não se “*prender*” à localidade onde mora: “*com exceção da minha família, não quero deixar mais ninguém aqui*”.

Elisa contou que pretende ir para mesma cidade para onde for sua amiga Adriana: “*tem esse sonho nosso*”. Acredita que isso facilitaria bastante a vida das duas, mas não sabe se o sonho se transformará em realidade, porque pode ser que não sejam aprovadas para a mesma universidade. Dona Elza também acha boa a idéia de que a filha more junto com Adriana. Seu Arnaldo

disse que considera “*saudável*” a amizade delas: “*acho que todos nós temos que ter uma amizade... uma pessoa em quem confiar... todo ser humano tem que ter um amigo*”. Por outro lado, Seu Arnaldo acredita que a filha “*não é uma pessoa aberta*” para outras amizades, “*é uma pessoa de pouca comunicação... tinha que ser mais aberta ao ser humano*” e isso dificultará também sua vida em outra cidade:

“Ela acha que a pessoa deve procurar ela não deve procurar a pessoa... e a gente não deve comportar dessa forma. A gente deve procurar a pessoa que quer ter um relacionamento amigável, sadio. Ela é reservada... talvez a palavra ‘orgulhosa’ seja forte... mas eu vejo que é dessa forma”

Dona Elza, concordando com a opinião do pai, disse que a filha “*não adapta fácil às pessoas... ela é meio... ela é mais restrita*”.

Embora a condição financeira da família, segundo Seu Arnaldo, seja suficiente para manter Elisa em outra cidade, será necessário que Elisa estude em uma universidade pública e aprenda a fazer todas as tarefas domésticas, já que, segundo Dona Elza, não será possível pagar uma pessoa para cuidar da casa. Ela terá que, segundo a mãe: “*lavar a roupa dela, cozinhar o arroz pra ela comê, o feijão, limpá a casa, lavá e passá*”. Ainda assim, a mãe acha que Elisa vai precisar controlar muito bem o dinheiro que receber do pai: “*Eu acho que a Elisa vai tê que contá até os dez centavos que sobrá, porque se não não consegue não*”. Para reforçar seus argumentos, Dona Elza contou a experiência por que passou em Uberlândia, quando trabalhou para cinco estudantes, segundo ela, “*filhos de fazendeiro*”, que precisavam controlar o orçamento familiar para conseguirem sobreviver com a mesada que os pais mandavam:

“e eles eram o quê?... filhos de fazendeiro, e não era fácil... e nós aqui não somos nenhum fazendeiro, somos o quê? assalariado. Eu acho que vai sê restrito os gastos dela lá. Vai ter que aprender a viver com que o pai mandar pra ela.”

Seu Arnaldo, mesmo não vendo necessidade financeira para que a filha trabalhe, quando estiver estudando em outra cidade, acredita que isso seja importante “*pra ela tomá experiência*”, desde que isso “*não prejudique o*

estudo dela”. Elisa, então, considera a possibilidade de trabalhar desde que o horário da faculdade permita, de preferência em algum estágio vinculado ao próprio curso. Por outro lado, Elisa disse que o pai a incentiva a prestar algum concurso público. Ela não descarta essa possibilidade, mas alertou que trabalharia na empresa para a qual tivesse sido concursada apenas durante o tempo em que estiver na universidade: *“mais como um apêndice, uma necessidade”*.

Diante da possibilidade levantada pela pesquisadora de que Elisa morasse na casa de uma das tias em Goiânia, caso seja aprovada para alguma universidade naquela cidade, Elisa foi categórica ao afirmar que não há a menor possibilidade de isso acontecer, e apresentou vários porquês para isso. O principal deles, segundo Elisa, é *“ideológico”*, porque os tios são todos *“evangélicos”*, e por isso não dariam a ela algumas liberdades, como não permitir que ela chegue tarde em casa, ou que ela leve algum amigo para casa para estudar. Além disso, segundo ela, moram em casas distantes da universidade e pequenas em relação à quantidade de pessoas que nelas reside. Os pais, segundo Elisa, compactuam com essa opinião.

Elisa disse que casamento não faz parte do sonho dela nos próximos anos. Dona Elza confirma essa posição da filha: *“casamento pra ela tá longe, longe, muito longe... quer matar a Elisa é falar de casamento”*. Embora a filha tenha, há algum tempo, namorado *“sério”* um rapaz por quatro meses: *“ele vinha aqui em casa, sentava os dois na sala e conversavam até as onze horas”*, a mãe continua achando que Elisa *“por enquanto, tá pensando em estudar... em formar... em ter uma profissão”*. O pai disse que procura passar para filha o seguinte:

“O importante é ela ter um objetivo na vida, se ela quer formar, ela tem que abrir mão de muitas coisas. Namoro é passageiro, agora o dia que for arrumar um companheiro pra casar ou pra viver junto, aí é uma coisa mais séria, né... primeiro ela tem que procurar o objetivo dela.”

Marcelo, no entanto, não descarta a possibilidade de que um novo namorado possa retirar Elisa do objetivo de estudar fora e se formar. Ele contou que, quando Elisa esteve namorando *“sério”*, ela se afastou tanto dele

quanto de Adriana. O rapaz, para Marcelo, era “*burguês falido*” e “*bobão*”: “*defendia o Collor, defendia os militares*”; o tipo de pessoa que, aos 23 anos, quer uma esposa “*bonitinha e inteligente... mas um inteligente que não incomode*”. Segundo Marcelo, ele queria se casar com Elisa e só deixou de “*lutar*” por ela quando descobriu que “*a inteligência dela começou a incomodar*”. Marcelo disse ter ficado muito “*mal*” com Elisa: “*até hoje eu não sei se eu recuperei*”, porque descobriu um lado dela que ele não conhecia: “*careta e conservador*”.

Elisa confirmou que esteve “*envolvida*” com o namorado, embora não entenda o porquê já que, segundo ela, eles eram “*completamente diferentes*”, não só nos gostos, mas também no desejo de permanecer na cidade onde moravam. Marcelo, segundo Elisa, não chegou a conhecer seu namorado, mas acabou “*tomando antipatia*” por ele apenas através do que Adriana contava para ele. Elisa admitiu que não teve “*pique pra apresentá-lo pro Marcelo, porque sabia que ia receber críticas*”. Elisa considera então que foi “*imatura*”. Para Elisa, o namorado era o “*protótipo procura moças para casamento*”, mas ela “*não se via casada*”, porque achava que “*era muito nova*” e porque achava que não daria “*certo com ele*”, por isso terminou a relação.

Gostos bem diferentes: busca de distinção

Elisa tem gostos que a diferenciam não só de sua família, como também de seus pares. Em casa Elisa, segundo ela, prefere ficar a maior parte do tempo, em seu quarto. Adriana contou que freqüentemente Elisa as compara ao personagem Floriano de “*O Tempo e o Vento*”, de Érico Veríssimo, porque:

“ele também se tranca no quarto e a família inteira pega no pé. Porque ele gosta de escrever, gosta de ler e não se dá muito bem com a família, então ele fica o tempo todo trancado dentro do quarto e a família o tempo todo falando que ele é

depressivo, que ele gosta de se isolar, que ele é diferente da família, aí nós somos as típicas ((risos)) porque é sempre assim.”

Em relação à juventude com a qual poderia se relacionar, Elisa diz que acha difícil uma maior aproximação, porque, para ela, estão em “mundos diferentes”, “tem gente que eu acho que não tem sintonia comigo... e aí eu fico na minha”:

“Não querendo comparar ((risos)) mas... assim... quando você tem a oportunidade de conviver com outros jovens também da minha idade... eu vejo que... às vezes fica até difícil de conversar, porque eu me expressei de repente com umas palavras e que você olha na pessoa e vê que ela não está entendendo o que você está falando e não é só palavras... são assuntos às vezes [...] Eu já tive oportunidade de conversar com gente e comecei a falar sobre mitologia e eu achando que a pessoa estava entendendo e fui falando, sabe... e quando eu vi a pessoa estava assim... ‘Mitologia??? Mitologia???’ ((risos)).”

Dona Elza confirma esse afastamento de Elisa de outros jovens. Para a mãe, Elisa “mudou muito”, porque quando criança chorava quando os convidados iam embora de suas festas de aniversário. Depois que cresceu, entretanto, Dona Elza acredita que a filha, como já foi dito, seja mais restrita em suas amizades e concorda que isso se dá em função de os seus gostos serem diferentes das outras pessoas. Por exemplo, Elisa não costuma se relacionar com quem gosta de música sertaneja: “se tem ‘sertanejo no meio, outra qualidade a pessoa não tem”. Elisa contou que uma pessoa comentou com Dona Elza, depois de saber sobre os gostos musicais de sua filha, que achava “absurdo” que uma jovem não gostasse de “pagode”. Elisa, então, disse à mãe: “não me apresenta não... não me apresenta essa pessoa, não”.

Em relação à programação televisiva, com exceção dos telejornais que são assistidos pelo pai, Elisa também se distancia da família. Dona Elza disse gostar de assistir às novelas da Globo, “mas não é todo, todo dia não... se der eu assisto, se não der, normal”, e de alguns filmes e do programa da Ana Maria Braga, que Elisa, reforçando sua opinião, chamou de “Ana Maria Braga”. Seu Arnaldo disse gostar de telejornais: “é da Band, da Globo, da

Record, enquanto tiver jornal, eu tô assistindo” e de futebol. Segundo Elisa, ele assiste a qualquer jogo de futebol que for transmitido: “*até jogo do Varginha*”. Elisa disse não gostar muito de televisão. Criticou os programas que têm a participação de adolescentes, porque, segundo ela, estes jovens são “*elitizados e burgueses*”. Quando vê, prefere programas da TV Cultura e da TVE, como o “*Rodaviva*” e “*Revista do Cinema Brasileiro*”, que criticou por somente comentar curta-metragens e não exibi-los.

Elisa atualmente gosta de MPB, mas admite que já gostou de música sertaneja. E o desgostar desse estilo musical foi anterior à descoberta da MPB, que nessa época considerava como “*brega... música de velho*”:

“Nessa época a gente não tava gostando de nada. Era uma fase assim que a gente escutava determinado som pra dançar... mas parece que nada tava enquadrando.”

Elisa passou também por uma fase em que não só não gostava de música clássica, como também discriminava seus ouvintes. Elisa considerava-os “*chatos*” e “*metidos*”. Acredita, entretanto, que os ignorantes, como ela era em relação à música clássica, colocam “*rótulos*” nas coisas que não conhecem para se “*defenderem*”:

“Eu acho que os ignorantes... para se defender... colocam rótulos... os outros é que são chatos... os outros é que são metidos... os outros que são os... ruins... só que no caso não tem ruins nessa história, não.”

Passou por uma época em que gostava apenas de algumas bandas nacionais, como Skank, Paralamas e Cidade Negra.

Atualmente Elisa, segundo a mãe, faz questão de mostrar a sua aversão pela música sertaneja, que ela chama de “*sertanojo*”. Elisa disse que não consegue “*disfarçar o seu desprezo*”, por esse tipo de música. Dona Elza comentou que isso é motivo de briga entre Elisa e sua irmã, já que dividem o mesmo quarto e a irmã ouve, com frequência, esse tipo de música.

Por influência das músicas que costuma ouvir, Elisa se coloca como contrária ao capitalismo, que falam muito do “*tempo da ditadura*”, da “*busca de liberdade*”. Segundo ela, “*houve um tempo em que foi mais marxista*”, embora

diga não conhecer a “*história de Cuba... de Che Guevara*”. Atualmente acredita que “*o capitalismo um dia vai se saturar e vai acabar, mas por enquanto isso tá longe de acontecer.*”

Outro aspecto que a diferencia de outros jovens é o fato de ter adquirido o hábito da leitura. Lê espontaneamente e com frequência. Dos livros que leu, os únicos que se recorda terem sido solicitados pela escola foram: “Menino de Engenho”, de José Lins do Rego, “Esaú e Jacó” e “Iaiá Garcia”, de Joaquim Maria Machado de Assis, “Inocência”, de Visconde de Taunay, e alguns livros de literatura juvenil de cujos títulos não se lembra. Além desses, afirmou ter lido: “Pollyanna Menina” e “Pollyanna Moça”, de Eleanor H. Porter, “O Estudante”, de Adelaide Carraro, “Dom Casmurro”, “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, e um livro de contos de Machado de Assis: “Contos Machadianos para a Juventude”, “O tempo e o vento”, “Incidente em Antares” e “Olhai os Lírios do Campo”, de Érico Veríssimo, “Cem anos de Solidão”, de Gabriel Garcia Marques, “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, “O Triste Fim de Policarpo Quaresma”, de Lima Barreto, “Metamorfose” e “O Artista da Fome”, de Franz Kafka, “A Insustentável Leveza do Ser”, de Milan Kundera, “Memorial do Convento”, “A Bagagem do Viajante”, “Ensaio sobre a Cegueira”, de José Saramago, “Quincas Borba”, de Joaquim Maria Machado de Assis, “As brumas de Avalon”, de Marion Zimmer Bradley, “O Senhor dos Anéis”, de J.R.R. Tolkien, “Estrela Solitária”, de Rui Castro, “O Primo Basílio”, de Eça de Queiroz, “O Morro dos Ventos Uivantes”, de Emile Bronte, “Romeu e Julieta”, de William Shakespeare, um livro de contos de Clarice Lispector. Além desses romances e contos, disse ter lido também muitas poesias de Carlos Drummond de Andrade: “Antologia Poética” e “Amor Perfeito”, Mário Quintana: “Antologia” e alguns livros de Fernando Pessoa e seus heterônimos: “Poesias Ocultistas”, “Eu e os outros eus”, “O Guardador de Rebanhos” e “O Livro do Desassossego”.

Elisa considera que poderia ter lido mais se, há algum tempo, não tivesse ficado presa a um clássico: “O Vermelho e o Negro”, de Stendhal, cuja leitura não conseguiu concluir, segundo ela, porque eram “*um livro muito lento*” e ela estava “*num outro pique de literatura, uma coisa mais rápida, mais*

dinâmica". Esse livro foi adquirido pelo pai de Elisa há muitos anos e ela resolveu que ia ler os livros "de casa mesmo", já que se tratavam de clássicos, ao invés de pegá-los emprestados em biblioteca. Outro fator apontado por Elisa como prejudicial a sua atividade de ler é o fato de dividir o quarto com a irmã Luciana. Segundo Elisa, além de implicar com o fato de ela querer ler à noite, alegando que quer dormir, a irmã ouve freqüentemente música sertaneja.

Em relação a cinema, dos filmes que viu, Elisa destacou: "Cinema Paradiso", de Giuseppe Tornatore, "A Casa dos Espíritos", de Bille August, "O Nome da Rosa", de Jean-Jacques Annaud, "Central do Brasil", de Walter Salles, "Leólo", de Jean-Claude Lauzon, "Tempos Modernos", de Charles Chaplin, "O Piano", de Jane Campion. Atualmente gosta muito de filmes do Charles Chaplin, mas admite que não foi sempre assim:

"acho engraçado o tanto que as visões mudam: quando o meu pai falava de Charles Chaplin quando eu tinha uns dez anos eu achava brega... aquele preconceito por ser velho... por ser antigo... eu seria antiquada assistindo."

Influência não-familiar e não-escolar

A família de Elisa também parece concordar que as influências aos gostos de Elisa não vieram do convívio familiar. Quando a entrevistadora perguntou a quem teria "puxado" Elisa, ao pai ou à mãe, a primeira resposta foi dada por Dona Elza: "*nenhum dos dois*". Ao ouvir de Seu Arnaldo que Elisa é "*magra*" como ele, a mãe completou: "*mas os gosto não é igual aos nossos... atitudes não é igual às nossas... é diferente*". Acabaram concordando que Elisa se parece com eles em três aspectos: "*seriedade*", "*caráter*" e "*sinceridade*". Dona Elza e Seu Arnaldo falaram assim da diferença de gostos entre eles e a filha:

"Nós gostamos de sertanojo, ela não gosta ((risos))... Eu gosto de futebol, ela não gosta. Ela gosta de ler e nós quase

não lemos. Ela gosta de ouvir música, nós quase não ouvimos.”

Dona Elza disse achar também o vestuário da filha completamente diferente do dos pais. Em relação à alimentação, entretanto, segundo Dona Elza, não tem havido divergências. Elisa tem se alimentado da mesma forma que o restante da família: *“pra comida eu não sou chata, não”*.

Em outro momento da entrevista, Dona Elza mostrou o bom humor com que é vista a diferença de Elisa em relação aos demais membros da família. Contou que sempre diz à filha que ela parece não ser filha deles por ser muito diferente dos irmãos. Segundo Dona Elza, Elisa sempre responde, rindo, que gostaria então que os pais verdadeiros fossem bem *“milionários”*. Tanto Seu Arnaldo como Dona Elza disseram achar *“normal”* o fato de a filha ser diferente. Dona Elza disse afirmou que, *“entrando nas normas da família, nas normas do pai e da mãe”*, Elisa pode tem liberdade para viver do seu *“jeito”*:

“não tem como mudar o que ela é... se o caráter dela é esse, não tem como a gente apodar... tem mais que deixar viver do jeito dela, a gente deixa viver do jeitinho dela”

Por isso disseram não *“mais”* interferir, por exemplo, no fato de Elisa querer permanecer por muito tempo em seu quarto ouvindo música ou no fato de querer ser muito *“independente”*. A mãe disse achar *“até bom”* e o pai disse achar:

“normal... acho normal... ... a pessoa tem que ter uma personalidade... tem que saber encarar isso... os pais tem que saber relevar isso aí, entender os filhos. Eu procuro entender meus filhos dessa forma, acho que cada um tem uma personalidade e tem que saber usufruir dessa personalidade da melhor maneira possível pra agradar a si mesmo ou pra obter benefícios... próprios. Eu espero que isso sirva pra ela, que ela aprenda muito. Tomara que a personalidade dela possa ajudar ela mui.. bastante”.

Elisa também acredita que a maior influência para seus gostos relacionados à literatura, música e cinema tenham vindo do professor Marcelo, de História. Entretanto, esse professor, segundo ela, teve a oportunidade de

tanto influenciá-la muito mais por ter se tornado seu amigo que pelo fato de ter sido seu professor. Isso faz com que essa influência possa não ser considerada como escolar. Até porque, como já foi dito, literatura e música não são, a princípio, inerentes à disciplina de História.

Além da música, da literatura e do cinema, Marcelo, segundo Elisa, a influenciou também na “*consciência em relação ao meio ambiente*”: “*aquela coisa de não jogar um papel de balinha no chão*”. Segundo Elisa, esses valores não lhe foram inculcados pela família, que tem o hábito de “*jogar latinhas através da janela do carro quando viajam*”. Elisa, atualmente, é quem tenta passar esses valores para a família: “*essa cena me dói... me irrita... me esmaga*”.

Na entrevista com a família, quando se estava falando sobre leitura, foi o pai de Elisa que fez com que esse assunto fosse abordado. Ele perguntou à filha quem a teria influenciado em relação à leitura. Ela respondeu que o pai lhe contava “*histórias*” quando era pequena. Seu Arnoldo, entretanto, demonstrando não estar satisfeito com a resposta, insistiu: “*Eu falo assim... na fase da adolescência, o Marcelo influenciou você?*”. Atendendo, então, aos anseios do pai, Elisa passou a discorrer sobre a influência de Marcelo.

Seu Arnoldo reconhece como positiva a influência de Marcelo sobre Elisa:

“Uma influência bem considerável.... [...] Foi muito bom ela estar com ele, ajudou muito. O Marcelo tem qualidades que poucos reconhecem... como professor, como amigo, como colega. Ele ensina muito, poucos conseguem captar o que ele transmite. Mas, se todo mundo conseguisse entender ele, pegar o que ele transmite, seria bom... pros filhos, principalmente... pros pais.”

O pai conta que já agradeceu ao professor por essa “boa” influência. O professor confirmou também essa versão, acrescentando que, inclusive, o fato ocorreu mais de uma vez:

“... ele fez isso umas duas vezes. Me agradeceu pelos livros, pelos discos que ele falou que não tinha condição de fazer isso, que não tinha capacidade intelectual, que não tinha

esse conhecimento, então o que você faz pela minha filha não tem preço, muito obrigado.”

Para Seu Arnaldo, embora a filha já não seja aluna de Marcelo, a “boa” influência permanece, primeiro porque “*ela teve uma influência boa e isso não acaba*”, e depois porque eles mantêm contato com frequência: “*ele telefona... eles combina pra almoçar na casa dos pais dele... ele vem aqui*”. Marcelo, entretanto, disse que, mais recentemente, o pai de Elisa começou a “*entrar numas com ela*”, criticando o relacionamento mais próximo entre eles, a partir do dia em que, retornando de uma viagem, encontrou a filha na casa dele. Marcelo disse ter ficado muito “*chateado*” com isso e por isso se “*afastou*” da família de Elisa:

“Houve ruptura mesmo [...] eles grilaram geral. Faltou reconhecimento pelo que eu fiz por eles. Eu fiquei um pouco chateado por eles pensarem que eu seria capaz de seduzir... eu achei desagradável... embora eu não descarte a possibilidade... eu poderia namorar qualquer uma das duas... mas assim imaginar uma atitude leviana da minha parte... achei que ele pegou meio pesado.”

Elisa disse, entretanto, que não há “*de maneira alguma*” problemas de relacionamento entre Marcelo e sua família. Contou inclusive que haviam saído juntos no sábado anterior: “*ele é um amigo como outro qualquer, independente da diferença de idade*”, e antes de saírem fizeram um lanche na casa de Elisa em que a “*rosquinha*” foi preparada por Dona Elza do jeito preferido de Marcelo que não é o jeito do qual Elisa gosta: “*pra você ver o grau da moral do Marcelo*”.

Elisa diz que Marcelo não a influenciou em seu hábito de leitura. Afirmou que: “*sempre gostei de ler por mim mesma*”. Contou que se sentiria constrangida se alguém lhe perguntasse o que ela estava lendo e ela não estivesse lendo nenhuma obra, por isso freqüentava sempre a biblioteca da escola. A influência foi então, segundo ela, sobre o que ler: “*ele me mostrou os livros mais legais*”. Com ele, conheceu Machado de Assis, tendo inclusive participado, juntamente com Adriana, do desafio de ler “*Memórias Póstumas de Brás Cubas*” aos doze anos. O que de fato só aconteceu, como já foi dito, aos

quatorze anos, depois de Marcelo tê-las presenteado com livros desse autor. Outros muitos clássicos leu por influência desse professor.

Na música, a influência de Marcelo também ocorreu, segundo Elisa. Foi com Marcelo que descobriu a MPB. Elisa foi presenteada por Marcelo com uma fita cassete apenas com MPB tão logo ela mostrou interesse por letras de música do Chico Buarque, que havia, junto com Adriana, encontrado em uma Gramática de Língua Portuguesa. Elisa, segundo o professor Marcelo, teve mais resistência que a amiga para gostar das músicas, segundo ele, por considerá-las “*pornográficas*”. E Elisa confirma essa visão do professor: “*eu falei que eu achei bonita... mas ela [a música] é beeem... ((risos))*”.

Outra influência atribuída a Marcelo por Seu Arnaldo diz respeito à participação na SEMANTEC. Em 1997, Elisa participou dessa Feira de Ciências, juntamente com Adriana e outro aluno da Escola Técnica, com um trabalho sobre loucura, que foi orientado não só por Marcelo, mas também por Aroldo, professor de Teatro. Para Seu Arnaldo, Elisa passou a ter, a partir da pesquisa, “*um conhecimento mais aprimorado*” sobre o assunto. Como já foi dito no capítulo da Adriana, esse trabalho recebeu apenas o prêmio de originalidade, o que deixou tanto os participantes do grupo, quanto os orientadores bastante insatisfeitos. Durante a solenidade de premiação, Marcelo protestou bastante ao microfone, além de rasgar a camiseta do grupo que havia sido confeccionada especialmente para aquela ocasião. Esse fato, segundo confirmação da Coordenadora da Escola Técnica, foi entendido como “*indisciplina*”. Seu Arnaldo, porém, não vê problema na postura assumida pelo professor: “*uma atitude de pessoa humana... realmente acontece... natural*”. Dona Elza acredita que “*a reação deles foi até pouca*”, porque acha que houve injustiça da parte da comissão organizadora do evento.

Elisa, apesar de reconhecer o auxílio que Marcelo deu ao grupo nesse trabalho de pesquisa: “*a gente tinha uma parceria bem grande*”, sentiu-se “*ofendida*” quando dizem que o trabalho foi “*feito*” por Marcelo:

“Toda a criação do stand... tudo foi tirado da minha cabeça e da Adriana... e do Jorge [outro integrante do grupo] não, porque o Jorge trabalhava durante o dia, então ele não teve tempo de ajudar a gente a montar o stand, mas foi tudo

idéia nossa, ao contrário do que as pessoas ficavam falando que foi o Aroldo que fez, que foi o Marcelo que deu a idéia.”

Apesar de reconhecer a influência desse professor, Elisa não quer ser, entretanto, reconhecida como “*badeco do Marcelo*”¹.

Padrão de Socialização

Elisa diz ter conhecimento de que seu pai conversava com ela desde que ela estava sendo gerada no útero de sua mãe. É sua mãe que lhe conta essas histórias.

Já mais velha, Elisa, segundo ela própria, fazia muitas perguntas ao pai sobre assuntos que não entendia bem: “*eu já nasci perguntando*”. O pai, segundo ela, satisfazia com freqüência as suas curiosidades, mas, às vezes, irritava-se com um tipo de pergunta que Elisa classificou de “*filosofal*”, como por exemplo: “*Por que as pessoas entram em guerra?*”, “*Quem é que fez Deus?*”, “*Quem é que inventou o dinheiro?*“. Dona Elza contou que Elisa era “*curiosa*”: tinha “*a idéia de perguntar as coisas mais difícil de responder*”; aos quatro anos, perguntou ao pai “*como é que faz os nenens... como é que nasce?*”. Dona Elza disse que ficou “*só ouvindo de longe*”, mas que o marido explicou “*direitinho*”: “*Ele falou pra ela que era na relação dum homem e duma mulher... E ela entendeu e nunca mais perguntou*”. Seu Arnaldo confirmou que “*procurava sempre falar a verdade*”. Elisa lembrou-se, durante a entrevista com a família, que um dia perguntou a mãe sobre morte, a esta lhe teria dito que morrer é “*dormir pra sempre*”. Alguns anos depois, já na escola, entretanto, Elisa disse a mãe que ela teria mentido, já que não havia lhe explicado o fato de que o corpo sofre a ação da putrefação:

“Eu não expliquei que vai pra debaixo da terra e vai o quê... que vai virar germes, né. Não expliquei a palavra forte...”

¹ Badeco = gíria utilizada na região. Elisa quis dizer que não gostaria que as pessoas pensassem que ela seguia as ordens do professor sem questioná-las, como uma pessoa sem autonomia.

germe...Com cinco anos uma pergunta forte dessa [...] Mas se eu te falasse isso com cinco anos, que a pessoa putrifica o corpo, que acaba com o corpo... era uma imagem muito feia pra eu falar pra você."

Quanto aos outros filhos, Dona Elza disse que eles não eram "*muito de perguntar*". Elisa, segundo a mãe, "*era mais precoce*": "*com cinco anos, tinha a idéia de dez, oito*". Mas, segundo a mãe, não era de ficar comentando "*cuns coleginha*". E, sempre que sua curiosidade era satisfeita, a filha não fazia mais perguntas sobre o mesmo assunto. Foi o que aconteceu, por exemplo, quando Elisa perguntou, uma única vez, "*Por que o menininho tinha pênis e a mulher tinha vagina?*": "*de certo entendeu a resposta porque não perguntou mais*".

Seu Arnaldo comentou que a filha Luciana "*não se abre de jeito nenhum*" com ele. Elisa disse ter a "*impressão*" de que a irmã tem "*medo*" do pai:

"eu não entendo isso, porque, por exemplo, se ela precisa de alguma coisa, ela pede pra mim ou pra minha mãe, não chega no meu pai e pede. Se depender dela pedir pro meu pai pra ir em festa, ela não vai não. Morre de medo, mas não pede"

Elisa, por outro lado, disse acreditar que muita coisa ela consegue com os pais através do "*diálogo*". Para exemplificar, contou que o pai, quando ela era mais nova, dizia que ela só iria a baile com dezoito anos e que foram os seus argumentos de que "*o mundo não é assim*" e que poderia haver uma "*troca*" entre eles. Seu Arnaldo confirmou essa versão da filha: "*a gente muda*". Disse que cedeu aos pedidos da filha porque ela mostrou seu "*amadurecimento*", e vendo-a madura passou a confiar nela. O pai, entretanto, alerta sempre as filhas para que não deixem "*morrer essa confiança*": "*no momento que sentir que elas mentiu pra mim, acaba a confiança*".

A exemplo de Luciana, Elisa também se abre mais com a mãe do que com o pai. Dona Elza contou sobre uns "*namoradinhos*" de Elisa sobre os quais tomou conhecimento ao contrário de Seu Arnaldo. A mãe sempre

aconselhava a filha a contar para o pai, até porque tinha medo da reação do marido caso visse Elisa namorando:

“O importante não é o de fora saber não. Assim... é sua mãe e seu pai. Tá tendo um namoradinho, um namoro com um coleguinha, acho que o mais importante é chegar ni mim e falá, pra nun dia que eu chegar na rua, dé de cara com você, saber que você tá namorando. Se eu dé de cara com você, eu vou tratar normal, mas, se seu pai vê você namorando com um menininho, ele vai assustar...”

Dona Elza acabou mesmo relatando fatos que Seu Arnaldo até então não conhecia: *“vou contar seus podre perto do seu pai”*, falou em tom de brincadeira. Contou, inclusive, que certa vez Elisa estava namorando um rapaz e foi vista *“dando uns beijinho”* por um colega de serviço de Seu Arnaldo. Com medo da reação do pai, Elisa terminou o namoro no dia seguinte, e contou em seguida o fato para a mãe.

Ainda que conheça algumas coisas sobre o que acontece com Elisa, Dona Elza disse, mesmo não tendo sido feita nenhuma pergunta nesse sentido pela entrevistadora, que não é considerada pela filha como *“a boa amiga”*, função que ela acha ser ocupada por Adriana.

Quando é necessário bater nos filhos, normalmente Dona Elza é quem se encarrega disso: *“ele deixa pra mim, porque sabe que eu pego e dou umas palmada”*. A mãe contou que sente as palmadas que dá nos filhos, mas que procura não demonstrar o que está sentindo: *“se doer o coração, fico calada, não demonstro, não passo a mão na cabeça, fico com a dorzinha pra mim”*. Recentemente, Júnior apanhou da mãe por ter mentido sobre o resultado de uma prova. Seu Arnaldo contou que conversou com o filho durante longo tempo, *“foi duas hora.. que ele até chorou”*. O pai contou que *“evita bater”*, porque acha que *“não é por aí”*, mas acredita que para *“corrigir”* os filhos, pai e mãe têm que agir em sintonia. Para ele, se um dos dois bate, o outro não pode acolher.

Em mais de um momento, durante a entrevista com a família, Elisa mostrou que não tem qualquer receio de expor os seus pontos de vista, mesmo que esses sejam contrários aos de seus pais. O primeiro ocorreu quando se

estava comentando sobre o sistema da escola em que Elisa e Luciana estudaram, em que não se misturavam alunos de sexo oposto: meninos num turno, meninas no outro. Elisa disse que acha isso errado: “*eu não faria isso com uma filha não*”, porque o fato de se relacionar só com pessoas do mesmo sexo, para ela, faz com que a pessoa fique “*muito tímida*”. Dona Elza argumentou que, apesar de ter estudado longe dos meninos, Elisa não demorou muito tempo para se adaptar quando passou a estudar em regime misto. Elisa, entretanto, contra-argumentou que “*não era tão desembaraçada quanto a Adriana*”.

Outro momento de discordância aconteceu quando se estava discutindo sobre a intenção de Elisa em sair da cidade por fazer ao local onde mora uma série de críticas. Os pais disseram que Elisa vai acabar sentindo “*saudade*” da cidade onde mora atualmente, quando passar a dar valor “*às pequenas coisinhas... até no silêncio da rua... na rotina*” que podem não ser encontradas em outras localidades. Elisa, entretanto, continuou ressaltando o seu desejo de sair da cidade, de passar por essas experiências, mesmo que descubra que os pais estavam certos e resolva voltar. Dona Elza contou que em outra ocasião em que esse assunto foi discutido, Elisa falou: “*eu vou mostrar pra vocês que eu tenho capacidade de ir pra fora, de sobreviver, de estudar, de cozinhar, de lavar*”. Elisa durante a entrevista com a família, tentou encerrar o assunto com a seguinte afirmação: “*eu acho assim: muita gente foi, conseguiu e não morreu, né ((risos))*”.

Quando se estava discutindo sobre o fato de Elisa se afastar das pessoas que não têm os mesmos gostos que ela, houve outro momento de discordância. Mais uma vez, Elisa não se intimidou em dizer que acha natural manter o seu comportamento de afastamento, apesar dos protestos dos pais.

Quanto à religião, Elisa, embora acompanhe a família à missa todos os domingos por imposição dos pais, discorda das coisas que, segundo ela, “*a Igreja Católica fez*” e de “*coisas que ela deixa de fazer hoje em dia*”. Para ela, essa igreja é muito “*omissa*”:

“é contra o aborto mas também não é favor da camisinha... é contra a pena de morte, mas você não vê

campanha, mobilização pra nada... por um monte de presídio lotado que tem por aí”.

Elisa não gosta da religião católica por achar que a prática é diferente do que se prega, com o que os pais não concordam. Dona Elza falou sobre opiniões da filha manifestadas em outras ocasiões: “*Ela acha que o pessoa que frequenta [à igreja católica] são muito hipócrita... falsos... por tão lá às vezes olhando a roupa do outro*”. A posição de Elisa se baseia também, segundo ela própria, em livros e filmes com os quais teve contato. Todas as opiniões sobre esse assunto foram colocadas de forma bastante natural, embora os pais manifestassem suas discordâncias:

ELISA: “*Não sou contra a tudo. Tem coisas da ideologia que são interessantes, mas, por exemplo, a Igreja Católica é... queimou pessoas na fogueira e até hoje age como se...*”

SEU ARNOLDO: “*Mas tá mudado... mudou...*”

ELISA: “*Pai, eles mudaram mas eles não reaveram a posição deles... até hoje eles acham que Giordano Bruno foi queimado na fogueira, mas ele era um ateu, tava... no momento tava certo queimá-lo na fogueira, entendeu?*”

Seu Arnaldo concluiu, sob a concordância de Dona Elza, que Elisa tem uma “*ideologia*” diferente.

Capital Lingüístico

Elisa fala com bastante fluência. A não ser no início da primeira entrevista, em que ela se mostrou um tanto intimidada com a situação, Elisa expressa-se muito bem, com clareza e objetividade.

Em uma das entrevistas, Elisa fez alguns comentários sobre o livro “O Tempo e o Vento”, de Érico Veríssimo, de forma fluente e crítica, demonstrando estar externando um discurso seu, além, portanto, do que já havia ouvido falar sobre a obra:

“É um livro que você começa a estudar história. Você estuda história ao mesmo tempo que lê o romance. É a história de uma família do Rio Grande do Sul...e vai contando também como se iniciou o Rio Grande do Sul, toda luta ali [...] É um livro interessante e com personagens muito belos. [...] O Capitão Rodrigo é muito legal, é um personagem conflituoso, que, ao mesmo tempo que você ama, você odeia... é assim um cafajeste por excelência, que ao mesmo tempo tem outras maravilhas, assim... conquista todo mundo com o jeito de olhar... um personagem extremamente sedutor. [...] Já li críticas de que o Érico Veríssimo repete personagens, mas eu não vejo dessa forma... tem semelhanças muito claras [entre o Capitão Rodrigo e seu descendente Rodrigo] mas eu acho que foi intenção do autor. [...] Foi legal também ter lido porque eu vi Rio Grande do Sul é muito mais do que a imagem do que eu tinha, imaginava que todo mundo era descendente de alemão e italiano que estava querendo acabar com o cerrado... E é muito mais.”

Na escola seu capital escolar e seu capital lingüístico escolar também são reconhecidos, como mostra a tabela abaixo, que compara as suas médias na primeira série do ensino médio com as médias obtidas pela turma:

DISCIPLINAS	MÉDIAS DA ELISA	MÉDIAS DA TURMA
LÍNGUA PORTUGUESA / LITERATURA BRASILEIRA	8,8	6,47
INGLÊS	9,3	7,95
HISTÓRIA	9,7	7,34
GEOGRAFIA	9,3	7,32
MATEMÁTICA	7,9	5,79
FÍSICA	8,1	6,41
QUÍMICA	8,7	7,46
BIOLOGIA	9,5	7,41
ARTES	9,1	7,78
MÉDIAS GLOBAIS	8,9	7,10

Ana, sua professora da pré-alfabetização, afirmou que Elisa gostava muito de escrever e que tinha muita facilidade para isso: “*escrevia uns*

textinhos uma gracinha... mesmo na alfabetização, ela escrevia bem... conseguia colocar as idéias dela assim direitinho". A professora de Português da oitava série, Márcia, afirmou que Elisa produzia "bons" textos. O professor Sérgio disse que isso era um dos aspectos que fazia com que Elisa se destacasse dos demais alunos:

"ela sempre se destacou muito porque ela tinha muita facilidade pra escrever e em todos os aspectos, em qualidade e quantidade, ela escrevia textos muito longos e muito bem construídos."

Comentou que Elisa gostava muito de escrever sobre "*questões sociais*", como "*pobreza e violência*", e que "*99% dos textos narrativos dela tinham como cenário a favela da Rocinha, no Rio de Janeiro*". Disse que Elisa fazia ótimas descrições da favela: "*era como se a gente estivesse lá mesmo*". Elisa, segundo esse professor, gostava muito dos "*bilhetes*" que ele costumava escrever nos textos corrigidos, a ponto de deixar no final do texto um espaço específico para o bilhete, normalmente ilustrado com "*florzinhas*".

O professor de História Marcelo considerou uma das provas que Elisa fez em sua disciplina como uma "*obra prima*", tendo em vista a qualidade da sua produção escrita:

"Dei certo na primeira questão, parei de dar certo e escrevi na prova que não coloquei mais certo porque seria rabiscar uma obra prima, porque a prova que ela fez na quinta série nenhum aluno meu tinha feito até então no primeiro grau... no segundo grau. Perfeita a prova."

Elisa, atendendo solicitação da pesquisadora, selecionou três "*bons*" textos escritos por ela. Os três textos estão bem escritos e são todos muito críticos. O texto abaixo foi escrito em maio de 1999, atendendo uma proposta de redação da escola, em que se apresentava um texto intitulado "Os filhos do Ratinho", de Gilberto Dimenstein, em que o autor questiona se a atual geração de jovens é "moralmente incorreta e politicamente imprestável". Os alunos deveriam defender o seu ponto de vista sobre o assunto num texto dissertativo. Esta foi a defesa de Elisa:

“Uma fábula chamada Lei

Porque a juventude do século XX (quase XXI) demonstra ser tão alienada? Tal questionamento generaliza, mas não esconde a realidade. Os netos do golpe, que fez com que o Brasil apesar de progredir economicamente tivesse sua qualidade de vida pontuada em 70º lugar no mundo, vivem numa inércia e conformismo preocupantes. Embora a regra do sistema capitalista dita o individualismo e a competição desmedida, não há como melhorar a situação sem os ideais coletivos. Os jovens da classe baixa muitas vezes não têm perspectivas para o futuro; trabalham desde crianças, apesar da Constituição, promulgada em 1988, garantir-lhes seus direitos a educação sem maiores transtornos. Aliás, as leis no Brasil, para muitas pessoas soam como lendas e histórias inverossímeis. Como acreditar na justiça de um país onde deputados faltam ao Plenário e mantém privilégios de grandes nobres? [...] Em meio a este turbilhão permanecemos sentados “com a bunda exposta na janela para passarem a mão nela”.

Quando pergunta-se porque compactuar-se com esta imoralidade, a resposta muitas das vezes é “não adianta fazer nada”. Fazendo um retrospecto histórico podemos ver que muitas revoluções deram certo graças a ampla participação do povo, um exemplo disso é a Revolução Francesa. Castro Alves já dizia “o povo só tem a praça (sic) de seu”. É preciso moralizar; isto só é alcançado através da consciência, adquirida com a educação (mas não uma educação escolar e sim uma educação intelectual). Todavia, a corrupção que assola o meio político também trás uma grave consequência: ao nos acostumarmos com algo ilegal acabamos olhando para o fato com se este fosse natural.

A alienação da juventude pode ser evidenciada nas músicas, com letras que falam de pornografias e futilidades. Muitos jovens de classe média, que outrora possuíam domínio cultural e proliferavam-os em manifestos sociais através de letras de canções e artigos de jornais (exemplos desta geração são Chico Buarque e Caetano Veloso), hoje, ao fim dos anos 90, tem como maior preocupação “passar no vestibular” e divertimentos em shopping centers.

Diante desta falta de ideologia e dos grandes maus exemplos do Congresso, o que esperar da política em nosso país, daqui a alguns anos? Se não for feito um trabalho de politização de toda a sociedade (e não é apenas os jovens que apresentam distúrbios) corremos o risco de abolir o termo política e de se adotar descaradamente a politicagem.”

Todos os professores entrevistados disseram que Elisa participava muito das aulas. A professora Ana, da pré-alfabetização, disse que o desempenho lingüístico de Elisa era “excelente”:

“Ela parecia uma maritaquinha... tudo que você perguntava ela respondia.. era a primeira... ‘Pera aí, Elisa, deixa alguém falá, depois você fala.”

De fato, Dona Elza comentou que freqüentemente ouvia dos professores, nas reuniões de pais, que a filha participava tanto das aulas que coibia a participação de outros alunos: *“era a primeira a levantar o dedinho magrinho que ela tem”*. O professor Sérgio afirmou que Elisa era uma das alunas que mais participava, que *“falava muito”* quando ele estimulava a turma a opinar sobre algum assunto. Elisa, entretanto, segundo ele, não participava tanto quanto Adriana. Ele contou que, por ser *“meio tímida”*, Elisa, ao contrário da amiga, retraía-se quando a turma deixava de prestar atenção ao que ela dizia para conversar. Era sempre ele quem tinha que solicitar que a turma se calasse para que ela voltasse a falar. A professora Márcia, entretanto, disse que o tom de voz de Elisa permitia que ela conseguisse da turma o silêncio necessário para suas explicações.

Segundo a professora de Português da oitava série, Márcia, seu interesse não era só por leitura e produção de textos, mas também pela *“parte lingüística”*: *“ela tinha muita preocupação com concordância”*. Disse ainda que ela tinha uma *“visão mais crítica”*, por mostrar interesse para o *“discurso”*:

“principalmente em relação a vocabulário. Ela tinha assim muita vontade de saber o que significava no contexto do texto o que significava aquela expressão. E eu achava muito interessante que ela, além da preocupação puramente lingüística, ela já tinha uma preocupação quanto a discurso: ‘Por que foi usado assim... com que intenção se falou assim?’

A professora de Inglês da oitava série, Selma, disse que Elisa era *“crítica”* e questionava freqüentemente sobre a validade de alguns conteúdos ministrados. Márcia também falou que às vezes a aluna questionava a utilidade de algumas matérias, como aconteceu quando foi introduzido o assunto *“período composto”*. Por outro lado, porém, Elisa, segundo essa professora às vezes a obrigava a *“improvisar”* a aula, em função de alguma solicitação de Elisa relacionada a conteúdos gramaticais: *“Eu quero uma aula sobre vírgula”*.

A mesma professora de Inglês disse ter achado “*interessante*” uma fala de Elisa dirigida a ela: “*Professora, a senhora é chata à beça... nunca vi uma pessoa tão chata, mas até que eu te tolero*”.

O professor Marcelo comentou que recentemente Elisa teria lhe procurado para dizer que “*detestou*” as aulas dele no ano anterior e que ele havia sido muito “*chato*”. Ele, então, a questionou sobre o porquê de ela não lhe ter falado isso à época: “*seria até estimulante pra mim*”. Ele acredita que ela se “*curvou*” diante da situação e que, no lugar dela, ele não teria se “*curvado, mesmo que o professor fosse amigo*”. Marcelo acha que é característica de Elisa esse tipo de postura:

“É típico da Elisa: falar depois, falar com um certo revanchismo, com um certo grilo, e na hora ela não é capaz de falar.”

Quanto ao relacionamento com a turma, a professora Ana, da pré-alfabetização, contou que Elisa era “*assim meio narizinho empinado*”. Segundo essa professora, Elisa não se dispunha a ajudar os colegas, mas gostava de “*supervisionar*” a turma e relatar à professora o que verificava:

“Parecia assim um pouco de egoísmo: ‘Eu sei, eu fiz e pronto’... Lembro direitinho que ela levantava, fechava o caderninho... já corria assim, dava uma olhadinha, gostava de falar: ‘Ah, esse aqui não fez... ah, porque essa letra tá feia... ah porque não sei o quê’”

Para Ana, os colegas “às vezes” não gostavam muito da postura de Elisa, porque achavam que ela participava demais e, por isso, a “*tia tava puxando o saco*”. A professora Márcia, oitava série, também afirmou nunca ter presenciado Elisa ajudando colegas de classe em suas tarefas escolares. Comentou ainda que via muita “*distância*” entre Elisa e Adriana e os demais colegas da turma, que considerava “*infantil*”:

“Eles não tinham preocupação com uma cultura mais abrangente. Eram meninos mesmo, 13 anos. Elas já eram moças [embora tivessem a mesma idade]. A turma ouvia o que elas diziam, pelo menos nas minhas aulas, nunca presenciei um conflito maior não, mas eu sentia que era... assim... que

elas estavam alienadas da sala delas, que elas estavam dialogando comigo, só.

Para essa professora, a turma estava “*dividida*”: a maioria as via como “*intelectuais rebeldes*”, e costumavam falar, sem ironia, “*Oh!!!*”, procurando entender o que elas diziam; apenas um “*grupinho pequeno de meninas*” ficava “*antipatizado*” com a participação delas. A professora de Inglês da oitava série, Selma, também disse que via uma certa rivalidade entre Elisa juntamente com Adriana e o resto da turma. Segundo essa professora, elas a criticavam quando se propunha a repetir uma explicação para um aluno que não a havia entendido porque não prestara atenção: “*Ah, professora, fica perdendo tempo com quem não quer nada com nada*”. Isso, segundo a professora, fazia com que alguns tivessem “*medo de abrir a boca*”.

Antes de começar a estudar na Escola Técnica, quando conquistou o segundo lugar no concurso de redação, Elisa se lembra de ter ficado bastante “*chateada*”. Irmã Bárbara, então diretora da escola onde estudava, reuniu os alunos no pátio durante o recreio para fazer uma entrega simbólica da medalha que Elisa havia ganho no concurso, e solicitou que todos “*batessem palma*”. Tendo em vista a “*invejazinha*” que Elisa acreditava existir por parte das colegas, Elisa se “*sentiu muito mal*”: “*parecia que eu tava querendo me mostrar e eu não queria*”. Então, para não aumentar a rivalidade que Elisa julgava existir por parte das colegas, e também por que tinha “*um certo medo*” de Irmã Bárbara, a quem julgava “*autoritária*” e “*grossa*”, Elisa, enquanto estudou nessa escola, “*preferia ficar anônima*”. Já na Escola Técnica Elisa disse ter o desejo de “*ficar popular*”.

No episódio que culminou com a substituição do professor de Matemática, segundo Elisa, foi ela e Adriana que redigiram os dois documentos endereçados à coordenação; em um deles solicitavam revisão de provas; no outro, a substituição do professor. Tendo acesso ao documento, através da coordenação, a entrevistadora verificou que, embora contenha desvios em relação ao dialeto de prestígio, o documento tem clareza e objetividade. A coordenadora geral afirmou ter ficado “*surpreendida*” com o desempenho lingüístico das meninas que foram porta-vozes dos anseios da turma. Elisa

afirmou que, embora outras três alunas tenham ido à sala da coordenação, ela e Adriana foram quem mais falaram.

Para Elisa, ela se expressa melhor falando do que escrevendo. Disse que normalmente tem facilidade de se expressar em público e relatou duas experiências, com desfechos diferentes. Na primeira, uma apresentação teatral em 1997 em que ela se sentiu *“muito bem”*. Na outra, no ano seguinte, também uma apresentação teatral, houve uma série de erros de ordem técnica com a iluminação e o som, que fizeram com que Elisa se sentisse *“realmente mal”*: *“eu queria morrer mas não queria tá ali ((risos))”*.

Elisa disse que não gosta de segurar o microfone; ela disse ter mais facilidade de se expressar se o equipamento estiver em um suporte: *“eu não gosto de ficar segurando... eu não me sinto bem com aquilo ((risos)), não sei explicar, acho que é trauma de alguma coisa”*.

No dia da premiação da SEMANTEC/97 na Escola Técnica, Elisa, ao contrário de Adriana, que protestou ao microfone, não conseguiu dizer nada: *“fiquei paralisada... eu só sabia tremer”*. Segundo a mãe, ela *“chorou, ficou chateada”*.

Elisa foi a indicada pela professora Márcia para ser a oradora da turma em sua *“formatura”* de oitava série. A professora disse ter ficado em dúvida entre ela e Adriana, mas o resultado fez com que ela não tivesse se arrependido da escolha. Ela afirmou que Elisa a *“surpreendeu”*:

“Nós redigimos um discurso, os representantes das oitavas em conjunto. Ela levou aquele esboço e no momento da colação de grau, chegou com um texto dela lá... um texto muito bonito, com citações... e falou espontaneamente, sem ler nada.”

Elisa disse ter se sentido bem em estar falando em público: *“o clube tava lotado... muita gente”*. Contou que já havia começado a sua fala: *“já tava totalmente familiarizada”* quando alguém mexeu no microfone com o objetivo de colocá-lo em melhor posição. Embora isso a tenha deixado um pouco *“desconcertada”*, Elisa acredita ter se saído bem como oradora.

A fala de Elisa é produtiva. Ela parece conseguir o que quer através dos argumentos que apresenta, inclusive com os pais. A relação desenvolve

com a língua pode ser percebida até no jogo que faz com algumas palavras: “*sertanojo*” ao invés de sertanejo; “*Ana Maria Brega*” no lugar de Ana Maria Braga; “*ensino ruim*” para substituir ensino médio.

O nível de adequação da linguagem de Elisa em relação ao dialeto de prestígio é bem alto. Em vários momentos, demonstrou preocupação com isso, através das hipercorreções que faz: “*experiências empíricas*”, “*minha mãe não é muito regrada*”. Em uma delas, porém, Elisa não conjugou bem o verbo escolhido: “*eles mudaram mas eles não reaveram a posição deles*”.

Em uma das entrevistas, Elisa demonstrou capacidade de fazer intertextualidade. Ao criticar o livro “O Estudante”, de Adelaide Carraro, Elisa comentou que gostou desse livro na época em que o leu. Atualmente, porém, disse considerá-lo “*irritante*”. A obra, segundo ela, conta a história de um adolescente de classe alta que vivia feliz até começar a se drogar e acabar assassinado pelo pai: “*é uma literatura meio pesada*”. Elisa considera que o livro trata o problema de forma “*muito simplista*” porque não esclarece por que o personagem começou a se envolver com drogas e aí, segundo ela, “*a idéia que passa é que ele não tinha motivo nenhum, já que ele tinha tudo*”. Elisa então faz o intertexto com um trecho da música do Cazuza: “*a gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte*”.

Os pais de Elisa expressam-se com fluência. Tanto o pai, que – como já foi dito – tem necessidade de falar bastante no exercício de seu trabalho na CELG, como a mãe, que nunca trabalhou em atividades que necessitasse de uso da expressão oral. A expressão oral de Dona Elza, entretanto, às vezes mostra-se não muito clara, dificultando um pouco o trabalho de transcrição das entrevistas. Seu Arnoldo, em determinado momento da entrevista, falou sobre os seus direitos à aposentaria depois da alteração na legislação pertinente recentemente realizada pelo Governo Federal com bastante fluência. Demonstrou inclusive deter bastante conhecimento a respeito do assunto. Seu Arnoldo utiliza-se por vezes de hipercorreções: “*a cidade em qual ela nasceu*”, “*é uma pessoa verdadeira, no qual a gente sempre procurou passar pra ela*”, “*usufruir*”, “*ajudar ela mui... bastante*”.

É possível que a linguagem de Elisa esteja atualmente influenciando muito mais a fala dos pais do que o contrário, ou seja, que a linguagem dos pais influenciem a fala de Elisa. Dona Elza comentou que por vezes é a filha que a auxilia quando quer expressar alguma coisa e não encontra as palavras certas:

“quando eu quero me expressar nalguma palavra... aí eu não consigo expressar, eu falo: ‘Elisa, como é que é essa palavra?’. Aí ela vai e fala... quer dizer, invês deu ensinar minha filha, ela que me ensina... é ela que me ajuda... invês de sê eu, é ela que me corrige... no português mesmo... de vez em quando dá uma corrigida em mim, no pai dela.”

Algumas conclusões

Merecem ser destacados alguns aspectos a respeito da trajetória de Elisa. A intensa amizade com Adriana, que já dura seis anos, pode estar fazendo com que ela seja influenciada pela amiga. Elisa considera que aprendeu com a amiga a ser mais “*emotiva*”, menos “*durona*”, mais “*manteiga derretida*”, e a “*ficar calada quando não há necessidade de conflito... ter mais controle das coisas e não brigar por coisa à toa*”. O professor Marcelo acha que há competição “*saudável*” entre elas. Acredita ele, entretanto, que Elisa se “*incomode*” mais com essa situação do que Adriana, já que é “*mais competitiva*”.

A influência recebida de Marcelo também parece ter determinado os gostos e o estilo de vida de Elisa. Ela, entretanto, prefere atualmente substituir a palavra “*influência*” pela palavra “*troca*”. Considera haver “*companheirismo*” na amizade que construíram e diz que ele próprio admite que, “*apesar da idade*” e de ter sido seu professor, aprendeu muito com a aluna.

A busca pela distinção é um traço que também se sobressai. Deliberadamente Elisa escolhe suas companhias, apenas entre aqueles que tenham o mesmo gosto. Quando tentou fazer parte do grupo de jovens da

Igreja Católica, por exemplo, Elisa disse que “resolveu” que eles não eram o que ela esperava. A incompatibilidade entre ela e os demais jovens não parece ter sido, portanto, uma descoberta natural, mas sim uma decisão conscientemente adotada. O fato de ter namorado, por quatro meses, uma pessoa que, segundo Marcelo, era muito diferente dela pode, entretanto, contradizer essa análise.

O processo de socialização de Elisa também precisa ser destacado. Pôde-se observar que ela, em muitos momentos da entrevista, dialogou sem constrangimento com os pais, ainda que houvesse conflito de opiniões. Elisa e a própria família reconhecem que foram os argumentos dela que fizeram com que os pais mudassem de postura em relação a algumas coisas. Por exemplo, os pais tinham a intenção de só permitir que as filhas freqüentassem bailes quando completassem dezoito anos, no entanto, cederam sob a pressão de Elisa muito antes disso. Entretanto, há algumas “*normas da família*” que não podem ser violadas, apesar dos argumentos de Elisa. É o que acontece, por exemplo, com relação à participação na Igreja Católica. A família não impede que Elisa expresse suas opiniões sobre essa religião, mas não aceita que ela deixe de acompanhá-la semanalmente à missa.

CONCLUSÕES

“Em vez de refletir assim que acabar a pesquisa, o sociólogo deve fazê-lo a cada instante e, particularmente, naqueles momentos banais, aparentemente anódinos, em que tudo leva a crer que não há nada a se pensar.”¹

Este trabalho tem o objetivo de compreender as trajetórias de quatro adolescentes – Adriana, Niulmar, Paulo Roberto e Elisa – cujas aquisições de um capital cultural e lingüístico podem ser consideradas, a princípio, como improváveis. Nesse sentido, a partir do cruzamento dos dados, a finalidade deste capítulo é apreender traços comuns nas quatro trajetórias que podem ser apontados como favorecedores dessa aquisição sem se esquecer, entretanto, de que nenhuma característica pode ser vista isoladamente, descontextualizada das relações sociais de interdependência que geraram essa aquisição.

Casos (im)prováveis

A partir dos dados coletados, é possível, por um lado, considerar que os quatro sujeitos desta pesquisa representam casos improváveis de aquisição de determinado capital cultural e lingüístico rentável no mercado em que foram analisados, se se considera o capital cultural legítimo da família (do grau de escolaridade dos pais e avós às relações que suas famílias têm com a leitura e a escrita). Por outro lado, se se considera o fato de que as famílias estão em processo de mobilidade social, encontrando-se atualmente em

¹ LAHIRE, Bernard. Sucesso Escolar nos Meios Populares – As razões do improvável. Ática: São Paulo, 1997, pág. 16.

posição que pode ser considerada limítrofe, o que faz com que essas famílias tenham características que lhes permitam ser classificadas como de classes médias baixas, mas que possuem traços que lhe aproximem de classe imediatamente superior. Isso faz com que seja possível considerar que a aquisição desse capital cultural e lingüístico não era assim tão improvável, por isso a utilização, no título deste trabalho, dos parênteses destacando o prefixo.

As famílias pesquisadas – com exceção dos pais de Adriana, Niulmar e Elisa, que disseram ler, eventualmente, revistas e jornais – não têm o hábito regular da leitura. A não ser na família de Adriana, em que o pai controla de forma sistemática o orçamento familiar através da anotação de todas as despesas mensais em um caderno, há nas famílias pesquisadas um grau bem fraco de racionalização doméstica – caracterizado, por exemplo, pela não utilização de agenda, nem mesmo telefônica.

É interessante observar que o fato de a mãe de Paulo Roberto ter concluído o Magistério e, mais do que isso, ter exercido a profissão de professora na época em que o filho começou sua trajetória escolar pode levar a uma análise precipitada de que isso se constituiria em capital cultural escolar possível de ser “herdado” por Paulo. No entanto, uma análise mais detalhada, revela que a mãe de Paulo Roberto – ao contrário do que acontecia com Adriana e Elisa – não permanecia tempo suficiente ao lado do filho para que esse capital pudesse ser “transmitido”. LAHIRE (1997:105) chama a atenção para a importância do tempo de convivência da criança com os pais para garantir a “transmissão” do capital cultural:

“o tempo de socialização é uma condição *sine qua non* para a aquisição certa e duradoura dessas disposições, das maneiras de pensar, de sentir e de agir.”

De mais a mais, a mãe de Paulo Roberto, além de não ter o hábito da leitura, admitiu que tem “*muita dificuldade*” em “*interpretação de texto*”. LAHIRE (1997:355) também já havia chegado à conclusão de que, para a “transmissão”

de capital cultural mais vale um pai leitor do que um pai diplomado. Esse autor reforça suas colocações com a seguinte citação de De Singly²:

“O gosto pela leitura tem mais oportunidades de surgir num jovem que possua a carta “pai leitor” do que aquele que tem em mãos uma carta “pai diplomado”.

Esses adolescentes possuem um nível de linguagem acima do que pode ser considerado padrão dentre os jovens de mesma classe social e idade. Falam com maior “correção gramatical”. Mesmo que concordando com BOURDIEU (1996:42) que “a aceitabilidade social não se reduz apenas à gramaticalidade”, e que o conceito de “aceitabilidade” é muito mais apropriado para caracterizar o capital lingüístico que o de “gramaticalidade”, chama-se atenção para o fato de esses jovens terem nível de “correção gramatical” superior a de seus pares por, principalmente, dois motivos: porque esse é um traço que realmente se destaca neles e porque eles buscam essa “correção”, ou seja, eles se esforçam para adequarem suas falas ao dialeto de prestígio.

Podem-se destacar dois indicadores que permitem perceber mais claramente a aproximação de suas falas com o dialeto de prestígio.

- a) concordância verbo-nominal;
- b) pronúncia do “r”.

Aqui cabe uma observação importante acerca do dialeto falado na cidade onde moram: ampla maioria da população não se utiliza da concordância redundante, ou seja, não marcam o plural em todos os elementos de um sintagma, diriam, por exemplo “os menino caiu” ao invés de “os meninos caíram”. Quanto à pronúncia, grande parte da população falaria [π□□□A] ao invés de [π□⊗□A], ou [μA□] ao invés de [μA⊗] num dialeto que se aproxima muito do que é falado nos interiores dos Estados de São Paulo e Minas Gerais.

Analisando-se a linguagem dos jovens pesquisados nos aspectos acima especificados, pode-se dizer que o idioleto deles afasta-se do socioleto

² DE SINGLY, F. *Savoir hériter: la transmission du goût de la lecture chez les étudiants*. In: FRAISSE, E., org., *Les étudiants et la lecture*. Paris, Presses Universitaires de France. P. 49-71.

da cidade, aproximando-se do dialeto de prestígio. Mesmo Paulo Roberto, que, dos quatro, é o que comete mais “deslizes” na fala quanto ao uso de plurais, se destaca em relação à maioria da população da cidade.

Além disso, possuem uma relação com a língua que, em muitas situações, mostra-se mais descontraída do que se poderia esperar. Essa desenvoltura, entretanto, não é sempre constante. A própria Adriana, que, dos quatro, parece ser a mais descontraída (ela própria se denominou “*CDF descontraída*” em oposição à expressão “*CDF formal*” com que denominou Niulmar) parece às vezes manter relação tensa com a língua, evidenciada através das hipercorreções lingüísticas a que freqüentemente recorre, que caracterizam uma relação, não de naturalidade, mas antes de ansiedade com a língua, e mostram o esforço para a aquisição do capital lingüístico escolarmente rentável ou, em outras palavras, a dificuldade de construção do capital lingüístico. Ainda assim, é possível dizer que a relação desses adolescentes com a língua, se comparados com outros jovens do mesmo nível social, na mesma região, é mais desenvolta.

Até mesmo em relação à “*hélix corporal*” (BOURDIEU, 1994b), é possível dizer que esses jovens não denunciam suas origens sociais. Suas vestimentas, suas formas de falar e agir podem ser classificados como de modelos prestigiados pela sociedade. Dos quatro, o que mais se afasta dessa descrição é Paulo Roberto. Até Niulmar, cuja família mais tardiamente saiu do campo, não demonstra em sua forma de vestir ou agir suas origens populares. O professor Marcelo, de História, concorda com essa análise já que disse que ficou surpreso ao saber da origem rural de Niulmar:

“Eu fiquei surpreso quando soube que o pai era da fazenda, eu acho que ele consegue... o Niulmar é um cara urbano, se tornou urbano. É uma pessoa que tem desenvoltura.”

É preciso, então, tentar responder de que forma esses adolescentes adquiriam o capital lingüístico que possuem hoje. É preciso destacar, mais uma vez, que se acredita numa interdependência de fatores, de forma que não se possa atribuir a uma ou outra característica, isoladamente, a causa da

aquisição desse capital lingüístico ora analisado. Como ensina LAHIRE (1997) são traços comuns que se combinam em configurações singulares.

Passar-se-á, então, a destacar os traços cujas relações interdependentes permitiram a aquisição do capital cultural e lingüístico desses jovens.

Leitura... muita leitura

Uma primeira explicação pode estar no fato de que os quatro leram muito em determinada fase de suas vidas. A partir da quinta série do ensino fundamental, todos eles tiveram muito contato com livros destinados a público adolescente: "*Coleção Vaga-lume*". Todos eles disseram ter lido muitos livros dessa coleção e outros do mesmo gênero, sem que se recordem dos títulos. O primeiro livro lido também parece ter uma grande importância para esses jovens, já que falaram dessa primeira experiência como leitores com entusiasmo.

Depois dessa fase, é que começaram a ler clássicos da literatura. Niulmar e Paulo Roberto, entretanto, não leram muitos, pois alegam falta de tempo, devido ao fato de trabalharem. Adriana e Elisa, ao contrário, leram muitos clássicos; mostram, em relação a Niulmar e Paulo Roberto uma leitura mais madura, e uma distância bem maior se se comparam suas trajetórias de leitoras com a de outros jovens de mesma idade e grupo social.

Em todos os quatro casos estudados, a influência para as leituras dos filhos não veio dos pais. Nos quatro casos estudados, o gosto pela leitura, ainda que se considere apenas o gosto pela prática da leitura, não foi influência da família.

Mesmo DE SINGLY (1996:158), que reconhece que um "pai leitor" tem mais tem mais probabilidade de levar o filho ao hábito da leitura do que um

“pai diplomado”, concorda que a tendência é de que os jovens busquem leituras diferentes das preferidas por seus pais:

“Para um gosto cultural como a leitura [...] a herança deve ser antes dissimulada para que o prazer possa nascer. [...] Conversas junto a estudantes leitores de livros cujos pais são também leitores demonstram as dificuldades para assumir uma herança direta.”

Ou seja, para esse autor, é possível distinguir dois tipos de “dimensões da transmissão” possíveis: o gosto pela prática da leitura e o gosto por determinado tipo de livros.

De Singly, entretanto, nesse trabalho, não se refere somente à leitura, mas abre espaço para que se pense também em outros gostos culturais. Essa pesquisa concluiu que os quatro jovens realmente demonstram resistência em absorver o gosto cultural dos pais, seja em relação à música, seja em relação a cinema, seja em relação à programação da televisão. O que os pais apreciam, ou de forma mais ampla, o que é apreciado pelos mais velhos é visto normalmente como “*brega*”. A resistência inicial em gostar de MPB de Adriana e Elisa deve-se justamente ao fato de que consideravam-na como “*música de velho*”. A influência em relação ao que ler veio, então, nos casos estudados, de alguém externo à família.

É preciso observar, entretanto, a relação que elas mantêm com a leitura. Adriana disse que às vezes tem vontade de reler livros que já leu, mas que acaba não cedendo à sua vontade por se lembrar dos muitos livros que ainda não leu. Ou seja, como já foi dito, ora Adriana vê a leitura como um fim em si mesmo, ora a vê como forma de acumulação de conhecimentos. Elisa, também, mostra uma certa relação tensa com a leitura, quando opta por ler clássicos da literatura estrangeira – um deles, inclusive, Elisa não concluiu a leitura, por achá-lo muito complexo.

Uma escolarização bem sucedida

A realização de uma escolaridade bem sucedida é também um fator que se pode destacar na trajetória dos jovens pesquisados. A análise dos primórdios de suas trajetórias mostra que muito cedo eles se adaptaram ao “jogo” da escola. Na primeira série do ensino médio, todos os quatro sujeitos pesquisados alcançaram médias superiores às alcançadas pela turma, mas apenas Adriana e Elisa foram as “melhores” da turma, obtendo a mesma média global – 8,9. Niulmar e Paulo Roberto, embora tenham obtido médias superiores às da turma, foram superados por outros alunos com notas mais altas. O quadro de notas apresentado em cada um dos capítulos destinados aos sujeitos mostra as médias obtidas em cada uma das disciplinas do curso. Embora não se possa estabelecer uma relação direta entre as notas obtidas e o capital lingüístico escolar possuído pelos sujeitos, acredita-se que a competência lingüística tenha contribuído para a obtenção das boas notas, não só na disciplina Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, mas também em outras em que necessitassem escrever.

É preciso reconhecer a exceção que constituiu, sob esse aspecto, a trajetória de Paulo Roberto. Ele foi o único que teve trajetória bastante irregular a partir de determinado momento. A irregularidade, entretanto, como se viu, foi somente a partir da oitava série do ensino fundamental.

Um fator que pode ter contribuído com o sucesso de suas escolaridades é a qualidade das escolas onde estudaram, não só da instituição com um todo, mas também em relação aos professores.

Com relação ao ensino de primeira a quarta séries, Adriana foi a única dos quatro que estudou em escola particular. Elisa começou seus estudos em instituição particular, mas a partir da segunda série foi transferida para a mesma escola conveniada, onde estudaram Niulmar e Paulo Roberto.

Os dados sobre a escolaridade só foram colhidos depois de os quatro sujeitos desta pesquisa estarem escolhidos. E, embora haja no município onde a pesquisa se realizou muitas escolas públicas que oferecem

ensino fundamental (primeira a quarta séries), três dos quatro estudantes pesquisados estudaram na mesma escola. Esse dado além de parecer indicativo de homogeneidade entre eles, pode indicar que se trata de uma escola de boa qualidade.

Essa instituição de ensino, dirigida por pessoas ligadas à Igreja Católica, mantém um convênio com o Estado, que assume o pagamento de todo funcionalismo, professores e demais empregados. Todas as outras despesas da escola são mantidas com uma taxa cobrada mensalmente de cada aluno – aproximadamente três dólares. A escola, que recebe qualquer aluno sem exame de seleção, tem boa estrutura física. Atualmente possui, inclusive, uma ampla e agradável sala de leitura, decorada com muitos tapetes e almofadas. Além de livros, há na sala televisão e vídeo.

A diretora dessa instituição na época em que Niulmar, Paulo Roberto e Elisa lá estudaram era Irmã Bárbara, que disse sempre primar pela “*disciplina tradicional*” da escola. Aposentada há cinco anos, Irmã Bárbara diz que era muito “*exigente*”: “*essa era a minha teoria... e não me arrependo*”. Elisa afirmou inclusive que “*morria de medo dela naquela época*”: “*eu achava ela muito autoritária e muito grossa com a gente*”.

Atualmente todas as turmas são mistas, mas já houve época em que meninos estudavam em um turno e as meninas no outro. Quando Irmã Bárbara se aposentou as turmas de segunda, terceira e quarta séries já eram mistas. Para ela, entretanto, as demais turmas deveriam permanecer como estavam: “*se fosse depender de mim, jamais eu colocaria pré e primeira série mista... jamais*”.

Segundo Irmã Bárbara o nível dos professores que lecionavam lá era “*superior*” ao dos professores das demais escolas públicas. A professora Ana e a professora Marilda também confirmaram que se trata de uma boa instituição de ensino: “*tem tudo que uma escola precisa ter*”.

Muitos professores foram citados por cada um dos quatro sujeitos como tendo contribuído com sua capacidade comunicativa. Nota-se uma grande importância atribuída a professores das séries iniciais. De quinta a oitava série, foram apontados não só professores de Língua Portuguesa, mas

também de outras disciplinas. Segundo Adriana, Niulmar, Paulo Roberto e Elisa, as atividades escolares que mais contribuem para a aquisição de capacidade de comunicação são: “*leitura*” e “*produção de textos*”. Pode-se depreender do que disseram que o professor pode influenciar bastante na formação do aluno-leitor e do aluno-produtor de texto.

Participação em outros grupos

É bastante provável que, além da família e da escola, também contribua para a aquisição do capital cultural e lingüístico a participação em outros grupos.

Em relação a Niulmar é inquestionável a importância do trabalho na Delegacia Fiscal, devido principalmente à influência exercida sobre ele por Seu Maricildo. Com referência a Paulo Roberto, embora em menor grau, também é possível atribuir importância ao trabalho na Discoteca, já que seu salário depende de sua capacidade de convencer pessoas a comprarem CD, ou seja, seu nível salarial depende diretamente de sua capacidade de comunicação.

No caso de Adriana e Elisa, que não trabalham, também é provável que a participação em outros grupos – por exemplo, o convívio com os amigos – tenha contribuído para ampliação de suas capacidades de comunicação.

Outro aspecto importante nesse sentido diz respeito à presença de uma pessoa externa à família, atuando como uma espécie de agente de socialização, mas isso será melhor discutido em outro subcapítulo.

Trajetórias familiares

Há vários traços comuns nas trajetórias das quatro famílias pesquisadas. O primeiro e mais facilmente observável é que todas elas estão em processo de mobilidade social. Podem os pais hoje oferecer condições econômicas e culturais melhores aos filhos em relação a que tiveram em sua infância. A única das quatro trajetórias que não foi sempre ascendente, tendo passado por um momento de decadência, foi a da família de Niulmar. Após o período de reveses por que passaram, entretanto, a trajetória social da família voltou a ser ascendente. Outro indicativo de mobilidade social é o fato de as famílias apresentarem determinadas características associadas às classes médias, sobre as quais se falará no subtítulo “Ética familiar”.

Todas têm origem rural. Niulmar é o único dos sujeitos que nasceu no campo, só tendo vindo para o meio urbano aos três anos. A escolaridade dos pais desse adolescente foi toda cursada na fazenda. Nas outras famílias a vinda para o meio urbano ocorreu bem mais cedo. Os pais de Adriana, Paulo Roberto e Elisa estudaram em meio urbano, se não integralmente (caso do pai da Elisa), ao menos parcialmente (todos os outros).

É importante destacar a especificidade que constitui a família de Paulo Roberto. A ausência do pai e o fato de a mãe ter vivido sempre na casa dos pais traz características bem específicas a essa família, que a distinguem sobremaneira das demais.

Nas famílias de Niulmar, Paulo Roberto e Elisa, observou-se uma divisão sexual das tarefas mais ou menos rígida. Nesses grupos familiares, os pais (avó no caso de Paulo Roberto) não desempenham funções tipicamente femininas – “ocupar-se da gestão doméstica cotidiana, da educação cotidiana dos filhos, e sobretudo do acompanhamento de sua escolaridade” (LAHIRE, 1997:134). Apenas na família de Adriana isso foi observado. Como já foi dito, Seu Alfredo, por muitos anos, desempenhou regularmente tarefas domésticas, e além disso ocupava-se, muito mais do que a esposa, do acompanhamento da escolaridade dos filhos.

A divisão sexual dos papéis no seio da família pode ser explicação para o fato de normalmente as meninas tomarem a mãe como exemplo de suas identidades, enquanto os meninos têm na figura do pai o espelho de que necessitam (LAHIRE, 1997:277). Duas exceções devem ser destacadas com relação aos dados desta pesquisa: Adriana, talvez por ter tido muito contato com o pai durante a infância, parece se identificar mais com ele do que com a mãe; e Paulo Roberto, que não teve um pai em quem se espelhar, e acabou tendo mais contato durante a infância com sua avó. Para LAHIRE (1997:346), não se pode descartar a importância da “construção social das identidades sexuais na constituição das estruturas da personalidade e do comportamento dos filhos”, o que determina que as diferenças sexuais sejam necessariamente consideradas na análise das trajetórias escolares no seio de uma mesma família.

Na família de Adriana há, a princípio, um paradoxo em relação à divisão sexual das tarefas. Seu Alfredo concluiu o ensino médio, mas atualmente não estimula a esposa a fazê-lo, isto é, neste caso, ele, homem, pôde estudar, e a mulher não. No caso dos filhos, entretanto, a orientação foi diferente, pois Adriana é estimulada a prestar vestibular e concluir o ensino superior. Aurélio, entretanto, por sugestão do pai, não chegou a prestar o vestibular; quando concluiu o ensino médio, ingressou no exército com o objetivo de fazer carreira militar.

Outro traço comum observado nas famílias pesquisadas é o fato de haver muitos exemplos de escolaridades extemporâneas. VIANA (1988), que estudou a longevidade escolar em famílias de camadas populares, concluiu que os estudantes “de origem popular investem na sua escolarização com uma orientação temporal que se pauta por um tempo fora do padrão”. Como parâmetro para suas análises, essa autora concluiu que, do ponto de vista das “representações sociais”, em geral a idade normal para ingresso na universidade é de dezoito a vinte anos. Assim, tal como o pai de Adriana que só concluiu o ensino médio aos vinte e sete anos, há vários outros exemplos nas quatro famílias de trajetórias escolares extemporâneas.

Ética Familiar

Na análise do estilo de vida das famílias pesquisadas, pode-se concluir que há muitas características comuns.

NOGUEIRA (1997:114) afirma que, para se compreender profundamente a definição de “classes médias” de Bourdieu, é preciso primeiramente entender três definições do autor: “ascetismo”, “malthusianismo” e “boa vontade cultural”. Na análise desta pesquisa consideraram-se esses conceitos de Bourdieu. O fato de se ter encontrado nas quatro famílias pesquisadas (a princípio classificadas como pertencentes as classes médias baixas) essas três características reforça a idéia de que as famílias estão em processo de mobilidade social.

Como “ascetismo”, Bourdieu considera a forma austera de viver, em que se renuncia a determinados prazeres para que as economias familiares sejam investidas em atividades que possam levar a família à ascensão social. A família de Adriana parece ser um bom exemplo dessa espécie de ética familiar, já que Seu Alfredo, por muitos anos, desempenhou tarefas domésticas para que não tivessem a necessidade de contratar uma empregada doméstica. Essa economia permitia que Adriana e o irmão estudassem em escola particular.

Na família de Elisa, o exemplo também é claro. Quando estavam construindo a casa que lhes permitiria mudarem-se para um bairro melhor localizado, a família estipulava uma série de normas de economia, não só em relação a proibirem os filhos de sair nos finais de semana, mas também de só comprarem o “básico” no supermercado. Segundo Dona Elza, era ela quem se encarregava, mais do que o marido, de estar lembrando à família sobre essas medidas de economia.

A casa construída pela família de Paulo Roberto, segundo ele, também é fruto das economias da família, o que pode indicar que nesta família também há uma preocupação em privar-se de determinados prazeres visando à ascensão social. O próprio Paulo Roberto, entretanto, não se mostrou muito adepto dessa prática. Para justificar o fato de não ter considerado a

possibilidade de estudar em uma escola particular quando resolveu sair da Escola Técnica, Paulo Roberto respondeu que não tinha condições financeiras para isso, embora ele mesmo tenha admitido que: “*se eu me esforçar, eu tenho como pagar*”, o que pode indicar que Paulo Roberto prefira priorizar outros gastos, senão os com estudos: “*o meu salário eu não direciono totalmente a isso*”.

Na família de Niulmar, também é possível encontrar indícios que levem à conclusão de que a família se mobiliza em torno da própria ascensão social. Depois de terem passado pelos reveses financeiros que os obrigaram a mudarem-se para a fazenda, a família tem trabalhado bastante para conseguir readquirir os bens materiais que tiveram que vender para pagar as dívidas. Privam-se de prazeres, mesmo os mais simples, como visitar amigos e parentes, para não interromperem o trabalho de fabricar e vender quitandas, inclusive nos finais de semana.

Sobre as tendências ascéticas das famílias, cabe aqui ainda uma observação. LAHIRE (1997:24) chama a atenção para a importância das “técnicas intelectuais apropriadas” para o controle do orçamento familiar:

“Sejam quais forem as condições materiais, sem as técnicas intelectuais apropriadas (os cálculos, as conferências bancárias, as previsões de despesas projetadas em um caderno ou num livro de contas...) não há cálculo racional possível.”

O maior exemplo da utilização dessas técnicas apropriadas encontra-se em Seu Alfredo, que controla todas as despesas da família com anotações feitas em um caderno: “*é um cidadão que qualquer economista acha ideal*”; e o maior contra-exemplo está em Seu Milton, em quem os familiares não confiam integralmente à frente da gestão dos negócios da família, porque ele não consegue dizer não aos fregueses que não querem pagar pelo que consomem.

Quanto ao “malthusianismo” – tendência a reduzir o número de filhos com o objetivo de poder investir o máximo possível na formação de cada um deles –, é possível afirmar que essa característica foi observada em todas as famílias pesquisadas. Os pais dos jovens pesquisados provêm de famílias com

um número maior de filhos do que os que possuem, ou seja, a fratria dos filhos é menor do que a dos pais. A exceção está apenas na família de Paulo Roberto, em que há uma coincidência de números, já que sua mãe também só possui um irmão (deve-se lembrar, entretanto, que são filhos adotivos).

É possível dizer também que todas as famílias pesquisadas utilizam-se de uma série de práticas que revelam sua “boa vontade cultural”, definida por Bourdieu (1994b:109) da seguinte forma:

“A boa vontade cultural se exprime, entre outras coisas, por uma escolha particularmente freqüente dos mais incondicionais testemunhos da docilidade cultural (escolha de amigos “que têm educação”, gosto pelos espetáculos “educativos” ou “instrutivos”) freqüentemente acompanhados de um sentimento de indignidade ou de demissão (“a pintura é bonita, mas é difícil” etc).”

Essas práticas se traduzem numa mobilização tanto das famílias como dos próprios alunos-filhos em torno de sua ascensão não só escolar, mas social; por isso serão mais amplamente discutidas nos subcapítulos intitulados “Mobilização familiar” e “Mobilização do aluno-filho”.

Cabe ainda aqui, entretanto, chamar a atenção para outras características comuns nessas famílias e que também se relacionam à ética familiar. Um desses traços é a relação que essas famílias têm com a cultura, cuja análise pode ajudar na compreensão de seu *ethos*. Segundo BOURDIEU (1994b:94)

“As diferentes classes sociais se distinguem menos pelo grau em que reconhecem a cultura legítima do que pelo grau em que elas a conhecem.”

Ou seja, para esse autor, há uma distribuição muito mais uniforme do reconhecimento da cultura legítima do que de seu conhecimento, o que faz com que as pessoas que não a conheçam estabeleçam com ela uma relação “tensa”. Isso explica, por exemplo, o fato de terem sido observadas tantas hipercorreções na linguagem de Seu Arnoldo, pai de Elisa, ou o fato de Seu Alfredo, pai de Adriana, ter ficado relutante em admitir que assiste ao programa “Ratinho Livre”.

Outra característica comum nas quatro famílias refere-se à preocupação por manter a residência organizada e limpa. BOURDIEU (1994b:85), como já foi dito em capítulo anterior, diz que as classes populares, por terem a “urgência” de se preocuparem com os bens de “primeira necessidade”, priorizam ambientes limpos e cômodos. Tanto na casa de Adriana, como na casa de Elisa, suas mães fizeram questão de verificar se o banheiro estava limpo e organizado antes de permitir que a pesquisadora entrasse nele. Em todas as casas visitadas, observa-se essa preocupação com a organização, embora não sejam uniformes quanto a outros aspectos. Há um certo desnível em relação à simplicidade. A residência mais simples é, sem dúvida, a de Niulmar, e a menos simples é a de Elisa, o que se observa não só em relação aos móveis, mas também em relação aos objetos que servem de adorno, que indicam na família de Elisa uma tendência ao refinamento.

Há ainda outras normas que podem ser destacadas em relação a essas famílias e que também compõem o que se pode chamar de ética familiar. Na família de Elisa, existem regras muito austeras, que não podem ser quebradas e outras mais flexíveis, que podem ser negociadas: “*pode chegar em casa tarde, mas não pode trair a nossa confiança*”. Uma das regras inquebrantáveis é a que diz que os filhos devem acompanhar os pais às missas da Igreja Católica, mesmo que disso não gostem, pelo menos até completarem os dezoito anos. Essa regra, bastante rígida, não impede, porém, que Elisa possa expor suas opiniões contrárias a essa religião. Há outras normas não tão polêmicas como aquela que impede os membros da família de comer a não ser à mesa. E há ainda regras não tão rígidas, que foram modificadas por insistência de Elisa, como a que impedia que ela e a irmã freqüentassem a bailes antes dos dezoito anos. Ela conseguiu demover o pai dessa idéia, mas é o pai quem as leva e quem as busca, necessariamente, em todas as saídas noturnas, independente do horário.

Na família de Adriana, não há, como foi visto, nenhuma pressão sobre os filhos em relação à religião. Mas isso não indica, é claro, a inexistência de normas. O que se observa nessa família é um compromisso muito grande com o que está relacionado à ascensão social; com isso não se

pode brincar. É por isso que Seu Alfredo controlava com algum rigor o desempenho não só dos filhos, mas também da escola. Por isso, entre outras coisas, impediu que a professora de quarta série chamasse “*Borda Gato*” ao Borba Gato e solicitou ao diretor da Escola Técnica que convocasse uma reunião, que pudesse contar com a participação dos pais dos alunos, durante o movimento grevista de 1998, para discutir a continuidade da paralisação.

Nas outras duas famílias não foram observadas regras rígidas de conduta, mas é preciso que se observe que os outros dois jovens são do sexo masculino, o que pode indicar um padrão de socialização diferente. Além disso, do caso de Paulo Roberto, há ainda a questão da idade – ele é cerca de cinco anos mais velho que os demais. Os pais de Niulmar são católicos e tanto ele como o irmão fazem parte de um grupo de jovens dessa Igreja, mas nada indica que isso ocorra por determinação dos pais. A avó de Paulo Roberto é muito ligada à Igreja, tal qual o seu falecido marido. Isso não fez, entretanto, que essa religião fosse seguida por seus filhos e netos; tanto Dona Ângela como Paulo Roberto deixaram de freqüentar a Igreja Católica.

Outro traço que sobressai na ética dessas famílias refere-se ao controle das amizades dos filhos. Um maior rigor foi observado nas famílias de Adriana, Niulmar e Elisa. Quando crianças, embora tenham sido alegadas razões diferentes, eles não tiveram muito contato com outras crianças porque não brincavam fora de casa. Paulo Roberto também passou a ser impedido de brincar na rua depois de quase sofrer um acidente. Sua família, entretanto, abria a porta da residência para os amigos de Paulo: “*a casa vivia cheia de criança*”. Vários autores falam sobre essa preocupação dos pais em controlar as amizades dos filhos. TERRAIL (1990:227) fala de uma das famílias pesquisadas por ele, em um subcapítulo intitulado “Fechar-se para sobressair” (“*S’enfermer pour en sortir*”), em que ocorre “fechamento familiar”, através da “recusa à freqüência aos vizinhos” e “aos jogos de rua”. LAHIRE (1997:25) também trata dessa questão, afirmando que:

“Através dos controles dos amigos, do controle entre o tempo que levam da escola para casa (os filhos podem ser levados e trazidos), os pais podem, igualmente, controlar

situações de socialização nas quais estão colocados os filhos, para evitar que ‘degringolem’ (grifo do autor)

Influenciados ou não por essa preocupação familiar, o comportamento desses jovens parece refletir a educação que tiveram. Adriana e Elisa não gostam de se relacionar com pessoas que têm gostos diferentes dos delas; Paulo Roberto, embora também tenha afirmado que outrora não gostava de se relacionar com pessoas que tivessem gostos distintos dos seus, parece ter comportamento bem diferente de Adriana e Elisa. Ele disse ter conhecido muita gente diferente: “*de toda espécie*”, ressaltando que o fato de alguém ser “*ladrão*” não o impede de ser amigo dele. Paulo Roberto afirmou também que os gostos de sua namorada são muito diferentes dos dele, e que isso não impede de que eles se relacionem bem.

Outro aspecto interessante do *ethos* desses jovens – que pode também estar relacionado com o fato de terem ou não tido contato com outras crianças quando pequenos – diz respeito ao capital social das pessoas com quem procuram conviver. Adriana, Niulmar e Elisa optaram por estudar em uma escola particular quando escolheram sair da Escola Técnica. Paulo Roberto, entretanto, fez sua opção por uma escola pública, e um dos motivos alegados foi o fato de que em uma escola particular teria que conviver com pessoas com capital econômico superior ao dele:

“... e na escola particular, muita gente que estuda nela são pessoas que têm condições financeiras boas. Você conheceu a minha casa, viu onde que eu moro, tudo. Então, eu não conseguiria... eu não tenho familiaridade com pessoas assim. Eu prefiro pessoas do meu nível de vida.”

Mobilização familiar

Alguns autores já concluíram que as famílias, muito mais do que se pensa, estão mobilizadas para o sucesso escolar dos filhos. LAHIRE (1997:334) chega a dizer que “o tema da omissão parental é um mito”. Segundo ele, algumas famílias se mobilizam tanto para a ascensão do filho, que chegam a sacrificar a si próprios, privando-se de muitos prazeres. CHARLOT e ROCHEX (1996:146) dizem que a maioria das famílias populares francesas ou imigradas não são “indiferentes” ou “hostis” ao sucesso dos filhos, “mesmo e sobretudo quando elas são ou pensam-se ‘tecnicamente’ despreparadas para ajudá-los na realização das tarefas escolares”³.

Assim, não constitui nenhuma novidade a conclusão de que as famílias mobilizam-se em torno do sucesso de seus filhos, não apenas escolar, mas, de forma mais ampla, social. A partir da análise dos dados desta pesquisa, a mobilização familiar constitui-se na interdependência de várias práticas, que dizem respeito tanto à forma como estimulam os filhos para o estudo, como também à disposição de se sacrificarem para que os filhos possam estudar em escolas melhores.

As quatro famílias estimularam nos filhos a aproximação com livros e outros objetos relacionados à leitura e à escrita – gibis, cadernos, canetas, discos de histórias infantis – mesmo antes de os filhos ingressarem na escola, o que pode ter favorecido uma relação de familiarização com o universo do mundo da cultura escrita. Além disso, os pais de Adriana e Elisa mostravam, segundo as filhas, bastante interesse em ler os trabalhos feitos por elas, o que, sem dúvida, se constituía em estímulo. Assim, mesmo não sendo leitores habituais esses pais, tais quais os descritos por LAHIRE (1997:343),

³ Além desses autores, há ainda Jacques Testanière (TESTANIÈRE, J. 1982. *Les enfants de milieux populaires et l'école. Une pédagogie populaire est-elle possible?* Paris, Université Paris – V. 642 p. multigr. (tese de doutorado)), citado por LAHIRE, B. Sucesso Escolar nos Meios Populares – As razões do improvável. Ática: São Paulo, 1997, pág. 328, para quem “esse espírito com o qual os pais incentivam os filhos em seus estudos tem como consequência o fato de que eles tornam o “sucesso” escolar o objetivo exclusivo de seus esforços e se privam de muitas coisas para favorecer esse “êxito”: em certos casos, vivem com desconforto, sacrificam-se verdadeiramente”.

desempenharam efetivamente o papel de “intermediários entre a cultura escrita e seus filhos”.

Outro fator importante refere-se à consideração da qualidade quando da escolha das instituições de ensino, mesmo quando se tratam de escolas públicas. A única família que parece não ter propriamente escolhido a primeira escola do filho foi a de Paulo Roberto, que estudou na instituição da qual sua avó era funcionária. As outras famílias consideraram o fator qualidade quando de suas opções. PORTES (1993), ao relacionar as estratégias familiares identificadas em seu estudo, mostra que uma delas é a escolha da melhor escola, mas no universo do próprio bairro. A família de Adriana, de fato, além da qualidade, considerou também a facilidade que teria para levá-la à escola. A família de Elisa, entretanto, ao se ver pressionada pela condição financeira a transferir a filha para uma instituição pública, escolheu a “*melhor*” escola, mesmo esta estando localizada a muitos quilômetros de sua residência.

Sobre a família de Adriana, é preciso destacar também, como já foi visto, o fato de seu pai ter durante muitos anos lavado regularmente toda a roupa da família, além de outras tarefas domésticas que desempenhava esporadicamente, para que não houvesse necessidade de se contratar uma empregada doméstica, o que significava a economia no orçamento familiar necessária para que Adriana e seu irmão estudassem em escola particular.

Ainda sobre o pai de Adriana, é preciso destacar que ele disse ter optado por não prosseguir com os estudos, quando concluiu o ensino médio, para ficar mais tempo ao lado dos filhos e poder acompanhar mais regularmente suas trajetórias escolares.

A relação de admiração que os pais nutrem pelos filhos, o amor incondicional que têm por eles, parece também ter contribuído bastante nesse processo. Confirmando as conclusões de DE SINGLY (1996:158), para quem os indivíduos necessitam receber “suficientes sinais de atenção pessoal” para que se mobilizem, pode-se dizer que a atenção recebida da família foi significativa para cada um dos quatro sujeitos desta pesquisa, já que eles próprios têm consciência dessa importância. Vê-se que não são só as

expectativas dos professores em relação às possibilidades da criança que interferem em seu desempenho. Também as expectativas dos pais interferem bastante na trajetória escolar dos filhos, na medida em que estes se esforçam para tornar reais os sonhos dos pais.

O controle da escolaridade dos filhos é outro fator que deve ser cuidadosamente analisado já que principalmente ele indica que o grau de mobilização é diferente nas quatro famílias pesquisadas. As práticas adotadas pelas famílias de Adriana e Elisa mostraram-se muito mais efetivas do que as demais. Não se limitavam a verificar se as tarefas foram feitas, mas preocupavam-se em ensinar os filhos e a acompanhar detalhadamente as atividades deles na escola. Elisa chegou a apanhar da mãe, quando criança, porque não conseguia escrever corretamente uma palavra. Outro destaque pode ser apontado no fato de que o pai de Adriana preocupava-se também com o desempenho da escola, por isso controlava o conteúdo ministrado pela professora e manifestava sua discordância quando achava que o que estava sendo estudado não contribuiria para a ascensão dos filhos: o livro de literatura “Borda Gato”, por exemplo.

Das quatro famílias, a que mais se distancia desse controle é a de Paulo Roberto: ainda que se possa afirmar que, no início de sua trajetória escolar, houvesse controle por parte da avó em verificar se as tarefas solicitadas pela escola haviam sido feitas, é preciso destacar que essa prática é muito mais tênue do que as adotadas pelos pais de Adriana e Elisa.

O que se pode dizer, então, é que, no início da trajetória escolar dos filhos, as quatro famílias acompanharam, com maior ou menor rigor, não apenas os resultados traduzidos nas notas lançadas nos boletins escolares, mas as tarefas que eram realizadas em casa. Essa prática permanece, embora possa ter perdido um pouco do rigor com que era executada nos primeiros anos escolares, nas famílias de Adriana, Niulmar e Elisa. A exceção está apenas, como já havia sido indicado, na família de Paulo Roberto. A partir de determinada fase da vida do filho, a família passou a não mais exercer qualquer controle sobre sua escolaridade, sendo possível afirmar que não seja coincidência que esta fase se justaponha à época em que começou a

irregularidade em sua trajetória escolar. Ou seja, é possível afirmar que o baixo grau de controle da família de Paulo Roberto sobre sua escolaridade pode ter sido um dos fatores responsáveis pelo baixo desempenho escolar do filho.

Retomando o conceito de tríplice autorização (CHARLOT e ROCHEX 1996:147), é possível dizer que esse fenômeno ocorreu com cada um dos quatro sujeitos pesquisados. Ou seja, todos eles se autorizaram emancipar de suas famílias, suas famílias também autorizaram essa emancipação dos filhos, e todos, pais e filhos, reconhecem reciprocamente que “a história do outro é legítima sem ser a sua”. Contudo, esse processo, ainda segundo esses autores, não ocorre sem “contradições” e “ambivalências”. É por isso que, mesmo desejando que os filhos tenham trajetórias diferentes das que tiveram, esses pais, de certa forma, se incomodam quando as diferenças começam a surgir, por exemplo ao implicarem com os filhos por permanecerem tanto tempo em seus quartos, isolados, como aconteceu com as famílias de Adriana e Elisa, ou ao manifestarem desagrado em relação às músicas preferidas do filho, como aconteceu com Paulo Roberto.

Essa autorização para que os filhos se emancipem da família é observável desde os primeiros anos escolares, quando os alunos, mesmo com pouca idade, são independentes dos pais no que se refere às responsabilidades em relação à escola, fazendo o que a escola determina sem que sejam necessárias cobranças por parte da família.

Padrões de Socialização

Segundo BERNSTEIN (1985), o modo como as pessoas utilizam a linguagem está relacionado com as relações que se estabelecem em grupos, inclusive na família. Para esse autor, uma mãe, ao dar uma ordem para seu filho, poderá explicitar certos “princípios gerais” que justifiquem o seu ato, o que fará com que a criança seja orientada para “significações universalistas”, que

“transcendem” o contexto da situação. Se isso não ocorrer, ou seja, se a mãe não se preocupar em estabelecer esses “princípios gerais”, insistindo pouco sobre a linguagem e priorizando o seu “ato particular”, a criança será orientada para “significações particularistas”, que “não transcendem” o contexto dado. Ou seja, esse autor dá importância não só ao que os pais dizem aos filhos, mas principalmente como o fazem.

Na análise dos dados desta pesquisa, consideraram-se relevantes os ensinamentos de Bernstein. Por isso, buscou-se analisar os processos de socialização de cada um dos sujeitos em suas famílias, acreditando que isso tenha tido influência na aquisição do capital cultural e lingüístico. Adriana e Elisa parecem ter tido mais oportunidades de conversar com os pais do que Niulmar e Paulo Roberto, que explicitamente reclamaram da ausência de diálogo em família.

Pelo que se pode observar, as quatro famílias podem ser chamadas de democráticas, isto é, a relação entre pais e filhos é pouco hierárquica, havendo uma certa homogeneidade nos padrões de socialização. Na família de Elisa foi observado um maior rigor em torno de algumas “*regras de família*” que não podem ser quebradas e que fazem, por exemplo, com que ela freqüente regularmente os cultos da Igreja Católica, sem o desejar.

Procurou-se observar também se os filhos exprimem sem constrangimentos seus pontos de vista na presença dos pais. A entrevista com a família constituiu-se na melhor oportunidade para observação dessa característica. Em Elisa esse traço foi bastante marcante; por várias vezes durante a entrevista, a adolescente expôs suas opiniões mesmo sabendo serem contrárias às de seus pais. Com Adriana, embora com menos intensidade, essa característica também foi observada. Com Niulmar e Paulo Roberto, entretanto, esse aspecto praticamente não foi observado.

É preciso, entretanto, cautela nessa análise. O fato de terem sido observadas mais situações de discordância justamente com a família de Elisa, última a ser entrevistada, pode revelar simplesmente que, estando a entrevistadora mais experiente, depois de tantas entrevistas realizadas, pode ter tido mais habilidade em fazer com que essas situações aparecessem.

O fato de ser o pai de Adriana católico e a mãe, espírita, pode indicar que a família, se não estimula, pelo menos admite a convivência com a diferença, o que também pode indicar que os pais estimulem nos filhos a exposição de argumentos contrários.

LAHIRE (1997:206) alerta sobre a importância de não ser contraditória a configuração familiar, ou seja, de que pai e mãe sejam coerentes entre si, não expondo a criança a padrões de socialização que se “superponham ou se choquem”. Por outro lado, é possível, para esse mesmo autor (1997:346) haver sucesso escolar quando a criança convive com pessoas que tenham orientações diferentes, ou mesmo opostas, em relação à escola. É o que acontece com Adriana, já que pai e mãe possuem concepções muito distintas em relação à escola. Para TERRAIL (1990:226), uma escolaridade bem sucedida pode abrir três tipos de perspectivas: 1) possibilitar uma vida material mais confortável; 2) permitir escapar de uma posição social desvalorizada na sociedade; 3) ampliar possibilidades de escolha de vida, pelo acesso ao saber legítimo e aos prazeres culturais. Seu Alfredo tende a ver a escola como a oportunidade de um emprego mais rentável (opção 1 de Terrail) e Dona Lourdes vê a escola como oportunidade de aprendizado (opção 3 do Terrail).

Ao falar sobre Samira, um dos casos de sucesso escolar pesquisados por ele, LAHIRE (1997:206) diz que:

“A ausência de capital escolar é compensada pela presença de uma ordem de vida que, direta (na produção de crianças disciplinadas, que respeitam as autoridades) ou indiretamente (pela produção de situações em que as crianças são incitadas a ir, por si mesmas, em direção a uma cultura escolar ausente na família) se harmoniza com o universo escolar.”

A configuração das famílias Adriana, Niulmar e Elisa, principalmente, caracterizada, por exemplo, pelo estabelecimento de horários que deveriam ser cumpridos, não só em relação ao estudo, mas também em relação a outras atividades cotidianas, como ver televisão, almoçar e dormir, pode ter contribuído para que os padrões de socialização familiares exercessem seus

efeitos de forma “regular, sistemática e permanentemente”, tal como aconteceu a Bun Nat – aluno pesquisado por LAHIRE (1997:294).

Apesar de a mãe geralmente participar mais da educação dos filhos do que o pai – CHARLOT e ROCHEX (1996:144) concluíram através de pesquisas realizadas que a mãe é a “personagem central” na educação dos filhos –, com Adriana isso parece não ter acontecido. A educação da filha, inclusive no que se refere ao acompanhamento de sua escolaridade coube mais a Seu Alfredo do que a Dona Lourdes, embora ele tivesse menos tempo disponível. Com as outras famílias pesquisadas, de fato foi a mãe quem mais de perto acompanhou a trajetória dos filhos.

É preciso chamar a atenção também para o fato de que Paulo Roberto é um tanto mais velho do que os demais sujeitos pesquisados, como mostra as datas de nascimento informadas no quadro abaixo:

PAULO ROBERTO	Janeiro de 1978
NIULMAR	Dezembro de 1982
ADRIANA	Março de 1983
ELISA	Abril de 1983

Isso pode indicar que Paulo Roberto tenha realmente um padrão de socialização diferente dos demais, que justifique o fato de sua família não admitir interferir em sua vida no que diz respeito ao estudo: “*chega um ponto que tá rapaz, né possível que cê tenha que tá atrás*”.

Mobilização do aluno-filho

A partir da análise da trajetória desses quatro jovens, é possível afirmar que eles mobilizam muitos esforços para sua própria mobilidade social, admitindo-se Paulo Roberto, mais uma vez, como exceção. TERRAIL

(1990:231) afirma que, em todos os casos de sucesso escolar pesquisados por ele, com alunos provenientes de grupos familiares de configurações diferentes, a mobilização do aluno-filho é condição indispensável para o sucesso escolar. LAHIRE (1997:285) também chegou à conclusão de que os casos de sucesso escolar agrupados com o subtítulo “Os ‘brilhantes’ sucessos” (grifo do autor) podem ser explicados pela interiorização precoce de “uma *necessidade interna, pessoal, um motor interior*” (grifo do autor).

Um dado bastante significativo que pode apontar para essa análise é que os quatro saíram da Escola Técnica no mesmo ano, 1999. Adriana, Niulmar e Elisa já iniciaram o ano letivo em outra escola, particular, porque procuravam melhor qualidade de ensino, ou seja, saíram em busca de uma instituição de ensino que lhes desse maiores condições de aprovação no vestibular. Paulo Roberto, entretanto, partiu em sentido oposto. Iniciou o ano letivo de 1999 ainda na Escola Técnica, mas, por medo de ficar reprovado em Matemática, pediu transferência para uma escola estadual, justamente por considerar que o ensino lá seria mais “*fraco*”, o que lhe daria maior chance de aprovação.

Há aqui um claro paradoxo. O medo da reprovação em Matemática de Paulo Roberto foi motivado por uma substituição de professor, a mesma pela qual haviam lutado Adriana e Elisa em 1998. Ou seja, enquanto elas lutaram para deixar de ser alunas do professor considerado “*ruim*”, Paulo Roberto pediu transferência de escola para não estudar com o professor “*bom*”. Isso mostra que a mobilização de Paulo Roberto para a escola não está no mesmo nível da mobilização de Adriana, Niulmar e Elisa.

Poder-se-ia, aqui, tentar responder se todos os quatro sujeitos vêm a escola da mesma forma. A análise dos dados mostra que Adriana, Niulmar e Elisa tendem a não desvincular seu futuro da escola, ou seja, eles acreditam que é a escola que lhes dará a base para construírem o porvir. Paulo Roberto, ao contrário, não parece atribuir à escola tantos poderes assim: “... *de certa forma ajuda assim algum conhecimento... [mas] muita coisa pra mim eu acho perda de tempo, sinceramente eu acho perda de tempo*”. O professor Marcelo também concorda com essa análise: “*a escola é desinteressante para ele*”.

Paulo Roberto é o único dos quatro sujeitos desta pesquisa que estuda no noturno. Embora a variável turno escolar não tenha sido considerada quando da escolha dos sujeitos, é possível que seja pertinente dizer que essa pesquisa constatou que os alunos do matutino têm com a escola uma relação mais próxima do que os do noturno. O professor Marcelo também concorda com isso:

“No noturno a relação é bem mais distante do que com o matutino, porque todos trabalham. Então termina a aula e eles já saem todos correndo, pra ir embora, estão cansados, querem dormir. O pessoal do matutino não; eles têm aula vaga e ficam por ali.”

A perspectiva de futuro também é indicativo da mobilização que cada um dos sujeitos empreende. Adriana e Elisa dizem que sairão da cidade onde moram para fazerem o curso superior que escolheram, Jornalismo e Biologia, respectivamente. Niulmar, cauteloso, não vê possibilidade financeira de que isso aconteça já; pretende fazer Direito no município onde reside atualmente, para, depois de formado e com condições de se manter em outra localidade, cursar o curso que realmente deseja, Economia. Paulo Roberto, entretanto, é dos quatro o que menos amarra o seu futuro a um curso superior. Disse ter vontade de cursar Engenharia Civil na Capital do Estado, mas mostrou-se bastante reticente em relação a deixar a namorada.

Em relação ao futuro, é possível dizer que esses jovens ainda estão em processo de ajuste de suas expectativas às possibilidades que eles efetivamente têm. Nesse processo, é provável que Adriana e Elisa tenham uma folga maior já que podem contar com a possibilidade de continuarem a ser apenas estudantes, enquanto Niulmar e Paulo Roberto terão que necessariamente conciliar estudo e trabalho.

Da trajetória desses quatro jovens, o que de fato sobressai é o esforço que eles desempenham, em maior ou menor grau, para serem o que querem ser. Pode-se dizer que todos eles têm o que BOURDIEU (1994b:109) chama de “boa vontade cultural”. Ou seja, Adriana, Niulmar, Paulo Roberto e Elisa esforçam-se por estar em contato apenas com um tipo de cultura capaz

de fazer com que sejam o que querem ser – diferentes de outros jovens, embora seja necessário ressaltar, reforçando o que já havia sido dito, que o esforço empreendido por Paulo Roberto direciona-se muito mais para uma cultura livre (cinema e música).

Um relato interessante nesse sentido refere-se a Elisa, que, juntamente com Adriana, cursa Inglês no Centro de Línguas do campus universitário da cidade. Elisa comentou com a pesquisadora que não gosta de Inglês. A pesquisadora, interpretando mal as palavras da jovem, disse-lhe, de forma contundente que não abandonasse o curso e apresentou para isso uma série de argumentos. Elisa, então, tranqüilizou a pesquisadora, afirmando que não tinha nenhuma intenção de abandonar o Inglês, ao contrário, sua intenção era de prosseguir com o curso com a mesma seriedade com que o cursara até aquela data. Isto é, Elisa mostrou que tem “boa vontade cultural”, que se esforça por estudar o que considera importante, independente do prazer que possa ou não ter com isso. Ou seja, demonstrou uma relação com o saber que é muito mais instrumental do que prazerosa.

Pode-se, aqui, fazer um paralelo entre o direcionamento do esforço de Elisa em relação ao de Paulo Roberto. Enquanto Elisa cursa Inglês mesmo não tendo muito prazer com isso, Paulo repetiu muitas vezes durante as entrevistas que só lê ou escreve se estiver com vontade de fazê-lo.

Além da “boa vontade cultural”, é possível dizer que esses jovens têm uma boa vontade lingüística, já que se esforçam por adequar suas falas ao dialeto de prestígio. Além das hipercorreções observadas, eles manifestaram literalmente serem capazes de falar a linguagem prestigiada. Paulo Roberto chegou a dizer que não gosta de gírias.

É possível concluir também que esses jovens estão mobilizados para a autoformação – a construção de suas identidades. Muito do que fazem pela autoconstrução de seus conhecimentos o fazem independente da escola; são, portanto, autodidatas. Para BOURDIEU (1994b:114), o autodidata é um “produto do sistema escolar”:

“porque ele ignora o direito de ignorar, privilégio dos virtuosos, e porque não adquiriu sua cultura segundo a ordem

legítima da instituição escolar, trai sem cessar, na sua própria ansiedade da boa classificação, o arbítrio de suas classificações e, por aí, de seus saberes, espécie de pérolas sem fio, acumuladas ao longo de um aprendizado singular, ignorando as etapas e os obstáculos institucionalizados e estandardizados, os programas e as progressões que fazem da cultura escolar um conjunto rigorosamente hierarquizado e hierarquizante dos saberes implicativos.”

Paulo Roberto, tendo em vista que o seu esforço, como já foi dito, está mais direcionado para a aquisição de cultura livre (cinema e música), é o que mais se afasta desse modelo de autodidatismo utilizado por Adriana, Niulmar e Elisa, que busca conhecimentos que convergem com os que se aprende na instituição escolar. Ainda que diferente, entretanto, é possível ver Paulo Roberto como um autodidata, já que todo conhecimento que ele possui sobre cinema foi conseguido por si mesmo, através de leituras de revistas especializadas e através, é claro, da grande quantidade de filmes a que ele assistiu. É possível também afirmar que o gosto, ainda que eclético, de Paulo Roberto o torna diferente de uma minoria que, por não dominar determinadas técnicas desse tipo de cultura, acaba não gostando de determinadas produções cinematográficas. Paulo Roberto, então, afasta-se bastante do que disse BOURDIEU (1994b:90):

“Os membros das classes populares e das frações menos ricas em capital cultural das classes médias recusam sistematicamente a sofisticação propriamente estética [...]. Sabemos que, do mesmo modo que no cinema, o público popular, muitas vezes desconcertado com os *flash-backs*, gosta de intrigas lógicas e cronologicamente orientadas para um *happy end* e “se encontra” melhor nas situações e nas personagens simplesmente desenhadas do que nas “histórias ambíguas e simbólicas...”

Nesse sentido, parece particularmente significativa o episódio ocorrido entre Paulo Roberto e a família da namorada, em que os filmes emprestados por ele não foram apreciados pelos pais dela.

Sobre o gosto eclético desses jovens – Adriana e Elisa, na literatura, e Paulo Roberto, no cinema – é possível dizer, como BOURDIEU (1994b:111), que seja uma consequência do autodidatismo. Até porque, para esse autor, o

princípio unificador do gosto eclético é a boa vontade cultural. E é justamente a falta de domínio do que seria a garantia de qualidade que faz com que o autodidata se aproprie das obras que encontra “ao acaso no caminho”:

“é preciso possuir os sistemas de classificação e as técnicas de identificação dos símbolos de distinção, o domínio prático dos índices da ‘classe’, da hierarquia social das pessoas e dos objetos, que define o que se chama bom gosto... que são, como se diz, ‘garantias de qualidade’”

O desejo de distinção

O desejo de distinção desses jovens relaciona-se diretamente a mobilização, ao esforço que empreendem para serem o que querem ser; e essa característica está muito relacionada com o fato de ocuparem uma posição limítrofe na escala social. Ser diferente significa estar em posição superior.

É muito forte em Adriana, Elisa e Paulo Roberto o desejo de serem diferentes de seus pares. Na fala desses jovens, bem como na de suas famílias esse traço é muito recorrente. Em Adriana e em Elisa é possível que essa característica esteja acompanhada da tendência de se fazer esnobar, como alerta BOURDIEU (1994b:113).

Em Adriana, tudo indica que o desejo de distinção relacione-se diretamente ao desejo de ser admirada. Nesse sentido ela busca a distinção, inclusive na linguagem, daí o fato, por exemplo, de procurar ser muito crítica e de perseguir a correção em sua fala. É muito recorrente na fala de Adriana um tipo de hipercorreção de registro. Ainda que as expressões vocabulares utilizadas por ela não possam ser consideradas como inadequadas, é possível afirmar que nos contextos em que foram empregadas, ela poderia ter optado por expressões mais informais, ao invés das palavras que utiliza com o objetivo de sofisticar sua fala.

Paulo Roberto relaciona o fato de ter conhecimento maior do que acontece no mundo com o fato de ser menos enganado. Por muitas vezes durante as entrevistas ele repetiu que é “*menos enganado*”; por exemplo, quando ouve o discurso demagógico de políticos. E é isso, segundo ele próprio, que o torna uma pessoa diferente das outras.

Elisa, depois de ter passado pela experiência de namorar por quatro meses uma pessoa muito diferente dela, repugna a amizade de pessoas que possuam gostos diferentes dos dela. Esse traço de Elisa é tão marcante que mesmo seus pais o reforçaram várias vezes.

Na fala de Niulmar não se observa o desejo de ser diferente, pelo menos no que se refere ao tempo presente. Quando perguntado pela entrevistadora se se considera diferente, ele respondeu simplesmente que é mais tímido do que a maioria das pessoas. Essa resposta parece realmente caracterizá-lo de modo diverso em relação aos outros três jovens pesquisados, que estão sempre falando de suas características que os colocam em posição que se poderia chamar de superior em relação aos demais jovens. Niulmar, entretanto, destaca um traço que não o coloca como superior as pessoas, ao contrário. Na opinião de quem o cerca, todavia, ele é um jovem que se distingue dos demais. Seus pais o consideram diferente em função da maturidade que tem; seus professores, em função do seu desempenho escolar; e seus colegas de trabalho, em função de sua competência. Em relação a um futuro talvez não tão próximo, porém, Niulmar diz não querer ser igual a todo mundo: “*eu não quero ser mais um número*”. Como se viu, Niulmar quer “*deixar alguma coisa*” através da qual possa ser lembrado depois de sua morte.

Os gostos desses jovens são diferentes de outros jovens. A preferência deles em relação à programação televisiva talvez seja um bom exemplo disso. Todos eles dizem gostar e desgostar basicamente dos mesmos programas. Os preferidos são os transmitidos por duas emissoras: TVE e TV Cultura. Os mais repudiados são os programas já consagrados pela crítica como popularescos. É difícil, entretanto, analisar até que ponto esses jovens de fato só gostam do que dizem gostar, ou se revelaram suas preferências dessa forma porque reconhecem o que tem mais prestígio na sociedade.

Adriana e Elisa, em função de não terem necessidade financeira de trabalhar, têm maior disponibilidade de tempo de desenvolverem suas estratégias de distinção. Elas parecem ter consciência disso, porque parecem estar sempre utilizando o tempo livre em alguma atividade que consideram cultural – ler bons livros, ouvir boa música, assistir a bons programas de televisão. Mesmo com menos tempo livre, Niulmar e Paulo Roberto também buscam esse tipo de atividades. Niulmar usa seu tempo disponível para estudar e Paulo Roberto, para ver bons filmes. Nenhum desses jovens adquiriu, como já foi possível analisar, esses hábitos com a família.

Talvez seja o fato de disporem de mais tempo para investir na própria formação que faça com que Adriana e Elisa tenham com a cultura uma relação menos escolar do que Niulmar. Este parece realmente manter, como aponta Bourdieu, “uma relação escolar com a cultura”, já que se caracteriza por um modo “esforçado, sério, tenaz”; ao contrário daquelas, que demonstram características relacionadas ao “brilhantismo, talento, elegância verbal, criatividade” (NOGUEIRA, 1997:125). A própria Adriana tem consciência dessa diferença quando se autodenomina “*CDF descontraída*”, em oposição a “*CDF formal*” como denomina Niulmar.

Outra característica comum nos quatro jovens, que os distingue dos demais, é a maturidade adquirida muito precocemente. Esta característica foi apontada pelas quatro famílias. O pai de Niulmar chegou a dizer que o filho parece ser mais maduro do que ele. É possível dizer que esses alunos desenvolveram uma relativa autonomia dos pais em relação aos assuntos escolares, e desde muito cedo não dependiam da cobrança deles para fazerem o que a escola solicitasse. LAHIRE (1997:296) também pesquisou um caso em que a “autonomia” constituiu um dos traços fundamentais para o sucesso escolar.

Um outro traço que pode ser destacado refere-se a suas opções políticas. Adriana, Paulo Roberto e Elisa se autodenominam de esquerda e parecem muito convictos disso. Todos eles reconhecem que suas idéias socialistas não tiveram início em influências recebidas da família, mas sim através do contato com músicas, filmes, livros e pessoas externas à família.

O desejo de distinção em Adriana, Paulo Roberto e Elisa é um traço muito forte que não passa despercebido por aqueles com quem convivem. Mas é preciso ressaltar que essa característica nem sempre é admirada. Há pelo menos um fato que reforça essa análise: tudo indica que a professora Olga deixou de lecionar para a turma das meninas, principalmente em função de Adriana: “*temos outros alunos contestadores, mas nenhum como Adriana*”.

A influência de alguém externo à família: mentor?

Há muitos indícios de que na trajetória desses quatro jovens houve a presença de uma pessoa, externa à família, que exerceu uma orientação fundamental em suas vidas, funcionando como uma espécie de agente de socialização.

Adriana e Elisa contaram com a presença do professor Marcelo, de História. O primeiro contato se deu quando elas estavam na quinta série, mas segundo eles, nessa época não eram muito ligadas ao professor. Na oitava série, ele voltou à turma delas, como professor de Ensino Religioso e aí sim passaram a ter com ele relação de amizade. Marcelo exerceu sobre elas muitas influências, inicialmente somente em relação aos seus gostos literários, musicais e cinematográficos. Atualmente, porém, a abrangência de sua influência parece ser mais ampla. Adriana deixou de comer carne tal como o professor o fez há muitos anos, apesar dos protestos de sua família. Elisa nem chegou a apresentar o namorado para Marcelo porque sabia que receberia críticas, que de fato vieram através de Adriana e que devem ter contribuído na decisão de Elisa de terminar o namoro.

Marcelo também reconhece que exerce muita influência sobre as duas, e acha que isso não foi acidental: “*eu vi a possibilidade de fluir nelas o que não fluiu em mim*”, mas não aceitou a denominação de “mentor” sugerida pela pesquisadora. Embora tenha dito, em determinado momento da entrevista,

que “*tratava todos os alunos igual*”, Marcelo reconhece que o tratamento destinado a elas era, de fato, diferente:

“Eu sempre tratei elas diferente. Era uma coisa que todo mundo acusava e eu fazia um esforço danado pra não fazer isso mas era incontrolável, porque a diferença delas, do que elas escreviam para o restante da turma era absurdo.”

Marcelo acredita que as influências sobre elas só se efetivaram porque elas tinham “*sede*” de conhecimento: “*eu via que estava jogando semente em solo fértil*”. Por isso, não concorda em ser chamado de mentor:

“Eu não nego a influência de jeito nenhum, mas eu não acho que seja mentor. Mentor tem aquela coisa do pote vazio que se enche... eu acho que não. São pessoas que estão com sede de conhecimento, que trazem com elas mesmas... São sementes mais viçosas do que o Niulmar, que é uma semente boa, mas elas têm mais vitalidade porque receberam a mesma água, porque eu trabalhei também o Niulmar, mas elas absorveram mais essa água e germinaram melhor.”

A relação que se estabelece entre esse professor e as famílias de Adriana e Elisa é bastante significativa. Marcelo cobra das famílias delas o lugar que acha que tem. Quando uma atitude de Seu Arnaldo sugeriu que ele pudesse estar seduzindo Elisa, por exemplo, Marcelo disse que ficou “*chateado*”: “*faltou reconhecimento pelo que eu fiz por eles*” (o pronome utilizado por Marcelo mostra que ele acredita que sua ajuda tenha atingido toda a família de Elisa). Em relação a Seu Alfredo, Marcelo acha que sua relação com Adriana faz com que ele sinta ciúme: “*ele tem ciúme porque percebeu que tem menor influência sobre a filha do que eu*”.

Marcelo reconhece que Adriana e Elisa leram mais do que ele, e que isso faz com que às vezes elas o lembrem disso:

“Elas já estão lendo mais do que eu. Adriana já está me enchendo o saco... outro dia ela me deu todos os nomes do Saramago... falei: ‘Pronto, só faltava essa, ficar pagando mico pra mim, né.’”

Isso talvez seja a explicação para o fato de que recentemente Adriana e Elisa, segundo Marcelo, ficam “*um pouco bravas*” quando ele sugere que elas estão lendo somente em função das sugestões de leitura que ele dá. Marcelo acredita que isso realmente tenha acontecido em tempos mais remotos, mas, atualmente, elas só concluem as leituras sugeridas por ele se estiverem gostando; caso contrário, interrompem a leitura: “*quando não tá gostando, pára... não tem essa história*”. Elisa, em sua última entrevista, disse que não há mais influência do professor Marcelo; segundo ela, agora, a uma “*troca*”.

Assim como Adriana e Elisa, Niulmar e Paulo Roberto também sofreram influências de pessoa externa à família.

Tanto Niulmar como sua família reconhecem a importância de Seu Maricildo em suas vidas. A aproximação com esse superior hierárquico fez com que Niulmar adquirisse uma série de habilidades que não possuía antes, principalmente a de falar em público. Seu Maricildo reconhece o mérito de sua participação na vida do adolescente:

“Não posso dizer que eu tenha tido um papel preponderante... isso é muito pesado, mas eu creio que eu ajudei sim.”

Não é difícil perceber, entretanto, que o tipo de influência exercida pelo professor Marcelo em Adriana e Elisa é diferente do que foi exercido por Seu Maricildo em Niulmar. Seu Maricildo nunca sugeriu qualquer tipo de leitura para Niulmar, no entanto, suas influências parecem ser tão profundas quanto as plantadas pelo professor:

“Eu sempre procurei mostrar pra ele que a vida não é o presente, é o futuro. Que a gente tem que preparar o futuro, que a gente tem que plantar hoje para colher amanhã e que tudo na vida dele ia depender é dele.”

Outro aspecto importante dessa relação entre patrão e empregado diz respeito à dimensão afetiva. Parecem nutrir um pelo outro muito carinho, o que reforça as palavras de DE SINGLY (1996:158). Seu Maricildo deu a Niulmar a oportunidade do diálogo que ele não tinha em casa: “*a gente*

conversava, batia papo, quando a gente tinha a oportunidade de falar, a gente falava". Seu Maricildo disse também que *"valorizava"* Niulmar: "

"E valorizei. Eu acho que o mais importante da pessoa é valorizar o ser humano e isso eu tentei não só com o Niulmar, mas de um modo geral com a maioria dos funcionários da delegacia."

A influência de Davi, o vendedor de CD de bandas de roque, sobre Paulo Roberto é bastante distinta da influência de Marcelo sobre Adriana e Elisa ou da influência de Seu Maricildo sobre Niulmar, não só porque o rebelde jovem possuía características muito diferentes do que o professor ou o delegado fiscal. A principal razão da divergência está no fato de terem direções opostas. As influências de Marcelo e Seu Maricildo não se incompatibilizavam com o sucesso escolar. Ao contrário, Paulo Roberto, quando sob a influência de Davi, integrava um grupo – que chamou de *"máfia"* – cujos integrantes não gostavam de estudar, apenas de *"ouvir roque pesado, usar camiseta preta, ter o cabelo cumprido e o quarto cheio de pôster"*. A única influência de Davi que não se afasta tanto da cultura escolar diz respeito ao fato de que Paulo Roberto leu alguns livros sob a influência do amigo: uma obra sobre budismo e muitos livros de Paulo Coelho.

Nenhum dos quatro jovens pesquisados negam a influência que receberam, mas apenas Paulo Roberto recrimina-se por ter sido influenciado: *"acho que foi um pouco de bobeira [...] não ter tido personalidade"*.

Linguagem e gênero

Não por acaso a pesquisa foi feita com duas pessoas do sexo feminino e duas pessoas do sexo masculino. Um dos objetivos do trabalho é constatar se o sexo do falante influencia em seu capital lingüístico. A hipótese com que se trabalha é a de que, como já foi dito, a cultura masculina acredite

que cabe às mulheres o privilégio de falar e escrever bem, e que essa crença acabe por interferir realmente o desempenho lingüístico. De fato, BOURDIEU (1994b:86) diz que “todo refinamento em matéria de linguagem” é normalmente visto não somente como “sinal de aburguesamento”, mas de forma inseparável, “como indício de disposições afeminadas”.

Uma das primeiras conclusões a que se chegou é que Adriana e Elisa comportavam-se de forma mais descontraída durante as entrevistas. Para essa análise, entretanto, é preciso cautela. COULTHARD (1991:12) alerta para o fato de que o sexo do entrevistador também deve ser considerado quando da análise dos resultados de uma entrevista. Considerando-se que todas as entrevistas desta pesquisa foram feitas por uma entrevistadora, isso pode ser a causa de as entrevistadas terem se expressado com mais desenvoltura do que os entrevistados.

É particularmente significativa a diferença entre a forma como as meninas e os meninos se comunicam em sala de aula com os professores. Adriana e Elisa – segundo as professoras Márcia, de Português, e Selma, de Inglês – não têm nenhum receio de que os outros ouçam o que elas têm a dizer, e por isso falam de onde estiverem, ainda que estejam geograficamente longe do professor. Essas professoras apontaram essas características em Adriana e Elisa em oposição ao comportamento de Niulmar. Para essas professoras, “*o que elas tiverem que falar, elas falam mesmo*”; o rapaz, entretanto, quando precisa falar alguma coisa com o professor, chega-se até ele e o faz em voz baixa, numa interação lingüística denominada por uma delas de “*corpo a corpo*”. O comportamento em sala de aula descrito pelo Professor Marcelo, de História, em relação a Paulo Roberto, confirmado por ele próprio, coloca-o muito mais próximo do comportamento de Niulmar do que das meninas, o que faz com que seja possível afirmar que os sujeitos desta pesquisa, nas situações em que foram observados, não só pela pesquisadora, mas também por outros entrevistados da pesquisa, realmente têm comportamentos distintos e que isso pode estar relacionado ao sexo. As meninas explicitam mais facilmente a relação de força que mantêm com os

professores, colocando em jogo a autoridade do professor e reforçando a delas.

A professora Selma chamou atenção também para o fato de que as meninas eram mais agressivas com as palavras do que Niulmar. No entanto, a mesma professora vê diferença na agressividade de Adriana em relação à agressividade de Elisa:

“Aparentemente a Adriana é mais agressiva que a Elisa, o jeito dela falar. A Adriana é assim: chega, pronto e fala e a Elisa não. A Elisa é com as palavras, com o que ela pensa que o negócio vai tocar lá no fundinho. Uma é agressividade com a palavra, a outra é agressividade da palavra.”

Segundo COULTHARD (1991:45), as mulheres preocupam-se mais em adequar sua linguagem ao dialeto de prestígio do que os homens, não só em relação à pronúncia, mas também em relação às escolhas gramaticais. De fato, essa pesquisa, constatou que Adriana e Elisa preocupam-se mais não só com o que dizem mas também com a forma com que dizem do que os meninos. Nas falas delas foi detectada uma maior tendência à hipercorreção lingüística, que como ensina BOURDIEU (1994b:115), é uma “espécie de rigorismo que leva a fazer demais pelo medo de não fazer o bastante e a perseguir, em si e nos outros, as incorreções”.

É possível dizer que existe uma tendência em atribuir às meninas uma maior vocação com as letras. LAHIRE (1997:118) relata, sobre um dos casos pesquisados por ele, que foi apresentada a justificativa: “*acho que os meninos se preocupam menos com isso, com livros, com a leitura, essas coisas*” pela irmã de um menino que não gostava de ler.

Observou-se, na família de Adriana, uma divisão sexual dos dons escolares. Adriana tem melhor desempenho em disciplinas que demandem leitura e produção de textos, como Língua Portuguesa, Literatura, Geografia, História; seu irmão, Aurélio, ao contrário, tem melhor desempenho em disciplinas que demandem cálculo, como Matemática, Física, Química.

COULTHARD (1991:67) diz que Shirley Ardener⁴ acredita que as mulheres, ao contrário dos homens, não se sintam bem falando em público. O que este trabalho constatou, porém, é que Adriana, dos quatro sujeitos desta pesquisa, é a que mais se dispõe a passar por situações desse gênero, como aconteceu no dia na premiação da Feira de Ciências na escola onde estudava em que espontaneamente fez uso da palavra, ao microfone. Elisa, embora não tenha sido em uma situação assim tão espontânea, disse ter se sentido bem no papel de oradora da turma na “formatura da oitava série”, e, segundo a professora Márcia, saiu-se bem nessa função. Ao contrário, Paulo Roberto disse ter “*vergonha*” de falar em público e Niulmar, antes de passar pelas experiências a que se submeteu por influência de Seu Maricildo, “*passava mal... ficava tonto... as mãos gelavam*” todas as vezes em que precisava falar em público.

Esse dado parece ser reforçado se se analisa a facilidade de falar em público de Adriana e de Elisa como bem mais natural do que a de Niulmar. Este, se hoje consegue se expressar em público com mais desenvoltura do que o fazia há alguns anos, foi porque se esforçou bastante: “*quanto mais você fala, mais você vê que não é nenhum bicho de sete cabeças... a prática ajuda bastante*”.

Considerações finais

Ainda que essa pesquisa tenha indicado que a mobilização familiar é um dos traços comuns nas quatro configurações pesquisadas, é preciso cautela para imputar à mobilização familiar uma importância capital. É preciso, antes de tudo, se ter claro que a família pode “transmitir” muitas coisas às crianças, que estão além do que se pode chamar de capital cultural:

⁴ ARDENER, s. Org. *Defining females: the nature of women in society*. London, Croom Helm, 1978. IN: COULTHARD, M. *Linguagem e Sexo*. São Paulo: Ática, 1991.

“Damo-nos conta, ao mesmo tempo, de que aquilo que se “transmite” de uma geração a outra é muito mais que um capital cultural. É um conjunto feito de relações com a escola e a escrita, de angústias e de vergonha, de reticências e rejeições, de sistema de defesa diante de julgamentos externos, de relações com a autoridade e com o tempo...” (LAHIRE, 1997:154)

LAHIRE (1997:256, 337) afirma que é fácil supor que todos os casos de sucesso ou de fracasso escolar possam ser explicados pelo “grau de conscientização e de mobilização familiares em relação aos desafios escolares”, mas essa seria uma postura “ingênua” e “superficial”, porque “a realidade se revela um tanto quanto rebelde”, porque todos os casos de sucesso escolar pesquisados por ele independem de um modelo determinado de mobilização familiar e porque esse tipo de mobilização não leva “automaticamente” ao sucesso escolar. Além disso, devem ser lembrados os casos de sucesso escolar que ocorrem mesmo não havendo qualquer tipo de mobilização familiar, a exemplo do que foi constatado por TERRAIL (1990).

Nas páginas finais de sua obra, depois de ter utilizado tantas vezes o termo transmissão entre aspas, LAHIRE (1997:341) vai finalmente dizer que discorda dele, porque “a noção de ‘transmissão’ não explica muito bem o *trabalho* – de *apropriação* e de *construção* – efetuado pelo ‘aprendiz’ ou pelo ‘herdeiro’” (grifos do autor). Assim, esse autor acredita que o processo pelo qual passaram todos os alunos analisados pode ser melhor definido com o termo “construção”.

Nos casos analisados por esta pesquisa, no entanto, é possível perceber a importância da mobilização familiar na trajetória dos alunos. Entretanto, foi possível constatar que outros traços, além desse, atuando de forma interdependente, intervêm nesse processo.

É preciso ainda que se chame a atenção para o fato de que apenas os sujeitos pesquisados, não incluindo seus irmãos, são apontados por esse trabalho como casos improváveis de aquisição de capital cultural e lingüístico. Com exceção de Nilo, irmão de Niulmar, que apresenta problemas de saúde, todos os outros deveriam apresentar desempenho similar ao de seus respectivos irmãos, caso o processo de mobilização familiar realmente fosse o

fator principal de produção de competência lingüística, como nos diz BOURDIEU (1989; 1994a). No entanto, isso não acontece. Todos os outros filhos tem desempenho escolar e apresentam capital lingüístico inferior aos sujeitos pesquisados. É preciso então, dar atenção ao que ensina LAHIRE (1997:207): “duas crianças que pertencem a uma mesma fratria não nascem e não vivem nunca exatamente na *mesma* família” (grifo do autor).

Além disso, é preciso analisar a posição na fratria ocupada por esses sujeitos. Parece ser bastante significativo o fato de que dois dos quatro sujeitos são primogênitos – Elisa e Paulo Roberto. Poder-se-ia, com segurança, juntar Niulmar a esse grupo, já que o fato de o irmão ter problemas de saúde que lhe causavam problemas de aprendizado, pode ter feito com que ele tenha recebido dos pais o mesmo tratamento normalmente concedido aos primogênitos. Trabalha-se com a hipótese de que os primogênitos, por serem filhos únicos por algum tempo, recebem tratamento diferenciado dos pais. Além disso, têm pais mais jovens e, teoricamente, mais entusiasmados. Isso pode fazer com que o grau de exigência dos pais em relação aos primogênitos seja superior em relação aos demais filhos. No caso de Elisa, essa análise parece encontrar total respaldo, já que os pais depositaram mais expectativas nela que em seus irmãos, o que fez com que ela fosse, como já foi dito, a mais “*coitada*”.

Na análise das quatro trajetórias não só se observa, como já havia sido alertado, uma interdependência de fatores, mas também que há uma alternância de traços que se destacam. Em Adriana e Elisa, o traço que mais sobressai é o desejo de distinção; em Niulmar nota-se o esforço e, em Paulo Roberto, a aproximação com uma cultura média.

Outra conclusão a que se pode chegar a partir dos dados dessa pesquisa em relação à transmissão familiar é que ela não é uma via de mão única, pelo menos no que se refere ao capital lingüístico. Até determinada idade dos filhos, é possível que os pais lhes influenciem na forma de falar, mas, principalmente a partir do momento em que a escolaridade dos filhos passe a ser superior a dos pais, é provável que ocorra o contrário, ou seja, os filhos influenciarem a fala dos pais. Dona Elza admitiu textualmente que tem buscado

em Elisa apoio para suas dúvidas em relação à linguagem: “... *invês deu ensinar minha filha, ela que me ensina... é ela que me ajuda... invês de sê eu, é ela que me corrige... no português mesmo... de vez em quando dá uma corrigida ne mim, no pai dela*”. A mãe de Niulmar, durante a entrevista, utilizou adequadamente o verbo fazer no futuro do subjuntivo: “*se ele não fizer*”, quando o mais natural seria que ela dissesse: “*se ele não fazê*”, tendo em vista não só o seu nível de escolaridade, mas também o fato de que a grande maioria da população da cidade fala dessa forma. É possível então que seja a forma como Niulmar se expressa que esteja influenciando a fala de Dona Milta.

Não só neste capítulo, mas também nos anteriores em que foi descrita a trajetória de cada um dos sujeitos, procurou-se descrever e analisar de que forma esses quatro sujeitos adquiriram o capital lingüístico que possuem, ainda que possam ser considerados como casos improváveis. É importante mais uma vez ressaltar que não se pode atribuir a uma característica única a razão dessa aquisição: buscar a interdependência de fatores é a melhor forma de compreender a trajetória dessas famílias.

Cabe aqui, mais uma vez, alertar para o caráter antes sociológico que lingüístico da pesquisa, em função de não se ter desenvolvido nenhum instrumento para mensurar o capital lingüístico. Além disso, em função de não se dispor de muitos parâmetros teóricos em relação à aquisição desse tipo de capital, esta pesquisa trilhou caminhos bastante movediços, por isso se tem consciência de que muitas lacunas certamente serão apontadas. Ainda assim, espera-se que este trabalho traga contribuições para outros pesquisadores.

Dada a importância que encerra, este trabalho será finalizado com a mesmo fragmento de texto que o abriu:

“Dado que lidamos com seres sociais e não com coisas, é somente por metáfora que podemos estabelecer um elo entre capitais (econômicos, culturais...) ou recursos de qualquer outra natureza e os desempenhos ou situações escolares. Não se trata de capitais que circulam, mas de seres sociais que, nas relações de interdependência e em situações singulares, fazem circular ou não, podem “transmitir” ou não, as suas propriedade sociais.”⁵

⁵ LAHIRE, Bernard. Sucesso Escolar nos Meios Populares – As razões do improvável. Ática: São Paulo, 1997, pág. 32.

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: HUCITEC, 1995.
- BERNSTEIN, Basil. Comunicação verbal, código e socialização. In: COHN, Gabriel (Org.). Comunicação e indústria cultural. São Paulo: Editora Nacional, 1975. p. 83-104.
- BERNSTEIN, Basil. Uma crítica ao conceito de “educação compensatória”. In: BRANDÃO, Zaia (Org.). Democratização do ensino: meta ou mito?. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985. p. 43-57.
- BERNSTEIN, Basil. Estrutura social, linguagem e aprendizagem. In: PATTO, Maria Helena Souza (Org.). Introdução à psicologia escolar. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. p. 145-169.
- BOURDIEU, Pierre. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983a. *O que falar quer dizer*, p. 75-88.
- _____. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983b. *O mercado lingüístico*, p. 95-107.
- _____. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. Educação em revista. Belo Horizonte (10): p. 3-15, dez. 1989.
- _____. A economia das trocas lingüísticas. In: ORTIZ, Renato (Org.). Pierre Bourdieu. São Paulo: Ática, 1994a, p. 156-183.
- _____. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato (Org.). Pierre Bourdieu. São Paulo: Ática, 1994b, p. 82-121.
- _____. A economia das trocas lingüísticas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- _____. O capital social – notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (Org.). Pierre Bourdieu – escritos de educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998b, p. 65-69.
- _____. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (Org.). Pierre Bourdieu – escritos de educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998c, p. 71-79.

- _____. Futuro de classe e causalidade do provável. In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (Org.). Pierre Bourdieu – escritos de educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998d, p. 81-126.
- _____. As contradições da herança. In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (Org.). Pierre Bourdieu – escritos de educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998e, p. 229-237.
- BOURDIEU, Pierre e CHAMPAGNE, P. Os excluídos do interior. In: BOURDIEU, Pierre (Coord.). A miséria do mundo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p. 481-486.
- BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean-Claude. Langage et rapport au langage dans la situation pédagogique. In: BOURDIEU, Pierre, PASSERON, Jean-Claude e SAINT MARTIN, Monique de (Org.). Rapport pédagogique et communication. Paris: Mouton & Co, 1968. p. 9-36.
- BROCCOLICHI, Sylvain. Um paraíso perdido. In: BOURDIEU, Pierre (Coord.). A miséria do mundo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p. 505-521.
- CHARLOT, Bernard e ROCHEX, Jean-Yves. L'enfant-élève: dynamiques familiales est expérience scolaire. Lien Social et Politiques. RIAC, 35, 1996, p. 137-151.
- COULON, Alain. Etnometodologia e educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- COULTHARD, Malcolm. Linguagem e sexo. São Paulo: Ática, 1991.
- DEMARTINI, Zélia de Brito Fabri. Histórias de vida na abordagem de problemas educacionais. In: SIMSON, Olga de Moraes Von (Org.). Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil). São Paulo: Vértice, Editora Revista das Tribunas, 1988. P.44-71.
- DE SINGLY, François. L'appropriation de l'héritage cultural. Lien Social et Politiques. RIAC, 35, 1996, p. 153-165.
- GERALDI, João Wanderley. Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação. Campinas, SP: Mercado de Letras – ALB, 1996.
- GNERRE, Maurício. Linguagem, escrita e poder. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. P. 43-62.

- KAUFMANN, Jean-Claude. L'entretien compréhensif. Paris: Nathan, 1996.
- LABOV, William. Modelos sociolingüísticos. Madri: Ediciones Cátedra, 1983.
- LAHIRE, Bernard. Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira. Métodos e fontes na história da educação e educação física. In: Coletânea do IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1996.
- MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 1996.
- NOGUEIRA, Maria Alice. Convertidos e Oblatos – um exame da relação classes médias / escola na obra de Pierre Bourdieu. Educação, Sociedade & Culturas (7). 1997, p. 109-129.
- PASSERON, Jean-Claude. Pedagogia e poder. Teoria & Educação (5). 1992, p. 3-12.
- POSSENTI, Sírio. Gramática e política. In: GERALDI, João Wanderley. O texto na sala de aula: leitura e produção. Cascavel, PR: Assoeste, 1991.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. Contradições no ensino de português: a língua que se fala X a língua que se ensina. São Paulo: Contexto; Salvador: Bahia: Editora da Universidade Federal da Bahia, 1995.
- SILVA, Thais Cristóforo. Fonética e Fonologia do Português. São Paulo: Contexto, 1999.
- SOARES, Magda. Linguagem e escola – uma perspectiva social. São Paulo: Ática, 1992.
- TEIXEIRA, Inês Castro. Os professores como sujeitos sócio-culturais. In: DAYRELL, J. (Org.) Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.
- TERRAIL, Jean-Pierre. Destins ouvriers: la fin d'une classe?. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

- VIANA, Maria José Braga. Novas abordagens da escolarização das camadas populares: uma revisão de estudos recentes acerca de trajetórias escolares de sucesso. Vertentes. São João del-Rei, nº 7, jan/jun 1996. p. 82-93.
- VIANA, Maria José Braga. Longevidade escolar em famílias de camadas populares: algumas condições de possibilidades. FAE – UFMG, 1998 (Tese de Doutorado)
- VOLDMAN, Danièle. A invenção de depoimento oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996a. p. 247-265.
- _____. Definições e usos. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996b. p. 33-41.
- WILLIS, Paul. Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução social. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.